HISTÓRIA da REFORMA

6

do SÉCULO DÉCIMOSEXTO

JEAN HENRI MERLE-D'AUBIGNÉ

Copyright © 2024. Empresa de Publicações Luz del Mundo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

ISBN: 200-2-85533-777-2

Catalogação em Dados de Publicação

Editado por: Light of the World Publications Company Ltd.

Reproduzido em Torino, Italia

Impresso no: Light of the World Publications Company Ltd

P.O. Box 144, Piazza Statuto, Torino, Italia

"Lux Lucet in Tenebris"

A Luz brilha nas Trevas

Light of the World Publication Company Limited

A Luz do Mundo

P.O. Box 144 Piazza Statuto, Turin, Italy

Email: newnessoflife70@gmail.com

HISTÓRIA

DA

REFORMA

DO DÉCIMO SEXTO SÉCULO

POR J. H. MERLE D'AUBIGNÉ.

Chamo accessorio o estado das cousas desta vida caduca e transitoria. Chamo principal o governo espiritual no qual brilha soberanamente a providencia de Deus." ---

TEODOSIO DE BEZE

Sexto Volume.

SÃO PAULO,

CASA EDITORA PRESBITERIANA

MDCCCCLI

Esta página foi intencionalmente deixada em branco.

PREÂMBULO

Esta edição foi reproduzida por Light of the World Publication Company Ltd. Este livro pretende esclarecer sobre as verdadeiras controvérsias em jogo, refletidas em contendas inabaláveis e múltiplos dilemas morais. O relato e as ilustrações são especialmente concebidos e incorporados para edificar o leitor sobre desenvolvimentos pertinentes nas esferas histórica, científica, filosófica, educacional, religioso-política, sócio-económica, jurídica e espiritual. Além disso, padrões e correlações claros e indiscutíveis podem ser discernidos onde se pode perceber o trabalho em rede, a interligação e a sobreposição de escolas de pensamento antitético, mas harmonioso.

A longa trajetória de coerção, conflito e compromisso da Terra preparou a plataforma para a emergência de uma Nova Era. Perguntas quentes assistem ao advento desta nova era antecipada, acompanhada das suas superestruturas, sistemas de governança, regimes baseados em direitos e ideais de liberdade e felicidade. Cheio de decepção básica, repressão estratégica e objetivos da nova ordem mundial, este e-livro conecta os pontos entre as realidades modernas, os mistérios espirituais e a revelação divina. Traça o progresso cronológico da catástrofe nacional para o domínio global, a destruição de um sistema antigo e a forja de um novo; sucintamente iluminando o amor, a natureza humana e até mesmo a intervenção sobrenatural.

Repetidas vezes, acontecimentos marcantes moldaram o curso da vida e da história, ao mesmo tempo prefigurando o futuro. Vivendo em tempos de grande turbulência e incerteza, o futuro tem sido pouco compreendido. Felizmente, este trabalho permite uma visão panorâmica do passado e do futuro, destacando momentos críticos do tempo que se desenrolaram em cumprimento da profecia.

Embora nascidos em condições pouco prometedoras, afligidos em cadinhos cansativos, vários indivíduos resolveram, perseveraram na virtude e selaram a sua fé, deixando uma marca inefável. As suas contribuições moldaram a modernidade e pavimentaram a estrada para uma maravilhosa culminação e mudança iminente. Portanto, esta literatura serve como inspiração e ferramenta prática para uma compreensão penetrativa e profunda por trás do manto do questões sociais, religião e política. Cada capítulo narra tanto sobre o mundo como sobre a condição humana, envolta em trevas, envolvida em confrontos aguçados e impulsionada por sinistras e ocultas agendas e segundas intenções. Aqui, estes estão expostos de forma desavergonhada à vista plana. No entanto, cada página irradia com resplandecentes raios de coragem, libertação e esperança.

Em última análise, é nosso desejo fervoroso que cada leitor experimente, cresça para o amor e aceite a verdade. Num mundo permeado de mentiras, ambiguidade e manipulação, a verdade permanecerá para sempre como o anseio quintessencial da alma. A verdade gera vida, beleza, sabedoria e graça; resultando num propósito renovado, com vigor e uma transformação genuína, embora pessoal, em perspetiva e vida.

ÍNDICE DE CONTEUDOS

LIVRO XV. SUIÇA — CONQUISTAS 1526-1530 7
CAPITULO I 7
CAPITULO II 21
CAPITULO III 37
CAPITULO IV 45
CAPITULO V 52
CAPITULO VI 60
CAPITULO VII 70
CAPITULO VIII 79
CAPITULO IX 87
LIVRO XVI. SUÍÇA — CATÁSTROFE 1528-1531 93
CAPITULO I 93
CAPITULO II 101
CAPITULO III 110
CAPITULO IV 124
CAPITULO V 140
CAPITULO VI 157
CAPITULO VII 168
CAPITULO VIII 177
CAPITULO IX 188
CAPITULO X 196

INDICE DETALHADO

LIVRO XV. SUICA – CONQUISTAS 1526-1530

CAPITULO I

Originalidade Da Reforma Suiça — Mudança — Tres Periodos Da Reforma — Suiça Romana — Os Dois Movimentos Da Igreja. —espirito Empreendedor — O Mestre-escola — O Nôvo Batismo De Farel —misticismo E Escolasticismo — Surge Uma Oportunidade — Oposição — Lausana — Costumes Do Clero — Farel A Galeotto Farel E O Monge — O Tribunal —o Monge Implora Perdão — Oposição Dos Ormondos — Um Falso Prosélito —unidade Cristã.

CAPITULO II

Estado — A Religião Em Berna — Irresolu-ção De Berna — Almanaque Dos Hereges — Maioria Evangélica — Haller — O Si-nal De Zwinglio — Anabatistas Em Berna — Vitória Do Evangelho — Provocações Papistas — As Corporações Da Cidade — Disputa Proposta — Objeções Dos Cantões Da Floresta — A Igreja, Juiz Das Controvérsias — Luta Desigual — Zwin-glio Um Grupo Cristão — A Igreja Dos Franciscanos — Abertura Da Conferên-cia — A Única Cabeça — Unidade Do Érro — Um Padre Convertido No Altar — Dia De São Vicente — Os Açougueiros — Um Argumento Estranho — Amargura Dos Papistas — Necessidade De Reforma — sermão De Zwinglio — Visita Do Rei Dos Reis — Édito Da Reforma — Foi O Movimento Da Reforma Politico?

CAPITULO III

A Reforma Aceita Pelo Povo — Fé, Pureza Ecaridade — Primeira Comunhão Evan-gélica — Proposição De Berna À Dieta — A Gruta E A Cabeça De Beato — Tempes-tade Ameaçadora Da Parte Das Montanhas — Revolta — Confusão. Em Berna — Unterwalden Cruza O Brunig — Firmeza De Berna — Vitória — Vantagens Politicas.

CAPITULO IV

Reforma Em São Gall — As Freiras Do Con-vento De Santa Catarina — Reforma De Glaris, Berna, Appenzel E Dos Distritos Dos Grisons, Schaffhausen E Reno — um Milagre Papista — Obstáculos De Basiléia — Zélo Dos Cidadãos — Casa-se Oecolampadius — Dito Chistóso De Erasmo — Primeira Ação — As Meias-medidas — Petição Dos Reformados.

CAPITULO V

Crise Em Basiléia — Rejeitadas As Meias-medidas —proposições Dos Reformados — Uma Noite De Terror — Idolos Quebrados Em Todas As Igrejas — A

Reforma Legalizada — Erasmo Em Basiléia — Uma Grande Transformação — Revolução E Reforma.

CAPITULO VI

A Comissão De Farel — Farel Em Lausana E Morat — Neufchatel Farel Prega Em Serriëres — Entra Em Neufchatel — Ser-mão — Os Monges — A Pregação De Fa-rel — O Papismo Em Neufchatel — Unem-se Os Conegos E Os Monges — Farel Em Morat E No Vully — Reforma Do Bispa-do De Basileia Farel Novamente Em Neufchatel — Cartazes — A Capela Do Hospital — O Poder Civil Invocado Pe-los Romanistas.

CAPITULO VII

Valangin Guillemette De Vergy Farel Dirige-se Para A Localidade De Val De Ruz — A Missa Interrompida — Farel Ë Arrastado Ao Rio — Farel Na Prisão — comparação Entre Os Apóstolos E Os Re-formadores — Farel Prega Em Neufchatel — Instalado Na Catedral — Um Tu- Fão Passa Sobre O Povo — Os 1dolos Des-truidos — Interposição Do Governador — Triunfo Dos Reformados.

CAPITULO VIII

Os Romanistas Exigem Uma Votação Secreta — Os Berneses A Favor Da Reforma — Vo-tam Ambos Os Partidos — Os Prudhom-mes De Neufchatel — Prazo Proposto Os Romanistas Empunham A Espada — A Votação - A Maioria A Favor Da Refor-ma — O Protestantismo Perpétuo — A Imagem De São João — Um Milagre -— Re-tirada -dos Cônegos — O Papismo E O Evangelho.

CAPITULO IX

Prepara-se A Reação — Fracasso Da Conspi-ração — Farel Em Valangin E Próximo Do Lago — De Bély Em Fontaine — Os Sofrimentos De Farel — Marcourt Em Valangin — Expediente Vergonhoso – Vingança — A Reforma Estabelecida. — Caracterização Da Suiça Francesa — Tormenta Que Se Acumula.

LIVRO XVI. SUICA – CATASTROFE 1528-1531

CAPITULO I

Duas Grandes Lições — Guerra Cristã — Zwinglio, Pastor, Estadista E General — Seu Caráter Nobre — Perseguições —os Católicos Suíços Procuram Aliança Com A Áustria — Grande Descontentamento — Deputação Aos Cantões Da Floresta — Proposta De Zwinglio — Moderação De Berna — Martírio De Keyser — Zwinglio E A Guerra — Ërro De Zwin-glio.

CAPITULO II

A Livre Pregação Do Evangelho Na Suiça Zwinglio Apóia Os Bailiados Comuns — Guerra — Zwinglio Alista-se No Exérci-to — O Exército Suiço Ameaça Zug — O "Landamman" Aebli — Interferéncia Bernesa — Oposição De Zwinglio — Cordialidade Suiça — Ordem No Acampamento De Zurique. — A Conferencia — A Paz Restaurada — Rasgado O Tratado Austrico — Hino De Zwinglio — As Frei-ras De Santa Catarina.

CAPITULO III

Conquistas Da Reforma Em Schaffhausen E Zurzack — A Reforma Em Glaris — Hoje, O Capuz; Amanhã, O Oposto — Os Bailia-dos Italianos — O Monge De Como — A Esperança De Egidio Para A Itália — Chamada Do Monge De Locarno — Esperanças De Reformar A Itália — Os Mon-ges De Wettingen — O Abade De São Gall — Killian Kouffi — São Gall Recobra A Liberdade — A Reforma Em Soleure — Milagre Do Santo Nosso — O Papismo Tri-unfa — Os Grisões Invadidos Pelos Espanhóis — Comunicado Dos Ministros Aos Cantões Úatolicos-romanos — A Pala-vra De Deus, O Meio De Unidade — Oeco-lampadius A Favor Da Influencia Espiri-tual — Autonomia Da Igreja.

CAPITULO IV

Zwinglio E O Estado Cristão — O Duplo Papel De Zwinglio — Zwinglio E Lutero Com Relação À Politica — Felipe De Hessen E As Cidades Livres — União Projetada Entre Zwinglio E Lutero —. A Atividade Politica De Zwinglio — Projeto De Aliança Contra O Imperador — Zwinglio Advoga A Resistência Ativa Ele Destina A Felipe A Coroa Imperial — Defeitos Da Reforma — Embaixada A Veneza — Irreflexão Da Reforma — Aliança Projetada Com A França — O Plano De Aliança De Zwinglio — Ruína Que Se Aproximava — Calúnias Nos Cinco Cantões — Violência — Papel Misterioso — Berna E Basiléia Votam A Favor Da Paz — Dieta Geral Em Baden — Dieta Evangélica Em Zurique — Reforma Politica Da Suiça — Atividade De Zurique.

CAPITULO V

A Dieta De Arau — Unidade Helvécia — Berna Propõe Fechar Os Mercados — Oposição De Zurique — Proposta Aceita E Publicada — O Sermão Guerreiro De Zwinglio — Bloqueio Dos Waldstettes — Nem Pão, Nem Vinho, Nem Sal — Dignação Dos Cantões Da Floresta — As Estradas Bloqueadas — Procissões — Grito De Desespero — A França Tenta Apaziguar — Dieta Em Bremgarten — Esperança — Os Cantões Inflexíveis — Rompida A Força De Zurique — Descontentamento — A Falsa Posição De Zwinglio — Zwinglio Pede A Sua Demissão — O Conselho Objeta — Zwinglio Fica — Zwinglio Em Bremgarten — Adeus De Zwinglio A Bullinger — Agonia De Zwinglio — Os Cantões Da Floresta

Rejeitam Todas As Reconci-liações — Presságios Medonhos — O Co-meta — Tranqüilidade De Zwinglio.

CAPITULO VI

Os Cinco Cantões Decidem-se A Favor Da Guerra — Calma Ilusória — Inatividade Fatal — Zurique Prevenida De Antemão —hasteada A Bandeira De Lucerna —manifesto — Os Bailiados Pilhados — O Mosteiro De Cappel — Carta — Paixão Louca De Zurique — Novas Advertências —começa A Guerra — O Toque De Rebate — Uma Noite Pavorosa — A Guerra — Bandeira E Exercito De Zurique — Par-tida De Zwinglio — O Cavalo De Zwin-glio — Ana Zwinglio.

CAPITULO VII

A Cena Da Guerra — O Inimigo Em Zug — De-claração De Guerra — Conferencia —surge O Exército Dos Cantões Da Floresta — Disparada A Primeira Peça De Arti-lharia — Seriedade E Tristeza De Swinglio — O Exército De Zurique Sobe O Albis — Parada E Conferencia Na Faia — Aceleram A Sua Marcha — O Reco-nhecimento De Jauch — O Seu Apelo — Emboscada.

CAPITULO VIII

Mudança Imprevista — O Exercito Inteiro Avança — Desordem Geral — A Morte Do Barão — A Bandeira Em Perigo — A Bandeira Salva — Matança Terrivel —matança Dos Pastores — As Últimas Pa-lavras De Zwinglio — Barbaridade Dos Vencedores — A Fornalha Da Provação Os Derradeiros Momentos De Zwinglio —o Dia Posterior À Batalha — Homena-gem E Ultraje.

CAPITULO IX

Consternação Em Zurique — Violência Da Populaça — Pesar E Aflição — Zwin-glio Está Morto! — Oração Fúnebre — Exército De Zurique — Outro Revés No Goubel — Inatividade Dos Berneses — Esperanças E Plano De Carlos V — Fim Da Guerra — Tratado De Paz.

CAPITULO X

Restauração Do Papismo Em Bremgarten E Rapperschwyl — Padres E Monges Por Tôda Parte — Pesar De Oecolam-padius — Uma Cena Tranqüila — A Morte Serena De Oecolampadius — Henrique Bullinger Em Zurique —contrição E Exultação — A Grande Lição — Conclusão..

LIVRO XV. SUIÇA — CONQUISTAS 1526-1530

CAPITULO I

Originalidade da Reforma Suiça — Mudança — Tres Periodos da Reforma — Suiça Romana — Os Dois Movimentos da Igreja. —Espirito Empreendedor — O Mestre-escola — O Nôvo Batismo De Farel —Misticismo e Escolasticismo — Surge Uma Oportunidade — Oposição — Lausana — Costumes do Clero — Farel A Galeotto — Farel E O Monge — O Tribunal —O Monge Implora Perdão — Oposição Dos Ormondos — Um Falso Prosélito —Unidade Cristã.

As divisões que a Reforma mostrava em seu seio, ao comparecer perante a Dieta de Ausburgo, a humilhava, comprometendo-lhe a existência. Mas não devemos esquecer-nos de que a causa dessas divisões era um dos elementos indispensáveis à sobrevivência da Igreja regenerada. Sem dúvida, teria sido conveniente para a Alemanha e para a Suíça que chegassem a ,um acôrdo; foi, porém, de maior importância ainda que a Alemanha e a Suíça tivessem, cada qual, a sua Reforma original. Se a Reforma suíça houvesse sido uma pálida imitação da alemã, teria havido uniformidade, mas não duração. A árvore, transplantada para a Suíça, sem ter deitado raízes profundas, cedo teria sido arrancada pela mão vigorosa que, em breve, iria agarrá-la. A regeneração do Cristianismo, naquelas montanhas, proveio de fôrças peculiares da própria igreja helvética e recebeu uma organização de acôrdo com a situação eclesiástica e política do país. Através dessa mesma originalidade, a igreja helvética transmitiu notável energia aos princípios da Reforma, de muito maior importância para a causa comum do que para a uniformidade servil. A fôrça de um exército resulta, em grande parte, do fato de êle ser constituído de soldados portadores de armas diversas.

A influência militar e política da Suíça estava declinando. E, depois do século XVI, os novos desenvolvimentos dos países europeus estiveram prestes a banir, para as suas montanhas naturais, aquêles orgulhosos helvécios que, durante tão longo tempo, haviam colocado as suas espadas de brandir com as mãos na balança onde se pesavam as nações. Mas a Reforma transmitiu-lhes uma nova influência em troca da que se ia. A Suíça, onde o evangelho surgiu em sua forma mais simples e pura, estava destinada a dar a muitos países dos dois mundos, naqueles novos tempo, um impulso mais benéfico e glorioso do que aquêle que, até então, emanara das suas alabardas e arcabuzes.

A História da Reforma na Suíça divide-se em três períodos, nos quais se vê a luz do evangelho espalhar-se, de modo sucessivo, por três zonas diferentes. De 1519 a 1526, Zurique foi o centro da Reforma, que era, naquela época, exclusivamente alemã, tendo-se difundido pelas regiões oriental e setentrional da confederação. Entre 1526 e 1532, o movimento propagou-se de Berna: era, ao mesmo tempo,

alemão e francês, e estendeu-se para o centro da Suíça, desde as gargantas do Jura até os mais profundos vales alpinos. Em 1532, Genebra tornou-se o foco da luz. A Reforma, que ali era essencialmente francesa, estabeleceu-se nas bordas do lago Lemano, ganhando fôrças por tôda parte. É do segundo de tais períodos — o de Berna — que vamos tratar agora.

Conquanto a Reforma suíça não seja ainda essencialmente francesa, nela desempenham os franceses o papel mais ativo. A Suíça Romanda (1) é jungida ao carro triunfal da Reforma e transmite-lhe um movimento acelerado. No período de que estamos para tratar, há uma mistura de raças, fôrças e individualidades, da qual provém maior agitação. Em parte alguma do mundo cristão a resistência será tão tenaz, mas, também, em lugar algum mostrarão os atacantes tanta coragem. O pequeno território da Suíça Romanda, encerrado nos braços descomunais do Jura e dos Alpes, foi, durante séculos, uma das fortalezas mais bem defendidas do papado. Essa fortaleza está prestes a ser arrastada pela sublevação. Vai voltar. as armas contra os seus antigos senhores. E, daqueles poucos outeiros, espalhados pelo sopé das montanhas mais altas da Europa, procederão os choques repetidos, que irão subverter, mesmo nos países mais distantes, os santuários. de Roma, seus altares .e suas imagens.

Existem, na Igreja, dois movimentos: um é efetuado para dentro, e o seu objetivo é a preservação da própria Igreja; o outro é efetuado para fora, e o Objetivo a que visa é a propagação dela. Existe, portanto, uma igreja doutrinaste e uma igreja missionária. Ésses dois movimentos nunca devem separar-se; e sempre que não estiverem unidos é porque prevalece o espírito do homem, e não O de Deus. Nos tempos apostólicos, as duas tendências. desenvolveram-se si-multâneamente e com igual poder. No segundo e terceiro séculos, predominou a tendência externa. Depois do Concílio de Nicéia (325), o movimento doutrinário recobrou a su-perioridade. O espírito missionário, na época da invasão das tribos do norte, despertou novamente. Mas logo surgiram os dias da hierarquia e dos teólogos escolásticos, quando tôdas as fôrças doutrinárias lutaram dentro da Igreja, para nela estabelecer um govêrno despótico e uma doutrina im-pura: o papado. O nôvo despertar do Cristianismo, que emanou de Deus, estava fadado a renovar êsses dois movi-mentos, porém através da purificação dêles. De fato, em tal época o Espírito Divino agiu, ao mesmo tempo, ínterna e externamente.

Nos dias da Reforma, houve crescimento espi-ritual tranqüilo, mas houve, também, uma atividade mais eficaz e empreendedora. Durante séculos, os servos de Deus tinham examinado a Bíblia e explicado, pacificamente, as suas lições salutares. Semelhante fôra o trabalho de Vesália, Goch, Groot, Radewin, Ruybrook, Tauler, Tomás à Kempis e João Wessel. Agora, era preciso algo mais. O poder da ação devia aliar-se ao do pensamento. Afinal, tinham concedido ao papado todo o tempo necessário para o abandono dos seus erros. E havia séculos que os homens se

achavam na expectativa. O papado fôra advertido; instaram com êle; tudo inútil. Estando, pois, o papismo pouco dispoSto a reformar-se, tornou-se imperioso aos servos de Deus tomarem a si o encargo da realização disso. A influência moderada e calma dos precursores da Reforma, sucedeu o trabalho revolucionário, heróico e piedoso dos reformadores, e a revolução que fizeram consistiu em derrubar o govêrno usurpador, a fim de restabelecer a autoridade legítima. Diz opregador: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou. tempo de derribar, e tempo de edificar (2) ". De todos os reformadores, os que levaram o espírito empreendedor ao seu grau mais alto foram os homens vindos da França, mui especialmente Farel, cujos trabalhos devemos apreciar agora.

Nunca efeitos tão poderosos foram realizados por fôrças tão pequeninas!

No estudo do govêrno de Deus, num átimo passamos dos fatos mais importantes para os mais insignificantes. Dei-xamos, neste momento, o orgulhoso Carlos V e tôda aquela côrte de príndpes sôbre a qual êle reina, para seguir os passos de um mestre-escola. Deixamos os palácios de Ausburgo, para nos abancar nos humildes chalés da Suíça.

O rio Ródano, após brotar, próximo de São Gotardo, das montanhas de Furca, de debaixo de uma imensidão de neves eternas, rola as suas águas barulhentas através de um vale acidentado, que separa as duas grandes cordilheiras dos Alpes. Em seguida, fluindo da garganta de São Maurício, serpeia por uma região fértil e mais risonha. O majestoso Dent du Midi ao sul e o soberbo Dent de Mordes ao norte, pitorescamente situados um defronte do outro, de longe indicam ao olhar dg viajor o início da última bacia. No altd dessas montanhas, encontram-se geleiras vastas e picos ameaçadores, em cujas proximidades os pastôres, durante o solstício- do verão, levam a pastar os seus rebanhos numerosos, enquanto, na planície, medram exuberantemente as flôres e os frutos próprios das regiões do sul, e o loureiro enflora-se ao lado das videiras mais belas.

Na abertura de um dos vales laterais que conduzem. aos Alpes do norte, nas barrancas ,do Grande Eau, que se lança estrondosamente das geleiras Cios Diablerets, está situada a cidadezinha de Aigle, unia das mais. meridionais da Suíça. Durante cinqüenta anos, mais ou menos, tal cidadezinha havia pertencido a Berna, juntamente com as quatro freguesias (mardemens) sob a sua jurisdição. Isto é, pertenciam a Berna Aigle, Bex, Olion e os chalés espalhados pelos vales elevados dos Ormondos. Era em semelhaute região que o segundo período da Reforma na Suíça estava destinado a iniciar-se.

No inverno de 1526-1527, certo mestre-escola estrangeiro, de nome Ursino, chegava a êsse distrito humilde. Era de estatura média e tinha barbas ruivas, bem como olhos vivos. A voz trovejante (diz Beza), aliava-a aos sentimentos heróicos, e as

suas modestas lições eram entremeadas de doutrinas novas e estranhas. Mas, tendo os párocos entregue as suas paróquias a coadjutores ignorantes, o povo, que era naturalmente de costumes rudes e turbulentos, tinha fi-cado sem nenhuma instrução. Por conseguinte, tal estrangeiro, que outro não era senão Farel, encontrou, a cada passo, novos obstáculos.

Enquanto Lefevre e a maioria dos seus amigos tinham deixado Estrasburgo, após a libertação de Francisco I, para voltar, à França, Farel havia dirigido os seus passos rumo à Suíça. E, logo no primeiro dia de viagem, Farel aprendeu uma lição que recordava freqüentemente.

Farel seguia a pé, acompanhado de um único amigo. A noite havia-se fechado à volta dêles, e chovia torrencialmente. Os viajantes, perdendo as esperanças de achar o caminho, sentaram-se no meio da estrada, ensopados de chuva (3)

— Ah! — exclamou Farel. — Mostrando-me a minha impotência nas pequenas coisas, Deus quis fazer-me ver quão fraco sou nas maiores, sem Jesus Cristo (4) !

Afinal, Farel, erguendo-se de um salto, patinhou pelas. águas, afundou-se nos pântanos, cruzou vinhedos; campos, colinas, florestas, vales e, por fim, chegou ao seu destino, coberto de lama e encharcado até os ossos.

Nessa noite de tristeza, Farel havia recebido um nôvo batismo. Sua fôrça natural fôra vencida; tornou-se êle, durante algum tempo, pelo menos, prudente como uma serpente e símplice como uma pámba. Como não raro acontece aos homens de sua índole, Farel, a princípio, infringia os seus propósitos. Crendo seguir o exemplo dos apóstolos, procurava, na expressão de Oecolampadius, "enganar com men. tiras piedosas a serpente que silvava à sua volta (5) ". E, apresentava-se como sendo mestre-escola, até que se mani-festasse uma oportunidade para surgir como reformador (6) .

Nem bem mestre Ursino abandonava a sala de aula e as suas cartilhas, buscando refúgio em seu quarto modesto, deixava-se absorver nas Escrituras em Grego e em Hebraiéo, bem como nos tratadds mais eruditos dos teólogos.

A luta entre Lutero e Zwinglio estava começando. A qtial dos dois chefes -deveria unir-se a Reforma francesa? Lutero era conhecido na França desde um tempo muito mais longo que Zwinglio ; mesmo assim, Farel decidiu-se a favor dêste último. O misticismo caracterizara as nações germânicas durante a Idade Média; o escolasticismo, as de origem romana. Os franceses tinham afinidade mais estreita com o dialético Zwinglio do que com o místico Lutero. Ou, mais exatamente, os franceses foram os mediadores entre as duas grandes tendências da Idade Média. E, ao mesmo tempo em que deram ao pensamento cristão aquela forma correta, que parece ser o escopo das nações do sul, tornaram-se os ins-trumentos de Deus para espalhar, através da Igreja, a plenitude da Vida e do Espírito de Cristo.

Foi em Aigle, em seu quarto acanhadd, que Farel leu a primeira publicação que o reformador suíço dirigiu aos alemães (7).

— Com que sabedoria Zwinglio dissipa as trevas! — exclamou. — Com que habilidade piedosa êle conquista os-sábios e, que humildade cativante alia à sua vasta erudição! Oxalá, pela graça. de Deus, esta publicação possa persuadir Lutero da doutrina certa, para que a Igreja de Cristo, agitada.por tais disputas violentas, encontre, por fim, a paz (8) !

Estimulado por exemplo tão admirável, o mestre-escola Ursino começou a, doutrinar os pais e também as crianças. Atacáu, a princípio; a doutring do purgatório e, depois, a invocação dos santos.

— Quanto ao papa, êle não significa nada, ou quase. nada, nestas bandas (9) — dizia. —* E,. pelo que diz res. peito aos padres, desde que nos aborreçam com tôdas essas tolices que Erasmo sabe tão bem ridicularizar, é o bastante para êles.

Ursino tinha permanecido alguns: meses em Aigle — e surgiu-lhe uma oportunidade como reformador. Uma congregação fôra réunida ali, e êle acreditava que o momento. esperado havia chegado.

Assim, pois, um dia desaparece o prudente mestre-es.cola.

Sou Guilherme Farel, ministro da Palavra -de Deus — disse.

Grande foi o terror dos padres e dos magistrados, quando viram, ali, na Suíça, aquêle mesmo homem cujo nome já se. tornara tão .temível.*O mestre-escola pusera de parte o seu estudo humilde; stibiu ao púlpito e pregou abertamente a doiltrina de Jesus Cristo à multidão cheia de pasmo.

O trabalho de Ursino achava-se terminado; Farel era Farel .novamente (10). Era, então, por volta do mês de março ou abril de 1527. Naquele lindo vale, cujos declives resplandeciam -ao .toquè dos cálidos raios solares, agitavajse tudo a um só tempo: as flôres, as vinhas e o coração daquele povo sensível, porém rude.

Mesmo assim, os penhascos, que a torrente encontra ao precipitar-se dos Diablerets, contra os quais ela se choca a cada passo que se lança das neves eternas, são obstáculos mais insignificantes do que o preconceito e o ódio que, em breve, se manifestaram contra a Palavra de Deus, no populoso vale.

O Conselho de Berna, através de uma autorização datada de 9 de março, comissionará Farel para explicar as Sagi.adas Escrituras ao povo de Aigle e da vizinhança. Mas obraço do magistrado, interferindo, assim, nos assuntos religiosos, serviu. apenas para aumentar a irritação dos homens. Os párocos ricos e preguiçosos, os coadjutores pobres e igno-rantes, foram os primeiros a protestar. Disseram entre si:

—Se êsse homem continuar a pregar, nossas rendas enossa Igreja estarão perdidas (11) .

Em meio a tal agitação, o bailio de Aigle e o gover-nador das quatro freguesias, Jacques de Roverea, em vez de defender o ministro de suas excelências de Berna, abra-çaram, pressurosos, a causa dos padres.

—O imperador está prestes a declarar guer& contra todos os inovadores. Breve virá da Espanha uni exército poderoso, em auxílio do Arquiduque Fernando .(12) — alegaram.

Mas Farel permaneceu firme. Conseqüentemente, exas-perados com semelhante ousadia, o bailio e Rovere a impediram o herege de ministrar tôda espécie de - instrução, quer como ministro quer como mestre-escola. Berna, contudo, fêz com que fôsse afixado às portas de tôdas as igrejas das quatro freguesias- um nôvo decreto, datado de 3 de julho, no qual suas excelências, manifestando grande descontentamento pela interdição do mui ilustrado Farel, de propagar a Palavra Divina (13), ordenavam a todos os funcionários do govêrno que lhe permitissem pregar públicamente as doutrinas do Senhor.

Êsse nôvo decreto foi a causa acidental da revolta. No dia 25 de julho, grandes massas populares reuniram-se em Aigle, Bex, 011on e nos Ormondos, bradando:

Abaixo a submissão a Berna! Abaixo Farel!

Das palavras, passaram logo à ação. Em Aigle, chefiados pelo colérico procurador da comunidade, os- insurretos arrancaram o decreto da porta da igreja e preparam-se para atacar os evangélicos reformados. Éstes depressa se reuniram, rodeando Farel, dispostos a defendê-lo. Os dois partidos encontraram-se frente a frente, e por pouco não correu sangue. O aspecto decidido dos amigos do evangelho conteve os partidários dos padres, que se dispersaram. E Farel, deixando Aigle por alguns dias, levou mais longe os seus propósitos.

No centro do belo vale do Lemano, sôbre as colinas que dominam o lago, está situada Lausana, a cidade do bispo e da Virgem, colocada sob a proteção dos Duques da Sabóia. Uma multidão de romeiros, que afluía de todos os lugares circunjacentes, ajoelhava-se, com devoção, diante da imagem de Nossa Senhora e fazia compras custosas na grande feira de indulgências que se mantinha nos arredores da cidade. Lausana, que fazia sobressair de suas altas tôrres de igreja obastão episcopal, pretendia manter todo o país aos pés do papa. Em virtude, porém, da vida dissoluta dos cônegos edos padres, muitos dos cidadãos começavam a abrir os olhos para a realidade. Os sacerdotes da Virgem Maria eram vistos participando de jogos de azar em público, jogos .que temperavam de troças e blasfêmias:Os padres lutavam dentro das igrejas. Disfarçavam-se de soldados. Desciam, à noite, do morro onde se erguia a catedral e, vagando pelas ruas, embriagados, espada na mão, assaltavam, feriam e,

às vêzes, até matavam cidadãos respeitáveis. E desencaminhavam se-nhoras casadas, seduziam mocinhas, transformavam suas pró-prias residências em casas de má fama, bem como, impie-dosarnente, faziam sair à rua os seus filhinhos, a fim de que mendigassem o pão (14). Em nenhum outro lugar, tal vez, foi exemplificada melhor a descrição do clero a nós deixada no início do século XVI, por um dos prelados mais veneráveis: Em vez de educar a juventude segundo o sei. Saber esantidade de vida, os padres amestram pássaros e cães; em vez de livros; têm filhos; sentam-se em companhia de beberrões, nas tabernas, e entregam-se à embriaguez (15) .

Entre os teólogos da côrte do bispo Sebastião de Montfaucon, achava-se Natalis Galeotto, homem de elevada posição hierárquica e de grande urbanidade, amigo do convívio com os eruditos, sendo, êle próprio, uma pessoa culta (16), Apesar disso, Galeotto era muito zeloso acêrca dos jejuns e de todos os preceitos da Igreja. Farel, portanto, julgava que, se tal homem pudesse ser conquistado para o evangelho, Lausana, "que dormia aos pés dos seus campanários", talvez despertasse e, com ela, o país inteiro. Por conseguinte, Farel dirigiu-se a Galeotto, escrevendo-lhe: "Ah! A religião é, hoje, quase que um vão arremêdo, visto que os homens, que só pensam em seus deleites, são os reis da Igreja. O povo cristão, em vez de comemorar, no sacramento, a morte do Senhor, porta-se como se honrasse. a memória de Mercúrio, o deus do embuste. Em vez de imitar o amor de Cristo, ele rivaliza com a lascívia de Vênus. E, quando o povo peca, teme mais a presença de um insignificante guardador de porcos do que a. de Deus Todo-Poderoso (17) ".

Mas Galeotto não lhe respondeu. Farel insistiu: "Batei; vociferai com tôdas as vossas fôrças; redobrai os vossos ataques contra o Senhor (18) " — escreveu numa segunda carta. Mesmo assim, não houve resposta. Farel voltou à carga pela terceira vez, e Natalis, receando, talvez, responder-lhe pessoalmente, disso encarregou o seu secretário, que enviou a Farel uma carta cheia de linguagem injuriosa (19).

Durante çerto tempo, Lausana estêve, pois, inacessível.

Após haver contendido dessa maneira com um padre, Farel estava fadado a disputar com um monge. As duas ar-mas hierárquicas, através das quais a Idade Média tinha sido governada, eram a cavalaria e o monasticismo. A última ainda permanecia a serviço do papado, se bem que estivesse caindo em decadência.

—Ai! — exclamou, pesaroso, um célebre frade car-tuxo. — O que o demônio rebelde recearia fazer, um monge condenado e arrogante o praticará sem hesitar (20) !

Um frade mendicante, que não se atreveu a opor-se ao reformador, de modo direto, em Aigle, ousou entrar na po-voação de Noville, situada nas terras baixas depositadas pelo Ródano ao desembocar no Lago de Genebra. O frade, su- bindo ao

púlpito do templo, bradou: -o próprio diabo que fala pela bôca do ministro, etodos aquêles que lhe dão ouvidos serão condenados!

Armando-se, então, de coragem, o frade retirou-se, beirando uma das margens do Ródano, e chegou à Aiele, exibindo um ar submisso e humilde, a fim de que não parecesse estar ali para contender com Farel, cuja eloqüência poderosa oalarmava terrivelmente, mas para esmolar, em beneficio de seu mosteiro, alguns barris do vinho mais excelente de tôda a Suíça. E o frade não havia ainda adentrado muito na cidade, quando deu com o ministro. Ao vê-lo, tremeram-lhe os braços e as pernas.

Por que motivo pregastes daquela maneira em No-ville? — perguntou-lhe Farel.

O frade, receando que uma discussão atraísse a atenção do público, mas. desejando dar uma resposta objetiva, sussurrou ao ouvido do ministro:

—Ouvi dizer que sois herege e enganador do povo.

—Provai-o!

Em tal momento, o monge pôs-se a vociferar (diz Farel) (21) e, descendo, apressado, pela rua abaixo, procurava livrar-se de sua companhia embaraçosa, virando-se para cá e para lá, como quem tem uma consciência atormentada (22), volta, começaram a agrupar-se alguns cidadãos, aos quais Farel disse, apontando para o frade: Vêdes aquêle belo padre? Pois êle disse, do púlpito, que eu nada prego senão mentiras.

O monge, enrubescendo e gaguejando, principiou, en-tão, a falar das ofertas dos fiéis (do vinho precioso de Yvorne, que êle viera pedir ali), e acusou Farel de ser contrário a elas.

A semelhante altura, o ajuntamente já era maior. Farel, que tão-sÓmente buscava uma oportunidade de proclamar a verdadeira adoração a Deus, exclamou em voz alta:

—Não compete ao homem estabelecer nenhum outro modo de servir a Deus do que aquêle que o Senhor ordenou! Devemos guardar os Seus mandamentos, sem nos desviarmos nem para a direita nem para a esquerda (23). Adoremos a Deus cinicamente, em espírito e em verdade, oferecendo-lhe um coração contrito e quebrantado.

Os olhares de todos os circunstantes cravaram-se nos dois protagonistas daquela cena: no monge com a sua sacola de pedinte e no reformador de olhos lúcidos. Confuso pela ousadia de Farel em mencionar qualquer outra adoração que não fôsse a que a santa Igreja Católica ordenava, o frade "ficou fora de si; tremeu, agitou-se e ficou, alternativamente, pálido e vermelho; por fim, tirou o gorro da cabeça, de debaixo do capuz, arremessou-o ao chão e calcou-o com o pé, bradando que se

surpreendia de que a terra não se abrisse e não os tragasse (24) ". Farel quis replicar-lhe. Inútil. O frade, com os olhos postos no chão, continuava pisando no gorro, "gritando como um louco". Seus gritos, que ecoavam pelas ruas de Aigle, abafavam a voz do reformador. Finalmente, um dos circunstantes, que se achava ao lado do monge, puxou-o pela manga do hábito e disse-lhe:

—Prestai atenção ao ministro, pois êle está prestando atenção a vós!

O monge, amedrontado, e supondo-se já meio morto, estremeceu de modo violento, bradando:

—Ó excomungado! Tu pões a mão em mim?! A cidadezinha ficou numa balbúrdia: o frade, colérico e trêmulo ao mesmo tempo; Farel, prosseguindo nos seus ataques, enèrgicamente; e o povo, confuso e estupefato. Por fim, surgiu o magistrado, que ordenou ao monge e a Farel que o acompanhassem, prendendo-os, depois, "um numa tôrre e o outro noutra (25) ".

No sábado de manhã, Farel foi libertado da prisão e conduzido ao castelo, à presença dos oficiais de justiça, aonde o monge chegara antes dêle. O ministro pôse a falar-lhes:

—Meus senhores, a quem, sem exceção, nosso Salvador ordena obediência: Disse êste frade que a doutrina que eu prego é contra Deus. Que êle prove o que disse. Do contrário, se não puder prová-lo, permiti que o vosso povo seja edificado.

Findou-se, então, a violência do monge. O tribunal diante do qual êle se achava, a coragem do seu adversário, a fôrça do movimento a que não podia resistir, a fraqueza da própria causa — tudo o alarmava, e êle se achava., agora, disposto a pôr fim àquela discussão. Foi em tal momento que o monge caiu de joelhos, proferindo:

—Meus senhores, rogo o perdão vosso e o de Deus — e, em seguida, voltando-se para Farel: — E também, professor, o que apregoei contra vós se baseou em informações falsas. Vi que sois um homem digno e que a vossa doutrina é verdadeira. Estou pronto para retirar as minhas palavras (26) .

Farel ficou tocado por semelhante rôgo. Disse-lhe:

—Meu amigo, não me peçais perdão, pois sou um pobre pecador como os demais homens, pondo a minha confiança, não em minha própria justiça, mas na morte de Jesus (27) .

A essa altura, levantou-se uma das autoridades de Berna. O frade, que já se imaginava a um passo do suplício, começou a virar-se ora para os conselheiros berneses ora para o tribunal. Voltou-se, depois, para Farel, implorando-lhe:

—Perdão! Perdão!

—Pedi perdão ao nosso Salvador — respondeu-lhe o ministro.

Ea autoridade de Berna acrescentou:

—Vinde ouvir amanhã o sermão do ministro. Se vos parecer que êle prega a verdade, confessareis isso claramente, diante de todos os presentes; caso contrário, manifesta-reis a vossa opinião. Prometa-mó com um apêrto de mão.

O monge estendeu-lhe a destra. E os juízes retiraram-se.

"Depois disso, o frade partiu, e não o vi desde então; nenhuma promessa ou juramento. pôde fazê-lo ficar (28) ".

Assiin, progredia a Reforma na Suíça Romanda.

Manifestações violentas, porém, ameaçavam destruir a obra que mal se iniciava. Agentes papistas, vindos de Vaiais e da Sa-. bóia, tinham cruzado o Ródano,. em São Maurício, e estavam excitando o povo à oposição enérgica. Realizavam-se assem= bléias tumultuosas, nas quais se discutiam planos arriscados. Os decretos góvernamen.tais haviam sido, arrancados das portas das igrejas. Grupos de cidadãos promoviam passeatas pela cidade. O tambor rufava pelas ruas, a fim de excitar a populaça contra o rêformador.A balbúrdia e a sedição pre-. Valeciam, pois, em tôda parte. Em conseqüência disso, quando Farel subiu ao púlpito no dia 16 de fevereiro, pela primeira vez depois de uma curta ausência; alguns grupos papistaS, reunidos em redor do portal da igreja, ergueram as mãos em tumulto, emitiram gritos. selvagens e, dessa forma, forçaram o ministro a interromper o seu sermão.

Conselho de Berna, em razão de tais acontecimentos, ordenou, por. decreto, que os paroquianos das quatro freguesias se reunissem. Os paroquianos de Bex declaram-se, a. favorsegbfrãiri-.1h-é-So exempl porém com certa hesitação. No entanto, nas montanhas acima de Olion, os camponeses, não ousando maltratar Farel, instigaram as suas ptóprias espôsas a fazê-lo, e estas investiram contra o reformador, munidas de suas espadelas. Mas, particularmente, foi a freguesia dos Ormondos que, calma e orgulhosa no sopé das suas geleiras, se distinguiu pela sua resistência.

Um companheiro de trabalho de- Farel, de nome Cláudio (provàvelmente Cláudio de Glautinis) . quando ali pregava com grande entusiasmo, sübitamente se viu interrompido pelo toque dos sinos da igreja, cujo barulho era tal que se poderia dizer estarem todos os demônios ocupados em tocá-los. Diz outro mensageiro do evangelho, Jacques .Camralis, que, por acaso, .se encontrava na igreja: "Era o próprio Satanás que, insuflando a sua ira em alguns dos seus agentes, enchia de tôda aquela barulheira os ouvidos da congregação (29) ". E, de outra feita, tendo alguns reformadores zelosos derrubado os altares de Baal, segundo a linguagem da época, o espírito maligno pôs-se a esfuziar em todos os chalés espalhados pelas

bordas das montanhas. Os pastôres de ovelhas precipitaram-se, então, como avalanchas de geleiras, sôbre a igreja e os evangélicos.

—Nós que encontremos êsses canalhas sacrílegos! — vociferaram os paroquianos dos Ormondos.

—Nós os enforcaremos!

—Decapitá-los-emos!

—Queimá-lo-emos!

-Atiraremos as suas cinzas às Grandes Águas (30) !

Como o vento que zunia nõs altos vales dos Ormondos, com uma fúria que os moradores das planícies desconheciam, assim estavam tais montanheses agitados.

Outras dificuldades afligiram Farel. Nem todos os seus companheiros de trabalho eram irrepreensíveis. Um certo Cristóvão Ballista, outrora monge em Paris, escreveu a Zwinglio: Sou apenas gaulês, bárbaro (31), porém verificareis - que sou puro como a neve, sem nenhuma falsidade e de coração de janelas abertas, através das quais todos podem ver o que há dentro dêle (32) ". Zwinglio enviou, então, Ballista a Farel, que clamava por obreiros para a seara de Cristo. A princípio, alinguagen-1 agradável do parisiense encantava a multidão, mas logo se verificou que era necessário tomar cuidado com semelhantes padres e monges enfastiados do papismo. Conta Farel: "Educado na ociosidade da vida monástica, glutão e indolente, Ballista não pôde adaptar-se à abstinência e aos trabalhos duros dos evangelizadores, pondo-se logo a lastimar a perda do seu capuz de monge. E, ao perceber que o povo começava a duvidar dêle, tornou-se tal qual um monstro furioso, vomitando uma infinidade de ameaças (33). Assim, pois, terminaram os trabalhos de Ballista.

Não obstante êsses tormentos, Farel não desanimou. Quanto maiores as dificuldades, tanto mais se multiplicava a sua energia. Escreveu êle: "Espalhemos a semente por tôda parte, e que a França civilizada, levada à. inveja por esta nação inculta, abrace, finalmente, a devoção religiosa. Que não haja no corpo de Cristo dedos, ou mãos, pés, olhos, ouvidos, braços, com existência isolada e trabalhando cada um para si mesmo, porém que haja um só coração, o qual nada possa dividir. Que a diversidade das coisas secundárias não divida em muitos membros isolados semelhante elemento vital, que E- único e simples (34). Ai! As pastagens da Igreja acham-se menosprezadas, e as suas águas estão turvas! Procuremos, conscienciosamente, a concórdia e a paz. Depois que o Senhor tiver aberto a porta do céu, não haverá tantas disputas acêrca de pão e água (35). Um amor cristão fervente — eis o ariete poderoso com que demoliremos tais muralhas presunçosas, tais elementos materiais de que os homens nos- querem rodear (36) ".

Assim se expressou o mais impetuoso dos reformadores. E essas palavras de Farel, guardadas durante três séculos na cidade onde êle morreu, mostram-nos mais claramente a natureza íntima da grande revolução do séculà XVI, do que tôdas as asserções temerárias dos seus intérpretes papistas. De semelhante forma, a unidade cristã, desde tais instantes mais remotos, encontrou um apóstolo fervoroso.

O século XIX está convidado para continuar a obra que o XVI não pôde concluir.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Depois do Concílio de Nicéia (325), o movimento doutrinário recobrou a superioridade

(2) No inverno de 1526-1527, certo mestre-escola estrangeiro, de nome Ursino, chegava a êsse distrito humilde.

(3) Ibid

(4) Voluit Dominus per infirma haec, docere quid possit homo in. majoribus. Coct. Epp. MS. de Neufchatel.

(5) Piis artibus et apostolicis versatiis ad circumveniendum illum opus est. Oecol. a Farel, 27 de dezembro de 1526. Neufchatel MS.

(6) Ubi ostium patuerit, tunc adversariis liberius obsistetur. Oecol. a Farel, 21. de dezembro de 1526: Neufchatel MS.

(7) Pia et arnica ad Lutheri. sermonem.apologia. Opp., vol. II, t. 2, p. 1.

(8) Ut Christsuccüssa undique Ecclesia, pacis non nihil sentiat. Zw. Epp, II, 26.

(9) Papa átit nullus aut modicus hicest. Ibid.,

(10) O ,nome. Ursino foi; sem dúvida, tirado do Urso que se via no. biasão de Berna. Ursino significa "de Berna".

(11) J. J. Hottinger, H.K.G., III, 364.

(12) Ferdinando adventurum esse ingentem ex Hispania exercitum. Zwinglius, Epp., II, 64, datada de 11 de maio de 1527.

(13) Inhibita verbi divini propagatio. Choupard MS.

(14) Histoire de la Reformation Suisse, por Ruchat, I, 35.

(15) Pro libros sibi /iberos compara.nt. pro studio concubinas amant. Tritheim Inst. Vitae Sacerdotalis, pág. 765.

(16) Urbanus, doctus, magnus. consuctudine doctorum obligatus. rel a Galeotto. Neufchatei MS.

(17) Pluris faciunt miserrimi subulci aspectum quam omnipotentis Dei. Ibid.

(18) Pulsare, vociferari perge, nec prius cessa quam. & c. Neufchatet MS.

(19) Naeniis totas implevit et conviciis. Ibid.

(20) Quod altere veretur obstinatus diabolus, intrepide agit reprobus et contumax monachus. Jacob von Juterbock: de Negligentia Prelatorum.

(21) Cornrnenga de se tempester — na narrativa que faz dessa aven-tura às freiras de Vevay. Neufchatel MS.

(22) Tournant maintenant de ça, rnaintenant de là, comine fait la conseience mal ussurée. Ibid.

(23) II nappartient à personne vivante dordenner autre manière de faire service à Dieu, que celle quil a commandée. Nous devons garder ses commandemens, sans tirer ni à la dextre, ni à Ia senestre. Neufchatel MS.

(24) Hors de sens, trembloit, sagitoit, palissoit et rougissoit tour a tour. Enfin tirant son bonnet de sa tête, hors du chaperon, ii le rua 4 terre, jettant e mettant son pied sus, en sécriant: Je suis esbahi comme la terre ne nous abyme! Ibid.

(25). Lun en une tour et lautre en lautreNeufthatel MS-

(26) Lors le frère se jeta à genoux disant: Messeigneurs, je demande merci à Dieu et à vous . Et aussi,-Magister, ce que jai prêché contre vous a été par de faux rapports, &c. Neufchatel MS.

(27) Je suis pauvre pécheur comme les autres, ayant ms fiance, nau en ma justice, mais à la mort de Jesus.

(28) Ibid.

(29) Sed Sathan per ejus servos, voluit aures auditorum ejus sono cymbali implere. Neufchatel MS.

(30) Quo invento suspenderetur primum, deinde dignus cornburi, ulterius tapitis obtruncatione, novissime in aquis mergerenir. Ibid.

(31) Me quanturnvis Gallum et barbaram. Zw. Epp., II, 205 Pectoris. Ibid.

(32) Absque ullo fuso, niveurn, et aperti fenestratique

(33) Quam beatus hic venter incanduit! quot minarum plaustra! Solent talent belluae, &c. Neufchatel MS.

(34) Ne in digitos, manus, pedes, oculos, nares, aures, brachia, cor quod unum est discindatur, et quae in rebus est varietas, princi-pium non faciat multiplex. Ibid.

(35) Alusão às controvérsias sôbre o anabatismo e sôbre a presença real. Non tanta erit super agua et pane contentio, nec super gramine, solutaque obsidione. É obscuro o sentido destas últimas palavras.

(36) Cháritas fortissimus aries. Farel a Bucer, 10 de maio de 1529.

CAPITULO II

Estado — A Religião Em Berna — Irresolu-ção De Berna — Almanaque Dos Hereges — Maioria Evangélica — Haller — O Si-nal De Zwinglio — Anabatistas Em Berna — Vitória Do Evangelho — Provocações Papistas — As Corporações Da Cidade — Disputa Proposta — Objeções Dos Cantões Da Floresta — A Igreja, Juiz Das Controvérsias — Luta Desigual — Zwin-glio Um Grupo Cristão — A Igreja Dos Franciscanos — Abertura Da Conferência — A Única Cabeça — Unidade Do Érro — Um Padre Convertido No Altar — Dia De São Vicente — Os Açougueiros — Um Argumento Estranho — Amargura Dos Papistas — Necessidade De Reforma — sermão De Zwinglio — Visita Do Rei Dos Reis — Édito Da Reforma — Foi O Movimento Da Reforma Politico?

De todos os cantões suíços, Berna parecia o menos inclinado para a Reforma. Um govêrno militar pode ser zeloso da religião, mas o será de uma religião exterior e eclesiástica disciplinada: êle necessita de uma organização para que a possa ver, tocar e dirigir à sua vontade. Ësse govêrno teme as inovações e a livre atividade da Palavra de Deus: ama a aparência, e não a existência da- religião. Napoleão, restabelecendo a religião na França, com a Con-cordata, deu-nos um exemplo memorável de tal verdade. Semelhante era, também, o caso de Berna. Seu govêrno, além disso, achava-se absorvido em interêsses políticos e, conquanto tivesse pouca consideração pelo papa, menos ainda se interessava por ver um reformador colocar-se, como Zwinglio o fêz, à testa dos negócios públicos. Quanto ao povo, que se regalava com a "manteiga de suas vacas, com o leite do seu rebanho e com a gordura dos seus cordeiros (l) ", permanecia hermèticamente fechado dentro do círculo estreito de suas necessidades materiais. As questões religiosas não eram do gôsto dos governantes nem dos seus concidadãos.

O govêrno de Berna, inexperiente em assuntos religio-sos, tencionou impedir o movimento da Reforma, através do édito de 1523. Porém, assim que percebeu o erro, in-clinou-se para o cantões que abraçavam a fé primitiva. E, enquanto aquela parte do povo, de onde foi recrutado o Conselho Maior, ouvia a voz dos reformadores, quase tôdas as famílias aristocráticas, que constituíam o Conselho Menor, julgando ameaçados o seu poder, os seus interêsses e a sua honra, apegaram-se à ordem antiga de coisas. Dêsse anta-gonismo entre os dóis conselhos, resultou uma inquietação geral, mas não houve choques violentos. Movimentos súbitos e impulsos repetidos anunciavam, de vez em quando, que, na nação, ferrfientavam questões incongruentes; tais ocorrências semelhavam um abalo sísmico indistinto, que faz mover toda a superfície sem provocar rupturas na terra e, contudo, voltando, logo mais, à tranqüilidade aparente (2). Berna, que era sempre decidida na política, uma hora virava-se para a direita, outra hora, para a esquerda. E, afinal, declarou que não seria nem papista nem reformada. E, para nova fé, ganhar tempo significava ganhar tudo.

O que se fêz para que Berna se desviasse da Reforma: a própria causa de sua precipitação no nôvo caminho. A arrogância com que os cinco cantões primitivos se atribuíram a proteção dos seus confederados, .as conferencias secretas, para as quis Berna nem sequer foi convidada, e k. Ameaça de dirigir-se ao povo de modo direto magoaram Profunda-mente os oligarcas berneses. Tomás Murner, frade carmelita de Lucerna, um desses homens violentós que exercem influência saibre a populaça, mas que inspiram aversão às mentalidades elevadas, fez com que o cálice transbordasse. Furioso contra o calendário de Zurique, no qual os nomes dos santos haviam sido omitidos de propósito, o frade pu-blicou o "Almanaque dos Hereges e Ladrões Sacrílegos", folheto cheio de sátiras e invectivas, onde os retratos dos reformadores e dos seus adeptos, entre os quais se achavam os cidadãos mais eminentes de Berna, vinham acompanhados das legendas mais grosseiras (3). Zurique e Berna, unidas, exigiram satisfações. E, a partir de tal época, a união entre estes dois Estados tornou-se, dia a dia, mais estreita.

Semelhante mudança foi logo percebida em Berna. As eleições de 1527 colocaram grande número de amigos da Reforma no Conselho Maior: Esse organismo, reassumindo, incontinenti, o seu direito de nomear .os membros do Con-selho Menor; que, durante vinte anos, tinha sido usurpado pelos Barões e pelos Dezesseis, afastou do governo os par-tidários mais decididos da hierarquia romana e, entre outros, Gaspar de Mulinen e Sebastião de Stein (4), preenchendo as vagas com os membros da maioria evangélica. A união entre a Igreja e o Estado, que, até aqui, refreara o avanço da Reforma na Suíça, estava, agora, prestes a acelerar-lhe os. movimentos.

Em Berna, o reformador Haller não se achava só. Kolb havia deixado o mosteiro cartusiano de Nuremberg, onde fôra obrigado a refugiar-se, e havia surgido diante dos seus compatriotas, sem pedir nenhum outro estipêndio sen.rio a liberdade de pregar a doutrina de Jesus Çristo. Já curvado sob o peso dos anos, a cabeça coberta de cabelos grisalhos, porém de coração jovem, cheio de entusiasmo e de coragem indômita, Kolb expunha destemidamente aos chefes da nação aquele evangelho que o salvara. Haller, ao invés disso, em- bora tivesse apenas trinta e cinco anos de idade, agia de modo calculado, falava com reserva e proclamava a nova doutrina com circunspecção pouco comum. O velho colocara-se ao lado do môço, e êste ao lado do velho. -

Zwinglio, a cuja atenção nada escapava, viu que se apro-ximava a ocasião propícia para Berna e deu imediatamente o sinal para o início das atividades. Escreveu a Haller: A pomba encarregada de averiguar a situação das águas volta para a arca, trazendo um ramo de oliveira. Sai, agora, tu segundo Noé, e toma posse da terra. Insiste, sê zeloso, fixa firmemente os ganchos e os arpéus da Palavra de Deus no coração dos homens, para que dêles não se desfaçam outra vez (5) ". E a Tomás de Hofen escreveu: "Vossos ursos estenderam novamente as garras. Queira

Deus que não as recolham enquanto não tiverem despedaçado tudo quanto se opõe à doutrina de Jesus Cristo.

Haller e os seus amigos estavam a ponto de responder a tal apêlo, quando a situação dêles se complicou. Alguns anabatistas, que, em tôda parte, constituíam o partido ra-dical, chegados a Berna em 1527, desviaram o povo dos pregadores evangélicos, -"por causa da presença de ídolos (6) ". Haller conferenciou inútilmente com êles. "A que perigos não está Cristianismo exposto, sempre que se in-sinuam essas agitações (7) ". — exclamou. Jamais houve reavivamento na Igreja, sem que os partidos hierárquico e radical não procurassem logo perturbá-lo. Haller, se bem que alarmado, manteve ainda a sua inalterável brandura. Disse:

— Os magistrados desejam banir os anabatistas, mas o nosso dever é expulsar os erros dêstes, e não as suas pessoas. Nenhuma outra arma empreguemos senão a da espada do Espírito Santo (8).

E não foi do papismo que os reformadores aprenderam semelhantes princípios.

Enfim, realizou-se um debate público. Seis anabatistas declararam-se persuadidos, e a dois outros mandaram que saíssem do país.

Aproximava-se o momento decisivo. As duas grandes fôrças da época, o evangelho e o papado, agitavam-se com a mesma intensidade. Os conselhos de Berna deviam mani-festar-se com franqueza. Por um lado, viam os cinco cantões primitivos tomando, dia a dia, uma atitude mais ameaçadora, declarando que os austríacos logo tornariam a aparecer na Helvécia, afim de fazê-la voltar, outra vez, à submissão a Roma. Por outro lado, viam o evangelho ganhando, dia a dia, terreno na confederação. O que estava destinado a prevalecer na Suíça: os lanceiros da Áustria ou a Palavra de Deus? Na incerteza em que se encontravam, os conselhos resolveram tomar o partido da maioria. Onde poderiam encontrar uma posição segura, senão ali? Vox populi, voz Dei.

— Ninguém pode fazer mudanças por sua própria au-toridade pessoal: é preciso o consentimento de todos (9) —alegaram.

O govêrno de Berna teve de decidir entre duas deter-minações, ambas emanadas de sua autoridade: a de 1523, a favor da pregação livre do evangelho, e a de 1526, a favor "dos sacramentos, dos santos, da mãe de Deus e dos ornamentos das igrejas". Os mensageiros do govêrno puseram-se a caminho, percorrendo tôdas as freguesias: o povo deu o seu voto contra tôda lei contrária à liberdade, e os conselhos, apoiados. pela nação, decretaram que "a Palavra de Deus fôsse pregada pública e livremente, ainda que se opusessem aos estatutos e doutrinas dos homens". Tal foi a vitória do evangelho sôbre a oligarquia e os padres.

Imeditamente, surgiram contendas em todo o cantão. de Berna, e cada freguesia transformou-se num campo de batalha. Os camponeses, confiantes nas Sagradas Escrituras, puseram-se a contender com os padres e os monges. E muitos camponeses disseram:

— Se a ordem dos nossos governantes concede aos nossos pastôres a liberdade de pregar, por que não deveria ela dar ao rebanho a liberdade de agir?

— Paz! Paz! — pediram os conselhos, em voz alta, assustados com a própria coragem.

Os rebanhos, contudo, asseveraram, resolutamente, que mandariam a missa às favas e que ficariam com os seus pastôres e a Bíblia (10). Os adeptos do papa, a essa altura, .tornaram-se violentos. O barão Kutler chamou a boa gente do vale do Ementai de "hei-ege, velhacã e dissoluta", porém os camponeses dali obrigaram-nó a pedir desculpas (11). 0 bailio de Trachsewald foi mais engenhoso. Vendo que os moradores de Rudersweil escutavam com avidez a Palavra de Deus, que lhes era pregada por um ministro piedoso, o bailio surgiu na igreja, acompanhado de tocadores de pífaros-. e de trombetas, *e interrompeu o sermão, convidando as raparigas, verbalmente e por meio de músicas alegres, a deixarem o templo pela dança.

Ditas provocações singulares não detiveram a Reforma: Seis das corporações da cidade (a dos sapateiros, dos tecelões, dos negociantes, padeiros, pedreiros e carpinieiros) aboliram, nas igrejas e. conventos do seu distrito, tôdas as missas, comemorações de aniversário de acontecimentos, padroados e prebendas. Três outras (a dos curtidores, ferreiros e alfaiates) prepararam-se para imitar-lhes (12). As sete corporações restantes ficaram indecisas, menos a dos açouguei-ros, que era entusiasta do papa. Assim, a maioria dos cidadãos tinha abraçado o evangelho. Muitas freguesias, em todo o, cantão de Berna, havia feito o mesmo. E o "avoyer" de Erlach, aquêle grande inimigo da Reforma, já não podia manter a torrente dentro dos limites.

Não obstante, foi feita uma tentativa: os bailios rece-beram ordens para tomar conhecimento de tôdas as irregu-laridades e. da vida devassa dos monges e das freiras. Tôdas as mulheres de costumes dissolutos foram, mesmo, expulsas dos conventos (13). Mas não era só. contra tais irregularidades que a Reforma dirigia os seus ataques; era contra as próprias instituições e contra o papismo, no qual as últimas se firmavam.

O povo, portanto, devia decidir. Disse êle:

—O clero de Berna, como em Zurique, deve ser con-vocado, e que as duas doutrinas sejam examinadas numa conferência pública. Procederemos, depois, de conformidade com o resultado.

No domingo que Se seguiu à festa de São Martinho (dia 1 1 de novembro), os conselhos e os cidadãos decidiram, unânimemente, que,no comêço do ano seguinte, se realizaria uma disputa pública, e exclamaram:

—Por fim se revelará a glória de Deus e de Sua Palavra!

Berneses e estrangeiros, padres e leigos, todos foram convidados, por carta ou por participação impressa, para vir discutir os pontos controversos, porém únicamente segundo as Escrituras, sem os comentários dos exegetas antigos e com o repúdio de tôdas as sutilezas e linguagem injuriosa (14). Quem sabe — perguntava-se — se todos os membros da antiga confederação suíça não poderiam ser levados, assim, à unidade na fé?

Por conseguinte, dentro das muralhas de Berna estava prestes a travar-se a luta que decidiria o destino da Suíça, pois o exemplo dos berneses haveria, forçosamente, de arrastar consigo grande parte da confederação.

Os Cinco Cantões, alarmados com essa notícia, reuni-ram-se em Lucerna, onde Friburgo, Soleure e Glaris se jun-taram a êles. Mas nada havia na letra ou no espírito do tratado federal que impedisse a liberdade religiosa. Afirmava Zurique: "Todo Estado é livre para escolher a doutrina que deseja professar". Os Waldstettes (15), pelo contrário, queriam privar os cantões dessa independência e submetê-los à maioria da federação, bem como ao papa. Conseqüentemente, protestaram, em nome da confederação. contra a discussão proposta. E escreveram para Berna: "Vossos ministros, por uns instantes cegos e confusos, em Baden, pelo esplendor da verdade, desejariam, com essa nova discussão, esconder a sua :vergonha; nós, contudo, vos rogamos que desistais de um plano tão contrário às nossas antigas alianças". Respondeu-lhes Berna: Não fomos nós que infringimos semelhan-tes alianças.

Muito ao contrário, foi a vossa insolente missiva que as destruiu. Não abandonaremos a Palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo.Os cantões católicos-romanos resolveram, então, negar salvo-conduto às pessoas que se dirigissem para Berna. Isso equivalia a dar indício de intenções sinistras.

Os bispos de Lausana, Constança, Basiléia e Sião, convidados para a conferência, sob pena de serem privados de todos os seus privilégios no cantão de Berna, responderam que, desde que devia ser uma disputa de acôrdo com as Escrituras, nada tinham a ver com ela. E, assim, negligenciaram êsses clérigos as palavras de um dos doutôres católicos-romanos mais ilustres do século XV: "Nas coisas divinas, o homem deve ser independente dos seus semelhantes e confiar apenas em Deus. (16)"

Os doutôres papistas seguiram o exemplo dos bispos. Eck, Murner, Cochloeus e muitos outros doutôres diziam, aonde quer que fôssem:

— Recebemos a carta daquele leproso, daquele herege maldito, Zwinglio (17). Querem os protestantes tomar a Bíblia por juiz dêles, porém possui a Bíblia autoridade contra aquêles que a transgridem? Não iremos a Berna. Não nos arrastaremos para aquêle tenebroso canto do mundo. Não iremos lutar naquela caverna escura, naquela escola de hereges. Que venham para fora ditos vilões e disputem conosco em campo aberto, se é que têm a Bíblia do lado dêles, como dizem.

O imperador ordenou o adiamento da discussão. Enti no mesmo dia marcado para a sua abertura, o con-selho de Berna respondeu-lhe que, como todos os convi-dados já se achavam reunidos, seria impossível um adia-mentc.

A despeito dos doutôres e dos bispos, a Igreja helvética reuniu-se, então, para decidir sôbre as suas doutrinas. Tinha ela o direito de assim proceder? Não, não se os pastôres e os bispos foram designados, como Roma alega, para constituir um elo místico entre a Igreja e o Nosso Senhor. Sim, se êles foram instituídos, conforme a Bíblia mostra, única- mente para satisfazer a semelhante lei de ordem, em virtude da qual todo agregado social deve ter uma autoridade dirigente. As opiniões dos reformadores suíços, a êste respeito, não ofereciam dúvidas. A graça que investe o ministro em suas funções provém do Senhor, pensavam êles; mas a Igreja examina tal graça, reconhece-a, proclama-a através dos seus anciãos; e, em todo ato que diz respeito à fé, a Igreja sempre pode apelar do ministro para a Palavra de Deus. Provai os espíritos — examinam tudo, diz a Bíblia aos fiéis. A Igreja é o juiz das controvérsias (18). E é semelhante dever, no qual a Igreja nunca deve ser achada em falta, que ela está prestes a—cumprir na, disputa a realizar-se em Berna.

A luta parecia desigual. De um lado, apresentava-se o sistema hierárquico de Roma, um gigante cuja fôrça crescera no decurso de muitos séculos; do outro, a princípio, não havia senão um homem fraco e tímido — o modesto Bertoldo Haller.

—Não posso empunhar a espada da Palavra — disse Haller, reposo aos amigos. — Se vós não me ajudardes, tudo estará perdido.

Trêmulo, o reformador caiu, então, de joelhos e orou ao Todo -Poderoso. Ergueu-se, contudo, logo depois, iluminado, exclamando:

—A fé no Salvador dá-me coragem e dissipa todos os meus temores (19) !

Não podia, porém, continuar sõzinho. Tôda a sua pessoa estava voltada para Zwinglio. "Fui eu que tomei o banho em Baden; agora é Zwinglio quem devia começar a dançado-urso, em Berna (20) " — escreveu Oecolampadius a Haller. E êste, por sua vez, escreveu a Zwinglio: "Estamos entre o malho e a bigorna: numa situação difícil, sem saber como agir (21). As casas de De Watteville, Noll, Tremp e Bertoldo estão franqueadas a vós. Vinde, pois, comandar pessoalmente a batalha".

Zwinglio não hesitou. Pediu a permissão do Conselho de Zurique para visitar Berna, a fim de mostrar ali que o seu ensino era cheio do temor de Deus, e não blasfemo; pô-deroso para- disseminar a concórdia pela Suíça, e não para motivar tormentos e dissensão (22). No mesmo instante em que Haller recebia a notícia da vinda de Zwinglio, Oecolam-padius escrevia-lhe: "Se fôr .necessário, estou pronto para sacrificar a minha vida. Iniciemos o ano nôvo abraçando-nos um ao outro, para a glória de Jesus Cristo". Outros dou-tôres escreveram-lhe com o mesmo propósito.

—Eis os auxiliares que o Senhor envia para a minha fraqueza, para ajudar-me a sustentar o duro combate! —exclamou Haller, emocionado.

Era preciso agir com cuidado, pois a violência dos oli-garcas e dos Cinco Cantões era bem conhecida (23). Os dou.tôres de Glaris, Schaftliausen, São Gall, Constança, Ulm, Lindau e Ausburgo reuniram-se em Zurique, a fim de seguir viagem sob a mesma escolta que Zwínglio, Pellican, Coilin, Megander, Grossman, o comandante Schmidt, Bullinger e grande número da clerezia rural, pessoas escolhidas para acompanhar o reformador.

—Quando todos esses animais de caça cruzarem o país .disseram os assalariactos dos papistas — iremos ca-çar e veremos se não podemos abater alguns dêles, ou, pelo menos, apanhá-los e metê-los numa jaula.

Trezentos homens, escolhidos entre as companhias de Zurique e entre as freguesias .dentro dos seus limites,- vestiram. a couraça e puserem. o arcabuz no ombro. Mas, a fim de não dar -à viagem dos doutôres uma aparência de expedição militar, não carregaram .as bandeiras, o pífaro, o tambor. 0 trombeteiro da cidade, um funcionário civil, cavalgou, sózinho, à frente da companhia.

Partiram no dia 2 de janeiro, terça-feira. E nunca Zwinglio se mostrara mais animado.

—Dou glória a Deusexclamou —, minha coragem aumenta dia a dia (24) !

O burgomestre Roust, o secretário Municipal de Man-goldt, juntamente com Fimck e Jaeckli, ambos licenciados em letras — todos os quatro enviados em delegação pelo conselho —, cavalgaram perto do reformador. Chegaram a Berna no dia 4 de janeiro, tendo tido apenas um ou dois sobressaltos de pouca monta.

A igreja dos franciscanos devia servir de local para a conferência. Tillmann, o arquiteto da cidade, tomara provi-dência de acôrdo com um traçado fornecido por Zwinglio (25). Um estrado amplo fôra construido e, sôbre êle, achavam-se duas mesas, ao redor das quais tomaram assento os paladinos dos dois partidos. Do lado evangélico, notavam-se, além de Haller, Zwinglio e Oecolampadius, muitos homens ilustres, pertencentes à Igreja Reformada, desconhecidos da Suíça, tais como, Bucer, Capito e Ambrósia Blarer. Do lado do papado, o Dr. Treger, de Friburgo, que gozava

de grande reputação e que viera paira sustentar o fogo do combate. De resto, fôsse por mêdo ou por desdém, os doutôres romanistas mais famosos estavam ausentes.

O primeiro trabalho foi tornar públicos os regulamentos da conferência. "Não se apresentará nenhum testemunho que não seja tirado das Sagradas Escrituras e não se dará nenhuma interpretação das Escrituras que não proceda delas próprias, explicando-se os textos obscuros por aquêles que forem claros". Depois disso, um dos secretários, levantando-se para proceder à chamada dos nomes dos convidados, ,disSe, com voz forte, que ecoou pelo recinto da igreja:

— O Bispo de Constança!

Ninguém respondeu. O secretário agiu da mesma forma com relação aos nomes dos bispos de Sião, Basiléia e Lausana. Nenhum dos ditos prelados se achava presente à conferência, fôsse em pessoa fôsse por intermédio de representante. Estando destinada a prevalecer cinicamente a Palavra de Deus, o sistema hierárquico não comparecia. Essas duas fôrças não podem andar juntas. Achavam-se, então, presentes cêrca de trezentos e cinqüenta eclesiásticos suíços e alemães.

No dia 7 de janeiro, têrça-feira, o burgomestre Vadian, de São Gall, um dos presidentes, declarou aberta a disputa. Em seguida, o velho Kolb, levantando-se, disse:

— Deus agita, nesta hora, o mundo inteiro. Humilhe-mo-nos, portanto, ante o Senhor — e orou fervorosamente, fazendo uma confissão dos pecados.

Finda a confissão, leu-se a primeira tese. Dizia ela: "A santa Igreja Cristã, da qual Cristo é a única cabeça, é nascida da Palavra dé Deus, nela subsiste e não ouve a voz de um estranho."

ALEIXO GRAT, monge dominicano: — A palavra única não se encontra na Bíblia. Cristo deixou um vigário aqui na terra.

H ALLER:O vigário que Cristo deixou é o Espí-rito Santo.

TRAGER:Vêde, então, a que situação as coisas

chegaram nestes últimos dez anos. Êste homem chama a si mesmo luterano; aquêle, zwingliano; um terceiro, carlstadiano: um quarto, oecolampadista; um quinto, anabatista.

BUCER: — Quem quer que pregue a Jesus coma o único Salvador, nós reconhecemos COMO nosso irmão. Nem Lutero, Zwinglio, nem Oecolampadius deseja que os fiéis tenham o seu nome. Além disso, não deveis jactar-vos de uma unidade externa. Quando anticristo levou a melhor sôbre o mundo todo, no oriente, através de Maomé, e, no ocidente, através do papa, estava apto para manter o povo na unidade do érro. Deus permite as divisões, a fim de que aquêles que Lhe

pertencem aprendam a confiar não no homem, mas no testemunho da Palavra, bem como na certeza do Espírito Santo em seus corações. Assim, pois, caros irmãos, confiai nas Escrituras, confiai nas Escrituras (26) ! Igreja de Berna, firmai-vos nos ensinos Daquele que disse Vinde a Mim, e não rVinde ao Meu Vigário!

Em seguida, a disputa girou, sucessivamente, em tôrno da tradição, dos méritos de Cristo, da transubstanciação, da missa, da oração aos santos, do purgatório, das imagens, do celibato e das irregularidades do clero. Roma teve numerosos defensores e, entre outros, Murer, clérigo de Rapperswyl, que dissera:

— Se se desejar queimar vivos os dois ministros de Berna, eu me encarregarei de levá-los ao poste.

A 19 de janeiro, domingo, dia em que se atacou a doutrina da missa, Zwinglio, desejoso de influenciar também povo, ocupou o púlpito e, recitando o Credo dos Apóstolos, interrompeu-se após estas palavras: ". . subiu ao céu, está sentado à mão direita de Deus Pai Todo-Poderoso, donde há-de vir a julgar os vivos e os mortos".

-Ësses três artigos — disse — estão em contradição com a missa.

Todos os ouvintes redobraram a atenção. Um padre, de veste litúrgica, que se preparava para celebrar santo sacrifício numa das capelas laterais do templo, estacou, assombrado com as palavras de Zwinglio. Em pé, diante do altar consagrado, sôbre o qual descansavam o cálice e o corpo do Salvador, com os olhos cravados em Zwinglio, cujas palavras arrebatavam o povo, prêsa dos conflitos morais mais violentos e abatido pelo pêso da verdade, padre, agitado, resolveu renunciar a tudo, por causa dela. Na presença de tôda a assembléia, despojou-se o padre do seu paramento e, atirando-o sôbre o altar, bradou:

—A não ser que a missa repouse num fundamento mais sólido, não posso celebrá-la mais!

O rumar de tal conversão, efetuada bem ao pé do altar, imediatamente se espalhou pela cidade (27), sendo encara-da como importante presságio. Em prevalecendo a missa, Roma tudo tem obtido; em caindo a missa, Roma tudo tem perdido. A missa é o ptincípio criador de todo o sistema do papismo.

Três dias depois, 22 de janeiro, fOi a festa de São Vicente, o padroeiro da cidade. A disputa, que continuara no domingo, foi suspensa nesse dia. Os cônegos perguntaram ao conselho o que deviam fazer.

—Os de vós que aceitam a doutrina das teses — respondeu-lhes o conselho — não devem celebrar a missa. Os demais podem realizar o culto religioso, como de costume (28) .

Fizeram-se, portanto, todos os preparativos para a sole-nidade. Na véspera do dia de São Vicente, os sinos de todos os campanários anunciaram a festa aos habitantes de Berna. No dia seguinte, os sacristãos acenderam as velas. ó templo encheu-se de incenso. Porém ninguém compareceu. Nenhum padre para celebrar a missa, nenhum fiel para assistir a ela! Houve, mesmo, um váculo enorme no santuário de Roma, um silêncio profundo, como que cai sôbre o campo de batalha, onde há senão mortos estendidos pelo chão.

Às primeiras horas da noite, era costume os cônegós cantarem as vésperas com grande pompa. O organista acha-va-se em seu pôsto, mas ninguém mais pareceu. O pobre homem deixou-se ficar, então, sóziniho e, contemplando, com tristeza, a queda daquele culto com que ganhava a vida, deu expressão à sua mágoa, tocando um canto fúnebre, em vez do majestoso Magnificai: "Ah! Miserável Judas, que fizeste, que traíste, dessa maneirt, o Nosso Senhor?" Após o triste adeus, o organista levantou-se e partiu dali. Quase que imediatamente alguns homens, exaltados pela agitação do momento, caíram sôbre o seu querido órgão — cúmplice, na opinião dêles, de tantos ritos supersticiosos —, e mãos violentas fizeram-no em pedaços. Não haverá mais missa, não haverá mais órgão, não haverá mais cântico. Uma nova Ceia e novos hinos substituirão os ritos do papismo!

No dia seguinte, houve o mesmo silêncio. Contudo, súbi-tamente se ouviu um bando de homens falando em voz alta e caminhando com passo apressado. Era a Corporação dos Açougueiros que, em semelhante conjuntura tão fatal para Roma, desejava defendê-la. Os homens avançavam, levando consigo pinheirinhos e ramos verdes, para ornamentar a sua capela. No meio dêles, seguia um padre estrangeiro, atrás do qual caminhavam uns pobres estudantes. Afinal, o padre

O conselho não teria chegado a uma decisão como essa, antes do término das discussões. Outros historiadores e documentos oficiais não deixam dúvida sôbre êste ponto. Stettler, em sua "Crónica", pars. 6, ano de 1528, narra minuciosamente essas medidas, conforme se acham no texto celebrou o ofício religioso; a voz harmônica dos estudantes fêz as vêzes do órgão emudecido; e os açougueiros retiraram-se, orgulhosos de sua vitória.

A disputa tendai para o fim: os combates já haviam desferido golpes poderosos. Burgauer, pastor de São Gall, tinha defendido a presença real de Cristo na hóstia, porém, a 19 de janeiro, declarou-se persuadido pelos argumentos de Zwinglio, Oecolampadius e Bucer. Matias, ministro de Saengen, havai feito o mesmo.

Realizou-se, depois, uma conferência, em Latim, entre Farel e certo doutor de Paris. Dito doutor apresentou um argumnto stranho. Falou:

— Ordena-se aos cristãos que obedeçam ao diabo (29), porque está escrito: - Concilia-te com o teu adversário (Mat. 5:25). Ora, o nosso adversário é o diabo. Quanto ao mais, não devemos, então, submeter-nos à Igreja!

Explosões estrondosas de gargalhadas acolheram êsse silogismo extraordinário.

Por fim, a conferência terminou com uma discussão com os anabatistas.

Os dois conselhos decretaram que se abolisse a missa e que cada qual poderia retirar das igrejas os ornamentos que nela tinha colocado.

Sem demora, foram destruídos, na catedral, vinte e cinco altares e grande número de imagens, mas sem desordem nem derramamento de sangue. E as crianças puseram-se a cantar nas ruas (segundo nos informa Lutero) 30) :

Pela Palavra somos salvos, afinal, De um deus triturado num gral.

Os corações dos adeptos do papado encheram-se de amargura, ao receber a notícia de que os objetos que adoravam caíram um apôs outro.

— Se alguém tirar o altar da Corporação dos Açou-gueiros — disse João Schneider —, eu lhe tirarei a vida.

Pedro Thorman comparou a catedral despojada dos seus ornamentos a um estábulo.

—Quando a boa gente do Oberland vier mercadejar —acrescentou —. ficará contente em recolher o seu gado dentro dela.

E João Zehender, membro do Conselho Maior, para mostrar o pouco valor que dava a tal templo, nêle entrou montado num asnô, insultando e amaldiçoando a Reforma. Tendo-lhe dito certo bernés, que ali se encontrava por acaso, que "era em virtude da vontade de Deus que aquelas imagens haviam sido derrubadas", Zehender respondeu:

—Dizei, antes, em virtude da vontade do diabo. Quando estivestes vós bom Deus, para conhecerdes a Sua vontade?

Zehender foi multado em vinte libras e expulso do conselho (31) .

—O tempos, O costumes! — exclamaram muitos ro-manistas.negligência censurável! Quão fácil teria sido evitar tamanha desgraça! Ah! Se os nossos bispos tão-só-mente se ocupassem mais do estudo e um pouco menos de suas amantes (32) !

Semelhante Reforma era necessária. Quando o Cristianismo, no século IV, viu o favor dos príncipes suceder à perseguição, uma infinidade de pagãos, passando precipitadamente para a Igreja, trouxera consigo as suas imagens, pompas, estátuas. Os semideuses do paganismo, e algo assim como os mistérios da Grécia, da Ásia e,

sobretudo, do Egito, haviam banido das congregações cristãs a Palavra pregada por Jesus Cristo. Restabelecida essa Palavra no século XVI, necessàriamente haveria de ocorrer uma purificação na Igreja. Dita purificação, porém, não pôde ser levada a cabo sem graves cismas.

A partida dos convidados que vieram de fora estava próxima. A 19 de janeiro, o dia depois daquele em que as imagens e os altares haviam sido derrubados, enquanto os seus fragmentos amontoados ainda atravancavam os pórticos e as naves laterais da catedral, Zwinglio, atravessando tais ruínas expressivas, mais uma vez subiu ao púlpito, em meio a uma multidão enorme. Grandemente emocionado e dirigindo o olhar, alternativamente, para semelhantes fragmentos e para o povo, expressou-se:

"A vitória manifestoti-se a favor da verdade, mas só a perseverança pode completar o triunfo. Cristo perseverou, mesmo, até a morte. Ferendo vincitur fortuna. Cornélio Cipião, após o revés de Cana, tendo sido informado de que os generais que sobrévivram ao massacre planejavam deixar a Itália, entrou no edifício do senado, embora não tivesse ainda idade senatorial, e, puxando da espada, constrangeu os chefes amedrontados a jurar que não abandonariam Roma. Cidadãos de Berna! Faço-vos o mesmo pedido: não abandoneis Jesus Cristo!"

Fácilmente podemos imaginar o efeito que essas palavras produziram sôbre o povo, pronunciadas com a eloqüência vigorosa de Zwinglio.

Voltando-se, então, para os fragmentos que se achavam perto dêle, reformador continuou:

"Contemplai, contemplai semelhantes ídolos! Contemplai-os vencidos, mudos, espedaçados diante de nós! Tais corpos devem ser arrastados para o lugar de extinção, e o ouro que desperdiçastes nessas imagens ridículas deve, doravante, ser destinado ao confôrto das imagens vivas de Deus, em sua miséria. ó frágeis almas! Vós verteis lágrimas ante os ídolos deploráveis! Não védes que êles se partem, não ouvis que se quebram como qualquer ontra madeira, ou como qualquer outra pedra? Olhai! Eis um dêles sem a cabeça."

Zwinglio apontou o dedo para a imagem. Todos os presentes fixaram os olhos nela. Aqui está um outro de braços mutilados (33). Se o mau tratamento tivesse causado algum dano aos santos, que estão no céu, e se os ídolos tivessem o poder que se lhes atribuí, teríamos podido — dizei-mo — suprimir-lhes as cabeças e os braços?

E, concluindo, falou o orador, convincente:

"Ora, pois, permanecei firmes na liberdade com que Cristo vos libertou e não torneis a meter-vos de-baixo do jugo da escravidão (Gál. 5:1). Não temais! O Deus

que vos iluminou, iluminará também os vossos confederados, e a Suíça, regenerada pelo Espírito Santo, florescerá com paz e justiça."

As palavras de Zwinglio não foram esquecidas. A misericórdia de Deus féz surgir a dos homens. Certas pessoas condenadas à morte por sedição foram perdoadas, e todos os exilados foram chamados de volta ao país.

— Se assim não tivéssemos agido — proferiu o conse-lho —, ter-nos-ia visitado um grande príncipe? E assim não devemos agir, muito mais agora que o Rei dos reis, o Redentor de nossas almas, veio estar conosco, trazendo uma anistia eterna (34) ?

Os cantões papistas, exasperados com o resultado da disputa, tentaram molestar o regresso dos doutôres. Os ditos, ao chegar a Bremgarten, encontraram as portas fechadas. O bailio Schutz, que os tinha escoltado com duzentos- homens de armas, pôs dois alabardeiros à frente do cavalo montado por Zwinglio, dois atrás e um de cada lado. Em seguida, colocando-se à esquerda do reformador, ao mesmo tempo que o burgomestre se postava à direita, o bailio ordenou à escolta que prosseguisse, lança em riste (35). Os "avoyers" da cidade, intimidados, vieram parlamentar. As portas foram abertas. A -escolta atravessou a cidade, em meio a uma multidão enorme, e, a 19 de fevereiro, chegava a Zurique, sem acidentes, onde Zwinglio — conta Lutero — reentrou como conquistador (36) .

O partido católico-romano. não dissimulou o revés que sofrera.

— Nossa causa está ruindo — disseram os amigos de Roma (37). — Ah, se tivéssemos contado com homens ver- sados na Bíblia! A impetuosidade de Zwinglio encorajou os nossos adversários. Seu ardor nunca diminuiu. Esse bruto possui mais conhecimentos do que se supunha (38). Ai de nós, o partido maior venceu o melhor (39) !

O Conselho de Berna, desejoso de separar-se do papa, confiava no povo. No dia 30 de janeiro, os mensageiros, indo de casa em casa, convocaram os cidadãos para uma reunião.

A 2 de fevereiro, os burgueses e os cidadãos, os patrões e os criados, reuniram-se na catedral e, não formando senão. uma só família, juraram, de mãos erguidas, defender os dois conselhos em tudo quanto êstes empreendessem para o bem do Estado ou da Igreja.

Em data de 7 de fevereiro de 1528, o conselho publicou uma proclamação geral sôbre a Reforma e "tirou, para sempre, do pescoço dos berneses, o jugo dos quatro bispos que — dizia-se —, sabiam muito bem tosquiar as suas ovelhas, mas não sabiam alimentá-las (40) ".

Ao mesmo tempo, as doutrinas da Reforma dissemina-vam-se entre o povo. Em tôda parte, podiam ouvir-se os diálogos vivos e apaixonantes, escritos em verso por

Manuel, nos quais a missa, pálida e moribunda, estendida em seu leito de morte, clamava, em voz alta, por todos os seus médicos; verificando serem inúteis os conselhos dêstes, a missa dita, finalmente, com voz débil, o seu testamento e a sua última vontade. E o povo acolhia tais diálogos com gargalhadas estrondosas.

A Reforma em geral, e a de Berna em particular, tem sido acusada de efetuar-se por motivos políticos. Mas, ao contrário, Berna, que, de todos os Estados helvécios, era o grande favorito da côrte de Roma, que não tinha, em seu cantão, nem um bispo para mandar embora, nem um clero poderoso para humilhar — Berna, cujas famílias mais in-fluentes (os Weingartens, os Manuéis, os Mays) se sentiam relutantes em sacrificar a paga e o serviço do estrangeiro, bem como todos aquêles cujas tradições eram conservadoras — devia ter-se oposto ao movimento. A Palavra de Deus, no entanto, foi o poder que superou semelhante, tendência politica (41) .

Em Berna, como alhures, não foi o espírito erudito, um espírito democrático nem um espírito sectário que deu origem à Reforma. Sem dúvida alguma, os literatos, os liberais e os entusiastas do sectarismo lançaram-se na grande peleja do século XVI. Contudo, a duração da Reforma não teria sido longa se houvessé recebido a sua vida dos ditos homens. A fôrça primitiva do Cristianismo, renascida após séculos de prostação longa e completa, foi o princípio criador dêsse mo-vimento. E logo se viu a Reforma separar-se decididamente dos falsos aliados que se haviam apresentado; rejeitar a cultura céptica, mediante a exaltação do estudo dos clássicos; reprimir tôda anarquia demagógica, através da defesa dos princípios da verdadeira liberdade; e repudiar as seitas entu-siásticas, tornando *sagrados os direitos da Palavra de Deus e do povo cristão.

Não obstante, embora afirmemos què, em Berna, como alhures, a Reforma foi uma obra verdadeiramente cristã, es-tamos longe de dizer que ela não foi útil ao cantão, no sentido político. Todos os governos europeus que abraçaram a Reforma têm sido exaltados, ao passo que aquêles que a combateram têm sido humilhados.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Deut. 32;14.

(2) Hundeshagen, Conflikte der Bernisehen Kirche, pág. 19.

(3) Quum nudus-tertius Murneri Calendariurn legissem, partim ri-dendo hominis stultissimam impudentiam, Oecolarrip. a Zwinglio, fevereiro de 1527. Epp., Ti, 26.

(4) Mullinen e Senatória dignitate protusus est. Lapides quoqueHaller a Zwinglio, 25 de abrilde 1527.

(5) Aculeos ac hamos, sic in mortalium pectora dimitte, ut etiam sj velint, non possint. Zw. Epp, 11, 10.

(6) Ne plebem dehortentur ab auditione concionum nostrarum ob idolorum praesentiarn. Zw. Epp., 11, 49.

(7) Consideravimus omnes periculum urbis nostrae et totius Christia-nismi ubi illae furiae irrepserint. Ibid., 50.

(8) Nostrum est, omnia gladio spiritus refellere. Zw. Epp., II, 50.

(9) ibid

(10) Incolas vallis Emmenthal Senatum adiisse; missam que missam fecisse. Zw. Epp., II, 104.

(11) Pueros, hereticos, et homines laseivbs. Ibid., 106.

(12) Haller .a Zwínglio, 4 de novembro de 152,7. Epp., II, 105.

(13) J. J. Hdttinger, H. Kirchen, VIII, 394.

(14) Solam sacram Scripturam, absque veterum glassematis. Haller a Zwinglio, 19 de novembro de 1527. Epp., II, 113.

(15) Os habitantes dos primitivos cantões democráticos, ScliwYtz, Uri, Underwald e Lucerna, aos quais se pode acrescentar Zug

(16) João Goch, Dialogus de quatuor erroribus, pág. 237.

(17) Epistolam leprosi, damnati, haeretici Zwinglii accepi. Eck a G. A. Zell. Zw. Epp. II, 126.

(18) Judex controversarium — X João 4:1; I Tes. 5:21.

(19) Fides in Dominum me animat, ut nihii verear. Zw. Epp., 123.

(20) Alusão à disputa havida em Baden, célebre balneário, e às in-sígnias do brasão de Berna. Ibid., 118.

(21) Lupum auribus tenemus. Zurique MS.

(22) Neque ad perturbationem nostrae almae Helvetiae. Zw. Epp., 11, 120.

(23) Oligarchae in angulis obinurrnuren[. Zw.Epp., 11, 123.

(24) Crescit Domino gloria, mihi animus in hac pugna. Zw. Epp. Vadiano.

(25) ibid

(26) ibid

(27) Das lachet menklich und ward durch die gantzen Stadt kundt. Builinger, I, 436. Nesta e nas demais citações, mantemos a or-tografia da época.

(28) Bullinger, ao contrário, diz que o conselho, sem dúvida, proibiu a missa Mas Bullinger é escritor muito vigoroso e nem sempre é fiel em assuntos diplomáticos.

(29) Nos tenemur obedire diabolo. J. J. Hottinger, III, 405.

(30) Pueri in plateis cantant: se esse a Deo pisto liberatos.EPP.

31) History of Berne, Tillier, 111. 257.

(32) Si studiorum quam scortorum nostri episcopi amantiores essent.

(33) Ruchat, 1, 576. Carta de J. de Munster, padre de Soleure.

(34) Da der Keinig alterHaller, por Kirchhofer. pág. 439.

(35) Mit iren Spyessen für den hauffen. Bull. Chr., 1.

(36) Zwingel triumphator et imperator gloriosus. L. , III, 290.

(37) Ruunt res nostrae. Carta do padre J. de Muller, testemunha ocular da disputa. Ruchat. I. 575.

(38) Doctior tamen haec bellua est quam putabam. Ruchat, 1, 575.

(39) Vicitque pars major meliorem. Ibid.

(40) Bull. Chron., I, 466.

(41) Hundeshagen, Conflikte der Bernischen Kirche, pág. 22.

CAPITULO III

A Reforma Aceita Pelo Povo — Fé, Pureza Ecaridade — Primeira Comunhão Evan-gélica — Proposição De Berna À Dieta — A Gruta E A Cabeça De Beato — Tempes-tade Ameaçadora Da Parte Das Montanhas — Revolta — Confusão. Em Berna — Unterwalden Cruza O Brunig — Firmeza De Berna — Vitória — Vantagens Politicas.

Em caso tornava-se, agora, uma questão de propagar, por todo o cantão,, a Reforma efetuada na cidade de Berna. A 17 de fevereiro, o conselho convidou as freguesias rurais para uma reunião no domingo seguinte, afim de receberem um comunicado e deliberarem sôbre êle. A Igreja inteira, de acôrdo com o costume antigo da Cristandade, estava prestes a resolver, por si mesma, sôbre os seus interêsses mais altos.

Grande número de indivíduos afluiu às reuniões. Pessoas de tôdas as camadas achavam-se presentes. Ao lado do velho de cabeça trêmula e grisalha, podia encontrar-se o jovem guardador de rebanhos, de olhos vivos.

Primeiramente, os mensageiros do conselho leram o édito da Reforma. Em seguida, declararam que aquêles que concordavam com o édito deveriam ficar e os que o rejeitavam deveriam retirar-se.

Quase todos. os paroquianos de tal reunião permaneceram em seus lugares. Uma imensa maioria do povo preferiu a Bíblia. Em algumas freguesias, semelhante decisão foi acompanhada de vivas manifestações. Em Arberg, Zofingen, Brugg, Arau e Buren, queimaram-se as imagens. Disseram: "Em Stauffberg, viam-se ídolos carregando ídolos e atirando-se, um ao outro, às chamas (1) ".

As imagens e a missa haviam desaparecido dêsse vasto cantão. "Um grande pranto fêz-se ouvir por tôda parte", es-creve Bullinger (2). Em um só dia, Roma caíra por todo o país, sem traição, violência nem engôdo — caíra tinicamente pela fôrça da verdade. Em alguns lugares, contudo — no em Frutigen, Unterseen e Grindewald —, ouviam-se dizer os descontentes:

— Se abolirem. a missa, deverão abolir também os dízimos

E a forma do culto católico-romano foi mantida no Altó Simental, como prova de que não havia coação da parte do Estado.

Manifestados, assim, os desejos do cantão, Berna completou a Reforma. Todos os desregramentos, na forma de jogos de azar, bebidas e danças, bem como todo traje indecoroso, foram proibidos por decreto. As casas de má fama foram arrasadas e as suas moradoras ignóbeis foram expulsas da cidade (3). E nomeou-se um consistório para zelar pela moral pública.

Sete dias após a promulgação do édito, os indigentes foram recolhidos ao claustro dominicano, e, pouco depois o convento da Ilha transformou-se em hospital. O principesco mosteiro de Kënigsfield também foi destinado à mesma fina-idade útil. Em tôda parte, a caridade seguia os passos da fé. Disseram os conselhos:

—Mostraremos que não nos utilizamos da propriedade dos conventos em nosso próprio benefício.

E cumpriram a palavra. Os pobres foram vestidos com as vestes sacerdotais, e os órfãos, cobertos com os ornamentos da igreja. Tão rigorosos se mostraram os conselhos na distribuição dos ditos vestuários, que o Estado se viu constrangido a obter dinheiro emprestado para pagar as anuidades dos monges e das freiras. Durante oito dias, não houve uma só coroa no tesouro público (4) ! E foi assim que o Estado suíço, conforme se tem observado freqüentemente, enriqueceu com os despojos da Igreja! Ao mesmo tempo, os conselhos convidaram os ministros Hofmeister, Megander e Rhellican, de Zurique, para difundirem, por todo o cantão, oconhecimento das letras clássicas e das Sagradas Escrituras. Na Páscoa, a Santa Ceia foi celebrada, pela primeira vez, de acôrdo com os ritos evangélicos. Os dois conselhos etodo o povo, com poucas exceções, tomaram parte nela. Os que não conheciam a doutrina da Reforma ficaram im-pressionados com a solenidade dessa primeira santa comu-nhão. Em trajes decentes, que lembravam a antiga simplicidade suíça, os cidadãos de Berna e as suas espôsas aproxiMaram-se da mesa da Santa Ceia, com gravidade e fervor (5) ; e os dignitários do govêrno, com a mesma devoção piedosa que o povo demonstrava, solenemente receberam o pão das mãos de Bertoldo Haller. Cada qual sentiu que o Senhor

Se achava entre éles. Tanto assim que Hofmeister, encantado com aquêle serviço solene, exclamou:

—Afinal, como podem os adversários da Palavra recusar-se a abraçar a verdade, visto que o próprio Deus nos dá um testemunho tão admirável dela (6) !

Todavia, nem tudo se achava mudado. Os amigos do evangelho viam, com pesar, os descendentes das famílias mais ilustres da república pavonear-se nas ruas com trajes ricos, residir em casas suntuosas na cidade, viver em magnificas mansões campestres, verdadeiras habitações senhoris. Viam-nos, ainda, perseguir caça, com cães e buzina, bem como sentar-se à mesa em banquetes luxuosos, conversando em linguagem licenciosa, ou falando, com entusiasmo, das guerras estrangeiras e do partido francês.

— Ah, se, ao menos, víssemos a velha Suíça renascer com as suas virtudes antigas! — suspiravam as pessoas piedosas.

Houve, logo, uma reação poderosa. Estando a renova-ção anual da magistratura prestes a realizar-se, o conselheiro Butschelbach, violento adversário do evangelho,

foi expulso do govérno, por motivo de adultério. Do mesmo modo, quatro outros senadores e vinte membros do Conselho Maior foram substituídos por simpatizantes da Reforma religiosa e da moralidade pública. Encorajados por tal vitória, os evangélicos de Berna propuseram, na dieta, que todos os suíços deixassem de prestar serviços militares no estrangeiro. Ante semelhantes palavras, os guerreiros de Lucerna estremeceram debaixo de suas pesadas armaduras e responderam, com um sorriso desdenhoso:

— Quando tiverdes voltado à fé antiga, daremos ouvi-dos às vossas horafflas.

Mas todos os membros do govêrno, reunidos em Berna, num conselho autónomo, resolveram dar o exemplo e renunciaram solenemente ao sôldo de príncipes estrangeiros. Dessa maneira, a Reforma mostrou a sua fé pelas suas obras.

Deu-se, porém, outra disputa. Acima do lago de Tune, ergue-se uma cadeia de rochas íngremes, entre as quais se acha situada uma. profunda caverna, onde, a darmos crédito £ tradição. Beato, o bretão piedoso, foi, em tempos remotos, devotar-se a tôdas as austeridades de uma vida ascética, mas, especialmente, à conversão do distrito vizinho, que conservava ainda o paganismo. Afirmava-se que a cabeça do santo, que morrera na ,Gália, se achava preservada na dita gruta. Por isso, dirigiam-se para ali romeiros vindos de tôdas as partes. Os cidadãos piedosos de Zug, Schwytz, Uri e Argóvia lamentavam-se, porque acreditavam que a cabeça sagrada do apóstolo da Suíça iria permanecer, doravante, numa terra de hereges.

Como outrora partiram os argonautas à conquista do tosão de ouro, assim o prior do célebre mosteiro de Muri, na Argóvia, e alguns de seus amigos puseram-se a caminho. Disfarçados humildemente em pobres romeiros, chegaram à gruta e entraram nela. Um dêles, com jeito, subtraiu a cabeça, outro a escondeu no capuz, e sumiram-se. A cabeça de um defunto! Isso foi tudo o que Roma salvou do seu naufrágio! Mas mesmo tal conquista foi muitíssimo incerta. Os berneses, que haviam obtido informações sôbre a procissão feita com uma parte de corpo humano, enviaram ao local, a 18 de maio, para sindicância, três delegados, os quais, consoante o relatório que apresentaram, descobriram a cabeça famosa, fazendo-a enterrar, decentemente, no cemitério do convento de Interlaken, na sua presença. Semelhante disputa acêrca de uma caveira humana caracteriza a Igreja que, em Berna, acabara de sucumbir ante o sôprc vivificador do evangelho. Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos

A Reforma triunfara em Berna. Nas montanhas, porém, estava-se acumulando, despercebida, uma tempestade que ameaçava destruir dito movimento. O Estado, aliado à Igreja, recordava a sua antiga reputação. E, vendo-se atacado pelas armas, nelas pegou, por sua vez, agindo com aquela firmeza que, outrora, salvara Roma em perigos semelhantes.

Entre os habitantes dos vales e das montanhas, fermentava um descontentamento íntimo. Alguns dos homens achavam-sé ainda presos à fé antiaa. Outros só haviam abandonado a doutrina da missa por julgar que ficariam isentos do pagamento de dízimos. Laços antigos de vizinhança, uma origem comum e a similaridade de costumes haviam unido os habitantes do meio-cantão Obwald (Unterwalden) aos do Hasli e do Oberland bernês, que eram separados apenas pelo monte Brunig e pelo desfiladeiro elevado do Jugo. Demais, circulara o rumor de que o govêrno de Berna havia profanado o lugar onde os preciosos restos mortais de Beato, o apóstolo daquelas montanhas, se achavam preservados. E a indignação tomou conta daquele povo pastoril, que se apegava, com mais firmeza do que os outros, aos costumes e às superstições dos seus antepassados.

Todavia, enquanto algumas pessoas se achavam excitadas por causa da fidelidade para com Roma, outras levantaram-se, movidas pelo desejo de liberdade. Os fâmulos do mosteiro de Interiaken, oprimidos pelo regime monacal, puseram-se a bradar:

Queremos tornar-nos nossos próprios senhores e não mais desejamos pagar renda nem dízimos!

O prepósito do mosteiro, temeroso, cedeu todos os seus direitos a Berna, pela quantia de cem mil florins (7), e um bailio, acompanhado de vários conselheiros, foi tomar posse do claustro. Então, logo se espalhou o rumor de que se estava prestes a transferir para Berna tôda a propriedade do mosteiro. Assim, a 21 de abril, bandos de homens, vindos de Grindelwald, Lauterbrunnen, Ringelberg, Brienz e de outros lugares, cruzaram o lago, ou brotaram de seus altos vales, e, apossando-se, à fôrça, de tal claustro, juraram, mesmo, que iriam até Berna, em busca dos bens que os cidadãos tinham tido a ousadia de tomar-lhes.

Os habitantes dos vales e das montanhas aquietaram-se por algum tempo. Entretanto, em princípios de junho, o povo, instigado pelo cantão de Unterwalden, sublevou-se de nôvo, em todo o Hasli. Convocada a Landsgemeinde (8), esta decidiu-se, por uma maioria de quarenta votos, pelo restabelecimento da missa. O pastor Jaeckli foi, imediatamente, expulso da região. Um pequeno número de homens transpôs o Brunig e, de volta de Unterwalden, trouxe alguns padres, ao som de pífaros e trombetas.

De longe, ditos homens foram vistos a descer o monte, e ecoaram até êles, vindas do fundo do vale, aclamações não só ruidosas, mas, também, prolongadas. Finalmente chegaram: entre todos êles houve troca de abraços; e os habitantes fizeram celebrar a missa de nôvo, com grandes manifestações de alegria. ,Ao mesmo tempo, a população de Frutigen e do vale fértil de Adelboden atacou o castelão Reuter, deu cabo das congregações evangélicas de sua áre a e pôs um padre católico-romano no lugar delas. Em Aeschi, até mesmo as mulheres pegaram em armas,

expulsaram o ministro do templo, para o qual trouxeram de volta as imagens, em triunfo. A rebelião alastrou-se de aldeola em aldeola, de vale em vale, e, mais uma vez, tomou conta de Interlaken. Todos- os revoltosos reuniram-se ali a 22 de outubro e juraram, de mão erguida, defender corajosamente os seus direitos e a sua liberdade.

A república corria grande perigo. Todos os reis da Eu-ropa, e quase todos os cantões suíços, eram contrários à religião evangélica. Pelos cantões reformados, espalhava-se o ru-mor de um exército austríaco, destinado a intervir em favor do papa (9). Todos os dias realizavam-se reuniões de caráter sedicioso (10), e o povo recusava-se a pagar, aos magis-trados, fôro, serviço, dízimos, e recusava-se até mesmo a prestar-lhes obediência, a não ser que se mostrassem tolerantes para com os católicos-romanos. O Conselho ficou embaraçado. Estupefato e confuso, exposto à desconfiança de alguns e aos insultos de outros, o Conselho teve a covardia de ficar de lado, sob o pretexto da vindima, e, cruzando os braços diante de semelhante perigo de vulto, esperou (diz um reformador) até que um Messias descesse do céu para salvar a república (11) ". Os ministros mostraram-lhe a gravidade da situação, preveniram-no, apelaram para êle. O Conselho, contudo, fingiu-se de surdo. Disse Haller: "A doutrina de Cristo definha em Berna e parece quase sucumbir (12). A população de Berna estava agitada: reunia-se, fazia discurso, murmurava, vertia lágrimas!. . Por tôda parte — em tôdas as suas reuniões ruidosas — podia ouvir-se êste protesto de Manuel, contra os papistas e o papado (13) :

Dos nossos inimigos enfurecidos odiosas ameaças ouvimos, Porque Te amamos, ó Senhor, sôbre tóda coisa e criatura; Porque caem, ao ver-Te, as imagens de escultura;

E porque guerra e matança, horrorizados. repelimos.

Berna semelhava um mar agitado, e Haller, que ouvia o bramido das ondas, escreveu, cheio da angústia mais profunda: "A sabedoria abandonou os sábios, o juízo apar-tou-se dos membros do Conselho e a firmeza deixou os chefes e o povo. Todos os dias aumenta o número dos revoltosas. Ah! Dominado pelo sono, que pode o urso oferecer como resistência a tantos e tão robustos caçadores (14) ? Se Cristo nos abandonar, todos nós pereceremos".

Tais temores estavam prestes a tornar-se realidade. Os cantões de menor importância alegaram ter o direito de in-tervir nos assuntos da fé, sem violar o tratado federal. En-quanto seiscentos homens de Uri permaneciam preparados para partir, oitocentos outros de Unterwalden, ostentando um ramo de pinheiro no chapéu, símbolo da fé antiga, ca-beça altiva, olhares carrancudos e ameaçadores, transpuse-ram o Brunig, sob a bandeira primitiva do país, conduzida por Gaspar de Flue, neto muito indigno do grande Nicolau (15). Durante mais de um ano, foi essa a primeira violação da paz nacional.

Juntando-se, em Hasli, com os homens de Brienz, o pequeno exército cruzou o lago, passou sob as cascatas do Giesbach e checou a Unterseen — um exército de mil e tre-zentos homens, pronto para marchar contra Berna, a fim de restabelecer, na cidade rebelde, a doutrina do papa, das imagens e da missa. Na Suíça, como na Alemanha, a Refor-ma topou, em seu início, com uma guerra dos camponeses. E, ao primeiro triunfo, novos combatentes haveriam de vir lançar-se, através dos desfiladeiros do Brunig, sôbre a república infiel. O exército achava-se apenas seis léguas distante de Berna, e já os homens de Unterwalden brandiam arrogantemente as suas espadas, nas margens do lago de Tune.

Assim, as alianças federais foram espezinhadas por aquelas mesmas pessoas que aspiravam ao título de conser-vadoras. Berna tinha o direito de repelir a criminosa agres-são, mediante o emprêgo da fôrça. Sàbitamente, recordan-do-se de suas virtudes antigas, a cidade despertou-se e jurou que preferia ser destruída a tolerar a intervenção de Unterwalden, a restauração da missa e a violência colérica dos camponeses (16). Houve, em tal momento, no coração dos berneses, uma daquelas inspirações que vêm do alto e que salvam, ao mesmo tempo, nações e indivíduos.

— Que a fôrça da cidade de Berna — exclamou o "avoyer" dErlach — esteja -ànicamente em Deus e na lealdade de seu povo!

O Conselho inteiro e a totalidade dos cidadãos respon-deram-lhe com aclamações ruidosas. Pôr fim, surgiu, às pressas, a bandeira gloriosa. A população correu às armas. Reuniram-se as companhias. E as tropas republicanas saí-ram, em marcha, de Berna. tendo à frente o corajoso "avoyer".

Nem bern havia o govêrno bernês agido assim, ener-gicamente, já percebia aumentar a confiança dos seus par-tidários e diminuir a coragem dos seus inimigos. Deus nunca desampara um povo que é fiel a si mesmo. Muitos homens do Oberland ficaram intimidados e desertaram das fileiras revoltosas. Ao mesmo tempo, delegados de Basiléia e de Lucena fizeram ver a Unterwalden que êle estava menosprezando as alianças antigas. Os rebeldes, desencorajados pela firmeza da república, abandonaram Unterseen, retirando-se para o mosteiro de Interlaken. E, pouco depois, ao considerar a decisão dos seus adversários, afligidos, também, pelas chuvas frias que caíam sem cessar, e receando que a neve, cobrindo as montanhas, os impedisse de voltar para os seus lares, os homens de Unterwalden evacuaram Interlaken durante a noite. Os berneses, em número de cinco mil homens, entraram imediatamente na cidade e intimaram os habitantes do Hasli e do bailiado de Interlaken para uma reunião a realizar-se no dia 4 de novembro, na planície que circundava o mosteiro (17). Chegado o dia, o exército bernês pô-se em ordem de batalha: em seguida, formou um círculo, dentro do qual dErlach ordenou aos camponeses que entrassem. E mal o -avoyer havia disposto os rebeldes à esquerda e os cidadãos leais à direita, já os mosquetes e a artilharia deram uma descarga geral,

cujo estampido, ressoando entre as montanhas, encheu de terror os insurretos. Julgaram que fôsse a ordem para o extermínio dêles. O "avoyer", porém, pretendia apenas mostrar-lhes que estavam sob o domínio da república. E dErlach, que lhes dirigiu a palavra após o exórdio singular, ainda não havia terminado o seu discurso, quando todos êles caíram de joelhos e, reconhecendo o seu crime, imploraram perdão. A república estava satisfeita: findara a rebelião. As bandeiras regionais foram levadas para Berna, e as insígnias da águia, de Interlaken, e do cabrito montês, de Hasli, ficaram hasteadas, durante dalgum tempo. debaixo da do urso como troféu da vitória. Quatro dos cabeças da revolta fo-ram executados, e concedeu-se anistia aos demais rebeldes. Proferiu Zwinglio:

— Os berneses, como outrora Alexandre da Macedônia, cortaram o nó górdio, com coragem e gloriosamente(18) .

Assim pensava o reformador de Zurique. A experiên-cia, todavia, um dia haveria de ensinar-lhe que, para cortar tais nós, é preciso uma espada diferente da de Alexandre e da de dErlach. Fôsse como fôsse, a paz estava restabele-cida. E, nos. vales do Hasli, nenhum outro tumulto se ouvia senão a turbulência sublime produzida, ao longe, pelo Rei-chenbach e pelas torrentes vizinhas, ao lançar, dos topos das montanhas, as suas águas numerosas e espumantes.

Embora repudiemos, como representantes da Igreja, as espadas dos grupos helvéticos, seria insensatez não reconhecer as vantagens políticas de semelhante vitória. Os nobres haviam suposto que a Reforma da Igreja poria em perigo a própria existência do Estado. Tinham, agora, uma prova em contrário. Viam que, quando uma nação recebe o evangelho, a sua fôrça se duplica. A confiança ampla com que, na hora do perigo, haviam colocado alguns dos adversários da Reforma à testa dos negócios do Estado e do exército, produziu os resultados mais felizes. Ditos nobres achavam-se, agora, convencidos de que a Reforma não espezinharia as recordações antigas: os preconceitos foram removidos, o ódio foi aplacado, e, gradativamente, o evangelho arregimentou todos os corações em tôrno da Reforma.

Confirmou-se, então, o dito antigo e popular, tantas vêzes repetido pelos defensores e pelos inimigos daquela república poderosa: "Deus passou a ser cidadão de Berna",

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Da treght ein Giitz den andem in das fhiiwr. Bull. Chron. II, 1. Certo indivíduo, cuja ocupação consistia em tosquiar rebanhos, e que tinha sido alcunhado de Geitz-Scherer (tosquiador-ídolo), distinguira-se bastante entre aquêles que levaram as imagens ao fogo. Tal foi a origem de semelhante dito popular, e êsse fato é também a explicação de muitos outros.

(2) Das wyt und breit ein gross gescherey und wunder. gepar. Bull. Chron., II, 1.

(3) J. J. Hottinger, 111, 414.

(4) Hoc unum tibi Bico secretissime. Haller a Zwínglio, 21 de janeiro de 1530.

(5) Relucet enim i1:1 illorum vestitu et habitu nescio quid veteris illius Helvetiae simplicitatis. Hofmeister a Zwínglio, Zw. Epp., II, 167.

(6) Ea res magnam spern mihi injecit de illis lucrandis qtli hactenu fuerunt mate morigere verbo. Zw. Epp., II, 167.

(7) Totum regnum suum tradiderunt in manus magistratus nostri. Haller a Zwínglio, 31 de março.

(8) A assembléia de todo o povo.

(9) Audisti nimirum quam se apparent Ausiriaci ad bellum, adversus quos ignoratur. Suspicadatur quidam in Helvetios. Oecol. a Zw., Epp., II, 161.

(10) Seditiosorum concursus sunt quotidiani. Zw. Epp., II, 227.

(11) Nunc, nuns suum Messiam advenisse sperantes. Ibid.

(12) Ita Ianguet Christus apud nos. Ibid.

(13) Dass wir hand dGotzen geworfen hin. Hino e oração.

(14) Quid haec inter tot et tantos venatores robustos. Zw. Epp, 223.

(15) Célebre eremita que evitou uma guerra civil na Suíça, em 1481.

(16) Quam rnissam reducem aut violentiam villanorum pati. Haller a Zw., 26 de outubro.

(17) ibid

(18) Ibid

CAPITULO IV

Reforma Em São Gall — As Freiras Do Con-vento De Santa Catarina — Reforma De Glaris, Berna, Appenzel E Dos Distritos Dos Grisons, Schaffhausen E Reno — um Milagre Papista — Obstáculos De Basiléia — Zélo Dos Cidadãos — Casa-se Oecolampadius — Dito Chistóso De Erasmo — Primeira Ação — As Meias-medidas — Petição Dos Reformados.

Ã Reforma de Berna foi decisiva para vários cantões. O mesmo vento que, com tanta fôrça, soprara do alto sôbre a pátria de De Watteville e Haller, derrubou "os ídolos" de grande parte da Suíça. Em muitos lugares, o povo ficou indignado por ver a Reforma reprimida pela prudência tímida dos diplomatas. Quando, porém, e-m Berna, a diplomacia foi posta em fuga, o caudal, de há muito contido, se lançou, impetuosamente, para a frente.

Vadian, burgomestre de São Gall, que presidira a disputa realizada em Berna, mal havia voltado para casa, quando os cidadãos, com a autorização dos magistrados, ti- raram as imagens da igreja de São Magno. Levaram uma das mãos da imagem de prata do seu padroeiro à casa de cunha-gem, juntamente com outros artigos prateados, e distribuíram entre os pobres o dinheiro que receberam em troca. Dessa forma, do mesmo modo que Maria, os cidadãos derramaram o seu ungüento de grande valor sôbre a cabeça de Cristo (1). Os habitantes de São Gall, curiosos de desvendar os mistérios antigos, apoderaram-se da própria abadia, dos sacrários e das cruzes que, de há longo tempo, lhes tinham sido apresentado para adoração. M com grande surprêsa dêles, em lugar das relíquias sagradas, nada encontraram senão certa porção de resina, algumas moedas, várias imagens de madeira, de pequeno valor, alguns trapos, uma caveira humana, um dente enorme e uma concha de caramujo! Em vez da nobre queda que caracteriza o fim das grandes naturezas, Roma caiu entre superstições ridículas, fraudes vergonhosas e riso zombeteiro de tôda umas nação.

Tais descobertas, infelizmente, provocaram a ira do povo. Certa noite, algumas pessoas mal-intencionadas, desejando alarmár as pobres freiras do convento de Santa Catarina, as quais haviam resistido obstinadamente à Reformá, rodearam-lhes o claustro, lançando gritos agudos. Em vão as freiras defenderam as portas com barricadas: logo os muros foram escalados, e o bom vinho, a comida, os con-feitos e tôdas as iguarias finas do convento, que estavam longe de se prestarem ao ascetimo, tornaram-se prêsas dos rudes foliões.

Uma outra perseguição aguardava as freiras. Tendo sido nomeado o Doutor Schappeler para catequisá-las, foi-lhes recomendado que abandonassem o traje monástico e que assistissem aos sermões heréticos cjêle, "vestidas como tôda gente" — declara a Irmã Wiborath. Algumas delas abraçaram a Reforma, mas trinta

outras preferiram o exílio (2). A 5 de fevereiro de 1528, um sínodo numeroso redigiu o estatuto da igreja de São Gall.

A luta foi mais violenta em Glaris. As sementes da verdade evangélica, que Zwinglio ali havia espalhado, não medraram senão pouca coisa. Os homens que se achavam no govêrno rejeitavam, receosos, tôda inovação, e o povo gostava mais de "pular, dançar e de realizar prodígios de copo na mão do que de se ocupar com o evangelho" — se-gundo afirma velha crônica. A Landsgemeinde (assembléia geral de todo o povo) tendo-se pronunciado, a 15 de maio de 1528, a favor da missa, por uma maioria de trinta e três votos, os dois partidos ficaram separados com maior dis-tinção: quebraram-se as imagens em Matt, Elm Á Bettsch-wanden, porém, como cada homem permanecia neutro em sua própria casa ou vila, já não havia, no cantão, conselho gdvernamental nem tribunal de justiça.

Em Schwanden, ten-do o ministro Pedro Rumelin convidado os católicos-roma-nos para uma disputa com êle, na igreja, êstes últimos, em vez disso, passaram em procissão, ao som de tambores, em redor do templo, onde os reformados se achavam reunidos. Em seguida, invadindo precipitadamente a casa do pastor, que estava situada no centro da cidade, destruíram-lhe os aquecedores e as janelas. Irritados, os adeptos da Reforma tiraram a desforra, despedaçando as imagens. A 15 de abril de 1529, foi firmado um acôrdo, em virtude do qual todo homem ficava livre para escolher entre a missa e o sermão.

Em Wesen, onde Schwytz exercia a soberania conjun- tamente com Glaris, os delegados do primeiro cantão amea-çaram o povo. Ato contínuo, os moços retiraram as imagens das igrejas, levaram-nas para um lugar aberto, próximo do lago pitoresco de Wallenstadt, acima do qual se elevavam as montanhas do Amon e dos Sete Eleitores, e bradaram-lhes:

— Olhai! Lste caminho (o através do lago) leva a Coire e a Roma; aquêle (ao sul), a Glaris; êste outro (a oeste), a Schwytz; e o quarto, através do Amon, a São Gall. To mai o caminho que quiserdes! Mas, se não sairdes daqui, sereis queimadas!

Depois de alguns momentos de espera, os moços lan-çaram à fogueira as imagens imóveis. Os delegados de Schwytz, testemunhas oculares da "execução", retiraram-se, horrorizados, e encheram todo o cantão de planos de vin-gança, que foram justamente levados á cabo cedo demais.

No cantão de Appenzel, .no lugar onde havia sido ini-ciada unia conferência religiosa, sàbitamente apareceu um bando de teólogos católicos-romanos, armados de chicotes e cacêtes, bradando:

— Onde estão êsses pregadores? Estamos resolvidos a expulsá-los da povoação!

Os estranhos doutôres feriram os ministros e dispersa-ram a assembléia com os chicotes.

Das oito freguesias do cantão, seis abraçaram a Re-forma. E Appenzel tornou-se, finalménte, dividido em duas regiões: uma romanista e a outra reformada.

No cantão dos Grisons, foi proclamada a liberdade religiosa. As freguesias tiveram a eleição dos seus pastôres; vários castelos foram arrasados, afim de tornar impossível todo e qualquer retôrno ao govêrno arbitrário; e o bispo, amedrontado, foi esconder, no Tirol, a sua cólera e o seu desejo de vingança. E disse Zwinglio:

— Os habitantes do cantão dos Grisons progridem dia a dia. Trata-se de um povo que, pela sua coragem, nos faz lembrar dos suíços antigos (3) .

Após ter estado, durante muito tempo, "em dúvida entre as duas opiniões", Schaffhausen, aos apelos de Zuri-que e de Berna, retirou as imagens de suas igrejas, sem tumulto nem desordem. Ao mesmo tempo em que a Refor-ma invadia a Turgóvia, o vale do Reno e dos demais bailia-dos submetiam-se a ditos cantões. Em vão os cantões ca tó-licos-romanos, que constituíam a maioria, protestaram con-tra isso. "Nos casos que dizern respeito aos assuntos temporais, não nos opomos a. uma maioria de votos; a Palavra de Deus, contudo, não pode sujeitar-se ao sufrágio dos homens" — responderam-lhes Zurique e Berna. Todos os distritos que se estendem ao longo das margens do Tur, do lago de Constança e do Alto Reno, abraçaram o evangelho. Os habitantes de Mammeren, nas proximidades do local onde o Reno sai do lago, lançaram às águas as suas imagens. Mas a estátua de São Blaise, após permanecer erguida sôbre o seu pedestal, contemplando o lugar ingrato de onde fôra banida, boiou, através do lago, até Catahorn, situada na margem oposta, se é que podemos dar crédito à narrativa de um monge chamado Lang (4). Mesmo enquanto fugia, o papismo fabricava os seus milagres.

Assim foram desfeitas as superstições populares da Suíça e, às vêzes, não o foram com violência. Todo grande progresso, nas questões humanas, traz consigo uma oposi ção enérgica àquilo que existia. Semelhante progresso contém, forçosamente. um elemento ativo, que deve agir com liberdade e, por êsse meio, abrir o nõvo caminho. Nos tempos da Reforma, os teólogos atacavam o papa, e o povo, as imagens. O movimento, quase sempre, excedeu os limites da justa moderação. A fim de que a natureza humana possa dar um passo à frente, os precursores dêle têm de dar muitos. Todos os passos supérfluos deveriam ser condenados, e, no entanto, precisamos reconhecer-lhes a necessidade. Não nos esqueçamos disso, na História da Reforma, especialmente na da Suíça.

Zurique estava reformada. Berna acabava de reformar-se. Restava, ainda, Basiléia, antes que as grandes cidades da. Confederação fõssem conquistadas para a

fé evan-gélica. A reforma de tal cidade culta foi a conseqüência mais importante advinda da reforma da belicosa Berna.

Durante seis anos, o evangelho havia sido pregado em Basiléia. Oecolampadius, manso e piedoso, estava sempre a esperar por tempos mais oportunos. Dizia êle:

— Ante a luz da verdade, as trevas estão prestes a afastar-se (5).

A esperança de Oecolampadius, contudo, era vã. Urna aristocracia tríplice — o clero superior, os nobres e a uni-versidade — continha a expansão livre das convicções cristãs. Era a classe média que estava destinada a efetuar o triunfo da Reforma em Basiléia (6). Infelizmente, a onda popular coisa alguma invade sem atirar para cima resíduos sujos.

E verdade que o evangelho possuía muitos amigos nos Conselhos; sendo, porém, homens pertencentes a um partido intermediário, bordejavam, como Erasmo, para a frente e para trás, em vez de navegar diretamente para o pôrto. Ordenaram a pregação pura da Palavra de Deus", mas estipularam, ao mesmo tempo, que tal pregação devia ser feita "sem luteranismo-. E o bispo Utenheim velho e pie- doso, que vivia num lugar retirado em Bruntrut, todos os dias cambaleava dentro da igreja, amparado por dois domésticos, a fim de celebrar a missa com a sua voz apagada. Gundelsheim, inimigo da Reforma, em breve sucedeu ao bispo. E, a 23 de setembro, seguido por vários exilados e por uma tropa de quarenta soldados da cavalaria, entrou triunfalmente em Basiléia, propondo-se a recolocar tôdas as coisas em seus lugares antigos. Isso fêz com que Oecolampadius escrevesse, alarmado, a Zwinglio: "Nossa causa está por um fio".

Nos cidadãos, contudo, a Reforma encontrou uma compensação ao desdém dos poderosos e aos terrores inspirados pelo nôvo bispo. Organizaram-se banquetes para cinqüenta e cem convidados cada. Oecolampadius e os seus colegas tornaram assento em semelhantes mesas, em companhia do povo, onde aclamações entusiásticas e vivas reiterados saudaram a obra da Reforma. Dentro de pouco tempo, até mesmo o Conselho parecia inclinar-se para o lado do evangelho. Vinte e cinco dias de festa foram suprimidos do calendário. E os padres receberam permissão para recusarem a celebração da missa.

—Roma está completamente perdida! -— era a opinião geral, naquela época.

Oecolampadius, porém, sacudindo a cabeça, disse:

—Receio que, por desejar conservar-se sôbre duas bases, Basiléia tombe, finalmente, por terra (7) .

Isso ocorreu no período após o regresso de Oecolampadius da disputa realizada em Berna. O reformador chegara a tempo de fechar os olhos de sua mãe piedosa. E viu-se, então, sozinho no mundo, sucumbido sob o pêso das preocupações públicas e

domésticas, porque a sua casa era como uma estalagem para todos os cristãos refugiados.

—Desposarei uma Mônica (8) — dissera êle muitas vêzes —, ou, então, permanecerei solteiro.

Cria, porém, que, agora, tinha encontrado a "irmã cristã", que estivera procurando. Tratava-se de Wilibrandis, filha de um dos cavaleiros do imperador Maximiliano e viúva de um mestre de letras, de nome Keller — uma mulher, enfim, já provada em muitas experiências. Oecolampadius casou-se com ela, e proferiu:

—Olho para as ordenanças de Deus, e não para os rostos carrancudos dos homens.

Mas isso não impediu que o irônico Erasmo exclamasse:

—Chama-se de tragédia ao trabalho de Lutero, porém afirmo que se trata de comédia, porque cada ato do drama termina num casamento!

Êsse dito tem sido muitas vêzes repetido. Durante longo tempo, estêve em voga explicar a Reforma pelos desejos que os príncipes tinham da propriedade eclesiástica, e os padres, do matrimônio. Tal método vulgar é, hoje em dia, estigmatizado pelos melhores polemistas católicos-romanos, como "um indício de mentalidade singularmente estreita". E acrescentam: "A Reforma teve origem num zêlo sincero e cristão, embora pouco esclarecido (9) ".

O regresso de Oecolampadius teve conseqüências ainda mais importantes para Basiléia do que para êle próprio. A disputa de Berna causara grande sensação ali.

—Berna, a poderosa Berna, está-se. reformando! —correu de bôca em bôca.

—Como que então — disseram entre si os habitantes — o urso feroz saiu da caverna. está tateando o caminho à procura dos raios do sol. e Basiléia, a cidade culta, a cidade que Erasmo e Oecolampadius escolheram para viver, continua na escuridão!

Na sexta-feira da Paixão (10 de abril de 1528), sem que o Conselho e Oecolampadius o soubessem, cinco traba-lhadores, da Corporação dos Tecelões, entraram na igreja de São Martinho, que era a igreja do reformador, na qual a missa já havia sido abolida, e levaram dali todos "os ídolos". Na segunda-feira da Pascoela, após o sermão da noite, trinta e quatro cidadãos retiraram tôdas as imagens da igreja per-tencente à ordem de Santo Agostinho.

Era ir longe demais. Estariam, então, semelhantes homens desejosos de arrancar Basiléia e os seus Conselhos do preciso meio-têrmo em que tão prudentemente tinham parado até aquela ocasião? O Conselho reuniu-se, apressadamen-te, na têrça-feira de manhã, e meteu na prisão os cinco homens.

Todavia, por intercessão dos burgueses, êstes foram postos em liberdade e as imagens proibidas em cinco outras igrejas. Ditas meias-medidas bastaram por algum tempo.

De súbito, a chama crepitou de nôvó, com maior violéncin. Nas igrejas de São Martinho e de São Leonardo, sermões foram pregados contra as abominações que se praticavam na catedral. Na catedral, por sua vez, os refórmadores foram chamados de "hereges, velhacos-e libertinos (10) ". Os papistas celebravam uma missa atrás da outra. O burgomestre Meyer, amigo da Reforma, tinha a seu lado a maioria do povo. O burgomestre Meltinger, líder intrépido dos partidários de Roma, prevalecia nos Conselhos. O conflito tornava-se inevitável.

— Aproxima-se a hora fatal! — diz Oecolampadius. —Hora terrível para os inimigos de, Deus (11) !

No dia 23 de dezembro, quarta-feira, dois dias antes do Natal, trezentos cidadãos, de tôdas as corporações, homens piedosos e dignos, reuniram-se na sede da Corporação dos Hortelões e, ali, redigiram uma petição ao senado. Enquanto isso, os amigos do papismo, que residiam, na maior parte, na Pequena Basiléia e no arrabalde de São Paulo pegaram em armas. Brandiram as espadas e lanças contra os cidadãos reformados, no mesmo instante em que êstes últimos leva-vam a petição ao conselho, e tentaram, embora inútilmente, barrar-lhes o caminho.

Meltinger recusou-se arrogantemente a receber a petição. Recomendou aos burgueses, fiando-se no juramento cívico dêles, que voltassem às. suas casas. O burgomestre Meyer, contudo, tomou a petição nas mãos, e o senado autorizou-o a lê-la. Dizia ela:

Honrados, sábios e graciosos senhores:

Nós, vossos obedientes concidadãos de tôdas as corporações, dirigimo-nos a vós como benquistos sena-dores, a quem estamos prontos para obedecer, com o sacrifício de nossos bens ede nossa vida. Tõmai a sério a glória de Deus; restabelecei a paz -da cidade; e obri-gai todos os pregadores do papa a discutir livremente com os ministros. Se a missa fôr certa, queremos tê-Ia em nossas igrejas; porém, se fôr uma abominação perante Deus, por que motivo, pelo apêgo aos padres, deveríamos nós atrair a Sua terrível ira sôbre as nossas próprias pessoas e .sôbre os nossos filhós?

Assimse exprimiram os cidadãos de Basiléia. E não havia nada de revolucionário em sua linguagem nem em seu procedimento. Desejavam ó que era certo, decididamente, mas, também; com calma. Todos poderiam ainda proceder com ordem e decôro.

Aqui, contudo,- começa um nôvo período: o barco da Reforma está prestes a entrar no pôrto, mas não antes de ter passado por procelas violentas.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) War gemünzet und den Armen ausgetheilt. J. J. Hottinger, 415. S. Mat. 26:7.

(2) Arx. Gesch. St. Gall, II, 529. J. J. Hottinger, 416. Muller, Hottinger, II, 91.

(3) Gens animo veteres Tuscos referens, candores veteres Helvetios. Zw. Epp.

(4) I. 7 Hottinger, III, 426.

(5)

(6) Major pars eivitatis quere toco eorde dolet tantis nos dissidiis la-borar& Zw. Epp. II. 136.

(7) Vereorque ne dum semper utraqüe sella sedere velit, utraque extrudatur aliquando. Zw. Epp., II, 157.

(8) O nome da mãe de Santo Agostinho.

(9) Vide Symbolik, de Mõhler, tanto no prefácio como no texto da obra. Trata-se de uma das obras mais importantes da parte da Igreja Romana, desde o tempo de Bossuet.

(10) Ketzer, schelmen, und büben. Bulling., IY, 36:

(11) Maturatur fatalis hora et tremenda. hostibus Dei. Zw. Epp., T.T. 2 I 3

CAPITULO V

Crise Em Basiléia — Rejeitadas As Meias-medidas —proposições Dos Reformados — Uma Noite De Terror — Idolos Quebrados Em Todas As Igrejas — A Reforma Legalizada — Erasmo Em Basiléia — Uma Grande Transformação — Revolução E Reforma.

Os partidários do bispo desviaram-se, pela primeira vez, do procedimento legal. Tomados de terror ao ter notícias de que sei- esperavam mediadores de Zurique e de Berna, correram pela cidade, gritando que o exército austríaco vinha vindo em auxilia dêles. E juntaram pedras em suas casas. Os evangélicos fizeram o mesmo. O tumulto crescia de hora em hora. E, na noite de 25 de dezembro, os papistas reuniram-se, armados: padres de arcabuzes na mão contavam-se entre as suas fileiras.

Mal os reformados haviam tomado. conhecimento. disso, já alguns dêles, correndo de casa em casa, bateram às portas das residências dos seus amigos, acordando-os; pulando da cama, êstes pegaram de seus mosquetes e dirigiram-se par a sede da Corporação. dos Hortelões, ponto de reúnião dó partido. E logo os reformados, reunidos, elevavám-se a três mil.

Ambas as facções passaram a noite de armas na mão. A qualquer momento poderia rebentar uma guerra civil — e, t oque era pior, uma "guerra de consciências". Combinou-se, por fim, que cada partido nomearia representantes para entrar em entendimentos com o senado, a respeito classe assunto. Os reformglos escolheram trinta homens respeitáveis, de coragem, fé e experiência, os quais se instalaram na sede da Corporação dos Hortelões. Os partidários da fé antiga escolheram também uma comissão, porém menos numerosa emenos respeitável: o seu pôsto era a sede da Corporação dos Peixeiros. O conselho ficou em reunião permanente. Tôdas as portas da cidade, com a exceção de duas, foram fe-chadas. Em tôda, as partes postaram-se guardas corpulentos. Em ordem sucessiva, chegaram os delegados de Lucerna, Uri, Schaffhausen, Zug, Schwytz, Mulhausen e Estrasburgo. E a agitação e o tumulto .cresciam de hora em hora.

Era necessário pôr têrmo a uma crise assim violenta. Fiel ao seu expediente de meias-medidas, o senado decretou que .os padres podiam continuar a celebrar a missa, mas que todos, padres e ministros, deviam pregar a Palavra de Deus. Nesse sentido, reunir-se-iam uma vez por semana, a fim de trocar idéias sôbre as Sagradas Escrituras. Em seguida, o senado convocou uma reunião dos luteranos, na igreja dos franciscanos, e dos papistas, na pertencente aos dominicanos. E dirigiu-se primeiramente à igreja dos franciscanos, onde encontrou, reunidos, dois mil e quinhentos cidadãos. Mal o secretário lhes leu o decreto, originou-se um tumultot enorme:

—Isso não será possível! — gritou um dos cidadãos.(1)

—Não toleramos a missa; nem mesmo uma só! — exclamou outro.

E todos repetiram:

—Abaixo a missa! Abaixo a missa! Antes morrer-mos (2) !

Logo depois, tendo o senado feito a sua visita à igreja dos dominicanos, todos os romanistas, em número de seiscentos, entre os quais se achavam múitos estrangeiros, bradaram:

— Estamos dispdstos a sacrificar a nossa vida pela missa! Juramos que o estamos, juramos! — repetiram, de mãos erguidas. — Se os reformados rejeitam a missa, corramos às armas! Sim, às armas (3) !

O senado retirou-se mais embaraçado do que nunca.

Três dias depois, os dois partidos reuniram-se nova-mente. Oecolampadius ocupou o púlpito: "Sêde mansos e afáveis" — disse. E pregou com tal unção que muitos ou-vintes estiveram prestes a chorar (4) . A assembléia orou. Em seguida, resolveu que aceitaria um nôvo. decreto que determinasse que, qtrin7e dias depois do Pentecostes, haveria uma disputa pública, na qual não deveria ser empregado nenhum outro argumento a não ser os tirados da Palavra de Deus; que, após isso, se realizaria uma votação geral a respeito da missa; que a maioria deveria decidir a questão; e que, no meio tempo, a missa seria celebrada em três igrejas apenas, ficando entendido, no entanto, que nelas nada seria doutrinado em oposição às Santas Escrituras.

A maioria romanista rejeitou tais proposições.

Basiléia não é como Berna e Zurique — disseram os papistas. — Suas rendas públicas provêm, em grande par-. te, de países contrários à Reforma!

Tendo-se recusado os padres a freqüentar as conferências semanais, estas foram suspensas. E, durante uma quinzena, não houve sermão nem missa na catedral, bera como nas igrejas de Santo Ulrico, São Pedro e São. Teodoro.

Os cidadãos que continuavam fiéis a Roma resolveram fazer uma resistência corajosa. Meltinger pôs Sebastião Muller no púlpito da igreja de São Pedro, na qual êle tinha sido interdito de pregar, e o fogoso padre ali proferiu sarcasmos tão injuriosos contra a Reforma, que vários evangélicos, presentes ao sermão, se viram insultados e quase arrasados.

Era-necessário despertar Basiléia daquele pesadelo, bem como dar um golpe decisivo.

Lembremo-nos de nossa liberdade — disseram os cidadãos reformados — e do que devemos à glória de Cristo, à justiça pública e à nossa postetidade (5).

Exigiram, então, que os inimigos da Reforma, ba ami-gos e os parentes dos padres, que eram a causa de tôdas aquelas demoras e de tôdas aquelas perturbações, não mais tivessem assento nos conselhos, até que a paz fôsse restabelecida. Deu-se isso em 8 de fevereiro. E o Conselho comunicou-lhes qiie daria uma resposta no dia seguinte.

Às seis horas da tarde, mil e duzentos cidadãos reuniram-se na feira de cereais. Começavam a temer que o prazo pedido pelo senado ocultasse algum propósito maligno.

— Precisamos de uma resposta nesta mesma noite disseram.

Por conseguinte, o senado foi convocado com tôda urgência.

A partir da dita ocasião, o caso, em Basiléia, assumiu um aspecto mais ameaçador. Os habitantes colocaram guardas corpulentos nas portas das diversas guildas. Homens ar-mados passaram a patrulhar a cidade. E estabeleceram-se em bivaques, nos logradouros públicos, a fim de atalhar as maquinações dos adversários (6).

De um lado a outro das ruas, estenderam-se correntes. Acenderam-se archotes, e paus resinosos, cujas luzes trêmulas dispersavam a escuridão, foram fincados, espaçadamente, pela cidade. Diante da Casa do Conselho, assentaram-se seis peças de artilharia. E as portas da cidade, bem como o arsenal e as trincheiras, foram ocupadas por tropas. Basiléia achava-se, pois, em estado de sítio.

Já não havia mais esperanças para a facção papista. O burgomestre Meltinger, soldado valente e um dos heróis de Marignan, onde comandara oitocentos homens em batalha, perdera a coragem. Noite -a dentro, o burgomestre, em com-panhia de seu genro, o conselheiro Eglof dOffenburgh, alcançou as margens do Reno, sem ser notado, e, tomando um pequeno bote, desceu ràpidamente a correnteza, no meio do nevoeiro (7). Outros membros do conselho evadiram-se da mesma maneira.

Isso deu motivo a novos receios.

— Tomemos cuidado com semelhantes manobras secretas — aconselharam os cidadãos.

— Talvez tenham ido buscar os austríacos, com os quais tantas vêzes nos ameaçaram!

Amedrontados, os cidados reuniram, então, as armas de tôdas as partes e, ao amanhecer, contavam com dois mil homens mobilizados. Os raios do sol nascente caíam sôbre aquêle resoluto, mas calmo ajuntamento.

Era, agora, meio-dia. O senado não chegara a nenhuma decisão: a impaciência dps habitantes já não podia ser contida.

Quarenta homens foram destacados para inspecionar os postos. Ao passar pela catedral, apatrulha ali entrou, e um dos cidadãos, impelido pela curiosidade, abriu, com a alabarba, um armário de parede, onde haviam sido escondidas algumas imagens. Uma delas tombou para fora, partindo-se em mil pedaços contra o pavimento de pedras (8). A visão dos fragmentos provocou, intensamente, acólera dos espectadores, que começaram a atirar ao chão, uma após outra, tôdas as imagens ocultas em tal lugar. Nenhuma delas ofereceu resis-tência: cabeças, pés, mãos, amontoou-se tudo, de maneira confusa, diante dos alabardeiros.

Comentou Erasmo:

— Surpreende-me muito que as imagens não tenham realizado nenhum milagre para se salvar, pois os santos, ou-trora, freqüentemente faziam prodígios por ofensas bem me-nores (9) .

Alguns padres correram para o local. E a patrulha re-tirou-se.

Tendo-se espalhado, no entanto, o rumor de que ocorrera um tumulto naquela igreja, trezentos homens surgiram em auxilio dos quarenta. Falaram:

— Porque pouparmos os ídolos, que ateiam as chamas da discórdia?

Os padres, alarmados, fecharam as portas do santuário, correndo-lhes o ferrôlho, levantaram barricadas e deixarain tudo preparado para sustentar um cêrco. Mas os habitantes da cidade, cuja paciência já se esgotara em virtude das demoras do Conselho, arremeteram contra uma das portas do templo: esta cedeu aos golpes dos cidadãos, os quais entraram, em tropel, na catedral.

A hora da loucura havia chegado. Já não se podia re-conhecer. aquêles homens ao brandirém as espadas ao agi-tarem ruidosamente os piques, lançando gritos terríveis. Se-, riam bárbaros ou seriam adoradores fervorosos de Deus, ani-mados pelo zêlo que, em tempos de outrora, inflamou os profetas e os reis de Israel? Fôsse como fôsse, tais proce-dimentos foram ilegais, visto que só a autoridade pública podia intervir nas reformas do povo.

Imagens, altares, quadros — tudo foi lançado ao chão e destruído. Os padres, que haviam fugido para a sacristia, onde se esconderam, tremeram por todo o corpo ao ouvir o barulho produzido pela queda de seus ornamentos sagrados. E a obra de destruição terminou, sem que nenhum dêles se aventurasse a salvar os objetos de sua adoração, ou a levantar o menor protesto. Em seguida, o povo empilhou os fragmentos nas praças, ateando-lhes fogo. E, durante a noite frígida, os habitantes, arinados, postaram-se ao redor das chamas crepitantes, aquecendo-se (10) .

Cheio de pasmo, o senado reuniu-se e quis interpor a sua autoridade, bem como serenar o tumulto. Todavia, bem podia ter dominado a situação difícil. Os cidadãos, exaltados, responderam aos homens da magistratura com estas palavras altivas:

— O que não pudestes efetuar em três anos, nós o concluiremos em uma hora (11) .

Na verdade, a ira popular já não se limitava à c:-Itedral. Os reformados respeitaram tôda espécie de propriedade particular (12), porém atacaram as igrejas de São Pedro, Santo

Ulrico, Santo Albano, bem como a dos dominicanos. Em todos êsses templos, "os ídolos" caíram aos golpes dos bons cidadãos de Basiléia, que se achavam inflamados de um zêlo extraordinário. E já fiz-iam êles preparativos para cruzar a ponte e entrar na Pequena Basiléia, que era leal à causa do papismo, quando os habitantes dela. alarmados, im-pioraram que lhes fôsse permitido retirar, êles mesmos, as imagens da igreja. E, com o coração cheio de pesar, os habitantes da Pequena Basiléia transportaram, apressadamente, as imagens para os compartimentos superiores dõ templo, de onde esperavam, depois de algum tempo, poder recolocá-los tios seus lugares antigos.

Os cidadãos de Basiléia não ficaram nas manifestações enérgicas. Os mais exaltados falaram em ir à Casa do Conselho e em constranger o senado a concordar com a vontade -do povo. Contudo o bom-senso da maioria tratou semelhantes desordeiros como mereciam e reprimiu-lhes a intenção criminosa.

Os senadores compreenderam; então, a necessidade de dar um caráter legal ao dito movimento popular e de con-verter, dêste modo, uma revolução tumultuosa numa reforma duradoura (13). Por conseguinte, a democracia e o evan-gelho foram, simultâneamente, estabelecidos em Basiléia. Após deliberar durante uma hora, o senado concordou que, no futuro, os habitantes da cidade participariam da eleição dos dois conselhos; que, doravante, a missa e as imagens deveriam ser abolidas em todo o cantão; e que, em tôda deliberação que dissesse respeito à glória de Deus e ao .bem-estar do Estado, seria levado, em consideração o parecer das guildas. Encantado por haver conseguido tais condições, as quais lhe aseguravam a liberdade política e religiosa, o povo voltou feliz para casa. Terminava, então, o dia (14) ;

No dia seguinte, quarta-feira de cinzas, pretendia-se distribuir os destroços dos altares e dos demais ornamentos das igrejas entre os pobres, á fim de servir-lhes de lenha. Mas as infortunadas criaturas, em sua avidez pelos escombros, começaram a brigar entre si, e, então, ergueram-se pilhas enormes. na catedral fechada, e atearam-lhes fogo.

— Os ídolos estão realmente guardando a sua quarta-feira de cinzas hoje! — exclamaram alguns gaiatos.

Conta Oecolampadius que os amigos do papismo des-viaram os olhos horrorizados daquela cena sacrílega e verteram lágrimas de raiva. Assim. duramente o povo tratou os ídolos; e a missa, portanto, morreu de desgôsto (15) — continua o reformador.

No domingo posterior, cantaram-se hinos em Alemão em tôdas as igrejas. E, a 18 de Fevereiro, promulgou-se a anistia geral. Tudo estava, pois, mudado em Basiléia. Os últimos passaram a ser os primeiros, e os primeiros, os últimos. E, enquanto Oecolampadius, que, alguns anos atrás, entrara na cidade como forasteiro, sem recursos e sem fôrças, se achava guindado ao primeiro pôsto da Igreja, Erasmo, perturbado em seu gabinete sossegado de trabalho, de onde, durante .período tão longo, tinha expedido as suas diretrizes absolutas ao mundo das letras, via-se compelido a descer arena. Todavia, o rei das universidades não nutria desejo algum de abandonar o cetro, diante do povo soberano. Fazia muito tempo que êle costumava voltar o rosto ao deparar com o seu amigo Oecolampadius. Além disso, perma-necendo em Basiléia, Erasmo receava ficar numa situação difícil com os seus protetores. Ponderou: "A torrente, que se achava oculta no subsolo, jorrou com violência, cometendo tremendas devastações (16). O povo continuamente me berra aos ouvidos; vivo apoquentado por cartas, caricaturas e panfletos. Acabou-se tudo: estou decidido a ir-me de Basiléia. Mas, partirei às escondidas ou não? Uma forma é mais decente, e a outra, mais segura".

Desejando harmonizar, na medida do possível, a sua honra com a sua prudência, Erasmo pediu ao barqueiro, com quem ia descer o Reno, para partir de um lugar pouco freqüentado. Opôs-se a isso o senado, e o filósofo tímido viu-se compelido a tomar o barco quando êste se achava próximo da ponte, apinhada, naquela ocasião, de uma multidão de pessoas. Erasmo deixou-se levar pelo rio abaixo. Despediu-se, com tristeza, da. cidade que êle tanto amara e afastou-se na direção de Friburgo, em Brisgau, acompanhado de vários outros eruditos.

Novos professôres foram convidados para ocupar as cadeiras vagas da universidade, especialmente Osvaldo Micônio, Frígio, Sebastião Munster e Simão Grynaeus. Ao mesmo tempo, foram publicadas uma ordem eclesiástica e uma confissão de fé, um dos documentos mais preciosos dessa época.

Assim, uma grande transformação havia sido realizada, sem perda de uma única gôta de sangue. O papismo caíra em Basiléia, apesar da sua fôrça secular e religiosa. Diz Oecolampadius: "A cunha do Senhor fendeu o nó duro (17) ".

Não podemos, no -entanto, deixar de reconhecer que a Reforma de Basiléia pode fornecer elementos para algumas objeções. Lutero opusera-se ao poder das massas.

"Quando o povo aguça os ouvidos, não assobieis muito alto. É melhor sofrer nas mãos de um só tirano, isto é, de um rei, do que nas mãos de mil, ou seja, do povo". Por causa dessa afirmativa, o reformador alemão tem sido censurado, por não admitir nenhuma outra política senão a do servilismo.

Ao examinar-se a Reforma suíça, talvez se faça, contra semelhante movimento, uma objeção completamente diferente. E a Reforma de Basiléia, sobretudo, talvez seja considerada como uma revolução.

A Reforma, necessàriamente, tem de mostrar o cunho governamental do país onde se efetuou: será monárquica na Alemanha, republicana na Suíça. Todavia, em religião, como em política, há uma grande diferença entre reforma e revolução.

Em ambiente algum a religião cristã deseja o despotis-mo, a servidão, a estagnação, o retrocesso ou a morte. Mas, ao mesmo tempo que visa ao progresso, o Cristianismo pro-cura alcançá-lo através da reforma, e não da revolução.

A Reforma age pelo poder da Palavra de Deus, da dou-trina, de cultura e da verdade; ao passo que a revolução, oàawes, a revolta, opera pelo poder da desordem, da espada e do porrete.

O Cristianismo age através do íntimo das pessoas, e as próprias instituições, se ficarem sõzinhas, não podem satis-fazê-lo. Não há dúvida que as constituições políticas são uma das bênçãos de nossa época: contudo, não basta que tais garantias sejam confiadas ao pergaminho; elas precisam ser escritas no coração do povo e asseguradas pela conduta dêste.

Foram êsses os princípios dos reformadores suíços; êsses os princípios da Reforma efetuada em Basiléia, graças aos quais ela se diferencia de uma revolução.

Houve, é verdade, alguns excessos. Mas, entre os ho-mens, talvez jamais se tenha realizado uma reforma sem certa mistura de revolução. Foram as doutrinas, porém, que esti-veram em questão em Basiléia. Ditas doutrinas influiram poderosamente nas convicções morais e na vida do povo. O movimento ocorreu subjetivamente, antes de manifestar-se objetivamente. Mais do que isso: a Reforma não se contentou em tirar o que existia; deu mais do que tirou; e, longe de limitar-se à missão destruidora, esparziu ricas bênçãos sobre todo o povo (18).

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Excussisset. Zw. Epp., II, 255.

(2) Ibid

(3) Ad altera pars minitabat praelia si missa rejicerent. Ibid.

(4) Ut nemo non commoveretur et profecto fere mini lacrymas

(5) Cogitans quid gloriae Christi, quid justitiae publicae, quidquae posteritati suae deberet. Oecolam., Zurich MS.

(6) Ne quid forte ab adversariis insidiarum strueretur. Ibid.

(7) Ciam conscensa navicula fuga, nescio serrato, elapsus est. Oeco- lam., Zurique MS.

(8) Cum halpardis quasi per ludum aperirent armariam idolorum, unumque idolorum educerent. Ibid.

(9) Erasmo. Epp. pág. 291.

(10) Ligais imaginum usi sunt vigiles; pro arcendo frigore nocturno. Zurique MS.

(11) De quo vos per triennium deliberastis, nilul efficientes, nos intra horam omnem absolvemus. Oecolam. Capitoni, Basiléia MS.

(12) Nulli cabra vel obolum abstulerunt. Ibid.

(13) Cedendum plebi. Oecolam. Capitoni, Basiléa MS.

(14) His conditionibus plebs lacta domum rediit, sub ipsum noctis crepusculum. Ibid. Zurique, MS.

(15) ha saevitum est in idola, ac missa prae dolore expiravit. Oecolam. Capitoni, Zurique MS.

(16) Basilica torrens quidem, qui sub terra labebatur, subíto erampens, &c. Er. Epp. ad Pirkheimer, julho de 1539.

(17) Maio nodo suus cuneus obvenit. Oecolam. Capit.

(18) Hagenbach, Verlesungen, IX, 125, 200.

CAPITULO VI

A Comissão De Farel — Farel Em Lausana E Morat — Neufchatel Farel Prega Em Serriëres — Entra Em Neufchatel — Sermão — Os Monges — A Pregação De Fa-rel — O Papismo Em Neufchatel — Unem-se Os Conegos E Os Monges — Farel Em Morat E No Vully — Reforma Do Bispa-do De Basileia Farel Novamente Em Neufchatel — Cartazes — A Capela Do Hospital — O Poder Civil Invocado Pe-los Romanistas.

A repercussão da disputa havida em Berna abatera o papismo numa parte considerável da Suíça Alemã. Tal re-percussão foi igualmente sentida em muitas igrejas da Suíça Francesa, situadas no sopé do Jura, mi espalhadas no meio dos bosques de pinheiros de seus vales elevados, as quais, até essa época, tinham demonstrado a devoção mais abso-luta para com o pontífice romano.

Vendo o evangelho estabelecido nos lugares onde o Ródano mistura as suas águas arenosas com o Lemano cristalino, Farel voltou a atenção para outra paragem. E foi auxiliado por Berna. Semelhante Estado, que possuía, juntamente com Friburgo, os bailiados de Morat, Orbe e Granson, e que tinha alianças com Lausana, Avenches, Payerne, Neufchatel e Genebra, percebeu que tanto o seu interêsse como o seu dever exigiam que o evangelho fôsse pregado aos seus aliados esúditos. Farel recebeu autorização para levar-lhes a Palavra de Deus, contanto que obtivesse o consentimento dos respectivos governos.

Um dia, pois, viajando rumo a Morat, Farel ali chegou epregou o evangelho ao pé das tôrres e ameias que, em três épocas diferentes, haviam sido atacadas pelos exércitos de Conrado, o sálico, Rodolfo de Habsburgo e Carlos, o corajoso. Em breve os amigos da Reforma elevaram-se a grande número. Todavia, uma votação geral tendo-se declarado a favor do papa, Farel partiu para Lausana.

Primeiramente, Farel foi expulso da cidade pelo bispo epelo clero, mas logo tornou a aparecer ali, munido de uma carta dos governantes de Berna. Escreveram Suas Excelências às autoridades de Lausana: Enviamo-vos o pregador para que êie defenda a nossa e a sua própria causa. Deixai-o pregar a Palavra de Deus, e cuidado para não tocar-lhe num único cabelo da cabeça.

Houve grande confusão nos conselhos. Colocados entre Berna e o bispo, que poderiam fazer? O Conselho dos Vinte e Quatro, achando o assunto bastante sério, convocou o Conselho dos Sessenta. Escusando-se o último organismo de uma decisão, foi convocado o Conselho dos Duzentos, a 14 de novembro de 1529. Ele, porém, encaminhou o caso ao Conselho Menor. Ninguém queria ter coisa alguma a ver com isso. Os habitantes de Lausana, é verdade, queixavam-se, em voz alta, dos santos membros de seus cabidos, cujas vidas (dizia-se) eram um rosário longo de desmandos. Quando, contudo, a sua atenção se voltou para as feições austeras da

Reforma, mais aterrorizados ficaram ainda. De resto, como privar Lausana de seu bispo, de sua côrte e de seus dignitários? Quê?! Não haver mais romeiros nas igrejas! Não mais litigantes nas côrtes eclesiásticas! Não mais compradores na praça, companheiros de farra nas tabernas! A desolada e triste Lausana não mais veria as ruidosas aglomerações de gente, que foram, um dia, a sua prosperidade e a sua glória! Era bem melhor uma desordem que enriquecia do que uma re-forma empobrecedora! E Farel viu-se cornrielido a partir pela segunda- vez.

O pregador voltou, então, a Morat. E, em breve, a Pa-lavra de Deus conquistou o coração do povo.

Nos dias de festa, os caminhos que saíam de Payerne e Avenches ficavam apinhados de bandos alegres de pessoas que, rindo, diziam entre si:

— Vamos a Morat e ouçamos os pregadores! — e, en-quanto iam pelo caminho, cada qual exortava a outra, em tom de troça, "a que não caísse nos laços dos pregadores".

À noite, no entanto, tudo estava mudado. Apanhadas pela mão poderosa da verdade, essas mesmas pessoas vol-tavam para casa — umas perdidas em reflexões profundas, outras discutindo acaloradamente as doutrinas que tinham ouvido. O fogo do evangelho achava-se, portanto, brilhando em todo aquêle território, bem como espalhando os seus raios luminosos em tôdas as direções.

Era o bastante para Farel: êle precisava fazer novas conquistas.

A uma curta distância de Morat, situava-se um dos ba-luartes do papismo — o condado de Neufchatel. Joana de Hochberg, que herdara o dito principado dos seus ances-trais, casara-se, em 1504, com Luís de Orléans, duque de Longueville. E tendo o fidalgo francês auxiliado o rei da França numa guerra contra os suíços, em 1512, os cantões apoderaram-se de Neufchatel, porém o restituíram à viúva, em 1529.

Poucas regiões poderiam ter apresentado maiores difi-culdades ao reformador intrépido. A princesa de Longue-ville, que residia na França, nas acomodações de Francisco 1, mulher de hábitos cortesãos, frívola, extravagante, sempre endividada e que considerava

Neufchatel como propriedade rústica que devia proporcionar-lhe renda enorme, era afei-çoada ao papa e ao papismo. Vinte cônegos, acompanhados de vários padres e capelães, constituíam o clero poderoso de Neufchatel, a cuja frente se achava o prepósito Olivério de Hochberg, irmão de criação da princesa. Auxiliares zelosos flanqueavam essa fôrça principal. De um lado, achava-se o mosteiro dos premonstratenses de Fontaine-André, três quartos de légua distante da cidade, cujos monges, após haver, no século XII, limpado o terreno com as próprias mãos (1) ,

gradativamente se tornaram senhores podefosos. De outro lado, achavam-se os beneditinos da ilha de São João, cujo abade, tendo sido deposto pelos berneses, buscara refúgio, fremente de ódio e de vingança, em seu priorado de Corceiles.

A população de Neufchatel tinha grande respeito pelos direitos antigos, e, considerando a ignorância geral, era fácil tirar partido de tal condição sentimental para manter as inovações do papismo. E os cônegos aproveitaram a oportunidade. Substituíram os ensinos evangélicos pelas pompas e espetáculos. A igreja, situada sôbre uma rocha íngreme, vivia cheia de altares, capelas e imagens de santos; e a religião que provinha de tal santuário saía pelas ruas acima e abaixo, mascarada de dramas e mistérios, de mistura com indulgências, milagres e libertinagem (2) .

Entretanto, os soldados de Neufchatel, que haviam to-mado parte na campanha de 1529, com o exército francês, trouxeram, ào voltar para casa, o entusiasmo mais vivo pela causa evangélica. Foi em semelhante época que um bote frágil, partindo da borda do sul do lago, do lado oposto a Morat, e transportando um indivíduo de nacionalidade francesa, de estatura mediana, aproou junto à margem de Neufchatel. Farel — porque era êle — havia sido informado de que a aldeia de Serrières, situada próxima às portas de Neufchatel, era subordinada, no tocante aos assuntos eclesiásticos, à cidade evangélica de Bienne, bem como que Emer Beynon, o padre do lugar, "tinha alguma simpatia pelo evangelho". Farel estabeleceu imediatamente o plano de sua campanha. Visitou o pároco Emer, que o recebeu com prazer. Mas, que poderia ser feito? Sim, pois Farel fôra impedido de pregar em tôda e qualquer igreja do condado. O pobre cura julgou conciliar tudo, permitindo que o reformador subisse, no cemitério, numa lápide funerária e que, dali, pregasse ao povo, voltado de costas para a igreja (3)

Grande tumulto ergueu-se, então, em Neufchatel. De um lado, as autoridades, os cônegos e os padres bradaram:

— Heresia!

De outro lado, porém, "alguns habitantes aos quais Deus dera o conhecimento da verdade (4) ", afluíram em bandos para Serrières. E, dentro em pouco, os ditos não pu-deram mais conter-se:

— Vinde pregar a Palavra na cidade — rogaram a Farel.

Isso aconteceu no cornêço de dezembro. Farel e tais há-"mens entraram, então, em Neufchatel, passando pelo portão do castelo, e, desviando-se da igreja situada na colina à es-querda, caminharam diante das casas dos cônegos e desce-ram o caminho, rumo às ruas estreitas, habitadas pelos cida-dãos. Chegados à cruz erigida na praça do mercado, Farel subiu num palanque e dirigiu a palavra a uma multidão, que afluíra de tôdas as cercanias — multidão composta de tece-lões, vinhateiros, lavradores, enfim, de gente digna, dotada mais de sensibilidade do que de

imaginação. O aspecto do pregador era grave. A prédica, enérgica; a voz, corno o trovão. As feições, os olhos, os gestos, tudo indicava ser Farel num homem de coragem. Acostumados a correr pelas ruas atrás- dos saltimbancos, os cidadãos ficaram, no entanto, im-pressionados "com a linguagem convincente do reformador. Diz um manuscrito: "Farel pregou um sermão de poder tão grande que converteu muita gente (5) ".

Não obstante, alguns monges tonsurados (6) .deslizaram entre os ouvintes, procurando incitá-los contra taministro herege.

—Vamos refrescar-lhe a cabeça! — disseram alguns monges.

—água com êle! A água com êle! — gritaram outros, avançando parà Farel, a fim de atirá-lo à fonte, que ainda pode ser encontrada nas proximidades do lugar onde ,êle pregou.

O reformador, contudo,. permaneceu firme.

À primeira pregação, sucederam-se outras. Para o mis-sionário evangélico, todo lugar era uma igreja; tôda pedra, todo banco, todo estrado, um púlpito. Já então os ventos glaciais e a neve de dezembro deviam ter conservado os habitantes ao redor de suas lareiras. OS cônegos defendiam-se energicamente (7). E, por tôda parte, os "tonsurados" mostravam-se agitados, suplicando, ameaçando, Clamando e intimidando. Mas, tudo em vão. Nem bem surgia em qualquer lugar aquêle homem de pequena estatura, tez pálida, porém queimada pelo sol, barbas ruivas e desgrenhadas, olhos vivos e bôca expressiva, já o trabalho dos monges estava perdido: o povo reunia-se em volta do reformador, porque era a Palavra de Deus que lhe brotava dos lábios (8). Todos os olhares fixavam-se em Farel. Boquiabertos e de ouvidos atentos, os circunstantes prestavam-lhe a máxima atenção (9), E, mal Farel começava a falar — oh, obra maravilhosa de Deus! (exclamava êle, mentalmente) —, a multidão cria como se fôsse uma só alma.

A Palavra de Deus tomou a cidade, por assim dizer, no primeiro ataque. E, lançando por terra os artifícios que Roma levara séculos para forjar, firmou-se, triunfante, por cima das ruínas das tradições humanas. Farel via, na ima-ginação, o próprio Jesus Cristo a andar, em espírito, por entre a multidão, abrindo os olhos aos cegos, abrandando os corações endurecidos, operando milagres (10). De modo que, certa vez, mal o reformador regressara à sua residência humilde, escreveu aos amigos, com a alma cheia de emoção: "Rendei, comigo, graças ao Pai das misericór-dias; pois que £1e mostrou a Sua benignidade para com os oprimidos por uma dura tirania". E, ajoelhando-se, Farel adorou a Deus (11) .

Todavia, durante êsse tempo, que faziam os adeptos do papa em Neufchatel?

Os cônegos, membros das Audiências Gerais, os quais constituíam a primeira classe política, tratavam tanto os pobres como os leigos com uma arrogância intolerável. Passando os encargos de suas funções aos pobres coadjutores, tais dignitários mantinham, pùblicamente, mulheres dissolutas. Vestiam-nas com luxo; consignavam-lhes aos filhos do- tações, através de atos públicos. E lutavam nas igrejas, rondavam pelas ruas à noite, ou; então, viajavam para um país estrangeiro, a fim de gozar secretamente o fruto de suas avarezas e intrigas. Uns pobres leprosos, metidos numa casa situada nos arredores da cidade, eram mantidos pelo pro-duto de certos donativos. Pois os ricos cônegos, que viviam entre banquetes, tinham a coragem de tirar de semelhantes infelizes o pão que lhes era dado por caridade.

O mosteiro de Fontaine-André ficava a pequena dis-tância da cidade. E, na época, os cônegos de Neufchatel e os monges de Fontaine guerreavam-se abertamente. Essas fôrças inimigas, acampadas em suas colinas, usurpavam cada qual os privilégios da rival, trocavam entre si os insultos mais grosseiros e chegavam, mesmo, às vias de fato.

— Sedutor de mulheres! — insultaram os cônegos o abade de Fontaine-André, que lhes devolveu a "cortesia" na mesma moeda.

Foi a Reforma que, através da fé, restabeleceu a lei moral na Cristandade — lei essa que o papismo espezinhara.

Durante muito tempo, ditas guerras com o mosteiro tinham perturbado a região. Mas, de repente, elas cessaram. Um acontecimento singular estava ocorrendo em Neufchatel — a Palavra de Deus era pregada ali. Tomados de mêdo no meio de suas desordens, os cônegos, de suas moradas elevadas, encararam com desprêzo o nôvo movimento. A notícia chegou a Fontaine-André. Os monges e os padres sus-penderam, então, as suas orgias e rixas. O sensualismo pagão, que invadira a Igreja, foi pôsto em debandada; o espiritualismo cristão havia reaparecido.

Imediatamente, os monges e os cônegos, até então em guerra, fizeram as pazes, unindo-se contra o reformador.

— Precisamos salvar a religião — alegaram, querendo dizer, com isso, os dízimos a receber, os banquetes, os es-cândalos e os privilégios.

Nenhum dêles pôde, porém, opor uma doutrina àquela pregada por Farel: insultá-lo foi a única arma dos papistas. Em Corcelles, entretanto, foram mais longe. Quando o mi-nistro estava pregando o evangelho perto do priorado, os monges caíram-lhe em cima. No meio dêles, encontrava-se o prior Rodolfo de Benoit, encolerizado, excitado e esforçando-se por aumentar a refrega, trazendo, mesmo, uma adaga na mão, segundo um escritor (12). Farel escapou com dificuldade.

Isso, porém, não bastou. O papismo, como sempre, recorreu ao poder civil. Os cônegos, o abade e o prior solicitaram, na mesma ocasião, a interferência do governador Jorge de Rive. Mas Farel permaneceu firme e disse:

—A glória de Jesus Cristo e a viva afeição que o Seu rebanho tem pela Sua Palavra constrangem-me a suportar sofriri lentos maiores do que aquêles que a linguagem pode descrever (13) .

Contudo, em breve Farel se viu obrigado a ceder. E, mais uma vez cruzou o lago. Tal travessia, no entanto, foi bem diferente da anterior. O fogo estava aceso.

A 22 de dezembro, Farel encontrava-se em .Morat. Pouco depois, em Aigle.

De Aigle, Farel foi chamado de volta a Morat. A 7 de janeiro, a fé religiosa foi levada à votação, e a maioria foi a favor do evangelho. Não obstante, a minoria papista, apoiada por Friburgo, intentou a reconquista de sua posição antiga, por meio de insultos e malvadezas.

—Farel! Farel! — ovacionou o partido da Refor-ma (14) .

Alguns dias depois disso, o reformador, acompanhado de um mensageiro de Berna, galgou o magnífico anfiteatro montanhoso que se acha ao norte de Vevey, de onde a vista se lança sôbre as águas do lago Lemano. E logo Farel cruzava as propriedades do conde João de Gruyère, que costumava dizer:

—Precisamos queimar êsse Lutem francês (15) !

Mal Farel havia atingido as alturas de São Maninho de Vaud (16), quando viu o vigário do lugar correr em sua direção, em companhia de dois padres.

—Herege! Demônio! — gritaram-lhe os papistas. Todavia, de mêdo de Berna, o fidaldgo permaneceu atrás de suas muralhas, e Farel seguiu o seu caminho.

Não se deixando parar em Morat pela necessidade de defender-se, ou pela inclemência do tempo, o reformador, logo em seguida, levou o evangelho àqueles lindos montes que se erguem entre as águas sorridentes dos lagos de Morat e Neufchatel, nas aldeias do Vully. E dita manobra foi coroada do êxito mais pleno. A 15 de fevereiro, quatro delegados surgiram em Morat, a fim de solicitar permissão para adotar a Reforma, a qual lhes foi concedida imediatamente.

— Permiti que os nossos ministros preguem o. evan-gelho — disseram Suas Excelências de Berna aos homens de Friburgo —, e deixaremos que os vossos padres come-tam as suas tolices. Não queremos forçar ninguém (17) .

A Reforma restaurou, pois, o livre arbítrio da Cristan-dade. E foi mais ou menos nessa época que Farel escreveu a carta admirável "a todos os senhores, povos e pastôres", que tantas vêzes temos citado. (18) .

O incansável reformador partiu, então, em busca (novas conquistas. Uma cadeia de rochas separa o vale do Erguei, no Jura, já evangelizado por Farel, da antiga Rau-raci, e uma passagem estreita, aberta através da rocha, serve de comunicação entre os dois distritos. Findava o mês de abril, quando Farel, atravessando a Pierre-Pertuis (19), desceu rumo à aldeia de Tavannes e entrou na igreja, no momento em que o padre celebrava a missa. Farel subiu ao púlpito. O padre estacou, atônito. O ministro encheu os ou-vintes de emoção, e a êstes pareceu que um anjo descera do céu. Imediatamente, as imagens e os altares foram, então, postos abaixo, e "o pobre padre, que celebrava a missa can-tada, não pôde terminá-la (20) ". Abater o papismo requerera um tempo bem menor do que o em que o padre passara no altar.

Em poucas semanas, grande. parte do bispado de Ba-siléia estava conquistada para a Reforma.

Durante semelhante tempo, o evangelho fermentava em Neufchatel. Os moços que haviam marchado com Berna para livrar Genebra dos ataques da Sabóia, contavam, em suas reuniões alegres, os feitos da campanha -e narravam como os Soldados de Berna, sentindo frio, haviam tirado as ima-gens da igreja dos dominicanos, em Genebra, dizendo:

—Os ídolos de madeira pára nada servem senão para fazer uma fogueira no inverno.

Farel tornou a aparecer em Neufchatel (21). Tendo a seu lado a parte baixa da cidade, o reformador dirigiu a atenção para as rochas altas, .sôbre as quais se erguiam a catedral e o castelo. "O melhor plano é trazer até nós êsses padres orgulhosos" — pensava êle. Certa manhã, os seus jovens amigos espalharam-se pelas ruas e afixaram, em lu-gares públicOs, cartazes enormes, que continham os dizeres seguintes: Todos os que celebram a missa são ladrões, assassinos e enganadores do povo (22). Foi grande a agitação em Neufchatel. Os cônegos mandaram chamar os seus homens, convocaram os escrivães e, marchando à frente de uma multidão enorme, munida de espadàs e cacêtes, desceram para a parte baixa da cidade, arrancaram dos lugares públicos os cartazes injuriosos. e citaram Farel para comparecer perante o tribunal, como sendo difamador, exigindo-lhe uma reparação de dez mil coroas.

Os dois partidos compareceram perante a côrte de jus-tiça, e era tudo quanto Farel desejava:

—Admito o fato — alegou o reformador. — Mas es-tou justificado no que diz. Onde se podem encontrar assas-sinos mais atrozes do que êsses enganadores, que vendem o paraíso e invalidam, assim, os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo? Provarei esta minha declaração com o Evan-gelho.

E Farel preparava-se para abrir a Bíblia, quando os cônegos, rubros de cólera, protestaram em voz alta:

—É a lei comum de Neufchatel, e não o Evangelho, que está em questão aqui! Onde estão as testemunhas?

O reformador, contudo, voltando constantemente àquela espantosa declaração, provou, com a Palavra de DeuS, que os cônegos eram, na verdade, culpados de assassínio e roubo.

Advogar tal causa significava a ruína do papismo. A côrte de Neufchatel, que nunca tivera notícia de caso se-melhante, resolveu, segundo o costume antigo, submetê-lo à consideração do conselho de Besançon (23), que, não ou-sando declarar a primeira classe política das Audiências Gerais culpada de assassínio e roubo, encaminhou o assunto ao imperador e a uma assembléia geral. As más causas nada ganham provocando distúrbios.

A cada momento que os papistas desejavam fazê-lo re-cuar, Farel dava um passo à frente. Um dia, quando se achavam à volta do reformador, habitantes de Neufcliatel per-guntaram-lhe, bradando:

—Por que motivo não deve a Palavra de Deus ser pregada numa igrejà?

Em seguida, arrastando Farel consigo, às pressas, os habitantes abriram as portas da Capela do Hospital e pu-seram-no no púlpito. Uma multidão enorme postou-se, si-lenciosa, diante do ministro. Disse êle:

—Do mesmo modo que Jesus Cristo, surgindo numa situação de pobreza e humildade, nasceu num estábulo, em Belém, assim êste hospital, esta casa dos doentes e dos po-bres, se torna, hoje, o lugar de Seu nascimento, na cidade de Neufchatel.

Sentindo-se, então, pouco à vontade na presença das imagens pintadas e esculpidas que ornamentavam a capela, Farel pegou aquêles objetos de idolatria, tirou-os do recinto e fê-los em pedaços (24) .

O papismo, que o ódio havia cegado, tomou, por fim, uma proVidência que, sem dúvida alguma, tinha o direito de tomar, mas que o arruinou: recorreu ao braço secular, e o governador enviou uma delegação ao conselho de Berna, solicitando o afastamento de Farel ede seus companheiros.

Contudo, quase ao mesmo tempo, chegaram a Berna os delegados dos habitantes de Neufchatel.

—Não pegaram as nossas mãos em armas, em Inter-iaken e Bremgarten, para defender a vossa Reforma? E vós, ireis abandonar-nos, agora que estamos em nossa Reforma? — perguntaram êles ao conselho.

Berna ficou indecisa. Uma desgraça pública, Porém, enchia de tristeza a cidade inteira, em tal ocasião. Um dos cidadãos mais ilustres da república, o barão de Weingarten, atacado de peste, expirava, entre as lágrimas dos filhos e dos concidadãos. Informadci da chegada dos homens de Neuf-chatel, reuniu as fôrças que se lhe esvaíam e disse aos -cir-cunstantes.

— Ide solicitar ao senado, em meu nome, que convoque uma assembléia geral do povo de Neufchatel, para o próximo domingo.

Semelhante mensagem do barão moribundo fêz com que o conselho se decidisse.

Os delegados de Berna chegaram a Neufchatel no dia 7 de agôsto. Farel achou, então, que, durante os debates, teria tempo para uma nova conquista. Deixou, portanto, a cidade.

O Mo do dito reformador só pode ser comparado ao do apóstolo São Paulo. Farel era de pequena estatura, fran-zino, mas dotado de uma energia inteiramente procedente dos apóstolos: todos os dias, via-se acabrunhado por perigos e injúrias; êle, contudo, possuía, dentro de si, uma fôrça divina, que o tornava vitorioso.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Ibid

(2) Memoires sur LEglise collégiale de Neufchatel, pág. 240.

(3) M. de Perrot, ex-pastor de Serrières e autor de uma obra intitulada "LEglise et la Réformation", mostrou-me a lápide sôbre qual Farel ficou em pé.

(4) "Aucuns de Neufchatel, auxquels Dieu avaient donné connoissence de la vérité", &c. Choupard, MS.

(5) Citado em Choupard, MS.

(6) Rasorum rentoramenta, Farellus Molano, Neufchatel MS.

(7) Contra ty.annica praccepta. Ibid.

(8) Ad verburn festinarent. Ibid.

(9) Avide audientes. Ibid.

(10) Quid Christus in suis egerit. Farellus Molano, Neufchatel MS.

(11) Gratias ergo, Fratres, mecuni agite Patri misericordiaram, quod sit propitius gravi pressis tirannide. Ibid.

(12) Rosselet in Annotat. Farel Leben von Kirchofer.

(13) "At levia facit omnia Christus" acrescentou êle. Farel a Dumoulin, 15 de dezembro, Neufchatel MS.

(14) Choupard MS. Chambrier, Hist: de Neufchatel, pág. 293.

(15) Missiva de Berna ao conde de Gruyère, 5 e 16 de i 1530. aneiro de

(16) A esquerda da estrada atual de Vevey a Friburgo.

(17) Missiva de Berna. Choupard MS:

(18) A tous seigncurs. peuples, et panwurs. Vide atrás, Vol. III, livro XII.

(19) Petra Pertusa.

(20) Donc te pauvre prête qui chantoit sa messe ne !a peut achever. Antigo MS, citado no Choupard MS.

(21) Farellus suo more magna fortitudine jam-jam agit. Megander a Zwínglio, 6 de agôsto de 1530:

(22) De Chambrier, Hist. de Neufchatel, 1, 293.

(23) Prendre les entruives.

(24) Choupard MS.

CAPITULO VII

Valangin Guillemette De Vergy Farel Dirige-se Para A Localidade De Val de Ruz — A Missa Interrompida — Farel Ë Arrastado Ao Rio — Farel Na Prisão — comparação Entre Os Apóstolos E Os Reformadores — Farel Prega Em Neufchatel — Instalado Na Catedral — Um Tu- Fão Passa Sobre O Povo — Os 1dolos Destruidos — Interposição Do Governador — Triunfo Dos Reformados.

À distância de uma légua de Neufchatel, além da mon-tanha, estende-se a localidade de Val de Ruz, e, perto de sua entrada em lugar íngreme, onde ruge uma corrente im-petuosa, circundada por penhascos escarpados, fica a cidade de Valangin. Um castelo antigo, construído sôbre a rocha, ergue ao ar suas muralhas imensas, sobranceando as residências humildes dos citadinos e expandindo a sua jurisdição por cinco vales daquela série de montes elevados e austeros, na época cobertos de florestas de pinheiro, mas, agora, povoados pela mais ativa das indústrias (1) .

Em tal castelo morava Guillemette de Vergy, condêssa viúva de Valangin, intensamente apegada à religião papista e cheia de respeito pela memória do marido. Cem padres haviam celebrado a missa solene no funeral do conde, quando, então, muitas jovens penitentes se casaram e numerosas esmolas foram distribuídas. O cura de Locle fôra enviado a Jerusalém, e a própria Guillemette fizera uma peregrinação em prol do repouso da alma de seu senhor falecido.

Às vêzes, contudo, a condêssa de Gruyère e outras senhoras costumavam vir visitar a viúva de Vergy, que reunia, no castelo, um. grupo de senhores moços. O pifam) e o pandeiro reboavam sob os tetos abobadados da residência senhorial, turmas tagarelas ajuntavam-se nos vãos imensos de suas janelas góticas e danças alegres sucediam-se intensamente, após longo silêncio e melancólica devoção (2). Houve um só sentimento que jamais abandonou Guillemette: foi o seu ódio contra a Reforma, no que era calorosamente secundada pelo seu intendente, o Sieur de Bellegarde.

Guillemette e os padres tinham, de fato, motivo para tremer. O dia 15 de agôsto significava um grande dia santo católico: o de Nossa Senhora de Agôsto, ou da Assunção, que todos os fiéis da região de Val de Ruz se preparavam para comemorar. Esse foi justamente o dia que Farel esco-lheu. Animado pelo fervor e coragem de Elias, êle pôs-se a caminho de Valangin, e acompanhou-o um jovem, seu com-patriota, bem como, segundo parece, parente distante, An-tônio Boyve, cristão zeloso e homem de caráter decidido (3).

Os dois missionários escalaram a montanha, afundaram-se na floresta de pinheiro e, depois, descendo de nôvo ao vale, atravessaram Valangin, onde a

vizinhança do castelo não lhes deu muito encorajamento para parar, e chegaram a uma aldeia, provàvelmente Boudevilliers, propondo-se a pregar o evangelho ali (4) .

Já, então, de todos os lados, o povo se dirigia, em multidão, à igreja. Farel e seu companheiro entraram também nela, juntamente com pequeno número dos habitantes que ohaviam ouvido em Neuchatel. O reformador subiu imedia-tamente ao púlpito, e o padre preparou-se para dizer a missa. E o combate teve início. Enquanto Farel falava sôbre Jeus Cristo e Suas promessas, o sacerdote e o côro entoavam o ato religioso. Aproximava-se o momento solene: a inefável transubstanciação estava prestes a realizar-se; o clérigo pro-nunciava as palavras sagradas diante dos elementos. Nesse instante, o público já não hesita. Hábitos antigos, uma influência irresistível, impelem-no ao altar. O pregador fica abandonado. A multidão, ajoelhada, reencontrou o seu culto primitivo. Roma exulta. De repente, um môço sai da turba. Cruza o côro. Caminha precipitadamente até o altar. Ar-rebata a hóstia das mãos do padre e brada, enquanto se volta para o povo:

Este não é o Deus a quem deveis adorar. Ele está lá em cima, no céu, na majestade do Pai, e não, como credes, nas mãos de um sacerdote (5) .

O môço era Antônio Boye.

Ato tão ousado produziu, a princípio, o efeito que se esperava. A missa foi interrompida, o cântico cessou e o público, como que chocado por uma intervenção sobrenatural, ficou mudo e imóvel. Farel, que se achava ainda no púlpito, tirou, imediatamente, proveito de tal. sossêgo e proclamou aquêle Cristo, "o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo (6) ". Depois disso, o padre eos coristas, acompanhados de seus adeptos, precipitaram-se em direção às tôrres, alcançaram, correndo, o campanário etocaram os sinos a rebate.

Semelhante expediente surtiu efeito: reuniu-se uma mul-tidão, e, se Farel não &e tivesse retirado dali, súa morte e a de Boyve teriam sido inevitáveis. Diz a crônica: "Livrou-os, porém, o Senhor". Os dois missionários percorreram, então, o trecho que separa Boudevilliers de Valangin, aproximando-se das gargantas alcantiladas do caudal do Seyon. Mas como atravessar aquela cidade que o alarma já havia pôsto de sobre aviso?

Deixando Chaumont e suas matas escuras à esquerda, os dois arautos do evangelho tomaram um caminho estreito, que dava voltas em baixo do castelo. Avançavam furtivamente, com cautela, quando, de súbito, foram atacados por uma saravaida de pedras, e, ao mesmo tempo, uma vintena de indivíduos — clérigos, homens e mulheres —, armada de cacêtes, caiu, furiosa, sôbre êles. "Os sacerdotes não estavam com a gôta nos pés nem nos braços; os ministros foram tão espancados que, por pouco, não perderam a vida" — escreve um certo cronista (7) .

Madame de Vergy, que desceu à esplanada, longe de moderar a ira dos padres, gritou:

—À água! À água! Atirai-os ao Seyon! Ésses cães luteranos, que menosprezaram a hóstia (8) !

Com efeito, os clérigos passaram a arrastar os dois hereges rumo à ponte. Nunca Farel estêve mais próximo da morte.

Inesperadamente, por trás da última rocha, que, na direção da montanha, esconde Valangin, surgiram algumas pessoas bondosas da localidade de Val de Ruz, vindas de Neufchatel (9) e que desciam o vale.

—Que estais fazendo? — indagaram elas dos sacerdotes, com a intenção, sem dúvida, de salvar Farel.Co- locai, antes, êsses homens em lugar seguro, a fim de que possam responder pelos seus atos. Quereis privar-vos do único meio em voso poder de descobrir os infectados pelo veneno da heresia?

Antes tais palavras, os padres pararam e conduziram os prisioneiros à residência senhorial. Ao passar diante de uma capelinha, onde havia uma imagem da virgem, ordenaram a Farel e Boyve, indicando-lhes a estátua:

—Ajoelhai-vos! Prostrai-vos perante Nossa Senhora! Farel pôs-se a admoestá-los:

—Adorai a um só Deus, em espírito e verdade —disse-lhes —, e não esculturas mudas, que não têm vida nem poder.

Os clérigos, porém, continua o cronista, "grandemente vexados com as palavras e a firmeza do reformador, apli-caram-lhe tantos golpes que ele ficou coberto de sangue, o qual esguichou mesmo nas paredes da capela; e, muito tempo depois, podia ainda ver-se os vestígios disso" (10) .

E os missionários reencetaram a marcha, entraram na cidade, venceram o caminho íngreme que conduzia à espla-nada, onde Guillemette de Vergy e seus acompanhantes, aguardavam os "luteranos", para, prossegue a crônica, "de-pois de surrados assim, de modo continuo, serem levados, inteiramente cobertos de imundícia e sangue, à masmorra ("croton") do castelo de Yalangin e ali jogados quase sem vida". Dessa forma fôra Paulo, em Listra, apedrejado pelos judeus, arrastado para fora da cidade e deixado como morto (11). «Os apóstolos e os reformadores pregaram a mesma doutrina e suportaram o mesmo tratamento.

Talvez se possa dizer que Farel e Boyve foram violentos deinai! em seu ataque, mas a Igreja da Idade Média, que recuara para o espírito legal do judaísmo e para tõdas as corrupções que dêste provém, precisava de oposição enérgica que a reconduzisse ao princípio da graça. Agostinho e São Paulo reapareceram na Igreja do século XVI. E, quando lemos que Boyve investe, imensamente agitado, sôbre os

que estavam prestes a adorar o pão da missa, não podemos lembrar-nos de nôvo do ato de São Paulo, a rasgar seus vestidos e a saltar para o meio da multidão, que desejava render culto a "homens sujeitos às mesmas paixões (12) "?

Farel e Boyve, metidos no calabouço da residência senhorial, poderiam, do mesmo modo que Paulo e Silas na prisão de Filipos, "entoar louvores a Deus". Messire de Bel-legarde, sempre disposto a perseguir o evangelho, prepara-lhes um fim critel, quando uns habitantes de Neufchatel chegaram para os recamar. Madame de Valangin não ousou opor-se e, a pedido dos berneses, instaurou mesmo um in-quérito, "a fim de dar bom aspecto ao assunto" — diz um manuscrito. "Não obstante, o padre que mais espancara Farel jamais deixou, posteriormente, de comer todos os dias à mesa da senhora, atítulo de recompensa (13) ". Isso, porém, teve pouca importância: a semente da verdade havia sido plantada na região de Val de Ruz.

Em Neufchatel, os berneses apoiavam os cidadãos evangélicos. O governador, cujos recursos estavam exauridos, enviou deputados à princesa, "implorando-lhe que cruzasse as montanhas para apaziguar o seu próprio povo. que se achava em tremendas dificuldades, em conseqüência de tal religião luterana (14) ",

Entrementes, o fermento cresceu. Os citadinos rogaram aos cônegos que abrissem mão da missa. Os últimos recusa-ram-se, e, então, os primeiros apresentaram-lhes seus mo-tivos por escrito, suplicando-lhes que debatessem a questão com Farel. Ainda a mesma recusa!

—Mas, pelo amor de Deus, falai ou a favor ou contra! Foi tudo inútil!

No dia 23 de outubro, domingo, Farel, que regressara a Neufchatel, pregava no hospital. Sabia êle que os magis-trados da cidade haviam deliberado sôbre a conveniência de consagrar a própria catedral ao culto evangélico.

—Quê? Então não prestaremos ao evangelho tanta honra quanto a outra facção presta à missa? — disse Farel. —E, se se celebra êsse ato supersticioso no templo principal, não se proclamará também lá o evangelho?

Ante tais palavras, levantaram-se todos os ouvintes do reformador, bradando:

—À igreja! A igreja!

Homens impetuosos, desejam pôr mãos à obra, a fim de realizar aquilo que a prudência dos burgueses havia pro-posto (15). Deixam o hospital, e, com êles, levam Farel. Sobem o caminho íngreme do castelo. Em vão o cônego e seus seguidores amedrontados pretendem parar a multidão, que força uma passagem. Convictos de que avançam em prol da glória de Deus, nada pode deter semelhantes homens. In-sultos e gritos assaltam-nos de todos os lados; porém, em nome da verdade que defendem, êles prosseguem. Abrem as portas da Igreja de Nossa Senhora. Entram, e,

ali, inicia-se nova luta. Os cônegos e seus amigos, reunidos ao redor .do púlpito, esforçam-se por interceptar Farel. Mas de nada adianta. Os papistas não têm de tratar com um bando de de-sordeiros. Deus o declarou em Sua Palavra, e os próprios magistrados haviam emitido uma decisão definitiva. Os ci-. tadinos adiantam-se, portanto, contra a roda sacerdotal. Formam um batalhão cerrado, no meio do qual põem o reformador. Conseguem abrir caminho através da turba oponente e, por fim, colocam o ministro na tribuna sacra, sem que mal algum lhe suceda (16) .

. Logo depois, tudo é calma dentro do templo e fora dêle. Mesmo os adversários ficam quietos. E Farel profere, então, "um dos sermões mais brilhantes que havia, até ali, pregado". Os olhos dos homens estão abertos. Sua emoção aumenta. Seus corações tornam-se ternos. Os mais obstina-dos mostram-se convertidos. E, de tôda parte da velha igreja, ressoa esta exclamação:

—Seguiremos a religião evangélica, tanto nós como os nossos filhos, e nela haveremos de viver e morrer (17) !

De súbito, um tufão, por assim dizer, passa sôbre tal ajuntamento de gente e agita-o à semelhança de um mar imenso. Os ouvintes de Farel. querem imitar o piedoso rei Josias (18) .

—Se tirarmos êsses ídolos de diante de nossos olhos, tal ato não nos ajudará — perguntaram — a tirá-los de nos-sos corações? Uma vez quebradas as imagens, quantas almas dentre nossos concidadãos, agora perturbadas e hesitantes, irão decidir-se por esta surpreendente manifestação da verdade! Cumpre-nos salvá-las, por assim dizer, pelo fogo (19) .

O segundo motivo levou-os à decisão, e, então, teve início uma cena que encheu os católicos de horror e que haveria, consoante êstes, de trazer o terrível julgamento de Deus sô-bre a cidade.

O próprio lugar onde sucedeu semelhante espetáculo parecia contribuir para a sua solenidade. Ao norte, as mu-ralhas do castelo elevam-se sôbre os penhascos agudos do vale sombrio, porém pitoresco, do Seyon, e a montanha, que está defronte da residência senhorial, apresenta à vista do observador pouco mais do que rochas nuas, videiras e abetos negros. Mas, ao sul, embaixo da esplanada em que se passava tal episódio tumultuoso, ficam as águas amplas e tranqüilas do lago, com suas margens férteis e graciosamente originais. À distância, os píncaros contínuos dos Alpes superiores, com suas neves deslumbrantes, suas geleiras imensas e pontas agudas, gigantescas, estendem-se ao longe diante do olhar embevecido. -

Nessa plataforma, o povo de Neufchatel achava-se em comoção, quase nenhuma atenção prestando aos majestosos cenários da natureza. O governador, cujo castelo ficava contíguo à igreja, viu-se compelido a continuar a ser espectador indiferente dos excessos que não podia impedir. Contentou-se êle em deixar-nos uma descrição

de tais desregramentos. Diz o governador: "Esses sujeitos ousados pegam em picaretas, machadinhas e martelos e, assim, marcham contra as imagens dos santos". Eles avançam. Golpeiam as estátuas e os altares. Destroçam-nos. As figuras esculpidas no século XIV pelos "iconistas" do conde Luís não são poupadas, e, certamente, não escapam à destruição as esculturas representativas dos próprios condes, que foram confundidas com ídolos. Os habitantes da cidade reúnem todos aquêles fragmentos de um culto- idólatra, transportam-nos para fora do templo e atiram-nos do alto da rocha. As pinturas não recebem melhor tratamento. "Foi o diabo que ensinou ao mundo tal arte de estátuas, imagens e tôda espécie, de coisas semelhantes (20) " — pensavam os citadinos, a exemplo dos cristãos primitivos. Os habitantes arrancam os olhos dos quadros dos santos e cortam-lhes os narizes. O próprio crucifixo é derrubado, pois semelhante figura de madeira usurpa a homenagem que Jesus

Cristo reclama no coração. Resta ainda uma representação esculpida, a mais venerada de tôdas: é a de Nossa Senhora da Misericórdia, que Maria da Sabóia presenteara à igreja colegiada. Mas mesmo Nossa Senhora não é tratada com indulgência. Certa mão, mais arrojada do que as outras, desfecha-lhe um golpe, assim como, no século IV, se golpeou a estátua colossal de Serápis (21). "Furaram até a vista de Nossa Senhora da Misericórdia, que a falecida soberana, vossa mãe, mandara fazer" escreveu o governador à duquesa de Longueville.

Os reformados foram ainda mais longe: apoderaram-se das pátenas, onde estava colocado o "corpus Domini", e, do tôpo da rocha, lançaram-nas à torrente. Depois disso, desejosos de «mostrar que as obreias consagradas são simples pão, e não o próprio Deus, distribuíram-nas entre si e comeram-nas. À vista de tal ato, os cônegos e os capelães não puderam mais permanecer calados. Ouviu-se um grito de horror, e, acompanhados de seus adeptos, êsses clérigos apressaram-se a opor fôrça à .fôrça. Por fim, teve início a luta que havia sido tanto temida.

O preboste Olivério, de Hochberg, e os cônegos Simão, de Neufchatel, e Pontus, de Soleilant, todos os três membros do conselho privado, tinham-se dirigido às pressas para o castelo, assim como os demais conselheiros da princesa. Até aquêle momento, êles tinham ficado tais quais testemunhas silenciosas da situação; mas, assim que viram os dois partidos chegar às vias de fato, ordenaram a todos os "defensores da doutrina evangélica" que comparecessem à presença do governador. Isso era como tentar acorrentar os ventos. Demais, por que deveriam os protestantes parar? Não estavam agindo sem autoridade legítima .(22) .

— Dizei ao governador — responderam, orgulhosamente, os habitantes da. cidade — que, nos negócios de Deus e de nossas almas, êle não tem mando sôbre nós (23) .

Descobriu, então, Jorge de Rive que seu poder nada .conseguia contra uma fôrça superior à sua própria. Devia ceder e salvar, pelo menos, algumas sobras. Apressou-se, portanto, a retirar as imagens que ainda restavam e a encerrá-las em compartimentos secretos. Os cidadãos de Neufehatel permitiram-lhe pôr em prática tal medida. "Livrai os vossos deuses — pensaram os últimos —, preservai-os debaixo de barras fortes, temendo que talvez um ladrão vos prive dos objetos de vossa adoração (24) ". Pouco a pouco, o tumulto cessou, a torrente popular voltou para dentro de seu canal e, logo depois, em comemoração dêsse grande dia, as palavras qúe se seguem foram inscritas num dos pilares da igreja:

"LAN 1530, LE 23 OCTOBRE, FUT OTEE ET ABATTUE LIDOLATRIE DE CEANT PAR LES BOURGEOIS (25) ".

Uma imensa revolução fôra efetuada. Sem dúvida, teria sido. melhor se as obras de escultura houvessem sido tiradas, e o evangelho pôsto em seu lugar, com calma, da mesma forma que aconteceu em Zurique. Devemos, porém, tomar em consideração as dificuldades que traz consigo uma mudança tão profunda e contestada, bem como levar em conta a inexperiência e os excessos inseparáveis de uma primeira expio são. Aquêle que visse, nessa alteração repentina, só os seus. desregramentos, revelaria uma mentalidade singularmente es-treita.

Foi a religião protestante que triunfou na esplanada do castelo. Já não eram algumas gravuras nem legendas que iriam falar à imaginação dos habitantes de Neufchate: a revelação de Cristo e dos apóstolos, conforme fôra resguardada pelas Sagradas Escrituras, foi-lhes restituída. Em vez dos mistérios, símbolos e milagres do papismo, a Reforma trouxe-lhes dogmas sublimes, doutrinas poderosas, verdades santas e eternas. Em lugar de uma missa destituída- de Deus e cheia de puerilidades humanas, o movimento reformista restaurou-lhes a Ceia dé Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Presença invisível, mas, ainda assim, real e potente, as Suas Promessas, que dão paz à alma, e o Seu Espírito, que trans-forma. o coração e constitui um penhor seguro de gloriosa ressurreição. Tudo é ganho em tal troca.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Sítuam-:se aí Chaux de Fonds, Locle, etc.

(2) Chambrier, Hist. de Neufchatcl, pág. 276.

(3) Anais de Boyve e uma família MS. Tal família deu, desde então, vários pastores à igreja de Neufchatel.

(4) Há dois manuscritos originais (ambos citados em Choupard MS) que dão conta de tal relato. Um dêles diz que Farel pregou em Valangin; o outro menciona uma povoação próxima dali. Ruchat adotou a primeira versão; eu julgo a última preferível. O segundo MS parece-me mais antigo e mais correto do que o primeiro.

(5) Choupard MS.

(6) Atc, 3:21.

(7) Les prêtes navoient pas la goutte aux pieds et aux Bras, et ils les battirent tellement que peu sen fallut quils ne. perdissent la vie. Choupard MS.

(8) A leau! a leau! jettez les dans le Seyon ces chiens de Ltithériens qui ont méprisé le bon Dieu! Ibid.

(9) Ibid.

(10) Choupard MS. Mais eux, rudement facliés de ses propos et consLance, luidonnèrent tant de coups. quils le mirent tout en sang, junques là que son sang jáillissoit sur les murailles de la cha-pelle. On en voyoit long temps après encore les marques.

(11) Atos 14:19.

(12) Atos 14:14.

(13) Choupard MS.

(14) Carta do governador à princesa.

(15) Essa é a conclusão que tiro de vários papéis e, em particular do relatório:da reunião realizada em Neufchatel, pelos deputa. dos berneses, no qual os chefes dos burgueses declaram, "que lhes pareceu boa coisa derrubar os altares, etc." Até aqui, só se viu uma fase de semelhante medida: a do movimento, popular. A outra fase, ou seja, a da resolução legal dos magistrados da cidade, parece ter sido esquecida.

(16) Choupard MS.

(17) Ibid.

(18) Crônicas 34:7.

(19) Choupard MS.

(20)

(21) Sócrates. V. 16.

(22) "Par les quatre du dit Neufchatel" = pelas Quatro (autorida-des municipais) da dita Neufchatel, observa o padre Besancenet. Vide também o recesso do conselho convocado em Neufchatel pelo MM. de Berna, em 4 de novembro de 1530.

(23) Carta do governador à princesa.

(24) Cur vos sub validissimivpus, ingentibusque sub claustria conservatis, nè forte fur. aliquig irreptat? Arnobius contra gentes, VI, 257. ,.

(25) No dia 23 de outubro de 1530, a idolatria foi destruída e bani. da desta igreja pelos cidadãos.

CAPITULO VIII

Os Romanistas Exigem Uma Votação Secreta — Os Berneses A Favor Da Reforma — Vo-tam Ambos Os Partidos — Os Prudhom-mes De Neufchatel — Prazo Proposto Os Romanistas Empunham A Espada — A Votação - A Maioria A Favor Da Refor-ma — O Protestantismo Perpétuo — A Imagem De São João — Um Milagre -— Re-tirada -dos Cônegos — O Papismo E O Evangelho.

O governador e seus amigos leais não haviam, porém, perdido tôda a esperança. — Foi apenas uma minoria que tomou parte na destrui-ção das imagens disseram êles, no castelo. — A maior parte da nação segue ainda a doutrina anfiga.

Monsieur de Rive tinha ainda de aprender que, se num movimento popular apenas a minoria aparece,. é, em alguns casos, porque a maioria, sendo da mesma opinião que a mi-noria, prefere deixar que os outros ajam. Seja como fs3r, o governador, julgando-se em terreno seguro, resolveu submeter à votação a preservação da missa. Se a maioria se achava indecisa, a influência conjunta do govêrno e do clero a faria inclinar-se para o lado de Roma. Os amigos da Reforma, percebendo tal artimanha e sentindo a necessidade de garantir a integridade dos votos, exigiram a presença de delegados berneses. Foi-lhes isso, a princípio, recusado. Mas a cidade de Neufchatel, dividida em dois partidos hostis, poderia, a qualquer momento, ver correr sangue em suas. ruas: Monsieur de Rive chamou, portanto, Berna, em auxilio dêle próprio.

Antônio Noll e Sulpice Archer, ambos membros do Conselho, em companhia de Jacques Tribolet, bailio da ilha de São João, todos êles homens devotados à Reforma, entraram em Neufchatel a 4 de novembro — dia memorável para o principado e que decidiria a sua mudança. Os delegados dirigiram-se para o castelo, onde se expressaram com grande altivez (1) .

— Suas Excelências de Berna estão muito surpresos com a vossa oposição à Palavra de Deus, verdadeira e pura —disseram ao governador. — Desisti imediatamente dessa opo-sição, senão o vosso Estado e autoridade sofrerão por causa disso (2) .

Jorge de Rive ficou estupefato. Supunha haver chamado auxiliares e encontrara superiores. Tentou, no entanto, fugir à situação embaraçosa em que fôra apanhado. Os cantões católico-romanos de Lucerna, Friburgo e Soleure eram, tam-bém, aliados do seu Estado. O governador insinuou, pois, aos delegados de Berna que êle bem poderia requerer a in-tervenção de tais cantões. Ao ouvir semelhantes palavras, os delegados ergueram-se, indignados, e declararam a Monsieur de Rive que, se o fizesse, êle poderia ser a causa de a sua soberana perder Neufchatel. Viu, então, o governador a impossibilidade de escapar à rêde em que caíra. Não lhe restava outra

alternativa senão se submeter aos delegados de Berna e observar o curso- dos acontecimentos, que lhe era impossível dirigir.

O mesmo não se deu com os cônegos e os nobres. Não se julgando vencidás, assediaram os berneses. E, misturando religião com política, como era de seu costume em casos semelhantes, procuraram fazer fraquejar os delegados, dizendo-lhes:

—Não vêdes que, a não ser que apoiemos o poder espiritual, comprometeremos o poder civil? O sustentáculo mais firme do trono é o altar!. Êsses homens, de quem vos tornastes defensores, não são senão um punhado de fomentadores de discórdias — a maioria é a favor da missa!

—Tomai o caminho que quiserdes — respondeu-lhes um bernês inflexível. — Mesmo que a maioria esteja do vosso lado, sempre deveis seguir tal caminho. Jamais as nossas autoridades abandonarão os defensores da fé evangélica (3) !

O povo reuniu-se, no castelo, para a votação definitiva. O destino de Neufchatel estava prestes a ser decidido. De um lado, achavam-se, aglomerados, ao redor do governador, o conselho privado, os cônegos e os romanistas mais zelosos. Do outro, podiam ser vistos os quatro regedores, o conselho municipal e grande número de cidadãos a subir, com ar solene, o caminho íngreme que conduzia ao palácio do govêrno, chegando-se em frente de seus adversários. Em ambos os lados havia a mesma lealdade à própria fé e à mesma religião. Ao redor dos cônegos, contudo, encontravam-se muitas mentes apreensivas, corações aflitos e olhares deprimidos, ao passo que os amigos da Reforma avançavam, de cabeça erguida, com ar de firmeza e coração cheio de esperança.

Jorge de Rive, desejando conquistar a simpatia dos amigos do evangelho, pôs-se a dirigir-lhes a palavra. Descreveu a violência com que os partidários da Reforma haviam destruído as imagens e derrubado os altares. E prosseguiu:

—Todavia, quem edificou a dita igreja? Foram os antepassados da princesa, e não os cidadãos. Por êsse motivo, exijo que todos aquêles que infringiram, violentamente, a autoridade de nossa soberana sejam obrigados a restituir o que tiraram do templo, para que a santa missa e as horas canônicas possam ser celebradas de nôvo (4) .

Ato contínuo, os prudhommes de Neufchatel avança-ram. Não eram um grupo de pessoas jovens e estouvadas, como alegavam os papistas. Eram cidadãos sérios, cuja liber- dade se achava garantida e que haviam pesado o que deveriam responder.

—Com a iluminação do Espírito Santo — disseram êles a Monsieur de Rive — e com as doutrinas do evangelho, mostraremos que a. missa é um abuso, sem qualquer uti-lidade e que contribui muito mais para a perdição eterna das almas do

que para a sua salvação. E estamos preparados para provar que, destruindo os altares, nada fizemos que não fôsse direito e agradável a Deus (5) .

Assim, pois, as duas facções se encontravam frente a frente — "com grande ódio e divisão", diz o relatório dos berneses. Os árbitros conferenciavam entre si. E, sentindo que aquêle movimento decidiria o futuro, o governador insistia. Uns poucos votos bastariam para o triunfo de Roma, e êle esperava ganhá-los com a sua insistência. Disse aos berneses:

—Deveis compreender que a maioria das pessoas desta cidade, dos homens e mulheres, se mantém firmemente fiel à fé antiga. As demais pessoas são jovens exaltados, vaidosos de si mesmos e entufados da nova doutrina (6) .

—Bem! — replicaram-lhe os delegados de Berna. —A fim de evitar todo e qualquer mal, vamos pôr fim a tal diferença por meio da maioria de votos, de conformidade com o tratado de paz, firmado pelos contões em Bremgarten.

Era o que os evangélicos desejavam. E pediam, conforme a expressão consagrada pelo uso em tais casos:

—Votação! Votação! (7) !

Mas, na presença de Berna, o senhor de Prangins e os padres, que haviam desejado a votação quando se achavam a sós, recuaram:

—Pedimos um prazo — disseram.

Se os evangélicos se deixassem lograr por semelhantes medidas dilatórias, tudo ficaria terminado. E, quando os berneses. tivessem deixada Neufchatel, o governador e o clero dominariam fàcilmente a situação. Por conseguinte, os amigos da Reforma permaneceram firmes.

— Não! Não! — protestaram os evangélicos. — Votação agora! Nada de adiamento! Nem de um dia! Nem de uma hora!

Todavia, ante um procedimento que decidiria a queda legal do papismo, o governador tremeu e, obstinadamente; opôs-se aos apelos do povo. Os magistrados já se achavam, pois, indignados. Os cidadãos murmuravam. E os mais violentos lançavam olhares à espada que traziam. "Estavam resolvidos a forçar-nos de espada na mão" — escreveu o governador à princesa. Um nôvo tumulto ganhava corpo em Neufchatel. Mais alguns minutos de oposição do governador e a desordem irromperia, acometendo a igreja, a cidade e o castelo, destruindo não só as estátuas, as imagens é os altares, como "teriam restado cadáveres" — disse o senhor de Rive (8). E o governador, aflito, amedrontado, cedeu.

Ao ter notícia de tal concessão, perceberam os partidários de Roma todo o perigo que corriam. Çonferenciaram, planejaram medidas e, num instante, a sua resolução estava tomada: achavam-se resolvidos a fugir (9) .

—Meu senhor — disseram, voltando-se para Monsieur de Rive e tocando no punho de suas espadas —, todos nós, que nos mantemos fiéis ao Santíssimo Sacramento, estamos resolvidos a morrer .como mártires, pela nossa santa fé (10) .

Dita demonstração não escapou à atenção dos jovens soldados que haviam regressado da guerra de Genebra. Um minuto mais, as espadas teriam sido desembainhadas e a plataforma transformada num campo de batalha.

Monseigneur de Prangins, mais astuto do que ortodoxo, estremeceu a tal idéia. Disse êle ao mais violento do seu partido:

—Não posso permitir isso. Tal emprêsa custaria o Es-tado e o domínio de minha soberana (11).

E aos bemeses:

—Consinto na votação, com restrição, porém, da so-berania, direitos e autoridade de Madame.

— E nós — ajuntaram os cidadãos —, com a restrição de nossas liberdades e privilégios.

Vendo falhar-lhes agora o poder. político a que haviam recorrido, os romanistas sentiram que tudo estava perdido. Desejam, pelo menos, salvar a honra, no grande malôgro. Desejam subscrever os seus nomes, a fim de que a posteridade soubesse quem havia permanecido fiel a Roma. Êsses orgulhosos defensores da hierarquia avançaram para o go-vernador. Lágrimas desciam-lhes pela face hirsuta, traindo-lhes, assim, o ódio reprimido. Puseram as suas assinaturas, como testemunhas, ao pé do testamento solene que o papismo, agora, redigia em Neufchatel, na presença dos delegados de Berna. E pediram, com lágrimas nos olhos, "que os nomes e os sobrenomes dos bons e dos perversos fôssem escritos. em memória perpétua, e que êles afirmavam serem ainda cidadãos bons e fiéis a Madame, a quem serviriam até a morte (12) ".

Os cidadãos reformados estavam convencidos de que ~ente dando testemunho de suas convicções religiosas é que poderiam cumprir o dever diante de Deus, de sua so-berana e de seus concidadãos. De modo que, mal haviam os católicos protestado fidelidade para com a princesa, já os reformados, voltando-se para o governador, bradaram:

— O mesmo dizemos nós em tôdas as outras coisas em que aprouver à nossa soberana ordenar-nos, salvo e exceto a fé evangélica, na qual viveremos e morreremos (13) .

Tudo estava, então, preparado para a votação. Abriu-se a Igreja de Nossa Senhora, e os dois partidos adiantaram-se, entre os altares destroçados, telas rasgadas, estátuas mutiladas e tôdas aquelas ruínas do papismo que, aos seus partidários, pressagiavam a derrota última e irrevogável que êle estava prestes a sofrer. Os três senhores de Berna postaram-se ao lado do governador, como árbitros dos procedimentos e presidentes da assembléia. E teve início a votação.

Não obstante o desânimo de seus amigos, Jorge de Rive não se achava inteiramente sem esperança. Todos os adeptos do culto antigo, de Neufchatel, tinham sido avisados com antecedência. E, justamente alguns dias antes, os próprios cidadãos reformados, recusando uma votação, haviam reconhecido a superioridade numérica de seus adversários. Em Neufchatel, porém, os amigoS do evangelho possuíam coragem e esperança que pareciam repousar sôbre uma base mais sólida. Não eram o partido vitorioso? E poderiam ser vencidos em meio ao seu triunfo?

As duas facções avançavam, no entanto, desconcertadas uma com a outra, e cada homem deu o seu voto em silêncio. Por fim, a maioria parecia manifestar-se. Os votos foram retirados das urnas. Proclamou-se o resultado: uma maioria de dezoito votos deu a vitória à Reforma e o último golpe no papado!

Imediatamente, os senhores de Berna apressaram-se a tirar proveito de semelhante vantagem, dizendo:

Vivei, doravante, em boa harmonia entre vós. Que não mais se celebre a missa. Que nenhum mal se faça aos padres. E pagai à vossa soberana, ou a quem qüer que possam ser legitimamente devidos, todos os dízimos, desobrigas, censos e rendimentos.

Êsses pontos de vista foram proclamados pela assembléia, e redigiu-se, sem demora, um relatório, ao qual os delegados, os governadores e os magistrados da cidade de Neufchatel apuseram os seus respectivos selos (14) .

Farel não apareceu em tôda a presente história. Poder-se-ia dizer que o reformador não se achava em Neufchatel. Os cidadãos apelaram tão-sàmente para a Palavra de Deus, e o próprio governador,. em seu relatório extenso, dirigido à princesa, não o mencionou uma só vez. Foram os apóstolos de Nosso Senhor — São Pedro, São João, São Paulo e São Tiago — que, através de seus escritos divinos, restabeleceram os verdadeiros fundamentos da Igreja entre o povo de Neufchatel. A Palavra de Deus era a lei dos prudhommes. Em vão dirá a Igreja Romana: "Mas,

essas mesmas Escrituras, sou eu quem vô-las dá. Não podeis, pois, crer nelas, sem crerdes em mim". Não é da Igreja de Roma que a Igreja

Protestante recebe a Bíblia. O protestantismo sempre existiu na Igreja. Existiu sozinho, em todos os lugares onde os homens estiveram empenhados no estudo das Sagradas Escrituras, de sua origem divina, de sua interpretação, e empenhados também em sua disseminação. O protestantismo do século XVI recebeu a Bíblia do protestantismo de tôdas as épocas. Quando Roma fala sôbre a hierarquia, acha-se ela em seu próprio terreno; assim que se refere às Escrituras, acha-se- no nosso. Se Farel houvesse sido pôsto em evidência em Neufchatel, éle talvez não pudesse oferecer resistência ao papa. O caso, contudo, dizia respeito à Palavra de Deus, e Roma tem de cair diante de Jesus.

Terminou, assim, com um acôrdo mútuo, aquêle dia a princípio tão ameaçador. Se os cidadãos reformadas houvessem sacrificado a uma falsa paz qualquer uma de suas convicções, a desordem teria sido perpetuada em Neufchatel. Uma manifestação corajosa da verdade e os choques inevitáveis que se lhe seguiram, longe de destruir a sociedade, preservaram-na. Dita manifestação é vento que desencalha a barca dos recifes, levando-a para o pôrto.

Achava o senhor de Prangins que, entre concidadãos, "é melhor que estejam em contacto um com o outro, mesmo que seja por meio de desacôrdo, do que se evitarem constantemente". 0 livre entendimento que ocorrera tomara menos irritante a oposição entre os dois partidos. E disse o governador:

— Dou a minha promessa de nada fazer contra a decisão de hoje, pois eu próprio sou testemunha de que ela foi honesta, justa, sem riscos e sem coação (15) .

Era necessário dispor do espólio dá facção vencida: o governador abriu, então, o castelo aos papistas. Para lá, foram transportadas as relíquias, os ornamentos dos altares e, até mesmo o órgão. E a missa, banida da cidade, foi, ali, tristemente salmodiada todos os dias.

Nem todos os ornamentos, no entanto, fizeram semelhante trajeto. Alguns dias depois, quando dois cidadãos, chamados Fauche e Sauge, saíam juntos para as suas vinhas, passaram diante de uma pequena capela, onde o último pusera uma imagem de São João, de madeira. E disse Sauge ao companheiro:

— Há, aí, uma imagem com que aquecerei meu forno amanhã.

De fato, ao voltar, éle levou o santo dali, colocando-o defronte a casa onde residia.

Na manhã seguinte, Sauge pegou a imagem e meteu-a no fogo. Imediatamente, horrível explosão espalhou o terror entre a família humilde: O trêmulo Sauge não duvidou que se tratava de um milagre do Santo e apressou-se a voltar para a religião da missa. Em vão o seu vizinho Fauche lhe afirmou, sob,juramento, que,

durante a noite, fizera um buraco na estátuae enchera-o de pólvora, fechando-o de nóvo. Sauge não quis dar ouvidos a coisa alguma e resolveu fugir à vingança dos Santos. Foi morar com a família em Morteau, no Funche Comté (16)

São êsses os milagres sôbre os quais repousa a divindade de Roma!

Pouco a pouco, tudo veio a ser resolvido. Alguns cônegos, como Jacques Baillod, Guilherme de Pury e Benedito Chambrier, abraçaram a Reforma. Outros foram recomendados, pelo governador, ao priorado de Motiers, no Vale de Travers. E, em meados de novembro, na época em que os ventos se põem a uivar entre as montanhas, vários cônegos, rodeados de alguns meninos-cantores — triste relíquia do cabido antigo, poderoso, rico, sensual e orgulhoso de cônegos de Neufchatel — galgaram, penosamente, as gargantas do Jura e foram esconder, naqueles vales elevados e pitorescos, a vergonha de uma derrota, que as suas desordens prolongadas e a sua tirania insuportável haviam, mui justamente, provocado.

No decurso dêsse tempo, organizou-se nôvo culto. Em lugar do altar-mor, foram colocadas duas mesas de mármore, para conter o pão e o vinho. E pregou-se a Palavra de Deus de um púlpito despojado de todo e qualquer ornamento. A preeminência da Palavra, que caracteriza culto evangélico,. substituiu, na igreja de Neufchatel, a preeminência do sacramento, que caracteriza o papismo. Pelo fim do século II, Roma, essa velha metrópole de tôdas as religiões, após ter recebido, com alegria, culto cristão, em sua forma primitiva, pouco a pouco o transformara em mistérios. Um poder mágico fôra atribuído a certas figuras. E o reinado do sacrifício oferecido pelo padre sucedera ao reinado da Palavra de Deus. As Escrituras, a pregação de Farel restituíra os direitos que lhe pertenciam. E aquêles tetos abobadados. que a piedade do conde Ulrico II, em seu regresso de Jerusalém, dedicara à adoração da Virgem, serviam, finalmente, depois de quatro séculos, para agasalhar os fiéis, como nos tempos dos apóstolos, "com as palavras da fé e da boa doutrina (17) ",

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Trois ambassadeurs qui me tinrent assez gros et rudes propooO governador à princesa.

(2) Ibid.

(3) Chambrier, Hist. de Neufchatel, pág. 296. A carta do governador Quand bien le plus será des votres. si passerez vous parlà, &c.

(4) Choupard MS. Reces du MM. de Berne:

(5) Choupard MS. Reces du MM. de Berne.

(6) Devez entendre que la pluspart de ceife ville, hommes et femrnes: tiennerent fermement à lancienne foi. Les autres sont jeunes gens de guerre, forts de leurs personnes, remplis de la nouvelle doctrine, ayants le feu à la tête. Choupard MS. Reces du MM. de Berne.

(7) Le Plus — a maioria.

(8) Carta do governador à princesa.

(9) Ibid.

(10) Carta do governador à princesa.

(11) Ibid.

(12) Alors iceux dirent en pleurant que les noms et les surnoms des bons et des pervers fussent écrits en perpétuelle mémoire, et quils protestoient être bons e fidèles bourgeois de Madame, et lui faire service jusquà la mort.

(13) Carta do governador. Nous disons semblable en toute autre chose oú il plaira à Madame nous commander, sauf et reserve icelle foi évangelique, dans laquelle nous voulons vivre et mourir.

(14)

(15)

(16) Anais de Boyve, MS.

(17) I Tim. 4:6.

CAPITULO IX

Prepara-se A Reação — Fracasso Da Conspiração — Farel Em Valangin E Próximo Do Lago — De Bély Em Fontaine — Os Sofrimentos De Farel — Marcourt Em Valangin — Expediente Vergonhoso – Vingança — A Reforma Estabelecida. — Caracterização Da Suiça Francesa — Tormenta Que Se Acumula.

O convênio, redigido sob a mediação de Berna, estipulava que "a mudança ocorreria ~ente na cidade e na pa-róquia de Neufchatel". Deveria o resto do país continuar nas trevas? Não era êsse o desejo de Farel. E o zêlo dos cidadãos, em seu primeiro abrasamento, secundava eficazmente á reformador. E êles percorreram as aldeias vizinhas, exortando uns, combatendo outros. Aquêles que eram obrigados a fazer trabalhos braçais, pára lá se dirigiam à noite. "Agora, estou inteiramente informado de que os cidadãos. se ocupam, dia e noite, com uma reforma" — escreve o go-vernador à princesa.

Jorge de Rive, em sobressalto, convocou os magistrados de todos os distritos do condado. Aquela boa gente acre-ditava que tanto a sua consciência como as suas povoações

dependiam de Madame de Longueville. Amedrontada pelo pensamento de receber livremente uma nova convicção da parte da Palavra de Deus, tal gente achava-se bem disposta a aceitá-la da parte da condêssa, como aceitariam um nôvo impôsto — uma triste servidão, onde a religião emana da terra, em vez de descer do céu.

— Queremos viver e morrer sob a proteção de nossa soberana — disseram os magistrados ao senhor de Rive "sem mudar a fé antiga, até que isso seja ordènado por ela (1) ".

Mesmo após a derrota, Roma não poderia receber maior insulto.

Semelhantes asseverações de fidelidade e a ausência dos berneses restauraram a confiança de Jorge de Rive, e êle, secretamente, preparou uma reação, entre os nobres e as clas-ses inferiores. Em tôda catástrofe histórica, na queda das grandes instituições e no espetáculo das ruínas, há algo que excita e melhora a mente. Foi o que sucedeu no período em questão. Alguns homens ficaram mais dedicados ao papismo, depois de sua queda, do que em seus dias de poderio. Es-gueirando-se pelas casas, o clero celebrava a missa para alguns de seus amigos, misteriosamente reunidos em tôrno de um altar provisório. Se nascia uma criança, o padre chegava em surdina, proferia baixinho algumas palavras, arcado sôbre ela, e fazia-lhe o sinal da cruz na testa e no peito, batizando-a segundo o ritual romano (2). Assim, reconstruíam êles, às ocultas, o que fôra derrubado à luz do dia. Por fim,com-binaram

fazer uma contra-revolução. E o dia de Natal foi escolhido para a restauração do catolicismo-romano. Na oca-sião em que os cânticos alegres dos cristãos se estivessem elevando aos céus, deveriam os partidários de Roma correr para a igreja, expulsar a congregação herege, derrubar o púl-pito e a mesa sagrada, repor nos lugares as imagens e celebrar a missa, triunfantes. Tal era o plano dos amigos de vésperas canônicas, de Neufchatel (3) .

A trama veio-a ser descoberta. Delegados de Berna che-garam a Neufchatel precisamente na véspera dos festejos. E disseram ao governador:

—Tomai cuidado com isso. Se os reformados forem atacados, nós, seus concidadãos, iremos protegê-los com tô- das as nossas fôrças.

Os conspiradores depuseram as armas. Os hinos de Natal não foram perturbados.

Essa salvação extraordinária aumentou o zêlo e a devoção dos amigos do evangelho. Já Emer Beynon, de Serrièrs — onde Farel, um dia, desembarcara de um bote —, subindo ao púlpito, dissera aos paroquianos: "Se-fui bom padre, desejo, pela graça de Deus, ser pastor melhor ainda". Era necessário que tais palavras fôssem ouvidas de todos os púlpitos. Farel reiniciou, então, uma carreira de trabalhos,. fadigas e lutas, que só pode igualar-se aos atos dos apóstolos emissionários.

Lá pelo fim do ano de 1530,Farel cruzou a montanha, em pleno inverno. Entrou na igreja de Valangin, dirigiu-se ao púlpito e pôs-se a pregar no momento exato em que Guil-lemette de Vergy chegava para assistir à missa. A última tentou silenciar o reformador. Mas fbi em vão. E a velha enobre viúva retirou-se precipitadamente do templo, dizendo:

—Não creio que semelhante pregação esteja de acôrdo com os antigos evangelhos. Se há novos evangelhos que a apoiem, estou deveras espantada (4) .

A população de Valangin abraçou, então, o evangelho. E o. vice-governador, amedrontado, correu para Neufchatel e, de lá, para Berna, apresentando, a 11 de fevereiro, queixa perante o conselho. Tudo inútil. Replicaram-lhe Suas Excelências de Berna: .

—Mas, por quê? Por que quereis vós toldar a água do rio? Deixai-o correr livremente.

Sem demora, Farel dirigiu-se, então, para as paróquias situadas nas encostas entre o lago e o monte Jura. Em Corcelles, uma multidão de fanáticos, bem armada e chefiada pelo cura de Neufchatel, entrou de supetão na igreja onde o ministro pregava. Farel evadiu-se, não, porém; sem ser ferido antes. Em Bevay, o abade João de Livron e os seus monges reuniram enorme massa de amigos, rodearam a igreja e, tendo completado,então, o cerco, invadiram-na. E arrastaram brutalmente o

ministro para fora do púlpito, expulsando-o do templo, sob golpes e insultos. Tôda vez que Farel ali reaparecia, perseguiam-no até Auvernier, com pedradas e tiros-de armas de fogo.

Enquanto Farel pregava na planície, enviava um de seus irmãos na fé para o vale. Tratava-se de João de Bély, homem de boa família, vindo de Grest, em Dauphiny. Para além de Valangin, à pequena distância de Fontaine, à esquerda da estrada para Cernier, havia uma pe£1ra que existe até o dia de hoje. Ali, ao ar livre, como se estivesse num templo magnífico, o mensageiro do evangelho punha-se a proclamar a salvação pela graça (5). Diante de João, estendia-se o declive de Chaumont, pontilhado das belas aldeias de Fenin, Villars, Sole e Savagnier. E, além, onde as montanhas se esfumavam, podia ver-se a cadeia distante e pitoresca dos Alpes.

O mais zeloso dos ouvintes de João suplicou-lhe que entrasse na igreja. E Bély assim agiu. Súbitamente, contudo, o padre e seu coadjutor ali surgiram, fazendo escarcéu enorme". Dirigiram-se, então, para o púlpito, de onde tiraram Bély para fora, aos rastos, e, em seguida, voltando-se para as mulheres e jovens do lugar, "instigaram-nos a que espancassem o pregador e o expulsassem da povoação (6) .

Regressou João de Bély a Neufchatel, apupado e con-tundido, como o seu amigo depois do caso de Valangin. Mas ditos pregadores do evangelho seguiam as pegadas do apóstolo Paulo, a quem nem açoites nem tormentos podiam deter (7). De Bély voltou muitas vêzes a Fontaine. E, em breve, aboliu-se a missa naquela aldeia. De Bély foi, então, seu pastor durante vinte e sete anos. Seus descendentes, mais de uma vez, exerceram o ministério ali e constituem, hoje, numerosíssima família de agricultores em tal aldeia.

Após evangelizar as margens do lago ao sul de Neufchatel, Farel partiu para o norte e pregou em São Blaise.

A populaça, incitada pelo padre e pelo vice-governador, caíra sôbre êle. Farel escapou-lhes das mãos, duramente espancado, pondo sangue pela bôca e mal podendo ser reconhecido. Seus amigos puseram-no, às pressas, num bote e levaram-no para Morat, onde os seus ferimentos o detiveram por algum tempo (8) .

Ao ter notícia de semelhante violência, os cidadãos re-formados de Neufchatel sentiram o sangue ferver. Se o vice-governador, o padre e o seu bando ofenderam o corpo do servo de Cristo, que é, em verdade, o altar do Deus vivo, por que deviam êles poupar os ídolos sem vida? E, imedia-tamente, os cidadãos reformados afluem precipitadamente para São Blaise, derrubam as imagens e fazem. a mesma coisa na abadia de Fontaine-André, santuário do culto antigo.

Havia ainda imagens em Valangin, porém a sua última hora estava prestes a soar. Um francês, Antônio Marcourt, fôra nomeado pastor de Neufchatel. Seguindo o

exemplo de Farel, Marcourt, acompanhado de alguns cidadãos, dirigiu-se para Valangin, no dia 14 de junho — dia santo importante na dita cidade (9). Mal haviam chegado, quando uma mul-tidão enorme se comprimiu em redor do ministro, prestando atenção às suas palavras. Os cônegos, que se achavam de sobreaviso em suas residências, Madame de Vergy e Monsieur de Bellegarde, do alto de suas tôrres, procuravam um modo pelo qual pudessem afastar dali aquela pregação herege. Por causa de Berna, não podiam empregar a fôrça. Recorreram, então, a um expediente brutal, digno dos dias mais tenebrosos do papismo, e tal expediente era que, insultando o ministro, poderiam — pensavam êles — desviar a atenção do público, transformando-a em vozes altas e risos. Um cônego (10), auxiliado pelo cocheiro da condêssa, dirigiu-se ao estábulo e tirou de lá dois animais, que foram, então, levados para o lugar onde Marcourt pregava.

Desejamos colocar um véu sôbre semelhante cena: trata-se de um dêsses assuntos vergonhosos, .que a.pena .da História .se recusa a reproduzir (11) .larnais, contudor:.úm castigo se seguiu mais. de perto ao crime. A vista .dO.ese.táculo torpe, a consciência dos ouvintes d.-Marcourt.despertou. A torrente, que dito procedimento preteridia-.65pter„ saiu, então, de seu leito, com inf.- peto, Opovo; in4:nádo; tomando a si a defesa da religião que seus 14nigijkliáviain tencionado insultar, invadiu a igreja, como onda vingakora. Foram quebradas- as velhas janelas, arrasados. os, .escudos Os nobres, espalhadas, por todos os lados. ás relíquias, rasgados os livros, derrubadas as imagens e. destruídos os altares: Isso, todavia, não bastou: a onda popular, após varrer tôda .a igreja, tornou a agitar-se, arremetendo-se contra as. casas dos cônegos, cujos moradores, consternados, fugiram para as florestas. Nas residências dêles, tudo foi, então, destruído.

Guillemette de Vergy. e Monsieur de Bellegarde, trê-mulos e agitados- atrás das ameias, arrependeram-se, mas tarde demais, de seu expediente monstruoso. Eram os únicos que ainda não haviam sentido a vingança popular. Seus olhos, inquietos, observavam os movimentos dos cidadãos exaltados. O trabalho está findo: a última casa foi saqueada! Os habitantes fazem, entãõ, uma consulta entre si e — ah, que horror! — voltam-se para o castelo. E sobem a colina. Aproximam.-se. Acha-se, pois, prestes a ser devastada a residência dos nobres condes, de Arberg? Não!

— Viemos — disseram-lhes os representantes do povo, detendo-se junto à porta do castelo —, sim, viemos reclamar justiça para o ultraje cometido contra a religião e seu ministro.

Foi-lhes permitida .a entrada do castelo. E, trêmula, a condêssa ordena a punição dos pobres diabos, que haviam -agido tão-sõmente conforme as ordens de Madame. Ao mesmo tempo, porém, Guillemette de Vergy envia emissários para Berna, queixando-se dos "grandes insultos que lhe fizeram (12) ". Respondeu Berna aos emissários que os reformados pagariam os danos, mas -que a condêssa deveria

conceder-lhes liberdade para que praticassem seu culto. E Jacques Veluzat, natural de Champagne, foi, então, o primeiro pastor de Valangin. Pouco mais tarde, porém, iremos ver novas lutas travadas no sopé do monte Jura.

Assim, pois, a Reforma foi estabelecida em Valangin, como o fôra em Neufchatel: as duas cidades principais da-quelas montanhas haviam sido conquistadas para o evangelho. E, em breve, tal conquista recebeu sanção legal.

Francisco, marquês de Rothelin, filho da duquesa de Longueville, chegou ao principado em março de 1531, com a intenção de representar, no pequeno lugar, o personagem de Francisco I. Cedo, porém, êle descobriu que existem revoluções efetuadas por mão poderosa a que não pode resistir e que deveria submeter-se a ela. Rothelin expulsou, pois, dos Estados do condado, os cônegos que, até então, constituíam a primeira autoridade, substituindo-os por quatro barões e quatro cidadãos. Em seguida, valendo-se do princípio de que tôda propriedade abandonada reverte para o Estado, apoderou-se das ricas heranças dos cônegos e proclamou a liberdade de consciência por tôda a região. E, tendo sido observadas tôdas as formalidades necessárias com Madame, o astuto Monsieur de Rive tornou-se reformado também. Foi êsse o apoio que Roma recebeu do ,Estado, por meio do qual esperava a sua salvação.

Um grande vigor caracterizou a Reforma da Suíça Fran-: cesa, e demonstra-se isso através dos acontecimentos que acabamos de verificar. Têm os homens atribuído a Farel semelhante característico, distintivo de seu trabalho. Homem algum, porém, jamais criou a sua época. Ao contrário, são sempç,e as épocas que criam o homem. Quanto mais importante a época, tanto menos as individualidades nela prevalecem. Todo o bem contido nos acontecimentos que acabamos de narrar emanaram do Espírito do Todo-Poderoso, do qual os homens mais poderosos não são senão instrumentos frágeis. Todo o mal proveio do caráter das pessoas. E, de fato, foi, quase sempre, o papismo que deu início àquelas cenas de violências. Farel antes se submeteu à influência de sua época, do que esta tenha recebido a sua. Um grande homem pode ser a personificação e o tipo da época a que Deus o destina, mas nunca é o autor dessa época.

É tempo, porém, de deixarmos o Jura e seus lindos vales, iluminados pelo sol primaveril, para dirigir os nossos passos rumo aos Alpes da Suíça Alemã, por sôbre. os quais se reúnem nuvens densas e tempestades horrendas. O povo livre e corajoso que ali habita, sob as geleiras eternas, ou sôbre as margens risonhas dos lagos, assume, dia a dia, um aspecto mais feroz, e o conflito ameaça ser repentino, violento e terrível. Ainda há pouco, estivemos testemunhando uma conquista gloriosa — e espera-nos medonha catástrofe.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Choupard MS. Nous voulons vivre et mourir, sous la protection de Madame, saras changer 1ancienne foi, jusqua à c* por ene era sol: ordonné.

(2) Berna a Neufchatel, 17 de dezembro.

(3) Obid., 23 de dezembro.

(4) Chambrier, Hist. de Neufchatel e Valangin, pág. 299. Je ne croiÈ pas que ce soit selou les vieux évangiles; sil y en a de noveaux qui fassent tela. faire, Yen suis. esbahie.

(5) Não parece que Bély pudesse ter permanecido e pregado em cima dessa pedra, como geralmente se diz, a não ser que o que agora resta seja apenas um fragmento da pedra original.

(6) MS. AA., no Choupard MS.

(7) II Cor. 11:24,25.

(8) De Perrot: LEglise et la Reformation, 11, pág. 233.

(9) Em geral se atribui a Farel êsse incidente, mas Choupárd, seguindo um manuscrito mais antigo, diz "o ministro de Neufchatel", por cujo título êle se refere sempre a Marcourt e nunca a Farel.

(10) Dizem alguns historiadores "o cocheiro da condêssa", mas Chou- pard escreve, em três ocasiões diferentes, "um cônego". A presença do último é, sem dúvida, mais revoltante, porém não há nada de inacreditável nisso.

(11) De equo admissario loquitur qui equam init.

(12) Crônica do cura de.Bezancenet. Des grands vituperes quon lui avait faits.

LIVRO XVI. SUÍÇA — CATÁSTROFE 1528-1531

CAPITULO I

Duas Grandes Lições — Guerra Cristã — Zwinglio, Pastor, Estadista E General — Seu Caráter Nobre — Perseguições —os Católicos Suíços Procuram Aliança Com A Áustria — Grande Descontentamento — Deputação Aos Cantões Da Floresta — Proposta De Zwinglio — Moderação De Berna — Martírio De Keyser — Zwinglio E A Guerra — Ërro De Zwinglio.

Foi vontade de Deus que, às próprias portas de Sua igreja ressuscitada, houvesse dois grandes exemplos que servissem de lições, às gerações futuras. Lutero e a Reforma alemã, recusando o auxilio do poder temporal, rejeitando a fôrça das armas e procurando a vitória tão-sèmente na confissão da verdade, estavam destinados a ver a sua fé coroada com os triunfos mais brilhantes; ao passo que Zwinglio e a Reforma suíça, estendendo as mãos aos mais poderosos da terra e empunhando a espada, estavam fadados a ver cair sôbre a Palavra de Deus uma catástrofe horrível, cruel e sangrenta — catástrofe que ameaçava engolfar a causa do evangelho na voragem mais furiosa. Deus é Deus zeloso, e ã Sua Glória não a dá a outrem. Deus exige que Éle realize a Sua obra e, para atingir Seus fins, põe em ação outras molas, diferentes das da diplomacia engenhosa.

Estamos longe de esquecer que fomos procurados para relatar fatos, e não para discutir teorias. Há, porém, um princípio que a história que estamos narrando expõe em letras maiúsculas. É o princípio professado no Evangelho, no lugar em que diz: "AS ARMAS DA NOSSA MILICIA NÃO SÃO CARNAIS, MAS SIM PODEROSAS EM DEUS"! Ao de-fender essa verdade, não nos colocamos no terreno de nenhuma escola particular, mas no terreno da consciência uni-versal e no da Palavra de Deus.

De todo apoio carnal que a religião pode invocar, nenhum lhe causa mais danos do que as armas e a diplomacia. A última atira-a num caminho tortuoso; as primeiras levam-na, depressa, a sendas de derramamento de sangue. E a religião, de cuja fronte se arrancou a grinalda dupla da verdade e da mansidão, não apresenta senão um semblante envilecido e humilhado, que ninguém pode reconhecer — que ninguém deseja reconhecer.

Foi a própria extensão da Reforma na Suíça que a expôs aos perigos sob os quais ela caiu. Enquanto se achava concentrada em Zurique, permaneceu sendo um assunto reli-gioso, mas, ao conquistar Berna, Basiléia, Schaffhausen, São Gall, Glaris, Appenzel e numerosos bailiados, constituiu-se em relações intercantonais. E — aqui foi o êrro e a desgra-ça —, embora a ligação devesse ter ocorrido entre igreja e igreja, formou-se ela entre Estado e Estado.

Tão logo se misturem as questões espirituais e políticas, as últimas assumem a primazia. Em breve, Zwinglio julgou ser do seu dever examinar não só as questões doutrinárias, como, também, as federais. E o ilustre reformador, inconsciente das armadilhas debaixo de seus pés podia ser visto a lançar-se num caminho juncado de penhascos, em cujo fim o aguardava uma morte cruel.

Os cristãos suíços primitivos tinham aberto mão do direito de formar alianças, sem o consentimento de todos os demais. Todavia, Zurique e Berna retiveram tal faculdade. Zwinglio considerou-se, pois, com liberdade plena para promover uma aliança com os Estados evangélicos. E Constança foi a primeira cidade a aderir. Contudo, semelhante co-burguesia, que poderia vir a ser o germe de uma nova confederação, levantou contra Zwinglio numerosos adversários, até mesmo entre os adeptos da Reforma.

Havia tempo ainda: Zwinglio poderia retirar-se dos ne-gócios públicos, ocupando-se únicarnente dos assuntos do evangelho. Entretanto, em Zurique, ninguém tinha,- como Zwinglio, aquêle afinco ao trabalho aquela visão exata, aguda e segura das coisas, tão necessária aos políticos. Se êle se retirasse, o barco do Estado ficaria sem pilôto. De resto, Zwinglio achava-se persuadido de que sómente as ações políticas poderiam salvar a Reforma. E resolveu, portanto, ser, a um só tempo, homem do Estado e da Igreja. Pãtenteiam os registros que, nos últimos anos de sua vida, Zwinglio to-mou parte nas deliberações mais importantes, sendo comis-sionado pelos conselhos de seu cantão para a redação de cartas, proclamações e pareceres. Antes da disputa com Berna, já êle, considerando a guerra corno possível, traçara um plano de defesa bastante minucioso, cujo manuscrito ainda existe (1).

Em 1528, Zwinglio fêz mais ainda: mostrou, num ensaio notável, de que maneira a república deveria agir com respeito ao império, à França e aos demais Estados europeus, bem como relativamente aos vários cantões e bailiados. Em seguida, como se houvesse envelhecido à frente das tropas helvéticas (e não deixa de ser oportuno observar que êle viveu, durante muito tempo, entre os soldados), Zwinglio explicou as vantagens que haveria em surpreender o inimigo, descrevendo, até mesmo, a natureza das armas e a maneira de usá-las. Na verdade, ocorria, na época, importante mudança radical na arte de guerrear.

O pastor de Zurique foi, a um só tempo, chefe do Estado e general do exército; e êsse duplo, triplo papel do reformador fbi a ruína da Reforma e dêle próprio. Sem dúvida alguma, devemos ser tolerantes para com os homens de tal época, os quais, acos-tumados a ver Roma empunhar duas espadas durante tantos séculos, não compreendiam que deveriam tomar de uma delas e abadonar a outra. Devemos admirar a energia daquele talento superior que, embora seguindo o caminho político, onde as maiores mentalidades teriam sido absorvidas, não deixou, contudo, de mostrar um- a atividade incansável como pastor, pregador, teólogo e escritor. Temos

de reconhecer que a educação republicana, que Zwinglio recebeu, o ensinara a confundir o seu país com a sua religião e recnhecer que, no grande homem, havia o bastante para suprir perfeitamente muitas vidas. Cumpre-nos, ainda, apreciar a coragem inabalá-vel que, confiante na justiça, não temeu enfrentar as fôrçàs temíveis da império e da confederação, numa época em que Zurique não possuía senão duas cidades fracas por aliadas: Mas devemos ver, também, na lição grande e terrível que Zwinglio recebeu de Deus, um ensino para tôdas as épocas e para .tôdas as nações, bem como, finalmente, compreender aquilo que tantas vêzes é, esquecido: que "o reino de Cristo não é dêste mundo".

Com a informação das. novas alianças dos evangélicos, os cantões católicos-romanos experimentaram tremenda in dignação. Guilherme de Diesbach, delegado de Berna à dieta, viu-se forçado a submeter-se às acusações mais severas. As sessões, interrompidas durante algum tempo, foram reiniciadas logo após a sua partida.

— Os católicos podem tentar recomendar às pressas a fé antiga — disseram os bemeses, assim que Guilherme se retirou. — Ela, no entanto, não pode continuar mais (2) .

Na verdade, os católicos-romanos fizeram, às pressas, remendos em sua fé, com tudo quanto puderam, mas com uma agulha aguçada e peçonhenta,. que arrancava sangue.

José Am Berg, de Schwytz, e Jacques StoCker, de Zug, bai- lios da Turgóvia, portaram-se cruelmente para com todos aquêles que se achavam ligados -ao evangelho. Impuseram, contra os evangélicos, multas, prisão, tortura, açoite e destêrro. Cortaram a língua aos ministros, decapitaram-nos e condenaram-nos à fogueira (3). Ao mesmo tempo, êsses ho-; mens apreenderam as Bíblias e os livros evangélicos. E, se alguns pobres luteranos, que estivessem fugindo da Áustria, cruzassem o Reno e o valè pouco elevado, onde as águas calmas correm entre os Alpes do Tirol e do Appenzell, sim, se aquelas pobres criaturas, cujo rasto era seguido pelos lansquenês, viessem procurar refúgio na Suíça, eram cruelmente entregues aos seus perseguidores.

Os mais poderosos tolheram, porém, as mãos dos bai-lios da Turgóvia e do Rheinthal, e o evangelho efetuou as maiores conquistas. O bispo de Constança escreveu aos Cinco Cantões que, se não agissem com firmeza, o país inteiro abraçaria a Reforma. Em conseqüência disso, os cantões convocaram, para uma reunião em Frauenfeld, todos os prelados, nobres, juízes e pessoas de reputação do distrito. E, realizando-se, seis dias depois (6 de dezembro de 1528), uma segunda reunião, em Weinfeld, os delegados de Berna e de Zurique suplicaram à assembléia que considerasse a honra de Deus acima de tudo e que de modo algum se interessasse pelos perigos do mundo (4). A tais palavras, seguiu-se grande debate.

Mas, finalmente, uma maioria exigiu a pregação da Palavra de Deus. O povo chegou, também, à mesma decisão. E o Rheinthal, bem como Bremgarten, seguiu semelhante exemplo.

O que se deveria fazer? A cada hora a torrente se havia tornado mais abusada. Deveriam, então, os Cantões da Floresta franquear-lhe, afinal, os seus vales? As antipatias religiosas punham fim às antipatias regionais. E os orgulhosos montanheses, voltando os olhos para além do Reno, pensavam em pedir o auxílio da Áustria, que haviam vencido em Morgarten e em Sempach (5). O fanático partido alemão, que tinha esmagado os camponeses revoltosos da Suábia, era todo-poderoso nas fronteiras. Trocararh-se, então, cartas. Mensageiros vadearam o rio, de um lado para outro. Por fim, os montanheses aproveitaram-se de um casamento na alta sociedade, que devia realizar-se em Feldkirch, na Suábia, a seis léguas de Appenzell. No dia 16 de fevereiro de 1529, dia da festa do casamento, formando magnífica cavalgada, no meio da qual se .escondiam os delegados dos Cinco Cantões, os montanheses entraram em Feldkirch, e Am Berg teve uma entrevista imediata com o governador austríaco.

—O poder dos inimigos de nossa fé antiga tem crescido de tal maneira que os amigos da Igreja já não podem resistir a eles — disseram os suíços. — Por conseguinte, voltamos a vista para o príncipe ilustre que, na Alemanha, salvou a fé de nossos antepassados.

Tão estranha era a dita aliança que os austríacos tiveram certa dificuldade em julgá-la sincera.

—Tomai reféns — acrescentaram os Waldstettes. — Redigi os artigos do tratado de vosso próprio punho. Ordenai e obedeceremos!

—Muito bem! — concordaram os austríacos. — Dentro de dois meses, encontrar-nos-eis, novamente, em Waldshut, e então vos daremos a conhecer as nossas condições.

O rumor dessas negociações, que se espalhou por tôda parte, despertou grande descontentamento, até mesmo no seio dos partidários de Roma. Mas em lugar algum tal descontentamento irrompeu com maior intensidade do que no conselho de Zug. Os partidos da oposição ficaram grandemente revoltados. Bateram o pé, saíram de seus lugares e quase chegaram às vias de fato. O ódio, contudo, prevaleceu sôbre o patriotismo. Os delegados dos Cantões da Floresta compareceram ao encontro em Waldshut. Suspenderam o brasão de seus cantões ao lado dos brasões dos opressores da Suíça. Enfeitaram o chapéu com penas de pavão (a insígnia da Áustria) ; riram, beberam e tagarelaram com os imperialistas. Afinal, a aliança foi firmada (6). "Quem quer que fundar novas seitas entre o povo será punido com a morte e, se fôr preciso, com o auxilio da Áustria" — rezava a aliança. "O império

austríaco, em caso de emergência, enviará à Suíça seis mil soldados de infantaria e quatrocentos de cavalaria, com tôda a artilharia necessária. Se fôr preciso, os cantões reformados serão bloqueados e tôdas as provisões interceptadas". Pertence, pois, aos cantões romanistas a iniciativa de semelhante medida, que foi tanto censurada. E, finalmente, a Áustria garantia aos Waldstettes a posse não só dos bailiados comuns, mas de tôdas as conquistas que fôssem feitas à margem esquerda do Reno.

Sem demora, a tristeza e a dor impregnaram tôda a Suíça. O clamor nacional, que Bullinger preservou, era entoado por tôda parte:

Chorai, helvécios, chorai,

Pois do pavão a pluma da vaidade

Ao touro selvagem dos Cantões da Floresta Aliou-se, em amizade.

Todos os cantões não incluídos na dita aliança, com a exceção de Friburgo, reuniram-se, em dieta, em Zurique, e resolveram enviar uma delegação aos seus confederados das montanhas, com o propósito de reconciliação. Admitida em Schwytz, na presença do povo, adelegação pôde, enfim, executar a sua missão sem tumultos. Em Zug, bradaram-lhe:

—Abaixo o sermão! Abaixo o sermão!

Em Altorf, a resposta foi:

—Prouvera a Deus que a vossa fé fôsse sepultada para sempre!

Em Lucerna, a delegação recebeu esta resposta arrogante:

— Saberemos defender-nos, e aos nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos, do veneno dos vossos padres rebeldes.

Todavia, foi em Unterwalden que os delegados tiveram a pior recepção:

—Declaramos findo o nosso pacto — disseram-lhes. — Somos nós e os demais Waldstettes os verdadeiros suíços. Afàvelmente nós vos admitimos em nossa confederação e, agora, pretendeis converter-se em nossos senhores! O imperador, a Áustria, a França, a Sabóia e Valais irão ajudar-nos!

Cheios de pasmo, os delegados afastaram-se dali, sentindo um calafrio ao passar diante da casa do Secretário de Estado, onde viram, pendendo de uma fôrca alta, os brasões de Zurique, Berna, Basiléia e Estrasburgo.

Nem bem a delegação regressara a Zurique e apresentara o seu relatório, já o ânimo dos cidadãos se achava exaltado. Zwinglio propôs que não se concedesse paz a

Unterwalden, caso êste não renunciasse ao auxílio estrangeiro, à aliança com a Áustria e ao govêrno dos bailiados comuns.

—Não! Não! — discordou Berna, que acabara de sufocar uma guerra civil em seu próprio cantão. — Não sejamos tão precipitados! Quando brilha o sol, todos querem sair, mas, assim que começa a chover, todos se desanimam. A Palavra de Deus ordena a paz. E não é com piques e lanças que se faz entrar a fé nos corações. Portanto, em nome dos sofrimentos de Jesus Cristo, suplico-vos que abrandeis a vossa ira.

Essa exortação cristã teria logrado bom resultado, caso as notícias terríveis, chegadas a Zurique no mesmo dia em que os berneses pronunciaram o discurso comedido, não a tivessem tornado inútil.

No dia 22 de maio, sábado, Jacques Keyser, pastor e pai de familia, que morava na vizinhança de Greiffensee, de-pois de costear as margens férteis do pequeno lago, atraVessou as ricas pastagens do bailiado de Gruningen, passando por perto da casa teutônica de Bubikon e do convento de Ruti, chegou àquele distrito simples e rústico, banhado pela parte superior do lago de Zurique. Dirigindo-se para Oberkirk, paróquia do distrito de Gaster, situada entre os dois lagos de Zurique e Wallenstadt, de cujo lugar fôra nomeado pastor e onde devia pregar no dia seguinte, Keyser atravessou, a pé, os flancos estensos e curvos de Buchberg, fronteiros aos cumes pitorescos do Ammon. Confiante, Jacques avançava pelõs bosques que, no decurso de várias semanas, atravessara sem nenhum impedimento, quando, de súbito, se viu agarrado por seis homens, que ali se postaram para surpreendê-lo, e levado para Schwytz, onde tais homens disseram aos magistrados:

— Os bailios deram ordem para que todos os minis-tros inovadores fôssem trazidos perante os tribunais. Eis, pois, aqui um que vos trazemos.

Embora Zurique e Glaris interferissem, embora o govêrno de Gaster, onde Keyser fôra apanhado, não pertencesse, na época, a Schwytz, a "landsgemeinde" desejava uma vítima, e, portanto, a 29 de maio, o ministro foi condenado a ser queimado vivo. Ao ser informado da sentença, Keyser rompeu a chorar (7). Mas, ao chegar o momento da execução, caminhou corajosamente para a morte, confessando abertamente a sua fé e dando graças a Deus, mesmo em seu último instante de vida.

— Ide contar aos vossos concidadãos como êsse ministro nos agradece! — disse aos delegados de Zurique um dos magistrados, com sorriso sarcástico.

Caíra, assim, um nôvo máitir nas mãos daquele terrível poder que está "embriagado do sangue dos santos (8) ",

A taça estava cheia. As chamas do poste onde Keyser perecera converteram-se em sinal de guerra. Irritada, Zurique lançou um protesto, que repercutiu por tôda a

confederação. Zwinglio, acima de tudo, exigia medidas enérgicas. Em tôda parte — nas ruas, nos conselhos e, mesmo, nos púlpitos —, êle superava em ousadia até mesmo os capitães mais valentes. Discursava em Zurique. Escrevia para Berna.

— Fiquemos firmes e não tenhamos mêdo de pegar em armas — dizia. — Essa paz, que alguns desejam tanto, não é paz, mas guerra; ao passo que a guerra que exigimos não é guerra, mas paz (9). Não temos nós sêde do sangue de homem algum; mas cortaremos as asas da oligarquia (10). Se nos esquivarmos a isso, a verdade evangélica e a vida dos ministros jamais terão segurança entre nós.

Assim falava Zwinglio. Por tôda parte da Europa, êle notava os poderosos a auxiliar-se mutuamente para sufocar o entusiasmo revificante da Igreja. E achava que, sem medida enérgica e decisiva, o Cristianismo, oprimido por tantos golpes, cedo retrocederia ao seu cativeiro antigo. Em idênticas circunstâncias, Lutero deteve as espadas prestes a cruzar-se, pedindo, com insistência, que, no campo de batalha, só surgisse a Palavra de Deus. Zwinglio, contudo, não pensava da mesma maneira. Em sua opinião, a guerra não significava revolta, pois a Suíça não possuía soberano.

— Sem dúvida alguma — reconhecia —, devemos ter fé sèmente em Deus. Quando, porém, Êle nos dá uma causa justa, devemos, também, saber como a defender e, da mesma forma que Josué e Gedeão, derramar sangue em defesa do nosso país e do nosso Deus.

Se adotássemos os princípios de justiça que orientam os governadores das nações, o conselho de Zwinglio seria judicioso e irrepreensível. Era dever dos magistrados suíços defender os oprimidos do opressor. Mas, não é essa linguagem, que talvez fôsse apropriada na bôca de um magistrado, censurável num ministro .de Cristo? Talvez Zwinglio se es- quecesse de sua condição de pastor e se considerasse tão. sómente um cidadão consultado por seus concidadãos. Talvez desejasse, com os seus conselhos, defender a Suíça, e não á Igreja. Constitui, porém, um ponto de discussão se êle devia ter esquecido algum dia a Igreja e seu ministério. E achamos que podemos ir, mesmo, mais longe: conquanto admitamos tudo quanto possa ser alegado em favor da suposição contrária, podemos negar que o poder secular devesse alguma vez interferir com a espada, para proteger a fé.

A fim de levar a cabo seus propósitos, reformador precisava, de fato, da maior união, em Zurique. Havia, no entanto, naquela cidade, muitos homens devotados a interêsses e superstições desfavoráveis a Zwinglio, Do púlpito, no dia 19 de dezembro, exclamou êle:

— Até quando, sim, até quando suportareis, no conselho, êsses descrentes, êsses ímpios que se opõem à Palavra de Deus (11) ?!

Decidiram fazer um expurgo no conselho, como pedira o reformador. Examinaram os cidadãos, individualmente, e expulsaram, depois, todos os membros contrários.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Em 1528, Zwinglio fêz mais ainda: mostrou, num ensaio notável, de que maneira a república deveria agir com respeito ao império, à França e aos demais Estados europeus, bem como relativamente aos vários cantões e bailiados.

(2) Mi:igen sie blãtzen am altem Glaubem. Hottinger, Zwínglio, página 389.

(3) Die Zungen geschlitzt, mit dem Schwerdt richten und verbrãnnt. Bullinger, II, 31.

(4) Die Eer Gottes, unwer Seelen Heil. Bulling., Chron., II, 28.

(5) Bulling., Chron., II, 48.

(6) Bullinger cita o tratado por extenso. Chron., II, 49-50.

(7) Weinet hã.fftig. Bul., II, 149.

(8) Apoc.17:6

(9) Bellum cui nos instamus, pax est, nom bellum. Vita Zwinglii, por O. Myconium.

(10) Oligarchiae nervi succidantur. Ibid.

(11) Den rath reinigen. Füssly Beytrãge, IV, 91.

CAPITULO II

A Livre Pregação Do Evangelho Na Suiça Zwinglio Apóia Os Bailiados Comuns — Guerra — Zwinglio Alista-se No Exército — O Exército Suiço Ameaça Zug — O "Landamman" Aebli — Interferéncia Bernesa — Oposição De Zwinglio — Cordialidade Suiça — Ordem No Acampamento De Zurique. — A Conferencia — A Paz Restaurada — Rasgado O Tratado Austrico — Hino De Zwinglio — As Frei-ras De Santa Catarina.

Em 15 de junho de 1529, sábado, sete dias após o martírio de Keyser, Zurique inteira achava-se em comoção. O momento chegou quando Unterwalden devia enviar um governador aos bailados comuns. E, tendo as imagens sido queimadas em tais distritos, Unterwalden jurara dar sinal de vingança (1). Assim, a consternação havia-se tornado geral. "A estaca de Keyser será reacesa em tôdas as nossas povoações" — pensava-se. Muitos dos habitantes afluíram a Zurique. E, em suas fisionomig alarmadas e inquietas, podia-se, mentalmente, ver refletidas as chamas que haviam acabado de consumir o mártir.

O povo infeliz encontrou advogado poderoso em Zwinglio. Imaginava o reformador que, por fim, atingira o objetivo que jamais deixara de procurar alcançar: a livre pregação do evangelho na Suíça. A aplicação de um golpe final bastaria, a seu. ver, para levar semelhante empreendimento ao desfecho favbrável.

— Assalariados gananciosos — disse Zwinglio aos ha-bitantes de Zurique — aproveitam-se da ignorância dos mon-tanheses para instigar as almas simplórias contra os amigos do evangelho. Sejamos, portanto, severos para com êsses chefes arrogantes. A brandura do cordeiro só serviria para tornar o lôbo mais feroz (2). Proponhamos aos Cinco Cantões que permitam a livre pregação da Palavra de Deus, que renunciem às suas alianças desastrosas e que punam os insti-gadores de serviço prestado ao estrangeiro. Quanto à missa, ídolos, ritos e superstições, que ninguém seja forçado ao seu abandono. Cabe à Palavra de Deus, sozinha, dissipar, com seu sôpro poderoso, todo pó inútil (3). Sêde firmes, nobres senhores, que, apesar de certos cavalos negros, tão negros ein Zurique como em Lucerna (4), cuja malícia jamais conseguirá tombar o carro triunfal da Reforma, afastaremos semelhante dificuldade e chegaremos tanto à união da Suíça como à unidade da fé.

Assim, pois, Zwinglio, conquanto exigisse a fôrça contra os abusos políticos, pedia tão-sèmente liberdade para evangelho. Fle, contudo, pretendia uma intervenção imediata, a fim de que tal liberdade pudesse prender-se a ela. E Oecolampadius pensava da mesma forma. Disse êle:

— Não é ocasião pará demora. Não é ocasião para parcimônia nem acovardamerito. Enquanto o veneno não fôr inteiramente removido da serpente que há no nosso seio, es-taremos expostos aos maiores perigos (5) .

O conselho de Zurique, orientado pelo reformador, pro-meteu aos bailiados apoiar a liberdade religiosa entre êles. E, nem bem ficaram sabendo que Antônio de Acker, de Un-terwalden, se dirigia para Baden com um exército, já êles ordenaram que quinhentos homens partissem para Bremgar-ten, juntamente com quatro peças de artilharia. Era dia 5 de junho, e, na mesma tarde, a bandeira de ZuriTie tremu-lava sôbre o convento de Mouri.

Começara a guerra religiosa. A trompa dos Waldstettes ecoava repetidamente ao longe, nas montanhas. Homens ar-mavam-se por todos os lados, e mensageiros foram expedidos às pressas, a fim de solicitar o auxilio do Valais e da Áustria. Três dias depois (8 de junho, têrça-feira), seiscentos soldados de Zurique, sob o comando de Jacques Verdmiiller, partiram para Rapperschwy 1 e o diitrito de Gaster. E, no dia seguinte, quatro mil homens dirigiram-se para Cappel, sob o comando do valente Capitão Jorge Berguer, a quem.Contado Schmidt, pastor Kussnacht, nomeara capelão.

— Não desejamos a vossa ida para a guerra — explicou o burgo-mestre Roust a Zwinglio —, pois que o papa, o arquiduque Fernando, os cantões católicos, os bispos, os abades e os prelados vos têm wn. ódio. de. morte. Ficai com o conselho: precisamos de vós. -

Não!- replicou-lhe Zvvinglio, que se achava pouco disposto a confiar a crtialquer um aquêle empreendimento tão importante. — Não ficarei sossegado em casa, ao pé da lareira, quando meus, irmãos expõem a vida. Além disso, o exército precisa também de um olhar vigilante, que observe constantemente o que passa ao seu redor.

Em seguida, tirando da parede a alabarda reluzente (que, dizem, usara em Marignan) e pondo-a no ombro, o reformador montou a cavalo e partiu .com o exército (6). As muralhas, tôrres e ameias ficaram apinhadas de velhos, crianças e mulheres, entre as quais se achava Ana, espôsa de Zwinglio.

Zurique pedira o auxílio de Berna. Mas aquela cidade, cujos habitantes mostravam pouca disposição para uma guerra religiosa e que, além disso, não gostava de ver a in-fluência crescente de Zurique, respondeu:

— Uma vez que Zurique começou a guerra sem nós, que a termine da mesma maneira.

Os Estados evangélicos achavam-se, pois, separados, na ocasião exáta da luta. Assim não agiram os cantões papistas. Foi Zug que lançou os primeiros apelos. E os homens de Uri, Schwytz e Unterwalden puseram-se imediatamente em marcha. Na data de 8 de junho, a bandeira enorme flutuava na fachada da casa da câmara de Lucerna, e, no dia seguinte, o exército partia, ao som dos clarins antigos, os quais a dita cidade alegava ter recebido do imperador Carlos Magno.

A 10 de junho, os homens de Zurique, que se encon-travam ,em Cappel, enviaram a Zug, ao raiar do dia, segundo o costume, um mensageiro encarregado de declarar aos Cinco Cantões o rompimento da aliança. Imediatamente Zug se encheu de gritos e alarma. Ésse cantão, o menor da Suíça, não tendo recebido ainda todos os contingentes aliados, não estava em pondições de defender-se. A população correu, então, de um lado para outro, despachou mensageiros e apressadamente se preparou para a batalha. Os guerreiros vestiram a armadura. As mulheres derramavam lágrimas. As crianças lançavam gritos agudos.

Já a primeira divisão do exército de Zurique, que se elevava a dois mil soldados, sob o comando de Guilherme Thoming e aquartelada perto clã fronteira inferior de Cappel, se preparava para marchar, quando observou, na direção de Baar, um cavaleiro a esporear o. corcel e a vir num galope tão rápido quanto lhe permitia a montanha, que tinha de subir. Era Aebli,. "landamman" de Glaris.

Os Cinco Cantões estão preparados — informou êle, assim que chegou. — Persuadi-os, porém, a parar a luta, se vós fizerdes o mesmo. Por conseguinte, suplico aos meus senhores e aos homens de Zurique que, pelo amor de Deus e pela segurança da confederação, suspendam a luta neste instante — chorou no momento em que proferiu tais Pala vras (7) ; depois, continuou: — Voltarei de nôvo. Com a graça de Deus, espero obter uma paz honrosa e evitar que nossas vivendas se encham de viúvas e de órfãos.

-Aebli era conhecido como sendo homem digno, amigo do evangelho e contrário ao auxílio estrangeiro. Suas palavras comoveram, portanto, os capitães de Zurique, que resolveram parar a luta. Só Zwínglio, imóvel e,inquieto, vià, na intervenção de seu amigo, as maquinações do adversário. A Áustria, ocupada em repelir os turcos e impossibilitada de socorrer os Cinco Cantões, exortara-os à paz. Essa era, na opinião de Zwínglio, a causa das propostas que lhes foram trazidas pelo "landanunan" de Glaris. Assim, pois, quando Aebli deu meia-volta para regressar a Zug (8), o reformador, aproximando-se dêle, disse-lhe, sério:

—Compadre "Landamman", prestareis contas a Deus de tudo isto. Nossos adversários estão apanhados num laço e. por conseguinte, transmitem-vos doces palavras. Daqui a pouco, êles cairão de surprêsa sôbre nós e não haverá nin-guérn para salvar-nos.

Expressões proféticas, cujo cumprimento foi além de tôda previsão!

—Caro compadre! — retorquiu-lhe o "landamman". — Confio em Deus que tudo irá, bem.Que cada qual faça o possível.

Em vez de avançar contra Zug, o exército pôs-se, então, a levantar tendas ao longo da orla da floresta e da margem do rio, a poucos passos das sentinelas dos Cinco Cantões. Enquanto isso,. Zwínglio, sentado no interior de sua tenda, triste,

calado, meditando profundamente, a tôda hora antecipava alguma notícia desoladora.

. O reformador não teve que esperar por muito tempo. Os emissários de Zurique vieram concretizar-lhe os receios. Mantendo a qualidade de representante da política federal, que tantas vêzes desempenhara, Berna declarava que, se Zurique ou os Cantões não firmassem a paz, ela encontraria meios de forçá-los a tanto. Ao mesmo tempo, dito. Estado convocava uma dieta em Arau e enviava cinco mil homens ao campo de batalha, sob o comando de Sebastião Diesbach. Zwínglio ficou tomado de pavor.

A mensagem ae tebli, secundada pela da de Berna, o conselho a devolveu ao exército, porque, segundo os prin-cípios da época, "onde quer que a bandeira de guerra tre-mulasse, ali estaria Zurique".

— Não vacilemos! — bradou o reformador, já então decidido e firme. — Nosso destino depende de nossa co-ragem! Hoje, o inimigo pede e suplica, mas, dentro de um mês, quando tivermos deposto as armas, virá esmagar-nos. Fiquemos firmes, confiantes em Deus. Antes de tudo, se-jamos justos. A paz virá em seguida.

Zwínglio, porém, transformado em estadista, começava a perder a influência que obtivera como servo de Deus. Muitos já não conseguiam compreendê-lo, perguntando se o que ouviam era realmente a linguagem de um servo do Senhor. Um dos amigos do reformador, Osvaldo Micônio, que o conhecia, talvez, melhor, escreveu: "Ah! Zwínglio, sem dúvida nenhuma, foi homem intrépido no meio do perigo, mas sempre teve horror a sangue, até mesmo do de seus inimigos mais implacáveis. A liberdade de seu pais, as virtudes de nossos antepassados e, acima de tudo, a glória de Deus foram o único objetivo de todos os seus intentos (9) ". E acrescenta: "Falo a verdade, como se estivesse na presença de Deus".

Enquanto Zurique enviava delegados a Arau, os dois exércitos receberam reforços. Os homens da Turgóvia e de São Gall juntaram suas bandeiras à de Zurique. Os de Vaiais e os de São Gotardo uniram-se aos papistas. E os postos avançados achavam-se à vista um do outro, em Thun, Leematt e Goldesbrunnen, sôbre as rampas encantadoras do Albis.

Mas nunca, talvez, a cordialidade suíça reluziu com maior brilho, com seu esplendor antigo. Os soldados cha- mavam-se mútuamente, de maneira amistosa. Apertavam-se as mãos. Diziam-se irmãos e confederados. E afirmavam:

— Não lutaremos. Passa por sôbre nós uma tempes- tade, porém oraremos a Deus. Ele nos livrará de todo o mal.

A escassez de víveres afligia o exército dos Cinco Can- tões, ao passo que reinava a abundância no acampamento de Zurique (10). Certo dia, alguns Waldstettes,

jovens e famintos, transpuseram os postos avançados. Os soldados de Zurique fizeram-nos prisioneiros. Levaram-nos ao acampamento e, depois, mandaram-nos voltar junto aos seus, cara regados de provisões. Isso com uma bondade maior ainda do que aquela demonstrada por Henrique IV, por ocasião do cêrco de Paris. De outra feita, alguns soldados dos Cinco Cantões, após a colocação de um balde cheio de leite na linha que dividia a fronteira, gritaram para os homens de Zurique que não tinham pão. Os últimos surgiram imediay tamente e cortaram o pão que possuíam, atirando-o ao leite do inimigo. Em seguida, os soldados de ambos os partidos puseram-se a comer do mesmo prato, fazendo pilhérias um pouco dêsse lado, um pouco daquele. Os guerreiros de Zurique ficaram encantados, porque, não obstante a proibição dos padres, os Waldstettes comiam com os "hereges". Quando alguém da tropa tirava um bocado do lado do prato que pertencia aos adversários, os últimos ameaçavam-no com a colher, de brincadeira:

—Não cruzeis a fronteira!

Assim era que aquêles bons helvécios guerreavam entre si. E foi por isso que burgomestre Sturm, de Estrasburgo, um dos mediadores, exclamou:

—Vós, confederados, sois um povo estranho! Quando estais divididos, ainda viveis em harmonia mútua. Vossa amizade antiga jamais se afrouxa (11) !

Reinava, pois, a mais perfeita ordem no acampamento de Zurique. Todos os dias, Zwínglio, o comandante Schmidt, Zink, abade de Cappel, ou algum outro ministro pregava entre os soldados. Não se ouvia nenhuma blasfêmia ou disputa. Tôdas as mulheres de conduta imoral eram expulsas do acampamento. Faziam-se reces antes e depois de tôdas as refeições. Cada homem obedecia ao seu chefe. Não havia jogos de dados, de cartas; nenhum divertimento, enfim, que provocasse brigas. Contudo, os salmos, os hinos, as canções patrióticas, o exercício físico, a luta romana e o arremêsso de pedras ao alvo -constituíam as recreações militares dossoldados de Zurique (12). O espírito que animava o refor-mador se transmitira ao exército.

A assembléia de Arau, transferida para Steinhausen, na vizinhança dos dois acampamentos, decretou que cada um dos exércitos deveria ouvir as queixas do partido adversário. A recepção dos delegados do-s Cinco Cantões, pelos homens de Zurique, foi regularmente calma. Mas assim não se deu no outro acampamento.

No dia 15 de junho, cinqüenta defensores de Zurique, rodeados de uma multidão de camponeses, dirigiram-se, a cavalo, ao encontro com os Waldstettes. O som do clarim, o rufar do tambor e as salvas repetidas de artilharia anunciaram-lhes a chegada. Quase doze mil homens dos pequenos cantões, em boa ordem, de cabeça erguida e olhar arrogante, achavam-se de armas na mão. Escher, de Zurique, falou em primeiro lugar. Depois dêle, várias pessoas dos distritos rurais enumeraram as suas queixas, as quais os Waldestettes julgaram exageradas.

—Quando vos recusamos alguma vez o direito federal? — perguntaram os últimos.

—Recusaram! Recusaram! — respondeu-lhes Funk, amigo de Zwínglio. — Sabemos que que maneira exerceis êsse direito. Aquêle pastor (Keyser) apelou para êsse direito e vós o entregastes. ao carrasco!

—Funk, teria sido melhor se tivésseis refreado a língua — falou-lhe um amigo.

As palavras, porém, haviam-lhe escapado, e, de súbito, houve um barulho terrível. Todo o exército dos Waldstettes mostrou-se agitado. Os mais prudentes suplicaram aos homens de Zurique que se retirassem sem demora e prote-geram-lhes a partida.

Por fim, a 26 de junho de 1529, firmou-se o tratado. Zwínglio não obteve tudo quanto desejava. Em vez da livre pregação do evangelho, o tratado estipulava apenas a liberdade de consciência. Determinava que os bailiados comuns deveriam declarar-se, através da maioria de votos, a favor da Reforma ou contra ela. Sem decretar a abolição das pensões estrangeiras, recomendava-se aos cantões papistas que renunciassem à aliança formada com a Áustria. Os Cinco

Cantões deveriam pagar as despesas tidas com a guerra. Muner deveria retirar as suas palavras injuriosas. E garantia-se uma indenização à família de Keyser (13) .

Um triunfo incontestável acabava de coroar a demons-tração militar de Zurique. Os Cinco Cantões percebiam isso. Taciturnos, irritados, rilhando, em silêíicio, o freio que lhes fôra colocado na bôca, os chefes dos Cinco Cantões não podiam resolver-se a entregar o documento de sua aliança com a Áustria. Zwínglio, incontinenti, tornou a convocar as tropas. Os mediadores redobraram as solicitações. E Berna exclamou:

—Se não entregardes êsse documento, nós próprios, fazendo um cortejo, iremos rasgá-lo, tirando-o de vossos ar-quivos!

Finalmente, o documento foi levado para Cappel, no dia 26 de junho, às duas horas da madrugada. Todo o exército foi enfileirado às onze da manhã, e começou-se a leitura do tratado. Antes, os homens de Zurique olharam, espan-tados, para a espessura e extensão excessiva do tratado, bem como para os nove brasões que nêle haviam sido apostos, um dos quais era de ouro. Contudo, mal foram lidas umas poucas palavras, já Aebli, apoderando-se do pergaminho, bradou:

—Basta! Basta!

— Lêde-o! Lêde-o — exigiram os homens de Zurique.

— Queremos conhecer a traição dos Cinco Cantões.

Mas o bailio, de Glaris replicou-lhes, corajosamente:

—Prefiro que me façais em mil pedaços a consentir nisso!

Em seguida, metendo o próprio canivete no pergami-nho, fê-lo em tiras, atirando-as, depois, amassadas, - ao se-cretário, o qual as deitou às chamas. Isso na presença de Zwínglio e dos soldados (14) .

"O pergaminho não era suíço" — acrescenta Bullinger, com sublime simplicidade.

Imediatamente, as bandeiras de guerra foram arriadas. Os homens de Unterwalden partiram, enfurecidos. Os de

Schwytz juraram que conservariam eternamente a sua fé antiga. Enquanto isso, as tropas de Zurique voltavam para casa, triunfantes. Contudo, os pensamentos mais contraditórios agitavam amente de Zwínglio. Disse êle, forçando um sentimento que não possuía:

— Espero que levemos para casa uma paz honrosa. Não foi para derramamento de sangue que dela saímos (is). Deus, mais uma vez, mostrou aos poderosos da terra que êles nada podem fazer contra nós.

Sempre, porém, que cedia à sua disposição natural, uma ordem de pensamentos bem diferentes apossava-se-lhe da mente. Zwínglio era visto a caminhar à parte dos homens, tomado de desalento profundo e a prever o mais sombrio dos futuros. Em vão algumas pessoas o assediavam com brados alegres. Dizia-lhes o reformador:

— Dessa paz, que considerais um triunfo, cedo vos arrependereis, a bater no peito:

Foi em tal época que, dando expansão à tristeza, Zwínglio compôs, quando descia o Albis, um hino famoso, muitas vêzes cantado, acompanhado de instrumentos, nos campos da Suíça, entre os habitantes das cidades confederadas e, até ihesmo, nos palácios de reis. Os hinos de Lutero e de Zwínglio - fazem, na Reforma da Alemanha e da Suíça, o mesmo papel que os Salmos, na Reforma da França.

Diriges Teu carro triunfal, Senhor,

E fá-lo à Tua vontade;

Sem Teu auxilio, vã é nossa fôrça,

Inútil tôda nossa habilidade.

Baixa o olhar a Teus santos abatidos,

Derribados sob o pé de inimigos.

Amado Pastor, que salvaste

Nossalma da morte, do pecado vil,

Ergue Tua voz, desperta Tuas ovelhas,

Que estão adormecidas em Teu redil,

E reprime com Tua mão direita

A ira de Satanás, a furiosa seita.

Envia Tua paz, bane o conflito,

Deixa partir a aflição;

Revive o espírito do passado

Em cada suíço, no coração:

E, então, Tua Igreja cantará, sem final,

Os louvores de seu Rei celestial.

Um edito, publicado em nome dos confederados, or-denou o reavivamento, por tôda a parte, da amizade antiga e da concórdia fraterna. Os decretos, porém, são incapazes de operar semelhantes milagres.

O dito tratado de paz foi, não obstante, favorável à Reforma. Sem dúvida alguma, êle encontrou violenta opo-sição em muitos lugares. As freiras do vale de Santa Catarina, na Turgóvia, abandonadas pelos padres e estimuladas por alguns nobres do outro lado do Reno, que, em suas cartas, as chamavam de "mulheres valorosas da casa de Deus", celebraram, elas próprias, a missa e nomearam uma delas para pregadora do convento. Tendo tido certos delegados dos cantões protestantes uma conferência com elas, a abadêssa e três freiras cruzaram secretamente o rio, à noite, levando consigo os papéis do claustro e os ornamentos da igreja. Foi, porém, inútil uma resistência isolada como essa. Já em 1529, Zwínglio pôde realizar um sínodo na Turgóvia, o qual organizou a igreja ali, e decretar que os imóveis dos conventos seriam consagrados à instrução de jovens piedosos na sagrada sabedoria.

Assim, pois, a concórdia e a paz pareciam, por fim, estar restabelecidas na confederação.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Ibid

(2) Venenum a domestico illo colubro. Ibid.

(3) Lupus lenitate agni, coagis magisque voraz fit. Zw. EpP., II, 296.

(4) Dei verbum enim hos pulveres omnes facile flato suo disperget. -Ibid.

(5) Os assalariados. Exceptis aliquot nigris equis. Ebid., 298.

(6) ibid

(7) Dag redt er mitt weynenden Ougen. Bull., II, 169.

(8) Mis nun der Amman wiedcrumm zu den 5 orten ryten watt. Bui., Chron., II, 170. Zwínglio era padrinho de um dos filhos de Aebli.

(9) Ibid

(10) Uma medida de trigo foi vendida por um florim, e uma de vinho, por meio "batz", cêrca de três "pente" e meio. Bull. Chron., II. 182.

(11) Wenn ihr schon uneins sind, so sind ir eins. Bull. Chron., II, 183.

(12) Ibid

(13) Füssly Beytr., 1V, pág. 277. O tratado encontra-se transcrito, na íntegra, em Bullinger, II, 185, e em Ruchat,

(14) Tabellae foederis a praetori Pagi Glaronensís gladio concisae et delefae, id quod ipse vidi. Zw. Epp., II, 310.

(15) Cum non caedem factum profecti sumus. Zw. Epp., II, 310.

CAPITULO III

Conquistas Da Reforma Em Schaffhausen E Zurzack — A Reforma Em Glaris — Hoje, O Capuz; Amanhã, O Oposto — Os Bailia-dos Italianos — O Monge De Como — A Esperança De Egidio Para A Itália — Chamada Do Monge De Locarno — Esperanças De Reformar A Itália — Os Monges De Wettingen — O Abade De São Gall — Killian Kouffi — São Gall Recobra A Liberdade — A Reforma Em Soleure — Milagre Do Santo Nosso — O Papismo Triunfa — Os Grisões Invadidos Pelos Espanhóis — Comunicado Dos Ministros Aos Cantões Catolicos-romanos — A Palavra De Deus, O Meio De Unidade — Oecolampadius A Favor Da Influencia Espiritual — Autonomia Da Igreja.

Sempre que um conquistador se entrega ao próprio tri-unfo, na mesma confiança com que o faz muitas vêzes, ele encontra a destruição. Zurique e Zwínglio iriani exemplificar essa deplorável lição da História, Aproveitando a paz nacional, redobraram os esforços em prol do triunfo do evangelho. Foi um Mo legítimo, mas nem sempre sàbiamente crientado. Conseguir a união da Suíça, através da unidade da fé, era o objetivo dos homens de Zurique. Esqueceram-se, porém, de que, com o desejo de impor-se uma unidade, esta se parte em pedaços, e de que a liberdade o único meio pelo qual podem ser dissolvidos os elementos desfavoráveis e estabelecida uma união salutar. Enquanto Roma visa à unidade por meio de anátemas, prisão e fogueira, a verdade cristã exige a unidade através da liberdade. E não temamos que tal liberdade, expandindo a individualidade além dos limites, venha a produzir, através disso, uma multiplicidade infinita. Embora instemos em que todos os .homens se apeguem à Palavra de Deus, deixamos cada qual entregue a um poder capaz de restaurar-lhe as opiniões divergentes, numa unidade salutar.

A princípio, Zwínglio assinalou a sua vitória através de conquistas autênticas. Avançou com coragem. Sua visão e sua coragem achavam-se em tôda parte". "Alguns perversos fomentadores de desordens, penetrando nos Cinco Cantões, conturbaram o espírito dos cidadãos, distribuíram sua carga de bugigangas, espalharam poemetos, folhetos e testamentos por todos os cantos, repetindo, sem cessar, que o povo não devia acreditar nos padres (1) — escreve Salat, historiador católico. E não foi tudo. Conquanto a Reforma se achasse destinada a limitar-se a alguns esforços infrutíferos, ao redor do lago dos Waldstettes, fêz ela conquistas brilhantes entre os cantões — aliados e súditos da Suíça. Todos os golpes ali infligidos sôbre o papismo repercutiram nos vales elevados dos cantões primitivos, enchendo-os de terror. Em parte al- guma o papismo se mostrara mais resoluto do que nas mon- tanhas da Suíça. Existia, ali, uma mistura de despotismo papista e rusticidade helvécia. Roma estava resolvida a con- quistar tôda a Suíça e, ainda assim, via arrancadas sucessi- vamente de si própria as suas posições mais importantes.

No dia 29 de setembro de 1529, os cidadãos de Schaff-ha usen retiraram o "bom Deus" (2) da catedral, com pro-fundo pesar de pequeno número de beatos, com que contava o culto romano naquela cidade. Em seguida, aboliram a missa, estendendo as mãos para Zurique e Berna.

Em Zurzack, perto da confluência do Reno com o Aar, no momento em que o padre do lugar, homem zeloso do culto antigo, pregava com fervor, um indivíduo chamado Tüfel (Diabo), erguendo a cabeça, observou-lhe:

—Senhor, estais cobrindo de insultos bons homens e cumulando de honras o papa e os santos do calendário romano. Dizei-me, por favor, onde encontramos isso nas Sagradas Escrituras?

Essa pergunta, feita em tom sério, despertou um riso zombeteiro em alguns rostos. Mas a congregação, de olhos fixos no púlpito, ficou à espera da resposta. O padre, cheio de pasmo, sem saber o que fazer, respondeu, com voz trêmula, a Tiifel:

—Diabo é o vosso nome. Agistes como. o diabo e sois o diabo. Assim sendo, nada tenho a ver convosco.

E o padre deixou apressadamente o púlpito, saindo correndo dali, como se o próprio Satanás estivesse atrás dêle. Incontinenti, as imagens foram destruídas naquele lugar, e a missa foi abolida. Os católicos-romanos procuraram con-solar-se, repetindo por tôda a parte:

—Foi o diabo que introduziu a Reforma em Zur-zack (3) .

Os clérigos e os soldados dos Cantões da Floresta con-templaram a derrota da fé papista nas regiões qu lhes eram próximas. No cantão de Glaris, de onde, pelas passagens íngremes do Klauss e do Pragel (4), a Reforma poderia lançar-se sübitamente sôbre Uri e Schwytz, dois homens encontraram-se frente a frente. Em Mollis, Fridolin Brunner, que todo dia perguntava a si mesmo de que modo poderia levar adiante a causa de Cristo (5), atacou os abusos da Igreja com a energia de seu amigo Zwínglio (6), esforçando-se por espalhar entre o povo, que amava ardentemente a guerra, a paz e a caridade do evangelho. Em Glaris, aoconta trio,

Valentino Tschudi estudava, com tôda a circunspeção de seu amigo Erasmo, para manter um justo meio-têrmo. entre Roma e a Reforma. E embora, em conseqüência das pre-gações de Fridolin, as doutrinas do purgatório, das indul-gência, das obras merit5riase da intercessão dos santos fôssem encaradas, pelos C laronais, como puras tolices e fábulas (7), êles acreditavam ainda, como Tschudi, que o corpo eo sangue de Cristo 1; e encontravam materialmente no pão da Santa Ceia.

Ao mesmo tempo, naquele vale elevado e selvagem, onde o Linth, bramindo a) pé de vastas rochas de picos pontiagudos — cidadelas enormes, que pareciam construídas no espaço —, banha, com suas águas, as aldeias de Schwanden eRuti,

ocorria tim movimento contrário .à Reforma. Os ca-tólicos-romanos alarmados com o progresso do evangelho edesejando, pelo menos, salvar as ditas montanhas, dis-tribuíram, liberalmente, o dinheiro que lhes provinha das pensões estmageiras. Desde tal ocasião, violenta hostilidade dividiu velhos amigos. E homens, que pareciam ter sido conquistados pelo evangelho, procurrávam, vilmente, um pretexto para encobrir uma vergonhosa retirada (8). Escreveu Radsdorfer, pastor de Ruti, desesperado: Pedro (9) e eu estamos trabalhando na vinha. Mas — ai de nós! — as uvas. que colhemos não são empregadas para o sacrifício, e os próprios pássaros não as comem! Pescamos, porém, após a labuta da noite tôda, verificamos que pegamosapenas san-guessugas (10).

Ah! Estamos a deitar pérolas aos cães e. rosas aos porcos!" O espírito de revolta contra o evangelho cedo baixou de semelhantes vales, com as águas ruidosas do Linth, até Glaris e Mollis. "O conselho, como se fôra. constituído tão-sõmente de mulheres tolas, todos os dias mudava o velame (11) : um dia, estava com o capuz; no dia seguinte, já não estava com êle (12) — escreveu Radsdorfer. Glaris, tal qual fôlha arrastada pela superfície das águas, cujas ondas e redemoinhos vão em tôdas a:; direções, oscilou, rolou? por todos os lados, quase foi tragacL.

Essa crise, porém, findou. O evangelho recobrou sàbitamente as fôrças e, na segunda-feira da Páscoa de. 1530, uma assembléia geral do povo "levou à votação a missa e õs altares". O partido poderoso, que confiava nos Cinco Cantões, opôs-se, .em vão, à Reforma. A última foi proclamada, e seus inimigos, vencidos e desconcertados, foram obrigados a contentar-se com o esconder misteriosamente ,alguns ídolos, que reservavam para melhores dias, conforme Bullingèr.

Entrementes, a Reforma progredia no "Rodes" externo do Appenzell (13) e no distrito de Sargans. Todavia, o que mais exasperava os cantões que permaneciam fiéis às dourtinas papistas era vê-la transpor os Alpes e surgir na Itália, nos belos distritos ao redor do lago Maggiore, onde, perto da embocadura do Maggia, dentro das muralhas de Locarno, no meio de loureiros, romãzeiras e ciprestes, prosperavam as nobres famílias dos Orelli, Muralto, Magoria e Duni, bem como onde flutuava, desde 1512, a bandeira soberana dos cantões.

— Quê! — exclamaram os Waldstettes. — Não basta que Zurique e Zwínglio infestem a Suíça?! E êles têm a im-prudência de levar a sua pretensa Reforma até mesmo à Itália, até mesmo ao país do papa!

Lá, entre á clero, reinavam grandes irregularidades. "Todo aquêle que quiser ser amaldiçoado, deve tornar-se padre" — era um ditado corrente (14) .

O evangelho, contudo, conseguiu progredir até mesmo dentro do dito distrito. Um monge de Como, Egídio à Porta, que tomara o hábito em 1511, contra a vontade

da famí-lia (15), labutara, duranté anos, no mosteiro dos agostinhos e em parte alguma encontrara paz para o seu espírito. Imóvel, cercado, segundo sentia, por trevas profundas, Egídio clamou em voz alta:

—Senhor! Que quereis que eu faça?

Elogo o monge de Como julgou ouvir, dentro de seu coração, estas palavras:

—Ide a Zwínglio e êle vos dirá.

O monge ergueu-se, trêmulo de emoção. E, imediatamente, escreveu a Zwínglio: Sois vós. . Não, não sois vós! É Deus quem, por vosso intermédio, me livrará das ciladas dos perseguidores". Respóndeu-lhe o reformador: "Traduzi o Nôvo Testamento para o Italiano. Eu me incumbirei de mandá-lo imprimir em Zurique.

Eis o que a Reforma fêz pela Itália, há mais de três séculos.

Egídio, por conseguinte, permaneceu ali. E começou a traduzir o evangelho. Mas, num momento, tinha de pedir es-molas; noutro, de repetir as suas "horas". E, depois, tinha de acompanhar um de seus progenitores, em suas viagens (16). Tudo quanto 9 rodeava lhe aumentava a angústia. Via o seu país reduzido à maior miséria, em virtude das guerras desoladoras. Via homens, que outrora foram ricos, a manter as mãos estendidas, pedindo esmolas, e multidões de mulheres levadas, pela penúria, à mais vergonhosa das degradações. E julgava que uma grande libertação política poderia, sózinha, levar a efeitõ a independência religiosa dos seus compatriotas.

De súbito, Egídio achou que era chegada a hora feliz. Percebeu uma companhia de lansquenêses luteranos a descer os Alpes. As suas falanges cerradas, seus olhares ameaçadores, dirigiam-se para as margens do Tibre. A frente de semelhante companhia, marchava Freundsberg, que trazia uma corrente de ouro em volta do pescoço e explicava:

—Se eu chegar a Roma, usarei esta corrente para en-forcar o papa.

Egídio escreveu, então, a Zwínglio: "Deus deseja salvar-nos. Remetei uma carta ao Condestável (17). Suplicai-lhe que liberte o povo sôbre o qual êle reina — que tire, dos que têm a coroa tonsurada, cujo deus é a própria barriga, a riqueza que os torna tão orgulhosos, bem como que a distribua entre o povo que está a morrer de fome. E, depois, que deixe cada qual pregar, sem receio, a Palavra pura de Deus. O poder do anticristo está próximo de sua queda!"

Assim, mais ou menos em fins de 1526, Egídio já so-nhava com a Reforma na Itália. A partir dessa época, porém, cessam as suas cartas: o monge desapareceu. Não pode haver dúvida de que o braço de Roma conseguiu atingi-lo e de que, como muitos outros, Egídio foi jogado ,numa masmorra sombria de algum mosteiro.

Na primavera de 1530, uma nova época começava para os bailiados italianos. Zurique nomeou Jacques Werdmüller bailio de Locarno. Era homem sério, respeitado por todos e que, até mesmo, em 1524, beijara os pés do papa. A partir de então, fôra convertido para o evangelho e se sentara aos pés do Salvaddr (18) .

— Ide — admoestou-o Zurique — e pot tai-vos como cristão. Em tudo quanto diz respeito à Palavra de Deus, agi de acôrdo com as ordenações divinas.

Werdmüller nada encontrou senão trevas por tôda a parte. Entretanto, no meio daquela escuridão, uma luz tíbia parecia emanar de um mosteiro situado na margem encantadora do lago Maggiore. Entre os carmelitas de Locarno, havia uni frade chamado Fontana, proficiente nas Sagradas Escrituras e animado pelo mesmo espírito que iluminara o monge de Como. A doutrina da salvação "sem dinheiro e sem preço", que Deus proclama n9 evangelho, enchia-o de amor e de alegria. E Fontana dizia:.

Enquanto viver, pregarei sôbre as Epístolas de São Paulo (19) — pois foi principalmente em tais epístolas que êle encontrara a verdade.

Dois monges, cujos nomes desconhece-1s, comparticipayam dos sentimentos de Fontana. O última escreveu uma carta endereçada a "tôda a Igreja de Cristo na Alemanha", a qual foi enviada a Zwínglio. Podemos imaginar-nos a ouvir aquêle homem da Macedônia, que surgiu á Paulo numa visão noturna, a chamá-lo à Europa, dizendo: "Passa à Macedônia, e ajuda-nos (20) ". E o monge de Locarno implorava à Alemanha: "Ó homens de confiança de Jesus Cristo e bem-amados por Ele! Lembrai-vos de Lázaro, o mendigo, da Bíblia,- e lembrai-vos daquela mulher cananéia humilde, que almejava as migalhas que caíam da mesa do Senhor! Faminto como Davi, recorro aos pães da proposição, co-locados sôbre o altar. Pobre viajor, consumido pela sêde, corro para o manancial da água da vida (21).

Mergulhados nas trevas, banhados de lágrimas, a vós, que conheceis os mistérios de Deus, imploramos mandar-nos, pelas mãos do munificente Werdmüller, todos os trabalhos escritos do admirável Zwínglio, do famoso Lutero, do hábil Melancton, do pacífico Oecolampadius, do engenhoso Pomeranus, do. douto Lambert, do elegante Brenz, do sagaz Brucer, do estudioso, do vigilante Hütten e dos demais doutôres ilustres; caso existam mais alguns. Excelentes príncipes, vigas da Igreja, nossa sagrada mãe, apressai-vos em libertar, da escravidão da Babilônia, uma cidade da Lombardia, que ainda não conheceu o evangelho de Jesus Cristo. Somos apenas três homens que se uniram para lutar em nome da verdade (22). Foi, porém, sob os golpes de pequeno grupo de homens, 5,scolhidos por Deus, que Midiã caiu, e não pelos dos milhares de Gedeão. Quem sabe se, de pequena fagulha, Deus não poderá causar grande conflagração?"

Assim, nas ribanceiras do Maggia, três homens espe-ravam reformar a Itália, naquela época. Fizeram um apêlo a que, durante três séculos, o mundo não respondeu. Zurique, contudo, em tais dias de sua fôrça e fé, demonstrou coragem venerável e ousou estender os braços hereges para além dos

Alpes. Por isso, Uri, Schwytz, Unterwalden e todos os papistaS da Suíça proferiram ameaças terríveis e ruidosas, jurando deter, até mesmo dentro da própria Zurique, o curso das invasões insolentes.

Não obstante, os homens de Zurique não se limitaram a isso. Deram aos confederados um motivo mais sério dc temor, empreendendo guerra incessante contra os mosteiros — aquêles centros do fanatismo ultramontano. O mosteiro amplo de Wettingen, à volta do qual rolavam as águas do Limmat, e que, pela sua proximidade com Zurique, se achava mais exposto ao sôpro reformador do que qualquer outro, viu-se em agitação intensa. No dia 23 de agôsto de 1529, ocorreu grande mudança ali: os monges deixaram de celebrar a missa; cortaram a barba um do outro, mas não sem derramar algumas lágrimas; puseram de lado os seus hábitos e capuzes; bem como vestiram trajes seculares apropriados (23). Em seguida, espantados com semelhante metamorfose, ouviram, reventerentemente, o sermão que Sebastião Benli lhes fôra pregar e; dentro em pouco, dedicaram-se à propagação do evangelho, entoando salmos em Almão. Dessa forma, Wettingen caiu na correnteza daquele rio que parecia estar a despertar a confederação por t6da a parte. O claustro, deixando de ser uma«. casa de jogatina, glutonaria e oebedeiras, transformou-se numa escola. E, de todo o mosteiro, apenas dois monges permaneceram fiéis ao papismo.

O comandante de Mulinen, sem se preocupar com as ameaças dos cantões católicos, instou sèriamente com o território militar de São João, de Hitzkirch, em relação à Reforma. O caso foi levado à votação, e a maioria declarou-se a favor da Palavra de Deus.

— Ah! — exclamou o comandante. - Por muito tempo, estive a empurrar o carro por trás (24) !

A .4 de setembro, o território militar encntrava-se reformado. E deu-se o mesmo com o território de Wadenswyl, com o mosteiro de Pfeffers e com outros lugares mais. Até mesmo em Mury a maioria declarou-se a favor do evangelho, mas a minoria prevaleceu, em virtude Il., :poio dos Cinco Cantões (25). Um nôvo triunfo, de maior valor, estava des-tinado a dar a reparação à Reforma e a levar ao auge a indignação dos Waldstettes.

O abade de São Gall, pela sua riqueza, pelo número de seus súditos e pela influência que exercia na Suíça, era um dos adversários mais formidáveis do evangelho. Por conseguinte, em 1529, na ocasião em que o exército de Zurique

iniciava uma campanha contra os Cinco Cantões, o abade Francisco de Geisberg, sobressaltado e às portas da morte, não se achando seguro senão dentro de suas muralhas, fêz com que o removessem, às pressas, para o castelo bem fortificado de Rohrschach. Quatro dias depois, o ilustre Vadian, burgomestre de São Gall, entrou no mosteiro, anunciando a intenção do povo em reassumir o uso de sua catedral e em retirar as imagens dali. Os monges ficaram pasmados com tanta audácia e, tendo, em vão, protestado e chamado por auxilio, depositaram os seus bens mais preciosos num lugar seguro, fugindo para Einsidlen.

Entre os ditos religiosos, achava-se Kilian Kouffi, mordomo-chefe do mosteiro, monge vivo, astuto e, como Zwín glio, natural de Tockenburgo. Sabendo quão importante era encontrar um sucessor para o abade, antes que se espalhasse a notícia da morte dêste, Kilian chegou a um acôrdo com as pessoas que serviam o prelado. Tendo o último morrido na têrça-feira da Semana Santa, as refeições continuaram a ser levadas para o seu quarto, como de costume, e os criados respondiam, de olhos tristes e em voz baixa, a tôdas as indagações acêrca da saúde do abade. Enquanto prosseguia tal farsa ao redor de um cadáver, os monges, que se haviam reunido em Einsidlcn, se dirigiram, a tôda pressa, para Rapperschwyl, no território de São Gall, e, ali, elegeram Kilian, que controlara tão hàbilrnente a situação. Em seguida, o nôvo abade partiu imediatamente para Rohrschach e, na sexta-feira da Paixão, anuncibu, ali, a sua própria eleição, bem como a morte de seu antecessor. Zurique e Glaris declararam que não o reconheceriam legalmente, a não ser que êle pudesse provar, por intermédio das Sagradas Escrituras, que a vida monástica se achava em conformidade com o evangelho. E disseram:

— Estamos prontos para proteger a Casa de Deus. Por êsse motivo, desejamos que ela seja consagrada de nôvo ao Senhor. Mas não nos esquecemos de que constitui também nosso dever proteger o povo. A Igreja de Cristo, emancipada, deve erguer a cabeça no meio de um povo livre.

Ao mesmo tempo, os ministros de São Gall publicaram quarenta e duas teses, nas quais asseveravam que os mos-teiros não eram "casas de Deus, mas casas do diabo (26) ,. Apoiado por Lucerna e Schwytz, que, com Zurique e Glaris, exerciam o poder soberano em São Gall, o abade respondeu que não podia disputar acêrca dos direitos que êle havia recebido de reis e imperadores. Aquêles dois homens naturais de Tockenburgo, Zwínglio e Kilian, lutavam, assim, em São Gall — um, reivindicando o povo para o mosteiro; o outro, o mosteiro para o povo. Tendo-se aproximado de Wyl o exército de Zurique, Kilian apoderou-se dos tesouros e dos títulos de propriedade pertencentes ao mosteiro, fugindo precipitadamente para o outro lado do Reno. Tão logo a paz foi firmada, o monge astucioso, vestindo um traje civil, dirigiu-se secretamente até Einsidlen, de onde. fêz, de súbito, tôda a Suíça estrondear com os seus brados. Zurique, em conjunto com Glaris, respondeu a isso com a promulgação de uma constituição, segundo a qual um governador,

"confirmado na fé- evangélica", devia dirigir o distrito, com um conselho de doze membros, ao passo que a eleição dos pastôres era outorgada às paróquias (27). Não muito mais tarde, o abade, expulso e fugitivo, ao cruzar um rio perto de Bre-gentz, caiu do cavalo e, enleado no próprio hábito, morreu afogado. Dos dois combatentes de Tockenburgo, foi Zwínglio" quem obteve a vitória.

O mosteiro foi levado a leilão, sendo adquirido pela cidade de São Gall — "com a exceção de um edifício se-parado, chamado Inferno, onde foram deixados os monges que não haviam abraçado a Reforma", diz Bullinger (28). Chegada a ocasião em que o governador enviado por Zurique devia ceder o lugar ao governador vindo de Lucerna, o povo de São Gall exigiu que êste último confirmasse, por jura-mento, a sua constituição.

— Nunca se soube de um governador que prestasse juramento a camponeses! — reclamou o governador de Lu-cerna. — São os camponeses que devem prestar juramento ao governador!

E retirou-se dali, em seguida.

O governador de Zurique permaneceu, então, no cargo. E a indignação dos Cinco Cantões contra Zurique,- que tão atrevidamente ajudava o povo de São Gall a recobrar as suas liberdades antigas, elevou-se ao acesso de cólera mais intenso.

Algumas vitórias, entretanto, consolaram, até certo pon-to, os partidários de Roma. Soleure foi, durante longo tempo, um dos campos de batalha mais disputados. Os cidadãos e os eruditos achavam-se a favor da Reforma; os nobres e os cônegos eram pelo papado. Felipe Grotz, de Zug, ali estava pregando o evangelho, porém o conselho tencionava compe- li-lo a celebrar missas. Uma centena de homens reformados compareceu, então, ao salão das sessões e exigiu, com energia, a liberdade de consciência. Como Zurique e Berna apoiavam semelhante exigência, a petição dos reformados foi atendida.

Depois disso, os mais fanáticos dentre os católicos-ro-manos, exasperados com a concessão, fecharam as portas dacidade, exibiraM armas de fogo e deram mostras de querer expulsar dali os amigos da Reforma. O conselho dispôs-se a punir tais agitadores, quando os reformados, dispostos a dar um exemplo de moderação cristã, declararam que desejavam perdoá-los (29). O. Conselho Maior proclamou, então, por todo o cantão, que, .pertencendo o domínio da consciência únicamente a Deus e sendo a fé livre dádiva da Sua vontade, cada qual poderia seguir a religião que julgasse melhor. Trin-ta e quatro paróquias tomaram o partido da Reforma e ape-nas duas o do papismo. Quase todos os- distritos rurais mos-traram-se a favor do evangelho, mas a maioria dos citadinos tomou o partido do papa (30). Haller, a quem os reformados de Soleure haviam mandado chamar, ali chegou — e aquêle foi

um dia de triunfo para os amigos da Reforma daquele lugar. Deu-se isso em pleno inverno e, ironicamente, um dos cristãos evangélicos comentou:

—Hoje o santo padroeiro (Santo Nosso) vai suar.

E, realmente — ó coisa prodigiosa! —, gôtas úmidas caíram da imagem religiosa! Tratava-se, porém, simplesmente de um pouco de água benta, que se congelara e, depois, se descongelara. Os papistas, contudo, não quiseram dar atenção a zombarias a respeito de tão grande prodígio, o qual talvez nos lembre o do sangue de São Januário, de Nápoles. A cidade inteira, portanto, estrondeou com gritos lastimosos. Os sinos foram tangidos em compasso de dobre. Uma procissão geral percorreu as ruãs. E celebrou-se uma missa solene em honra daquele príncipe celestial que, de maneira tão assombrosa, mostrara a angústia que sentia pelos seus bem-amados.

—O gordo ministro de Berna (Haller) é a-causa do abalo do santo! — sentenciaram as velhas devotas.

Uma delas declarou, ainda, que meteria uma faca no corpo do ministro, e certos católicos-romanos ameaçaram ir à igreja dos franciscanos e matar os pastôres que ali pre-gavam. Ato contínuo, os reformadores afluíram para a igreja epediram uma discussão pública. Ao mesmo tempo, duzentos adversários seus postaram-se na igreja do Santo Nosso, opondo-se a tôda e qualquer investigação. Nenhum dos dois partidos estava disposto a ser o primeiro a abandonar o lugar onde se achava entrincheirado. O senado, todavia, desejando pôr em ordem as duas igrejas transformadas, por assim dizer, em cidadelas, proclamou que, na festa de São Maninho, isto é, dali a nove meses, deveria realizar-se um debate público. Como, porém, os reformadores acharam ,o prazo excessivamente longo, ambas as facções permaneceram em armas por mais de uma semana inteira. O comércio ficou, então, interrompido. As repartições públicas foram fechadas. Mensageiros corriam de um lado para outro. Propuseram-se acôrdos . Os homens,. no entanto, estavam tão obstinados (31) que nenhum ,dêles quis ceder. A cidade ficou, pois, em estado de sítio. Finalmente, todos concordaram acêrca do debate, eos ministros apresentaram, por escrito, quatro testes, as quais os cônegos, sem demora, tentaram refutar.

Não obstante, os cônegos julgaram ser um plano melhor ainda esquivar-se de tais teses. Nada inquietava tanto os papistas como uma disputa.

— Que necessidade temos de um debate? — alegaram. — Não expõeim os escritos de cada partido os seus senti-mentos?

Por conseguinte, a conferência foi adiada para o ano seguinte. Muitos dos reformados, furiosos por causa de se-melhantes delongas, deixaram imprudentemente a cidade. En-cantados com esse resultado, que estavam longe de esperar, os conselhos declararam, precipitados, que o povo seria livre no cantão, mas

que, na cidade, ninguém deveria atacar a missa. Desde aquela época, os reformados foram, então, compelidos a deixar a cidade todos os domingos e a dirigir-se para a aldeia de Zuchswyl, a fim de ouvir a Palavra de Deus. Assim, o papismo, derrotado em tantos lugares, triunfou em Soleure.

Zurique e os demais cantões reformados, acompanhavam atentamente os êxitos dos seus adversários e prestavam atenção apreensiva às ameaças dos católicos-romanos, os quais apregoavam constantemente a intervenção do imperador, quando, de súbito, se ouviu a notícia de que novecentos espanhóis haviam invadido os Grisões, de que êles eram comandados pelo castelão de Musso, recentemente investido no título de marquês, por Carlos V, de que o cunhado do castelão, Didier dEmbs, marchava também contra os suíços, à frente de três mil lansquenêses do imperador e de que o próprio imperador estava pronto para apoiar os papistas, com tôda a sua milícia. Os Grisões lançaram um brado de alarma. Os Waldestettes continuaram inertes, porém todos os cantões reformádos reuniram as suas tropas, bem como onze mil homens deram início à marcha (32). O imperador e o duque de Milão, tendo declarado, logo após, que não apoiariam o castelão, êste aventureiro, contemplando o próprio castelo completamente arrasado, foi compelido a retirar-se para as margens do Sesia, dando garantias de tranqüilidade futura. Enquanto isso, os soldados suíços voltaram para as suas casas, cheios deindignação contra os Cinco Cantões, que, por sua inatividade, haviam violado a aliança federal (33). E disseram:

— Nossa resistência imediata e enérgica sem dúvida nenhuma Ihes frustraram os piados pérfidos, mas o contra-ataque está apenas adiado. Embora o pergaminho da aliança tenha sido rasgado em pedaços, a aliança própriamente dita ainda persiste. A verdade libertou-nos; cedo, porém, virão os lansquenêses do imperador e tentarão colocar-nos de nevo sob o jugo da escravidão.

Assim, em conseqüência de tantos choques violentos, os dois partidos, que dividiam a Suíça, haviam chegado ao grau mais alto de exacerbação. O abismo que os separava aumetava dia a dia. As nuvens — precursoras da tempestade — foram impelidas ràpidamente para as montanhas e reuniam-se, agora, por sôbre os vales. Em tais circunstâncias, Zwínglio eseus amigos julgaram constituir seu dever erguer a voz e, se possível, afastar a tormenta. Do mesmo modo, Nicolau de Flue atirara-se, outrora, entre as facções hostis.

No dia 5 de setembro de 1530, os principais ministros de Zurique, Berna, Basiléia e Estrasburgo — Oecolampadius, Capito, Megander, Leo Juda e Micônio — achavam-se reu-nidos em Zurique, na casa de Z—wínglio. Desejosos de dar um passo solene, juntamente com os Cinco Cantões, redigiram uma carta, que foi apresentada na reunião da dieta, em Ba-den. Por mais desfavoráveis que os delegados, em sua maioria, se mostrassem a êsses ministros, êles deram, contudo, atenção ao dito documento, porém não sem indícios de impaciência eenfado (34) .

Estais cônscios, graciosos senhores, de que a concórdia aumenta o poder dos Estados e de que a discórdia aumenta o poder dos Estados e de que a discórdia os destrói (35). Vós próprios sois uma prova da primeira destas verdades. Partindo de um. pequeno princípio, vás, através de bom entendimento mútuo, chegastes a um grande fim. Oxalá Deus condescenda em impedir-vos de dar também uma prova surpreendente da segunda. Donde provém a desunião senão do egoísmo? E de que maneira poderemos nós aniquilar êsse sentimento fatal, a não ser recebendo de Deus o amor ao bem-estar comum? Por tal motivo, rogamo-vos que` permitais seja a Palavra de Deus pregada livremente entre nós,. como o fizeram os vossos antepassados piedosos. Onde já existiu um govêrno, mesmo entre os pagãos, que não visse que a mão de Deus, sózinha, sustenta uma nação? Não se ajuntam duas gôtas de mercúrio, assim que removemos aquilo que as separa? Fora, então, com isso que vos separa de nossas cidades, ou seja, a ausência da Palavra de Deus, que, imediatamente, o Todo-Poderoso nos unirá, como unidos foram os nossos ancestrais. Localizados, então, em vossas montanhas, como no centro da Cristandade, vós sereis um exemplo para ela, sua proteção e seu refúgio, e, depois de terdes passado por êste vale de lágrimas, de serdes o terror dos iníquos e a consolação dos fiéis, vós sereis, por fim, assentados no gôzo eterno.

Assim, abertamente se dirigiram aquêles homens de Deus aos seus irmãos, os Waldstettes. O seu desejo, contudo, não foi atendido.

— O sermão dos ministros é um tanto longo — co-mentou um dos delegados, que bocejavam e se espreguiça-vam, enquanto outros procuravam achar, no documento, nôvo motivo de queixa contra as cidades.

Semelhante procedimento dos ministros foi inútil. Os Waldstettes rejeitaram a Palavra de Deus, que lhes suplica-ram admitissem. Rejeitaram as mãos que lhes foram esten-didas em nome de Jesus Cristo. Invocaram o papa, e não o evangelho. Tôda a esperança de recociliação parecia per-dida.

Algumas pessoas, no entanto, tinham uma idéia vaga daquilo que poderia ter salvo a Suíça e a Reforma: a auto-nomia (govêrno autônomo) da Igreja e a sua independência doS interêsses políticos. Houvessem elas sido suficientemente sensatas para declinar do poder secular, para a garantia do triunfo do evangelho, é provável que a harmonia pudesse estabelecer-se gradativamente nos cantões helvécios e que o evangelho tivesse vencido pela sua fôrça divina. O poder da

Palavra de Deus apresentava oportunidades de prosperidade, que não eram proporcionadas por piques e mosquetes. A energia da fé e a influência da caridade ter-se-iam revelado uma proteção mais segura para os cristãos,. contra as estacas incendiárias dos Waldstettes, do que os diplomatas e os homens de armas. E nenhum dos reformadores compreendia isso tão claramente quanto Oecolampadius. O seu semblante simpático, a serenidade de suas feições, a espiritualidade de suas

palavras e certa dignidade, que inspirava confiança e respeito, davam-lhe, antes, o aspecto de um apóstolo do que o de um reformador. Era o poder da palavra do espírito que êle louvava particularmente. Talvez êle fôsse, no espi-ritualismo, até mesmo longe demais. Porém, fôsse como fôsse, se algum homem pudesse ter salvo a Reforma dos infortúnios que estavam prestes a suceder-lhe, ésse homem seria Oecolampadius. Na separação do papado, não quis êle estabelecer a magistratura em seu lugar.

E escreveu a Zwinglio: O magistrado que tirasse das igrejas a autoridade que lhes pertence seria. mais intolerável do que o próprio anticristo (isto é,- o papa) (36). A mão do magistrado golpeia com a espada, mas a mão de Cristo cura. Cristo não disse se teu irmão não te ouvir, dize-o ao magistrado, mas sim, dize-o à Igreja. As funções do Estado são distintas das da Igreja. O Estado é livre para fazer muitas coisas que a püreza do Evangelho condena (37) ".

Oecolampadius via quão importante era que as suas convicções prevalecessem entre os reformados. Aquêle homem, tão brando e tão espiritual, não temia salientar-se corajosamente na defesa das doutrinas então tão novas. Ele as expôs perante uma assembléia do sínodo e, pouco depois, desenvolveu-as ante o Senado de Basiléia (38). Circunstância estranha é que tais idéias, por um momento. pelo menos, se mostraram. aceitáveis " a Zwinglio (39). Elas, porém, descontentaram uma a§sembléia de, irmãos, à qual Oecolampadius as comunicara. E o político Bucer, acima de tudo, temia que semelhante. Independência da Igreja restringisse, até certo ponto, o exercício do poder civil (40). Os esforços de Oecolampadius em constituir a Igreja não foram, contudo, inteiramente vãos. Em fevereiro de 1531, realizou-se, em Basiléia, uma dieta dos quatro cantões reforpiados (Basiléia, Zurique, Berna e São Gall), na qual ficou concordado que, tôdas as vêzes que surgissem quaisquer dificuldades com respeito à doutrina ou ao culto, uma assembléia de teólogos e leigos seria convocada e exa-minaria o que a Palavra de Deus dissesse sôbre oassunto (41). Essa resolução, por dar maior unidade à Igreja renovada, deu-lhe também nova fôrça.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Die sectishen haltend vil elends Hüdel volk gefunden, &c. Salat. Chron.

(2) "Le bon Dieu"provàvelmente o santo padroeiro. W.

(3) That der Tüffel den ersten Angriff.

(4) Ésse é o caminho por onde o exército de Suwaroff fugiu, em 1799.

(5) Nam quotidie cogitare soleo quanam re Christianum adjuvem profectum. Zw. Epp., II, 13.

(6) Audeo ego intrepide omnem ecclesiae abusum et omnia humana praecepta in enunciatione verbi Dei damnare. Ibid.

(7) Nugas esse et fabulas. Zw. Epp., II, 13.

(8) Iam acre convicti palinodiam canut. Ibid., 292.

(9) Pedro Rumelin, pastor de Schwanden.

(10) Tota enim nocte piscantes, sanguisugas, aspendios cepimus. Zw. Epp., II, 13. Radsdorf alude, evidentemente, àquilo que Plínio diz ser uma espécie denominada "Aspendios". E diverso aspendios damnata aris. Ferunt eam nec ab alite ulla aftingi. Hist. Nat., Livro XIV, Cap. XVIII, Parágrafo 22.

(11) Vertit vela indies senatus noster muliercularum more. Ibid.

(12) Vult jam cucullum, post non volt. Ibid. Ou seja: uma hora, reconhece o abade de São Gall; noutra,. o rejeita.

(13) Vide carta de Benedito Noll a Zwínglio. Epp., II, 635.

(14) São Chorles Barromeo, arcebispo de Milão, suprimiu, um tanto mais tarde, vários conventos daquele distrito: "Monialium non dicam collegia, sed amantium contubernia", disse o arcebispo. Die evangel Gem. in Locarno, von F. Meyer, I, 109.

(15) Subduxi memet a parcntum animo suscepi. Zw. Epp., I,

(16) Contrates nonnulli viri certe contemptibiles. Zw. Epp., I,

(17) Bourbon, que governava a Itália em nome do imperador. Obra supra, -Livro XIII, pág. 5.

(18) Lucas 10:39.

(19) Se dum vivat sacis de Epistolis Pauli concionaturum esse. Zw. Epp., II, 497.

(20) Atos 16:9.

(21) Debilis et infirmus apud piscinam, salutem mei et patriae toto mentis affectu citissime expecto. Hottinger, saecul. 16, pars. 2. pág. 619.

(22) Confederati conjunctique in expeditionem veritatis tres tantum numero sumus. Hottinger saecul., 16, pars. 2, pág. 620.

(23) Beklcitend sich in erbare gemeine Landskleyder. Buli. Chron. II, 21.

(24) Diu me in hoc curru promovendo laborasse, priusquam tan longe processa. Zw. Epp., H, 334.

(25) Das das minder müst das meer sin. 13u11., 11, 241.

(26) Tese 8. Bull., II, 115.

(27) Die Pfarer soll den Gmeinden irs gfallens zu erkiessen Zugestelt syn. Bull., II, 268.

(28) Aleira was eira gebuw die Heli genampt, das liess man den Munchen blyten. Bull., II,. 271.

(29) Ruchat, H, 139.

(30) Major pars agri abolita superstitione a parte nostra stat. Major et potior pars urbis a papistis. Zw. Epp., II, 489.

(31) Tam durae cervicis populus est. Zw. Epp., II, 489.

(32) Bull., Chron., II, 357.

(33) Ward ein grosser Unwill wieder sie. Bull., Chron., II, 361.

(34) Lecta est epistola nostra in cornitiis. Badensibus. Oecol. a Bucer. 28 de dezembro de 1530.

(35) Wie mit einbelligkeit kleine Ding gross werdend. Zw. Opp., 78.

(36) Intolerabilior enim Antichristo ipso magistratus, qui Ecclesiis auctoritatem suam adimit. Zw. Epp., II, 510.

(37) Ipsorum functio alia est et ecclesiastica, multaque ferre et facere potest . quae puritas evangelica non agnoscit. Ibid.

(38) Orationes meáe quam, fratrum nomine, coram senatuIbid.

(39) Ut mihí magis ac magis arridet. Ibid., II, -518.

(40) Ut non impedIat alicubi magistratura Christiantun. Bucer a Zwinglio, pág. 836.

(41) J. J. Hottinger, HL 554.

(42) Patrocinio, cucullumque nigrum ex 448. et pietate et eruditione nequaquam 533.

CAPITULO IV

Zwinglio E O Estado Cristão — O Duplo Papel De Zwinglio — Zwinglio E Lutero Com Relação À Politica — Felipe De Hessen E As Cidades Livres — União Projetada Entre Zwinglio E Lutero —. A Atividade Politica De Zwinglio — Projeto De Aliança Contra O Imperador — Zwinglio Advoga A Resistência Ativa Ele Destina A Felipe A Coroa Imperial — Defeitos Da Reforma — Embaixada A Veneza — Irreflexão Da Reforma — Aliança Projetada Com A França — O Plano De Aliança De Zwinglio — Ruína Que Se Aproximava — Calúnias Nos Cinco Cantões — Violência — Papel Misterioso — Berna E Basiléia Votam A Favor Da Paz — Dieta Geral Em Baden — Dieta Evangélica Em Zurique — Reforma Politica Da Suiça — Atividade De Zurique.

Era, porém, tarde demais para palmilhar aquele ca-minho que teria evitado tantas desgraças. A Reforma já havia entrado a todo pano no oceano tempestuoso da política. E terríveis calamidades avolumavam-se, pairando sôbre ela. O impulso transmitido à Reforma veio de outra pessoa, e não de Oecolampadius. O olhar soberbo e perscrutador de Zwin-glio, as suas feições rígidas, seu andar corajoso, tudo, nêle, proclamava uma mentalidade resoluta e o homem de ação. Nutrido das façanhas dos heróis da antiguidade, êle, para salvar a Reforma, atirou-se nas pegadas de De.móstenes e Catão, de preferência a atirar-se nas de São João e São Paulo. Seus olhares vivos e penetrantes achavam-se voltados para a direita e para a esquerda — para o gabinete dos reis e para os conselhos do povo, embora devessem ter sido orientados unicamente para Deus.

Já vimos que, em princípios de 1527, Zwinglio, observando como tôdas as fôrças se levantavam contra a Reforma, concebera o plano de uma "co-burguesia" ou Estado Cristão (1), que deveria unir todos os amigos da Palavra de Deus numa liga santa e poderosa. Isso era ainda mais fácil quando a reforma de Zwinglio havia conquistado Estiasburgo, Ausburgo, Ulm., Reutlingen, Lindau, Memmingen e demais cidades da Alta Alemanha. Entraram nessa aliança Constança em.dezembro de 1527, Berna em junho de 1528, São Gall em novembro do memo ano, Biena em janeiro de 1529; Mulhausen em fevereiro, Basiléia em março, Schaffhausen em setembro e Estrasburgo em delembro. Dita fase política do caráter de Zwinglio é, ao yer de alguns, sua- pretensão mais alta à glória. Não hesitamos, porém, em reconhecê-la como o seu maior defeito. O re-formador, desertando da vereda dos apóstolos, permitiu-se desencaminhar-se pelo mau exemplo do papismo. A Igreja primitiva nunca se opôs aos seus perseguidores senão com sentimentos emanados do Evangelho da paz. Á fé foi a única espada com que ela venceu os poderosos da terra. Zwinglio percebia claramente que, por entrar nos caminhos dos políticos mundanos, êle estava deixando os de um ministro dé Cristo. Por conseguinte, proèurou justificar-se:

— É só pela fôrça de Deus que a Palavra do Senhor deveria ser mantida. Deus, porém, muitas vêzei- se utiWa de homens como instrumentos para socorrer homens. Una- mo-nos, pois, e, desde as nascentes do Reno até Estrasburgo, formemos justamente um só povo e uma só aliança (2) .

Zwinglio desempenhou dois papéis ao mesmo tempo: foi reformador e magistrado. Essas, contudo, são duas naturezas que não deviam estar mais unidas do que as de ministro e soldado. Não ,queremos censurar de todo os soldados e ma-gistrados. Na formação de ligas e no sacar da espada, mesmo a bem da religião, agem êles de acôrdo com o seu ponto de vista, muito embora êste não seja o mesmo que o nosso. Mas devemos censurar resolutamente o ministro cristão que se torna diplomata ou general.

Em outubro de 1529, conforme já observamos, Zwinglio dirigiu-se a Marburgo, para aonde fôra convidado por Felipe de Hessen. E, conquanto nenhum dêles tivesse podido chegar a um entendimento com Lutero; o landgrave e o reformador suíço, animados pelo mesmo espírito ousado e empreendedor, logo se puseram de acôrdo.

Os dois reformadores não diferiam menos em seu sistema político do que em seu sistema religioso. Lutero, criado no claustro e na submissão monástica, na juventude imbuiu-se nos escritos dos padies da Igreja. Zwinglio, por outro lado, educado no meio da liberdade suíça, embebera-se, durante os primeiros anos, que decidem o curso de todos os demais, na história das repúblicás antigas. Assim, enquanto Lutero era a favor de uma obediência passiva, Zwinglio advogava a resistência contra os tiranos.

Esses dois homens eram os representantes fiéis de suas respectivas nações. No norte da Alemanha, os príncipes e a nobreza eram a parte essencial da nação, e o povo, estranho a tôdas as liberdades políticás, devia apenas obedecer. Assim, na época da Reforma, o povo se contentava em seguir a voz de seus doutôres e chefes. Na Suíça, no sul da Alemanha e na margem do Reno, muitas-cidades, ao contrário, após lutas longas e violentas, haviam conquistado a liberdade civil. Dai o encontrarmos, em quase todos os lugares, o povo a desem-penhar um papel decidido na Reforma da Igreja. Havia bem nisso; mas o mal achava-se bem perto. Os reformadores, êles próprios homens do povo, que não ousavam deixar-se levar pelos príncipes, talvez estivessem tentados a fugir às pressas do povo. Para a Reforma, era mais fácil unir-se às repúbli-cas do que aos reis. Semelhante facilidade quase redundou em sua ruína. O Evangelho devia, portanto, aprender que sua aliança se acha no céu.

Havia, contudo, um príncipe com quem o partido reformado dos Estados livres desejavam estar em união: era Felipe de Hessen. Foi êle quem, em grande parte, instigou os projetos guerreiros de Zwinglio. O último desejava fazer-lhe certa retribuição, bem como incluir o seu nôvo amigo na liga evangélica. Berna, porém,

atenta em afastar tudo quanto pudesse irritar o imperador e seus antigos confederados, recusou a dita proposta, provocando, assim, um vivo descontentamento no "Estado Cristão":

—Quê! — bradaram. — Os berneses recusam uma aliança que nos seria honrosa, agradável a Jesus Cristo e terrível para os nossos adversários (3) !

Comentou o jovial Zwinglio:

—O Urso tem ciúmes do Leão (Zurique), mas haverá um fim para tôdas essas artimanhas, e a vitória permanecerá com os corajosos.

Quer parecer, realmente, segundo uma carta cifrada, que os berneses, por fim, tomaram o partido de Zwinglio, exigindo apenas que aquela aliança com um príncipe do império não fôsse tornada pública (4) .

Ainda assim, Oecolampadius não cedera, e a sua mei-guice contentava-se, embora modestamente, com a coragem de seu amigo impetuoso. Oecolampadius estava convencido de que a fé estava destinada a triunfar apenas pela união cordial de todos os crentes. Para reanimar-lhe os esforços, ocorreu um alívio valioso. Tendo-se reunido, em Basiléia, em 1530, os deputados da co-burguesia cristã, esforçaram-se os enviados de Estrasburgo por reconciliar Lutero e Zwinglio. Oecolampadius escreveu a Zwinglio sôbre o assunto, implorando-lhe que se apressasse para Basiléia (5) e que não se mostrasse inflexível demais. Disse êle: Dizer que o corpo e o sangue de Cristo se acham realmente na Santa Ceia pode parecer, a muitos, uma expressão desagradável demais. Porém, não fica ela suavizada quando se acrescenta espiritualmente", e não "materialmente" (6) ".

Zwinglio mostrou-se inabalável. "É, para adular Lutero que empregais essa linguagem, e não para defender a verdade (7). "Edere est credere" (8) ".

Não obstante, havia homens, presentes à reunião, que se achavam decididos a adotar medidas enérgicas. O amor fraternal estava em vésperas de triunfar; a paz devia ser obtida através da união. O próprio eleitor da Saxônia propôs uma concórdia de todos os cristãos evangélicos, ao que as cidades suíças foram convidadas, pelo landgrave, a anuir. Espalhou-se o boato de que Lutero e Zwinglio estavam prestes a fazer a mesma confissão de fé. Zwinglio, recordando-se das primeiras confissões do reformador saxônio, disse, um dia, à mesa, diante de muitas testemunhas, que Lutero não pensaria tão errônearnente acêrca da eucaristia, se êle não fôsse desencaminhado por Melancton (9). A união de tôda a Reforma parecia prestes a ser concluída: teria ela vencido pelas suas próprias armas. Logo, porém, Lutero provou que Zwinglio estava enganado em suas expectativas. Exigiu um compromisso por escrito, mediante o qual Zwinglio e Oecolampadius deveriam aderir aos seus sentimentos, e, em conseqüência, suspenderam-se as negociações.

Tendo falhado a concórdia, nada restava senão a guerra. Oecolampadius tinha de calar-se, e Zwinglio tinha de agir.

E, na verdade, desde aquela hora, Zwinglio avançou cada vez mais por aquêle caminho fatal a que foi levado pelo seu caráter, seu patriotismo e seus hábitos primitivos. Aturdido por tantos choques violentos, atacado pelos seus inimigos e pelos seus irmãos religiosos, êle vacilou, e sua cabeça tornou-se confusa. A partir dêsse período, o reforma-dor quase que desaparece inteiramente, e, em seu lugar, ve-mos o político, o grande cidadão, que, contemplando a formidável coalisão a preparar as suas cadeias para tôdas as mações, se levanta energicamente contra ela. O imperador acabara de formar uma aliança íntima com o papa. Se os planos fatais do imperador não fôssern. contrariados, tudo estaria, na opinião de Zwinglio, terminado para a Reforma, para a liberdade religiosa e política e, até mesmo, para a própria confederação. Disse êle:

— O imperador está atiçando amigo contra amigo, ini-migo contra inimigo. Em seguida, esforça-se êle por erguer, dessa confusão, a glória do papado e, acima de tudo, sua própria fôrça. Instiga o castelão de Musso contra os grisões, o duque Jorge, da Saxônia, contra o duque João, o bispo de Constança contra a cidade, o duque da Sabóia contra Berna, os Cinco Cantões contra Zurique e os bispos do Reno contra o landgrave. Então, quando a confusão vier a ser geral, êle cairá sôbre a Alemanha, oferecer-se-á como mediador e, com palavras bonitas, apanhará, no laço, príncipes e cidades, até tê-los, todos, a seus pés. AH Que discórdia, que desgraças sob o pretexto de restabeleCer o império e restaurar a religião (10) !

Zwinglio foi mais longe. O reformador de uma cidade-zinha da Suíça, elevando-se às concepções políticas mais surpreendentes, exigiu uma aliança européia contra êsses desígnios fatais. O filho de um camponês de Tockenburgo manteve a cabeça erguida contra o herdeiro de tantas coroas. Escreveu êle a um senador de Constança: Tai homem deve ser ou um traidor ou um covarde, que se contenta em estirar-se e bocejar, quando devia estar reunindo homens e armas de todos os lados, a fim de convencer o imperador de que em vão êle se empenha em restabelecer a fé papista, em apanhar no laço as cidades livres e em subjugar os helvécios (11).

Há apenas seis meses, êle mostrou-nos como procederia. Hoje, quer ser senhor de uma cidade; amanhã, de outra; e, assim, gradativamente, até tôdas elas ficarem subjugadas. E, então, as armas das ditas cidades serão tomadas, e os seus tesouros, as suas máquinas de guerra, bem como todo o seu poder. . Despertai Lindau e tôda a vossa vizinhança. Se não despertarem, a liberdade pública perecerá, a pretexto da religião. Não devemos depositar confiança na amizade de tiranos. Demóstenes ensina-nos que nada há tão odioso aos olhos como: (12). Com uma das mãos, o imperador oferece-nos pão; porém, na outra, esconde uma pedra (13). E, alguns

meses depois, Zwinglio escrevia ao seu amigo de Constança: "Sêde corajoso, não temais os planos de Carlos! A na-valha, que êle afia, o cortará (14) ",

Para longe, então, a demora! Esperariam, até que Car-los V reclamasse o antigo castelo de Hapsburgo?

—O papado e o império — disse-se em Zurique —tanto se confundiram (15) que um não pode existir nem perecer sem o outro. Quem quer que rejeite o papismo, deve rejeitar o império; e quem quer que rejeite o imperador, deve rejeitar o papa.

Parece que as idéias de Zwinglio foram, mesmo, além de uma simples resistência. Quando o Evangelho chegou a deixar de ser o seu estudo principal, nada havia que pudesse detê-lo. Disse:

—Um só indivíduo não deve resolver destronar um tirano. Isso seria uma revolta, e o reino de Deus ordena a paz, a retidão e a alegria. Mas se todo um povo, de comum acôrdo, ou se a maioria, pelo menos, o rejeita, sem cometer quaisquer excessos, é o próprio Deus quem age (16) .

Carlos V era, naquela ocasião, um tirano aos olhos de Zwinglio. E o reformador esperava que a Europa, despertando, finalmente, de seu longo sono, fôsse a mão de Deus a arrojar o imperador de seu trono.

Nunca, desde o tempo de Demóstenes e dos dois Catões, o mundo havia visto uma resistência mais enérgica ao poder de seus opressores. Do ponto de vista político, Zwinglio é um dos grandes personagens dos tempos modernos.

Devemos prestar-lhe tal homenagem, que é, talvez, para um ministro de Deus, a maior censura. Em sua mente, tudo estava preparado para levar a efeito uma revolução, que teria mudado a história da Europa. Lie sabia o que desejava para pôr no lugar da fôrça que queria derrubar. Já tinha lançado as vistas pára o príncipe que deveria usar a coroa imperial, em lugar de Carlos. Era o seu amigo, o landgrave. A 2 de novembro de 1529, Zwinglio escreveu: "Mui gracioso príncipe: Se vos escrevo como um filho a um pai, é porque espero que Deus vos tenha escolhido para grandes eventos. em que ouso pensar, mas não ouso falar dêles (17). Entretanto, temos, afinal, de pôr os guizos no gato (18) .

Tudo o que posso fazer, com os meus insignificantes meios, para manifestar a verdade, para salvar a Igreja universal, para aumentar o vosso poder e o poder dos que amam a Deus, eu o Farel, com a ajuda de -Deus". Assim, aquêle grande homem estava-sè desencaminhando. E da vontade de Deus que haja máculas até mesmo naqueles que brilham o mais fulgurantemente aos olhos do mundo e que, sôbre a terra, apenas um homem diga: "Qual de vós me convenceis do pecado?" Estamos, agora, vendo os defeitos da Reforma: êles surgem da união da religião com a política.

Eu não poderia tomar a mim o encargo de omiti-los. A lembrança dos erros dos nossos antepassados é, talvez, o legado mais útil que êles nos transmitiram.

Parece que, já em Marburgo, Zwinglio e o landgrave haviam traçado o primeiro esbôço de uma aliança contra Carlos V. O landgrave comprometera-se a aliciar os príncipes, e Zwinglio, as cidades livres da Alemanha do sul e a Suíça. O último foi ainda mais longe e formulou um plano para a obtenção da simpatia das repúblicas italianas à sua liga — da poderosa Veneza, pelo menos —, a fim de que êle pudesse deter o imperador além dos Alpes e evitar que êstes conduzisse as suas fôrças para dentro da Alemanha. Zwinglio, que havia reclamado enèrgicamente contra tôt4as as alianças estrangeiras e proclamado, em tantas ocasiões, que o único aliado da Suíça seria o braço do Todo-Poderoso, começava, agora, a procurar em volta aquilo que condenara, preparando, assim, o caminho para o terrível julgamento, que estava prestes e afligir-lhe a familia, o país e a Igreja.

Mal Zwinglio regressara de Marburgo, e não fizera ne-nhuma comunicação oficial ao Grande Conselho, quando obteve do Senado a nomeação de um embaixador para Ve-neza. Os grandes homens, após o seu primeiro êxito, fà-cilmente imaginam que tudo podem fazer. Não foi um estadista o encarregado de semelhante missão, mas um dos amigos de Zwinglio, que o acompanhara à Alemanha, à côrte do futuro chefe do nôvo império: o professor Rodolfo Colijas, homem corajoso e hábil. que conhecia o Italiano. Dessa maneira, a Reforma estendeu as mãos para o doge e para o procurador de São Marcos. A Bíblia não lhe era suficiente -— ela deveria contar com o "Livro Dourado"! Nunca, realmente, maior humilhação sobreveio ao trabalho de Deus. A opinião de que os protestantes cumulavam, então, Veneza pode desculpar, no entanto, Zwinglio, parcialmente. Havia, naquela cidade, maior independência do papa, maior liberdade de pensamento do que em todo o resto da Itália. O próprio Lutero, mais ou menos nessa ocasião, escreveu a Gabriel Zwilling, pastor de Torgau: "Com que alegria, realmente, verifiquei o que me escrevestes a respeito dos venezianos. Seja Deus loilvado e glorificado, porquanto êles receberam a Sua Palavra (19) !"

Collins foi admitido, no dia 26 de dezembro, numa au-diência com o doge e o senado, os quais olhavam, com um olhar de pasmo, para aquêle mestre-escola, aquêle embaixador sem séquito e . em ostentação. Não podiam nem mesmo com-preender-lhe as credenciais, em tão singular estilo se achavam elas redigidas, e Collins viu-se obrigado a explicar o sentido das mesmas.

— A vós venho — .disse-lhes êle — em nome do conselho de Zurique e das cidades da co-bürguesia cristã, cidades livres como Veneza e a cujos interêsses comuns deveis unir-vos. O poder do imperador é formidável para as repúblicas. Visa êle a monarquia universal, na Europa. Se fôr bem sucedido, todos os Estados livres perecerão. Cumpre-nos, portanto, detê-lo (20) .

Respondeu o doge que a república acabara de concluir uma aliança com o imperador, e traía a desconfiança que missão tão misteriosa despertava no senado veneziano. Pos-teriormente, porém, numa conferência privada (21), o doge, desejando preservar a retirada de um e de outro lado, acres-centou que Veneza recebia gratamente a mensagem de Zurique e que um regimento veneíiano, armado e pago pela própria república, estaria sempre pronto para apoiar os suí-ços evangélicos. O chanceler, coberto com o seu manto purpúreo, acompanhou Collins até a porta e, nos próprios portões do palácio ducal, confirmou a promessa de apoio. No momento em que a Reforma transpôs os magníficos pórticos de São Marcos, viu-se prêsa de vertigem. Não podia senão vacilar para diante do abismo. Despediram o pobre Collins, colocando-lhe nas mãos um presente de vinte coroas. O rumor de semelhantes negociações logo se espalhou para o estrangeiro, e os menos suspicazes — Capito, por exemplo — abanaram a cabeça e nada puderam ver nesse acôrdo fingido senão a perfídia costumeira de Veneza (22) .

Isso não bastava. A causa da Reforma estava destinada a beber a taça da degradação até a própria lia. Zwinglio, vendo que os seus adversários do império aumentavam dia a dia, em número e em fôrça, a pouco e pouco perdeu a sua aversão antiga pela França. E, conquanto houvesse, agora, um obstáculo maior do que havia anteriormente entre êle e Francisco I — o sangue de seus irmãos na fé, derramado por êste monarca —, mostrou-se favoràvelmente disposto a uma união, que, outrora, tão enèrgicamente condenara.

Lambert Maigret, general francês, que parece ter tido alguma inclinação para com o Evangelho — o que constitui uma leve desculpa para Zwinglio —, entrou em correspondência com o reformador, dando-lhe a entender que os desígnios secretos. de Carlos V exigiam unia aliança entre o rei da França e as repúblicas suíças. Em 1530, êsse diplo-mata exprimiu ao reformador: "Aplicai-vos a um trabalho tão agradável ao nosso Criador e que, pela graça de Deus, será muito fácil para a vossa fôrça (23) ". A princípio, Zwinglio ficou atônito com semelhantes propostas.

Pensou: "O rei da França não sabe para que lado virar (24) ". Por duas vêzes, não prestou atenção a tal rôgo. Mas o enviado de Francisco I insistiu em que o governador lhe comunicasse um plano de aliança. Na terceira tentativa do embaixador, o simples filho das montanhas de Tockenburgo não mais pôde resistir-lhe às propostas. Se Carlos V tinha de cair, não. seria sem o auxílio francês. E por que não contrairia a Reforma uma aliança com Francisco I, cujo objetivo seria estabelecer, no império, uma fôrça que, por sua vez, deveria forçar o rei a tolerar a Reforma em seus próprios domínios? Tudo parecia ir ao encontro dos desejos de Zwinglio. Próxima estava a queda do tirano, e êle arrastaria o papa consigo. Zwinglio comunicou ao conselho secreto as propostas do general, e Collins partiu, comissionado para levar o necessário projeto ao embaixador francês (25). Rezava o projeto: "Em tempos de outrora, nenhum rei ou povo jamais resistiu ao império

romano com tanta firmeza como a da França e da Suíça. Não degeneremos das virtudes de nossos antepassados. Sua Muito Cristã Majestade — cujos desejos todos são que a pureza do Evangelho possa permanecer inconspurcada (26) — compromete-se, portanto, a firmar, com a co-burguesia cristã, uma aliança, que será de conformidade com a lei divina e que será submetida à apreciação da censura dos teólogos evangélicos da Suíça". Seguia-se, depois, um sumário dos diversos artigos do tratado.

Lanzerant, outro dos enviados do rei, respondeu, no mesmo dia (27 de fevereiro) àquele surpreendente projeto de aliança prestes a ser firmada entre os suíços protestantes e o perseguidor dos reformados franceses, sob a ressalva da censura dos teólogos. Não era isso o que a França desejava: era a Lombardia, e não o Evangelho, que o rei queria. Para tal fim, precisava êle do apoio de -todos os suíços. Uma aliança, porém, que dispunha contra êle os cantões -católicos-romanos não lhe conviria. Por conseguinte, satisfeitos, por enquanto, com o conhecer os sentimentos de Zuri-que, começaram os enviados franceses a encarar friamente o plano dos reformadores.

— Os assuntos que nos apresentastes estão admiràvelmente redigidos — respondeu Lanzerant ao comissário suíço. — Todavia, dificilmente posso compreendê-los, sem dúvida, por causa da fraqueza de minha mente. Não devemos deitar nenhuma semente na terra, a menos que o solo esteja devidamente preparado para ela.

Assim, a Reforma nada obteve; a não ser vergonha dessas propostas. Uma vez que ela se esquecera dêstes preceitos da Palavra de Deus: Não vos prendais a um jôgo desigual comos infiéis (27) " — como poderia deixar de sofrer reveses impressionantes? Já agora os amigos de Zwinglio principiaram a abandoná-lo. O landgrave, que o havia empurrado para a carreira diplomática, inclinou-se para Lu-. tero e procurou deter o reformador suíço, principalmente depois que o seguinte dito de Erasmo chegara aos ouvidos dos grandes da terra: "Pedem-nos que abramos os nossos portões, bradando: o Evangelho, o Evangelho!. Erguei o disfarce e, sob suas dobras misteriosas, achareis. a democracia.

Enquanto a Reforma, pelos seus procedimentos culpáveis, estava atraindo o castigo do céu, os Cinco Cantões, que deveriam ser os instrumentos de sua puniçãà, apressavam, com todo o seu poder, os dias fatais de ira e de vingança. Achavam-se irritados com o progresso do Evangelho por tôda a confederação, ao passo que a paz, que haviam assinado, a cada dia se lhes tornava mais aborrecida. Diziam:

Não teremos repouso até que tenhamos as cadeias e recuperado a nossa antiga liberdade (28) .

Uma dieta geral foi convocada, em Baden, para o dia 8 de janeiro de 1531. Os Cinco Cantões declararam, então, que, se não fôsse feita justiça às suas reclamações, princi-palmente com respeito à abadia de São Gall, não mais com-pareceriam à dieta. E bradaram:

— Confederados de Glaris, Schaffhausen, Friburgo, So-leure e Appenzell! Ajudai-nos a tornar respeitadas as nossas alianças antigas; do contrário, nós próprios imaginaremos um meio de refrear essa violência criminosa! Oxalá a Santíssima Trindade nos auxilie em tal trabalho (29) !

Não se limitaram às ameaças. O tratado de paz havia proibido expressamente tôda linguagem insultuosa, "para evi-tar — rezava êle — que, por insultos .e calúnias, a discórdia fôsse novamente fomentada e surgissem desgraças maiores do que as anteriores". Assim se escondia, no próprio tratado, a centelha donde deveria proceder a conflagração. De fato, era impossível refrear as línguas rudes dos Waldstettes. Dois homens de Zurique, o avelhantado prior Ravensbühler e o pensionista Gaspar, que haviam sido forçados a renunciar — um, ao seu convento; o outro, à sua pensão —, despertavam, sobretudo, a ira do povo contra a própria cidade natal. Costumavam dizer, por tôda parte daqueles vales, e com impunidade, que os homens de Zurique eram hereges; que não havia nenhum dêles que não fôsse dado a pecados insólitos e- não fôsse ladrão, no mínimo (30) ; que Zwinglio era larápio, assassino e arqui-herege; e que, numa ocasião, em Paris (onde o reformador nunca estivera), êle cometera horrível ofensa, na qual Leo Juda fôra o seu alcoviteiro (31). Um pensionista ameaçou:

— Não terei descanso senão depois de ter metido a minha espada, até o punho, no coração dêsse ímpio des-graçado.

Velhos comandantes de tropas, que eram temidos por todos, em razão de seu caráter desregrado; os assalariados que lhes seguiam o bando; jovens insolentes, filhos das principais figuras do Estado, que achavam que tudo era lícito contra os pregadores miseráveis e sua gente estúpida; padres inflamados de ódio e seguidores dos passos dos velhos capitães e jovens estouvados, que pareciam tomar o púlpito da igreja pelo banco da taberna — despejavam, todos, tor-rentes de insultos contra a Reforma e seus adeptos. Excla-mavam, a um acôrdo, tais soldados bêbados e padres fa-náticos:

—A gente da cidade é herege, ladra de almas, assassina de consciências, e Zwinglio, êsse homem horrível, que comete pecados infames, é o "deus luterano" (32) !

Foram mais longe ainda. Passando das palavras às ações, os Cinco Cantões perseguiram o pobre povo de seu meio, que amava a Palavra de Deus, atiraram-no à prisão, impuseram-lhe multas, atormentaram-no brutalmente e expulsa-. ram-no,

sem misericórdia, de seu país. A população de Schwytz agiu até mesmo pior. Não receando proclamar seus intentos sinistros, surgiu ela numa "landsgemeinde" usando ramos de pinheiro nos chapéus, em sinal de guerra, e ninguém se lhe opôs. Disseram seus homens:

—O abade de São Gall é príncipe do império e tem a investidura recebida da parte do imperador. Supõem os protestantes que Carlos V não o vingará?

E outros ajuntaram:

—Não ousaram semelhantes hereges formar uma "fraternidade cristã", como se a velha Suíça fôsse um país pagão? Assembléias secretas foram realizadas com freqüência enoutro lugar (33). Novas alianças foram procuradas com os habitantes de Vaiais, com o papa e com o imperador (34) — alianças censuráveis, sem dúvida, mas, como tais, podiam, pelo menos, justificar o provérbio de "cada qual com seu igual", o que não podiam dizer Zurique e Veneza.

Os homens de Valais, a princípio, negaram o seu apoio. Preferiam permanecer neutros. De súbito, porém, inflamou-se oseu fanatismo. Sôbre um altar, foi encontrada uma fôlha de papel — tal, pelo menos, foi o boato que circulou nos vales —, na qual Zurique e Berna eram acusadas de pregar que cometer uma ofensa contra P. natureza é crime menor do que ouvir missa (35) ! Quem colocara o misterioso papel sôbre o altar? Veio êle do homem? Caiu do céu?. Não sabiam. Mas, não obstante, bem que podia ser isso. E o papel foi copiado, pôsto em circulação e lido em tôda parte. E, diz Zwinglio (36), as conseqüências da dita fábula, inventada por algum vilão, foram tais que Valais concedeu imediatamente o apoio que, a princípio, negara. Os Waldstettes, orgulhosos de sua fôrça, cerraram, então, fileiras. Seus olhares furiosos ameaçaram os cantões hereges. E os ventos trouxeram, de suas montanhas, para os seus vizinhos das cidades, um clangor medonho de armas.

À vist das manifestações alarmantes, as cidades evangélicas viram-se em comoção. Reuniram-se, primeiramente, em Basiléia, em fevereiro de 1531; depois, em Zurique, em março.

—O que se deve fazer? — indagaram os deputados de Zurique, após exprimir as suas queixas. — Como pode-remos punir essas calúnias infames e forçar essas armas ameaçadoras a baixar?

Respondeu-lhes Berna:

—Compreendemos que recorreríeis à violência. Mas, pensai nas alianças secretas e formidandas que se estão formando com o papa, o imperador, o rei da França, com todos os príncipes. em poucas palavras, com todos os partidos dos padres, a fim de apressar a nossa ruína. Pensai na inocência de tantas almas piedosas dos Cinco Cantões, as quais deploram essas maquinações pérfidas. E

considerai quão fácil é começar uma guerra, que ninguém poderá dizer quando terminará (37) .

Triste presságio que uma catástrofe, além de tôda a previsão humana, cumpriu justamente cedo demais!

E Berna prosseguiu:

—Enviemos, portanto, uma deputação aos Cinco Cantões. Peçamo-lhes que punam essas calúnias infames, de acôrdo com o tratado. E, se se recusarem, cortaremos tôdas as relações com êles.

—Qual será a vantagem de tal missão? — perguntou Basiléia. — Não conhecemos nós a brutalidade de seme- lhante gente? E não é para se temer que o tratamento áspero a que se exporão os nossos deputados poderá piorar a ques-tão? Convoquemos, antes, uma dietageral. -

Schaffhausen e São Gall, tendo concordado com a úl-tima opinião, fizeram com que Basiléia convocasse uma dieta, em Baden, para o dia 10 de abril, na qual se reuniram deputados de todos os cantões.

Muitos dos principais homens dentre os Waldstettes re-provavam a violência dos soldados reformados e dos mon-ges. Viam êles que tais insultos, reiterados continuamente, poderiam prejudicar-lhes a causa. E disseram à dieta:

— Os insultos de que vos queixais não nos aflige menos do que a vós. Saberemos como punir as ofensas e assim já agimos. Há, porém, homens violentos de ambos os lados. Outro dia, um indivíduo de Basiléia, tendo encontrado na estrada pública uma pessoa que vinha de Berna, e tendo sabido que ela se dirigia para Lucerna, exclamou: "Ir de Berna para Lucerna é passar de pai para tratante de marca!"

Os cantões mediadores convidaram os dois partidos a banir as causas da discórdia.

Contudo, tendo, então, irrompido a guerra do castelão de Musso, Zwinglio e Zurique, que, nela, viam o primeiro ato de uma vasta conspiração, destinada a sufocar a Reforma em tôda parte, convocaram os seus aliados. Falou Zwinglio:

— Não devemos vacilar mais. A violação da aliança, por parte dos Cinco Cantões, e os insultos inauditos de que êles nos cobrem impõem-nos a obrigação de marchar contra os nossos inimigos (38), antes que o imperador, que se acha ainda detido pelos turcos, expulse o landgrave, capture- Es-trasburgo e subjugue até mesmo nós próprios.

Todo o sangue dos antigos suíços parecia ferver nas veias de tal homem. E, enquanto Uri, Schwytz e Unterwalden beijavam vilmente a mão da Áustria, êsse homem de Zurique — o maior helvécio da época —, fiel à memória da velha Suíça,

porém não tanto às tradições ainda mais sagradas, seguia os passos gloriosos de Stauffacher e Winkelried.

O tom guerreiro de Zurique alarmou os seus confede-rados. Basiléia propôs uma intimação de rendiçãço e, então, no caso de recusa, a ruptura da aliança. Schaffhausen e São

Gall amedrontaram-se até mesmo ante tal medida, dizendo:

— Os montanheses, tão orgulhosos, indomáveis e exasperados, aceitarão, com alegria, a disolução da confederação. E, nesse caso, ficaremos nós mais adiantados?

Tal era o estado de coisas, quando, com grande pasmo de todos, os deputados de Uri e de Schwytz fizeram o seu aparecimento. Foram recebidos de maneira fria. A taça de honra não lhes foi oferecida. E tiveram de caminhar, segundo o seu próprio relato, entre brados insultuosos do povo. Em vão se esforçaram por justificar a sua conduta.

— Há muito tempo estivemos esperando ver concorda-rem os vossos atos e as vossas palavras (39) — foi a fria resposta da dieta. pág. 367.

Os homens de Schwytz e de Uri regressaram tristemente aos seus lares. E a assembléia suspendeu as atividades, cheia de pesar e aflição.

Com dor, viu Zwinglio os deputados das cidades evan-gélicas se separarem sem chegar a nenhuma decisão. Ele não mais desejava apenas a reforma da Igreja. Ansiava por uma transformação na confederação. E era essa última re-forma que êle, agora, pregava do púlpito, segundo o que soubemos por intermédio de Bullinger (40). Não era Zwin-glio a única pessoa que desejava isso. Durante longo tempo, os habitantes das cidades mais populosas e poderosas da Suíça haviam-se queixado de que os Waldstettes, cujo contingente de homens e dinheiro era muito inferior ao delas, tinham um quinhão igual nas deliberações da dieta e nos frutos das suas vitórias. Tal fôra a causa da divisão, após a guerra borgonhesa.

Os Cinco Cantões, por meio dos seus adeptos, contavam com a maioria. Ora, Zwinglio achava que as rédeas da Suíça deviam ser colocadas nas mãos das grandes cidades e, acima de tudo, nas dos cantões poderosos de Berna e Zurique. Novos tempos, em sua opinião, exigiam novos sistemas. Não bastava destituir de todos os cargos públicos os pensionistas de príncipes estrangeiros e pôr homens piedosos no lugar dêles. O conjunto federal tinha de ser remodelado e fixado numa base mais eqüitativa. Uma assembléia constituinte, nacional, teria, sem dúvida, corres-pondido aos desejos de Zwinglio. Esses discursos, que eram, antes, os de uma tribuna popular do que os de um ministro de Jesus Cristo, apressaram a terrível catástrofe.

E, realmente, as palavras inflamadas do reformador pa-triota passaram da igreja, onde haviam sido pioferidas, para os conselhos e para os salões das guildas. para as ruas e para os campos. As palavras ardentes, que caíram dos lábios-, daquele homem, inflamaram o coração dos seus concidadãos. A faísca elétrica, escapando com ruído e comoção, foi sentida até mesmo no mais distante dos chalés. As tradições antigas, de sabedoria e prudência, afiguraram-se esquecidas. E a opinião pública manifestou-se com energia.

Nos dias 29 e 30 de abril, vários cavaleiros saíram, às pressas, de Zurique. Eram enviados do conselho, comis-sionados para relembrar a todas as cidades aliadas a usur-pação dos Cinco Cantões e exigir uma decisão pronta e de-finitiva. Atingindo seus vários destinos, os mensageiros re-capitularam as queixas (41). Finalmente, disseram:

— Cuidado! Grandes perigos pairam sôbre todos nós. O imperador e o rei Fernando estão efetuando preparativos enormes. Estão em vias de entrar na Suíça, com grandes so-mas de dinheiro e com numeroso exército.

Zurique juntou os atos às palavras. Esse Estado, es-tando decidido a fazer todo esfôrço para estabelecer a livre pregação do Evangelho nos bailiados onde êle repartia a soberania com os cantões católicos-romanos, desejava inter-vir, pela fôrça, onde quer que as negociações não pudessem prevalecer. Os direitos federais, devemos confessar, eram calcados com os pés em São Gall, na Turgóvia e no Rhein-thal, e Zurique pôs as decisões arbitrárias em lugar dêles, as quais excitaram, ao máximo, a indignação dos Waldstettes. Assim, o número de inimigos da Reforma continuou cres-cendo.

O tom dos Cinco Cantões tornou-se, dia a dia, mais ameaçador. E os habitantes do cantão de Zurique, a quem os negócios chamavam às montanhas, viram-se cumulados de insultos e, às vêzes, perversamente tratados. Os. procedimentos violentos provocaram, por sua vez, a ira dos cantões re-formados.

Zwinglio atravessou, então, a Turgóvia, São Gall e Tockenburgo, por tôda parte organizando sínodos, com. participando de seus procedimentos e pregando diante de multidões excitadas e entusiásticas. Em Vidas as partes, encontrou êle confiança e respeito. Em São Gall, uma multidão imensa ajuntou-se sob as janelas, e um concérto de vozes e Instrumentos expressou a gratidão pública em cantos harmoniosos. Zwinglio repetia constantemente:

— Não nós abandonemos, e tudo irá bem.

Ficou resolvido que uma reunião seria realizada em Arau, no dia 12 de maio, a fim de deliberar sôbre um estado de coisas que, dia a dia, se tornava mais critico. Tal reunião iria ser o início das amarguras.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Civitas Christiana.

(2) Ibid

(3) Ipsis et nobis honestius, ob religiones et caritatis causam Christogratius, ob conjuntas vires utilius, hostibusque terribilius. Zw. Epp., II, pág. 481.

(4) Tantum recusaverum aperte agcre. Ibid., pág. 487. A cifra 3 parece .indicar os berneses.

(5) Si potes, mox advola. Zw. Epp., II, pág. 547.

(6) Christi corpus et sanguinem adesse vero in coena fortasse cuipiam durius sonat, sed mitigatur dum adjungitur animo non corpore Ibid.

(7) Haec omnia ficri pro Luthero negue pro veritate propugnandi causa. Ibid., pág. 550.

(8) Comer é crer. Ibid.

(9) Memini dudum Tiguri te dicentem cum convivia me exciperes, Lutherum non adco perperam de Eucharistia sentire, nisi quod Melancthon ex alio cum cogerct. Ibid. pág. 562.

(10) Quae dissidia, quas turbas, quae mala, quas cladesf Zw. Epp., II, pág. 429.

(11) Romanam fidem restituere, urbes liberas capere, Helvetios in ordinem cogere. Ibid., março de 1.530.

(12) "A liberdade das cidades". Semelhantes palavras acham-se em Grego, no original.

(13) Caesar altera manu panem ostcntat, altera lapidem celat. Ibid.

(14) Incidet in cotem aliquando novacula. Ibid., pág. 544.

(15) Bapst und Keyserthumen habent sich dermassen in einandern geflickt. Bull., II, pág. 343.

(16) So ist est mit Gott. Zw. Epp.

(17) Spero Deum te ad magna res . quas quidem cogitare sed non dicere licet. Ibid., II, pág. 666.

(18) Sed fieri non potest quin tintinnabulum aliquando feli adnectátur. Ibid.

(19) Laetus audio de Venetis quae scribis, quod verbum Dei recePerint, Deo gratia ac gloria. 7 de março de 1528. L. Epp. In pág. 289.

(20) Formidandam rebus-publicis potentiam Caesaris, quae ~nino ad Europae vergit. Zw. Epp., II, pág. 445.

(21) Poste a privatim alia respondisse. Ibid.

(22) Perfidiam adversus Caesarem, fidem videre volunt. Capito, Ibid

(23) Operi Creatori nostro acceptissimo, Dominationi tuae facillimo. media grafia Dei. Ibid., pág. 413.

(24) Regem admodum desesperate et inopem concilii esse, ut nesciat quo se verbat. Ibid., pág. 414.

(25) Bis negavi, at tertio misi, non sitie conscientia Probulatarum. Ibid., pág. 422.

(26) Nihil enim aequi esse in votis Christianissimi Regis, atque ut Evangelii puritas illibata permaneat. Ibid., pág. 417.

(27) II Aos Coríntios 6:14.

(28) Nitt ruwen biss sy der banden ledig. Bull., II, pág. 324.

(29) Darzu helfe uns die helig dryfaltikeit. Ibid., pág. -330

(30) Es were kein Zurycher er hiitte chuy und merchen gehgt. Ibid. pág. 336.

(31) Alls der zu Parys eia Esel gehygt; und habe imm LeoJüd denselben gehept. Ibid.

(32) Der lutherischen Gott. Bull., II, pág. 337.

(33) Radtschlagtend und tagentend heymlich v.c. Ibid., pág. 336.

(34) Nüwe fründschaften, by den Walliseren, dem Bapst, und den Keysserischen. Ibid.

(35) Ut si quis rem obscaenam cum jumento sive love habeat, minus peccare quam si rnissam inaudiat. Zw. Epp., pág. 610.

(36) Perfidorum ac sceleratorum hominum commentum.

(37) Aber sin end und ussgang mõchte nieman bald müssen. II, pág. 346.

(38) Sy gwaltig ze überziehen. Ibid., pág. 366.

(39) Und wortt und werk mit einandern gangen werind. Bull., II.

(40) Trang gar hãfftig uff eine gemeine Reformation gerneiner Eydger—Jschaft. Ibid., pág. 368.

(41) Deverão ser encontradas em Builinger, II, págs. 368-376.

CAPITULO V

A Dieta De Arau — Unidade Helvécia — Berna Propõe Fechar Os Mercados — Oposição De Zurique — Proposta Aceita E Publicada — O Sermão Guerreiro De Zwinglio — Bloqueio Dos Waldstettes — Nem Pão, Nem Vinho, Nem Sal — Dignação Dos Cantões Da Floresta — As Estradas Bloqueadas — Procissões — Grito De Desespero — A França Tenta Apaziguar — Dieta Em Bremgarten — Esperança — Os Cantões Inflexíveis — Rompida A Força De Zurique — Descontentamento — A Falsa Posição De Zwinglio — Zwinglio Pede A Sua Demissão — O Conselho Objeta — Zwinglio Fica — Zwinglio Em Bremgarten — Adeus De Zwinglio A Bullinger — Agonia De Zwinglio — Os Cantões Da Floresta Rejeitam Todas As Reconci-liações — Presságios Medonhos — O Co-meta — Tranqüilidade De Zwinglio.

O plano de Zwinglio, com respeito ao estabelecimento de uma nova constituição helvécia, não prevaleceu na dieta de Arau. Talvez se julgasse melhor ver o resultado da crise.

Talvez um ponto de vista mais cristão, mais federala esperança de obter a unidade da Suíça através da unidade da fé —, ocupasse a mente dos homens mais do que a pre-eminência das cidades. Na verdade, se certo número de cantões permanecesse com o papa, a unidade da confederação seria destruída, e isso poderia ser para sempre. Mas, se tôda a confederação se convertesse à mesma fé, a antiga unidade helvécia seria estabelecida sôbre o mais sólido e o mais seguro dos alicerces. Era, agora, a ocasião de agir, ou, então, nunca mais. Não devia haver receio quanto ao emprêgo de um remédio violento para restaurar a saúde ao corpo todo.

Não obstante, os aliados recuaram ante o pensamento de restaurar a liberdade religiosa, ou a unidade política, por meio das armas. E, para fugir às dificuldades em que se pôs a confederação, procuraram os aliados um meio-têrmo entre a guerra e a paz.

— Não há dúvida de que o comportamento dos Cinco Cantões, com respeito à Palavra de Deus, justifica plena-mente uma intervenção armada — disseram os deputados de Berna. — Mas os perigos que nos ameaçam do lado da Itália e do império, o perigo de despertar o Leão do seu sono, a necessidade e miséria gerais que afligem a nossa gente, as ricas colheitas que cedo cobrirão os nossos campos, e que a guerra, inevitàvelmente, destruiria, o grande número de homens piedosos existentes entre os Waldstettes e cujo sangue inocente correria junto com o dos culpados. . todos êstes motivos impõem-nos o deixar a espada na bainha. De preferência, fechemos os nossos mercados aos Cinco Cantões. Recusemo-lhes milho, sal, vinho, aço e ferro. Assim, conferiremos autoridade aos amigos da paz que há entre êles, e o sangue inocente será poupado (1) .

A assembléia dispersou-se, em seguida, a fim de levar a proposta intermediária aos diversos cantões evangélicos. E, no dia 15 de maio, novamente se reuniu ela em Zurique.

Convencida de que os meios evidentemente mais vio-lentos eram, não obstante, tanto os mais seguros quanto os mais humanos, Zurique repeliu a proposta dos berneses, com tôdas as suas fôrças, dizendo:

— Aceitando tal proposta, sacrificamos as vantagens que ora possuímos e damos aos Cinco Cantões tempo para se armar e cair sôbre nós primeiro. Tenhamos cuidado para que o imperador, então não nos ataque de um lado, enquanto os nossos antigos confederados nos ;assaltam de outro. Uma. guerra justa não está em oposição à Palavra de Deus. Isto, porém, é contrário a ela: o tirar o pão da bôca dos inocentes quanto dos culpados e apertar, pela fome, os doentes, os velhos, as mulheres grávidas, as crianças e todos quantos se acham profundamente aflitos, em virtude da injustiça dos Waldstettes (2). Devemos acautelar-nos contra a provocação, por semelhante meio, da ira dos pobres e contra a transformação em inimigos dos muitos que, presentemente, são nossos amigos e nossos irmãos!

Cumpre-nos reconhecer que tal linguagem, que foi a de Zwinglio, continha muita verdade. Os demais cantões, po, rém, e Berna em particular, mostraram-se irredutíveis. Alegaram:

— Ao ter uma vez derramado o sangue dos nossos irmãos, nunca mais poderemos restituir a vida aos que a perderam, ao passo que, a partir do momento em cifie os Waldstettes nos tiverem dado satisfação, poderemos pôr um fim ã rõdas essas medidas rigorosas. Decidimos, pois, não iniciar a guerra.

Não houve meio de ir contra semelhante declaração. Os habitantes de Zurique consentiram em recusar suprimentos aos Waldstettes. Mas isso foi com o coração cheio de angústia, pois haviam previsto tudo quanto lhes custaria a deplorável medida (3). Concordou-se que o passo rigoroso, que se achava, agora, prestes a ser dado, não deveria ser suspenso, a não ser por acôrdo comum, e que, como o referido daria origem a grande exasperação, cada qual deveria manter-se preparado para repelir os ataques do inimigo. Zurique e Berna foram comissionadas para notificar os Cinco Cantões da dita determinação. E Zurique, desincumbindo-se da sua tarefa com presteza, enviou uma ordem a todos os bailiados, para suspender tôdas as comunicações com os Waldstettes, ordenando, ao mesmo tempo, que se abstives-sem de linguagem injuriosa e hostil. Assim, a Reforma, tor-nando-se imprudentemente envolvida em combinações polí-ticas, marchava de uma falta para outra. Aspirava ela à pregação do Evangelho aos pobres e achava-se, agora, em vias de negar-lhes pão!

No domingo seguinte — era o de Pentecostes —, a resolução foi proclamada dos púlpitos. Zwinglio caminhava para o seu, onde o aguardava uma imensa multidão. O olhar penetrante dêsse grande homem descobria fàcilmente o perigo da medida, do ponto de vista político, e o seu coração de cristão sentia profundamente tôda a sua crueldade. A alma de Zwinglio estava oprimida, e os olhos, abaixados. Se, naquele momento, o verdadeiro caráter de um ministro do Evangelho tivesse despertado dentro dêle, se Zwinglio, com a sua voz poderosa, houvesse apelado ao povo que se humilhasse perante Deus, perdoasse as transgressões e orasse, a segurança poderia ainda despontar na Suíça, "esmagada pela dor". Tal, entretanto, não se deu. No reformador, o cristão desaparece cada vez mais, e o cidadão permanece sèzinho. Mas, nesse persdnagem, o cidadão paira bem acima de tudo, e a sua política é, indubitàvelmente, a mais hábil. Zwinglio percebia, com clareza, que tôda demora poderia arruinar a Suíça. E, após ter aberto caminho por entre a congregação e fechado o livro do Príncipe da Paz, hesitou em não atacar a resolução que êle acabara de comunicar ao povo e, no próprio dia do Espírito Santo, pregar a guerra.

— Aquêle que não teme chamar ao seu adversário de criminoso — disse Zwinglio, em sua linguagem enérgica —, deve estar pronto para acompanhar a palavra de um golpe (4). Se não ferir, será ferido. Homens de Zurique! Negais alimento aos Cinco Cantões, como malfeitores! Bem, deixai o golpe seguir-se à ameaça, de preferência a submeterdes à fome criaturas pobres, inocentes. Se, por não tomardes a ofensiva, pareceis crer que não há motivo suficiente para punir os Waldstettes e, ainda assim, lhes recusardes alimento e bebida, vós os forçareis, por essa linha de conduta, a pegar em armas, a levantar a mão e a infligir-vos punição. É êsre o destino que vos aguarda.

— Tais palavras do eloqüente reformador agitaram. a assembléia inteira. A mentalidade politica de Zwinglio já influenciava e desencaminhava tanto o povo que havia poucas almas bastantes cristãs para perceber. quão, estranho. era que, no próprio dia em que se celebrava derramamento do Espírito de. paz e de amor. sôbre a Igreja Cristã, a bôca de um ,ministro de ,Deus proferisse uma provocação à guerra. E -o povo encarou êsse sermão, apenas do.-ponto de vista político.

—Um discurso sedicioso, um incitamento à guerra civil! — exclamaram algumas pessoas.

—Não — replicaram outrasé a linguagem que a segurança: do Estado requer!,-

Tôda a Zurique achava, se pois,. agitada.

—Zurique possui demasiado furdr — sentenciou Berna.

— E Berna pdssui .demasiada manha -— redárgüiu Zurique (5)

—Era cedo demais para cumprir-se á lúgubre profecia de Zwinglio!

Haviam os çantttie protestantes comunicado o decreto. Impiedoso aos Waldstettes quando apressaram a sua execução. E Zurique demonstrou .a maior severidade em tal sentido. Não só os mercados de Zurique e de Berna, como também os dos bailia dos livres de São Gall, do Tockenburgo; dei distrito de Saigans e do vale do Reno, uma região particularmente sob a soberania dos Waldsteues, foram fechados contra os Cinco Cantões. Uma fôrça tremenda havia, subitamente, cercado de esterilidade, escassez de víveres e morte, nobres fundadores da liberdade Helvética. Uri, Schwytz, Unterwalden, Zug e Lucerna ficaram, segundo parecia,. no Meio de úm vasto. deserto. Seus próprios súbditos — pensarant, ao menos as comunas que lhes haviam prestado juramento de vassalage, ficariam do seu lado! Mas não; Bremgarten, e mesmo Mellingen, negda-lhes todo socorro. Sua última esperança, a chava-se em Wesert e Gastal. Nem. Bernt.nern Ztiriquetinha algo a ver ali. Schwytz sózinhas, as governavam. O poder de seus inimigds, porem havia penetrado em tôda parte. Uma maioria de treze Zurich:- Bern wãre znstettler votos tomara o partido de Zuriqüe, na "Landsgemeinde" de Glaris. E Glaris fechou as portas de Wesen e de Gastai, contra Schwytz. Em vão bradou á própria Berna.

—Como podeis compelir súditos a recusar suprimentos a seus senhores?

Por inutilidade Schwytz ergueu a vóz, indignada. Zurique logó eirviou a Wesen pólvora e balas! Era sôbre Zurique, portanqüe recaía fado o ódià de Viria Medida que aquela cidade, a princípio, combatera tãd veementemente. Em Arau, ém Bremgarten em Mellingen, nos báiliados livres, achavam-se vários carros carregados dé provisões para os Waldstettes. Foram paradas "descarregados e tombados. Cõm êles, érfflieram-se barricadas nos cainhos que lévavain a Lucerna, Schwytz e Zug. Já um anã de privação tornara escassas as provisões nos Cinco Cantões; Já havia uma epidemia medonhá, o "Subr Maligno", espalhado, por tóda parte, desalent e inerte. Mas, agora à mão do hornein achava-se unida à mão de Deus: O mal auinentoti, e os pobres habitantes da quelas inórttanhas Onteraplavám a aproximação de Calamidades inauditas, com passo acelerado. Não havia mais pão pára as suas crianças, não havia mais. Vinho para reanimar-lhes as forças exauridas não havia mais sal para os seus rebanhos e manadas! Faltava-lhes tudo o que um homem requer para sua subsistência (6) " Não se podia ver tais coisas, e ser homem, sem sentir o coração apertado. Nas cidades confederadas, e fora da Suiçã; numerosas vozes contra esta implacável medida.

Que bem pode resultar dissá? Não escreveú São Paulo aos manos: "Portanto se teu inimigo: tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sêde, dá-lhe de beber; Portine, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre á sua cabeça (7) ? E, quando os magistrados quiseram convencer certas comunas in submissas da utilidade da medida, as últimas bradaram. Não desejamos a guerra rérigioa. Sé os Waldstettes não querem crerem Deus, deixe nos que se apeguem ao diabo!

Era otintüdo, espécialmente nós Cinco Cantões que se ouviram queixas sinceras. Os indivíduos mais pacíficos, e até mesmo, os partidários secretos da Reforma, vendo a fome invadir-lhes a habitação, sentiram a mais profunda das indignações. Os inimigos de Zurique tiraram hàbilmente vantagem de tal disposição de ânimo. Fomentaram aquelas pequenas murmurações. E, logo, o grito de ira e de angústia reboou de tôdas as montanhas. Em vão Berna fêz ver aos Waldstettes que é mais cruel negar aos homens o sustento da alma do que suprimir o do corpo. Em seu desespêro, responderam os montanheses:

—Deus faz com que os frutos da terra brotem livre-mente para todos os homens (8) !

Não estavam contentes com o gemido em seus chalés e davam vazão à sua indignação nos conselhos. Encheram tôda a Suíça de queixas e de ameaças. (9)

—Desejam-empregar a fome para arrancar-nos de nossa fé antiga. Desejam privar do pão as nossas espôsas e os nossos filhos, para que possam tirar-nos a liberdade, que recebemos de nossos antepassados. Quando é que semelhantes coisas já sucederam no seio da confederação? Não vimos nós, na última guerra, os confederados de armas na mão, os quais estavam prontos para sacar da espada, a

comer juntos, do mesmo prato? Ëles rompem as velhas amizades. Calcam com os pés os nossos velhos costumes. Violam tratados; infringem alianças. Invocamos os privilégios dos nossos antepassados. Socorro! Socorro! . Sábios de nosso povo, dai-nos o vosso conselho. E todos vós que sabeis como lidar com a funda e com a espada, vinde manter conosco as possessões sagradas, pelas quais os nossos ,pais, libertos do jugo do estrangeiro, uniram as suas armas e os seus corações!

Ao mesmo tempo, os Cinco Cantões enviaram gente para a Alsácia, Brisgau e Suábia a fim de obter sal, vinho epão. A administração das cidades, porém, foi implacável. As ordens foram dadas em tôda parte e em tôda parte foram elas rigorosamente cumpridas. Zurique e os demais cantões aliados interceptaram tôdas as comunicações e devolveram à Alemanha os suprimentos que haviam sido enviados aos seus irmãos. Ficaram os Cinco Cantões como uma vasta fortaleza cujas saídas tôdas sãotorosamente guardadas por sentinelas atentas.

Os aflitos Waldstettes, vendo-se sózinhos, com a fome entre os seus lagos e as suas montanhas, re-correram às observâncias de seu culto. Todos os esportes, danças e. tôdas as espécies de diversão sofreram uma interdição (10) Preces foram dirigidas para oferenda, e longas procissões cobriram os caminhos de Einsidlen e dos demais pontos de reunião dos peregrinos. Entraram. no uso da faixa, do bastão e das armas da irmandade a que cada um pertencia. Todo homem trazia um têrço nas mãos e repetia padre-nossos. As montanhas e os vales reboavam com os seus hinos lamentosos. Os Waldstettes, porém, fizeram mais ainda. Empunharam a espada, aguçaram as pontas de suas alabards, brandiram as armas na direção de Zurique e de Berna, bem como exclamaram, furiosos:

Eles bloqueiam os caminhos dêles, mas nós os abri-remos com as nossas armas adequadas (11) !

Ninguém respondeu àquele grito de desespêro. Há, contudo, um Juiz justo no céu, a quem a vingança pertence e que logo responderá, de maneira terrível, punindo as pessoas mal encaminhadas, que, esquecidas da misericórdia cristã e efetuando uma mistura ímpia de assuntos políticos e religiosos, pretextam garantir o triunfo do Evangelho através da fome e de homens armados.

Algumas tentativas, no entanto, foram feitas para harmonizar as questões. Todavia, êsses mesmos esforços evidenciaram grande humilhação para a Suíça e para a Reforma. Não foram os ministros do Evangelho, foi a França — mais uma vez causa da discórdia para a Suíça — que se ofereceu para restaurar a paz. Todos os procedimentos prèviamente planejados para alimentar a sua influência entre os canões eram-lhe úteis à política. No dia 14 de maio, Maigret e Dangertin o último dos quais havia recebido a verdade do Evangelho e, conseqüentemente, não ousou voltar para a França (12), após algumas alusões ao espírito que Zurique havia

demonstrado em tal questãoespírito pouco de a côr do com o Evangelho —, disseram gó conselho.:

— O rei, nosso senhor, enviou-vos dois cavalheiros para trocar idéias sôbre o meio de preservai a concórdia entre vós. Se a guerra e o tumulto tomarem conta da: Suíça, toda a sociedade dos helvécios será aniquilada (13), e seja qual fôr o partido veneedór, êle ficará tão arruinado. quanto outro.

Tendo Zurique respondido que, se,. os Cinco:Cantões permitissem a livre pregação da. Palavra de Deus, a recon-ciliação seria fácil, a França sondou Secretamente os. Waldstettes, cuja resposta foi:

— Jamais, permitiremos a. pregação. dà Palabra de Deus como a entende a gente de Zurique (14) .

Tendo falhado semelhantes esforços mais ou menos interessados dos estrangeiros, uma dieta geral tornou-se a única oportunidade de segurança que. restava- para a Suíça. Nessa conformidade, convocou-se uma dieta em Bremgarten. A die ta foi anunciada com a presença dos deputados da parte da França, do duque de Milão, da condêssa de.Neufchatel, dos Grisões, Vaiais; Turgóyia e do distrito de Sargans, bem como. Se reuniu em cinco ocasiões diferentes nos dias 14 e 20 de junho, 9 de julho e 10 e 23 de agôsto.O cronista Bullinger, que, era pastor: de Bremgarten, proferiu, uma:oração, na abertura, na qual exortava veementemente - os confederados à união e à paz.

Um, vislumbre de esperança animou por um momento, a Suíça. O bloqueio tornara-se menos rigoroso. A: amizade e a boa vizinhança haviam prevalecido -em muitos lugares diante dos decretos do Estado. Caminhos incomuns.:tinhani sido abertos através das montanhas mais bravias destinados ao transporte de suprimentos para oa Waldstettes. Escondiam-se provisões em fardos de mercadorias. E, enquanto Lucerna aprisionava e torturava os seus próprios cidadãos encontrados com panfletos dos homens de Zurique (is), Ber- na não punia, senão levemente os camponeses que haviam sido descot,ertos a transporar alimento para Unterwalden, e Lucerna. E Glaris fechava os olhos às infrações freqüentes de suas, ordens. A voz da caridade, que havia sido momentángamente abafada, pleiteava, com nova energia, a cansa de seus confederados, diante dos cantões protestantes.

Os Cinco Cantões mostraram-se„ porém, inflexíveis.

—Não ouviremos, proposta alguma antes do levantamente, do bloqueio — disseram.

—Não. o levantaremos — responderam Berna e Zurique antes de o Evangelho ser livremente pregado não so nos bailiados comuns, mas, também, nos Cinco Cantões.

Isso era, indubitàvelmente, ir longe demais, mesmo, de acôrdo com a. lei natural e os princípios da confederação. Os conselhos de Zurique poderiam considerar seu-dever õ-recorrer à guerra para a manutenção daliberdade de consciência nos bailiados comuns. Mas era injusto era usurpação o constranger os Cinco Cantões num assunto que dizia res-. peito ao seu próprio-território Não obstante, os mediadores foram bem sucedidos,. não s.em muita dificuldade, no traçado de um planci de reconciliação,. que parecia harmonizar-se com os desejos de ambos os partidos. Levantou-se a conferência, easse projeto. depressa foi transmitido aos - diversos Estados, para a sua ratificação.

A dieta reuniu-se novamente alguns dias depois, porém os Cinco Cantões persistiram. em sua exigência, sem ceder em nem um ponto sequer. Sm vão Zurique e Berna lhes fizeram ver que, perseguindo os proteStantes, os cantões violavam o tratado de paz. Em vão os, mediadores esgotaram a sua energia em advertências e súplicas. Os partidos pareciam, em certa ocasião, aproximar.-se e, então, de súbito, ficaram mais distantes e mais irritados do que nunca. Os Waldstettes, por fim, desfizeram a :terceira conferência, de clarando que, longe de se opor à verdade-evangélica, ales a manteriam, Conforme ela fôra ensinada pelo Redentor, pelos Seus: santos apóstolos, pelos quatro doutõres e pela sua santa mãe, a Igreja declaração que pareceu -ser amarga ironia aos «deputados de Zurique e Berna. Não obstante, voltando-se para Zurique,. quando se separavam, Berna observou:

-Cuidado com a demasiada violência, mesmo se êles vos atacarem!

A dita exortação foi desnecessária. A fôrça de Zurique havia deixado de existir. O primeiro aparecimento da Reforma e dos reformadores tinha sido acolhido com alegria. O povo, que gemia sob o pêso de uma escravidão dupla, acreditou ver a aurora da liberdade. Sua mente, porém, abandonada, por muito tempo, à superstição e à ignorância, não podendo realizar logo as esperanças que imaginara, fêz com que cedo um espírito de descontentamento se espalhasse entre as massas. A mudança pela qual Zwinglio, deixando de ser homem do Evangelho, se tornara no homem do Estado, roubou ao povo o entusiasmo necessário para resistir aos ataques terríveis que teria de sofrer.

Os inimigos da Reforma tiveram uma boa oportunidade contra ela, assim que os seus amigos abandonaram a posição que lhes dava fôrça. Além disso, os cristãos não poderiam recorrer à fome e à guerra, para obter o triunfo do Evangelho, sem que as suas consciências se tornassem atormentadas. Os homens de Zurique "não andavam em Espírito, mas na carne, pois as obras da carne são ódio, dissensão, emulações, ira, peleja, sedições (16) ". O perigo de fora aumentava, enquanto, in-ternamente, a esperança, a união e a coragem estavam longe de se encontrar aumentadas. Pelo contrário, os homens notavam o desaparecimento gradativo da harmonia e fé viva,

que haviam sido a fôrça da Reforma. A Reforma empunhara a espada e essa mesma espada trespassou-lhe o coração.

Ocasiões de discórdia multiplicaram-se em Zurique. Segundo o conselho de Zwinglio, o número de nobres foi reduzido nsa duas organizações administrativas, por causa de sua oposição ao Evangelho, e semelhante medida espalhou o descontentamento entre as famílias mais ilustres do cantão. Os moleiros e os padeiros foram colocados debaixo de certos regulamentos, o que a carestia tornou necessário, e grande parte dos citadinos atribuiu tal medida aos sermões do reformador, bem como veio a ficar irritada contra êle. Rodolfo Lavater, bailio de Kibourg, foi nomeado general-em-chefe, e os oficiais que tinham maior tempo de serviço do que êle se mostraram ofendidos. Muitos que haviam sido, outrora, os mais distinguidos pelo seu zêlo em prol da Reforma, opunham-se, agora, abertamente, à causa que tinham apoiado.

O ardor com que os ministros da paz exigiam a guerra es- palhou, por tôdas as partes, um descontentamento reprimido, emuitas pessoas deram expansão à sua indignação. Essa confusão anilnatural entre a Igreja e o Estado, que corrompera a Cristandade após a época de Constantino, estava precipi-tando a ruína da Reforma. A maioria do Grande Conselho, sempre pronta para adotar resoluções importantes e salutares, achava-se desbaratada. Os velhos magistrados, que se achavam ainda à testa das questões, deixavam-se levar por sentimentos de inveja contra os homens cuja influência extra-oficial prevalecia sobre as dêles próprios. Todos os que odiavam a doutrina do Evangelho, fôsse por causa do amor ao mundo ou por causa do amor ao papa, levantaram corajosamente a cabeça, em Zurique. O partido dos monges, os amigos da ajuda estrangeira, os descontentes de tôdas as classes juntaram-se para apontar Zwinglio como o autor de todos os sofrimentos do povo.

Zwinglio mostrava-se profufndamente desgostoso. Via êle que Zurique e a Reforma se apressavam para a sua ruína eque não podia detê-las. Como poderia fazê-lo, visto que, sem o suspeitar, êle havia sido o cúmplice principal naqueles desastres? O que devia ser feito? Deveria o pilôto permanecer no navio que êle não mais tinha permissão de salvar? Não havia senão um meio de segurança para Zurique e para Zwinglio. Ele devia ter-se retirado do plano político e recuado para o daquele "reino que não é dêste mundo". Devia, como Moisés, ter mantido as mãos e o coração erguidos, noite edia, para o céu, bem como ter pregado etièrgicamente o arrependimento, a fé e a paz. Mas os assuntos políticos e religiosos achavam-se unidos na mente do grande homem, por laços tão antigos e caros que lhe era impossível distinguir a linha de sua separação. Tal confusão tornara-se-lhe a idéia dominante. O cristão e o cidadão eram, para êle, um único eo mesmo personagem. E, daí, redundava que todos os recursos do Estado — até mesmo os canhões e os arcabuzes — deveriam ser colocados a serviço da Verdade. Quando uma idéia

peculiar se apodera, assim, de um homem, vemos uma consciência falsa, formada em seu íntimo, a qual aprova muitas coisas condenadas pela Palavra do Senhor.

Era essa, agora, a condição de Zwinglio. A guerra afi-gurava-se-lhe legítima e desejável. E, se a última fôsse re-pelida, êle só tinha de retirar-se da vida pública — achava-se por tudo ou nada. Por conseguinte,. em 26- dejulho, Zwinglio apresentou-se perante o Grande Conselho, de. olhos turvos. e coração desconsolado.

Durante onze anosdisseestive pregando o Evangelho entre vós e tenho-vós-advertido, fiel e paternal-mente, das desgraças -pendentes sôbre vós. Atenção alguma, porém, tern sido prestada às minhas palavras. Os amigos das alianças estrangeiras, Os inimigos do Evangelho, acham-se eleitos para o Conselho,-e,.enquanto vós vos recusais a seguir a minha recomendação, vejo-me. tornado reSponsável por todos os infortúnios. Não posso. aceitar tal encargo e solicito a minha demissão.

E o reformador retirou-se, banhado, em lagrimas.

O conselho estremeceu ao ːouvir tais .palavras: Todos os antigos sentimentos de respeito, que êle havia, há muito tempo, nutrido por -Zwinglio, foram, despertados. Perdê-lo„ agora, era a ruína de Zurique. O burgomestre e os demais magistrados receberam ordens- de persuadir o reformador. a, tornar- nula a sua resolução fatal.ːA .conferência realizou-se .no mesmo dia. Zwinglio .pediu tempo pára refletir. Durante três dias.e três, noites, procurou êle o caminho que deveria seguir. Vendo a tempestade negra, que ːse -acumulava, vinda de tôdas as partes, ponderou se deveria abandonar Zurique e procurar refúgio. nas, colinas.ː elevadas de Tockenburgo, onde havia. criado, numa ocasião em que o seu país e a, sua Igreja estavam em vias de ser atacados e abatidos pelos seus inimigos, como o. milho .o é pela tempestade -acompanhada de granizo. Gemeu e clamou ao Senhor. Teria afastado o cálice da amargura que lhe era apresentado à alma porém não .podia .encontrar a solução. Por .fim, efetuou-se o sa-crifício, ːe a vitima foi depositada,-ːtrêmula,. sôbre o -altar. Três dias após a primeira conferência, Zwinglio tornou, a apresentar-se .ao conselho, dizendoː

— Ficarei convosco,ːe.trabalhaleipela segurança pública. até a morte!

A. partir dêsse momento, . o .reformador .mostrou nôvo zêlo. Por .um lado empenhou-se em ressuscitar- a harmonia e. 4 coragem. em Zurique; por outro, tratou. ,de desertar e estimular as. aliadas a que aumentassem e conçentrassern tôdas as fôrças da Reforma. Fiel à vocação política, que supunha .ter recebido do .próprio Deus,. persuadido de que.era ,nas dúvidas e na falta de coragem dosː berneses que

êle devia procurar causa .de todo .9 mal, o reformador dirigiu-se para Bremgarten com Collinsi e.Steiner, durante a quarta conferência da dieta,. muito. embora Se

expusesse a grande:perigo na. tentativa, Chegou, secretamente, à noite e, tendo. entrado na,eaS a de seu amigo e discípulo, Bullinger, convidou os deputa-dos de Berna (I. L, de Wattewille e im Flag) para um encontro com êle, ali, com o maior sigilo, e rogou-lhes, no mais solene dás tons, encarecidamente que refletissem. sôbre os perigos a quése .achava exposta a Reforma. Disse:

Receio que, em conseqüência de nosSá descrença, êsse. caso não terá bom resultado. Por recusar suprimentos aos Cinco Cantões, começanios trabalho:que nos será. fatal. O. que devernos fazer? Retirar a proibição? Os çantõestórnar-Se-ão, então, mais insolentes e arrogantes do que nunca. Fazê-la cumprir? Êles tomarão a ofensiva e,- se o ataque dos mesmos, fôr bem sucedido, contemplareis- os nossos caril-, pós Verrfielhos do sangue dos crentes, a doutrina dã verdade abatida, a Igreja de Cristo: deVaStada, tôdaS as relações sociais subVertidas, nossos gclVersáriès mais endurecidos e irritados contra o Evangelho, bem como multidões de. padres e de monges a encherem novamente os nossos distritos rurais, ruas templos::: e .aerescentou, após alguns ins-: tàntes de emoção e silêncio: —.E, ainda assim, isto também terá um

Encheram-se os berrieses de comoção; com.- a voz solemne do reformador, e respondeu-lhe:

Vemos que tudo isso é de temer-se para a nossa causa comum e todo cuidado empregaremo para impedir- os grandes desastres correram as ruas desertas que levavam à porta que dava para o caminho de Zurique. Em três ocasiões distintas, Zwinglio despediu-se de Bullinger, que, logo mais, iria ser o seu sucessor. Sua mente estava cheia de um pressentimento de sua morte próxima. Ele não podia separar-se daquele jovem amigo, cuja face nunca iria ver novamente. Abençoou-o, entre torrentes de lágrimas.

— Oh! Meu caro Henrique! — exclamou. — Que Deus vos proteja! Sêde fiel ao Nosso Senhor Jesus Cristo e à Sua Igreja.

Finalmente, separaram-se. Mas, naquele exato momento, diz Bullinger, um personagem misterioso, envolto num manto tão branco quanto a neve, surgiu, subitamente, e, após amedrontar os soldados que guardavam a porta, mergulhou, repentinamente, na água e desapareceu. Bullinger, Zwinglio e seus amigos não perceberam isso; o próprio Bullinger procurou o personagem por todos os lados, porém inutilmente (18). Ainda assim, as sentinelas insistiram na realidade daquela aparição medonha.

Bullinger, grandemente agitado, regressou à casa, mergulhado na escuridão e em silêncio. Sua mente, de maneira involuntária, fazia comparação entre a partida de Zwinglio e o fantasma branco. E estremeceu ao presságio medonho de que a idéia daquele espectro lhe ocupava a mente.

Sofrimentos de outra espécie perseguiram Zwinglio até Zurique. Havia êle pensado que, por consentir em permanecer à testa dos negócios, recuperaria tôda a sua antiga influência. Mas estava enganado: o povo queria vê-lo ali e, no entanto, não o seguiria. Os homens de Zurique tornavam-se, dia a dia, cada vez mais indispostos em relação à guerra que, a princípio, haviam exigido e identificavam-se com o sistema passivo de Berna. Zwinglio permaneceu, por algum tempo, estupefato e imóvel diante daquela massa inerte, a qual os seus esforços mais vigorosos não podiam despertar. Logo, porém, descobrindo, em todos os cantos do horizonte, os sinais proféticos, precursores da tempestade prestes a irromper sôbre o navio do qual êle era o pilôto, lançou gritos de angústia e deu o sinal de alarma:

— Vejo — exclamou êle, um dia, ao povo, do púlpito a que tinha ido a fim de expressar os seus pressentimentos sombrios, vejo que as advertências mais conscienciosas não vos pode salvar! Não punireis os pensionistas do estrangeiro. eles têm um apoio demasiadamente firme entre nós! Acha-se preparada uma corrente. Contemplai-a tôda. Desenrola-se elo após elo. Logo me atarão a ela e, comigo, mais de um homem piedoso de Zurique. É contra mim que se acham enraivecidos! Estou pronto; submeto-me à vontade do Senhor. esses homens, porém, jamais serão meus senhores. Quanto a ti, ó Zurique, êles te darão a tua recompensa. Golpear-te-ão na cabeça. Tu o quisestes. Recusaste-te a puni-los. Bem, serão êles que te punirão (19). Mas Deus, não obstante, preservará a Sua Palavra, e a arrogância de tais homens findará.

Assim foi o grito de agonia de Zwinglio; porém só a imobilidade da morte o respondeu. Tão endurecido se achava o coração dos homens de Zurique que as mais pontiagudas das setas do reformador não podia trespassá-lo. E os homens de Zurique caíram aos pés do reformador, entorpecidos e inúteis.

Os acontecimentos, contudo, exerciam pressão e justificavam todos os temores de Zwinglio. Os Cinco Cantões haviam rejeitado tôdas as propostas que lhes haviam sido feitas.

— Por que motivo falais em punir uns poucos erros? — perguntaram aos mediadores. — E uma questão de tipo inteiramente diferente. Não exigis que recebamos de volta ao nosso meio os hereges que banimos e que não toleremos nenhum outro clérigo que não seja o que pregue de conformidade com a Palavra de Deus? Não! Não! Não abandonaremos a religião de nossos pais e, se tivermos de ver as nossas espôsas e os nossos filhos privados de alimento, as nossas mãos saberão obter o que nos foi recusado. Para tanto, damos, em garantia, os nossos corpos, os nossos bens, as nossas vidas.

Foi com essa linguagem ameaçadora que os deputados abandonaram a dieta de Bremgarten. Haviam sacudido orgulhosamente as dobras do manto, e delas caíra a guerra.

O terror era geral, e os cidadãos alarmados viam por todo o lado presságios assustadores, sinais terríveis, que pareciam pressagiar os acontecimentos mais horríveis. Não era apenas o fantasma branco que tinha aparecido em Bremgarten ao lado de Zwingle: os presságios mais temíveis, passando de boca em boca, enchiam o povo com os pressentimentos mais sombrios. A história destes fenómenos, por mais estranha que possa parecer, caracteriza o período que estamos a escrever.

No dia 26 de julho, uma viúva que se encontrava sozinha diante da sua casa, na aldeia de Castelenschloss, viu de repente um espetáculo espantoso: sangue a jorrar da terra à sua volta! [1176] Correu alarmada para a casa de campo. mas, oh, que horror! O sangue corre por todo o lado - do lambril e das pedras[1177]; cai em catadupa de uma bacia numa prateleira, e até o berço da criança transborda[430]. A mulher imagina que a mão invisível de um assassino está a trabalhar e corre distraída para fora de casa, gritando "Assassinato! Assassinato!" Os aldeões e os monges de um convento vizinho reúnem-se ao grito - conseguem apagar parcialmente as manchas de sangue; mas, um pouco mais tarde, os outros habitantes da casa, sentando-se aterrorizados para tomar a refeição da noite sob o beiral saliente, descobrem subitamente sangue a borbulhar numa lagoa - sangue a escorrer do sótão - sangue a cobrir todas as paredes da casa. Sangue - sangue - sangue por todo o lado! Chegam o oficial de justiça de Schenkenberg e o pároco de Dalheim, para averiguar o que se passa, e comunicam imediatamente o facto aos senhores de Berna e a Zwingle.

Mal esta horrível narração - cujos pormenores estão fielmente conservados em latim e em alemão - tinha enchido todos os espíritos com a ideia de uma horrível carnificina, apareceu no quadrante ocidental dos céus um cometa espantoso[1179], cujo imenso comboio de cor amarelo-pálido se dirigia para o sul. Uma noite - no dia 15 de agosto, ao que parece [1181] –

Zwingle e Jorge Mühler, antigo abade de Wettingen, estando juntos no cemitério da catedral, fixaram ambos os olhos neste meteoro terrível. "Este globo agourento - disse Zwingle - veio iluminar o caminho que leva ao meu túmulo. Será à custa da minha vida e de muitos homens bons que me acompanham. Embora eu seja bastante míope, prevejo grandes [431] calamidades no futuro [1182].

A Verdade e a Igreja lamentarão; mas Cristo nunca nos abandonará." Não foi somente em Zurique que essa estrela flamejante espalhou consternação. Vadianus, estando uma noite em uma eminência na vizinhança de St. Gall, cercado por seus amigos e discípulos, depois de ter explicado a eles os nomes das estrelas e os milagres do Criador, parou diante desse cometa, que denunciava a ira de Deus; e o famoso Teofrasto declarou que ele prenunciava não apenas grande derramamento de sangue, mas muito especialmente a morte de homens eruditos e ilustres. Este fenómeno misterioso prolongou a sua terrível visita até ao dia 3 de setembro.

Quando o ruído destes presságios se espalhou, os homens já não se podiam conter. As suas imaginações estavam excitadas; amontoavam pavor sobre pavor: cada lugar tinha os seus terrores. Dois estandartes ondulando nas nuvens tinham sido vistos na montanha do Brunig; em Zug um escudo tinha aparecido nos céus; nas margens do Reuss, explosões reiteradas eram ouvidas durante a noite; no lago dos Quatro Cantões, navios transportando combatentes aéreos cruzavam em todas as direcções. Guerra- guerra; - sangue-sangue! - eram estes os gritos gerais.

O terror era geral, e os cidadãos; .alarmados, viam, por toda parte, presságios Medonhos, Sinais. apaveorantes, prognosticando, Vislvemente, acontecimentos mais horríveis. Não era apenas o fantasina branco, que a parecera; em Bremgarten; ao lado de Zwinglio. Os agouros mais medonhos, passando de boca embôca, en chiamo povo dos pressentimentos mais sombrios. A história detais fenómenos, por estranhã qtie pareça, caracteriza o período sobre o qual escrevemos. Não criamos as épocas constitui nosso simples querer retratá-las como o foram realmente.

No dia 26 de julho, uma viúva, acontecendo estar, por acaso; sozinha diante da sua casa, na aldeia de Castelenschloss,contemplou, subitamente, um spetáculo espantoso: sangue a jorrar da terra, em toda à sua volta! [20] Alarmada entrou as pressas no chale, .mas, oh, que horror! O sangue fluía por tôda parte dos lambriles e das pedras [21]; cai em catadupa de uma bacia numa prateleira, e até o berço da criança transborda [430]. A mülher in ão invisível de um assassino esteve a trabalhar e corre para fora do chalé, gritando.

— Assassínio! Assassínio! (22)

Os aldeões e os monges de 1:16 ---- um convento vizinho reúnem-se ao grito. Consegue apagar parcialmente as manchas de sangue; mas, um pouco mais tarde do dia, os demais habitantes da casa, sentando-se aterrorizados para tomar a refeição da noite sob o beiral saliente, descobrem de chófre, sangue a borbulhar numa lagoa sangue a escorrer do sótão sangue a cobrir todas as paredes da casa.

Sangue! Sangue! Sangue por toda parte! Chegam bailio de Schenkenberg e o pároco de Dalheim, investigam – o case e imediatamente, fazem um relatorio da Comissão aos Senhores de Berna e a Zwinglio.

Mal havia essa horrível exposição de Moa cujas minúcias se-acham fielmente preservadas em latim e em alemão enchido as Mentes ¡Corri a idéia de matança horrível, quando, na parte ocidental do céu surgi uma cometa assustador (23), Cuja cauda imensa, de um amarelo pálido, estava voltada para o sul. Na hora de sen.obaso, tal aparição brilhou, no céu, como o fogo de Uma fornalha (24) : Certa noite —no dia-15 de agôsto, ao que parece (25) Zwinglio e Jorge Müller, exabade de Wettingen, estando juntbs no cemitério da catedral, fixaram os olhos naquele terrível meteoro.

Esse globo de mau agouro — disse Zwinglio — veio para iluminar o caminhó que leva à Minha sepultura. Dar-se a isso com è sacrificio de minha vida e o da de muitos homens bons; que andam conosco. Conquanto eu seja um tanto míope prevejo grandes calamidades no futuro (26). A verdade e a Igreja sentido pesar, mas Cristo jamais nos dessam parará."

Não foi somente em Zurique que essa estrela flamejante espalhou consternação. Vadianus, estando certa noite, sobre um terreno elevando, na vizinhança de São Gall, rodeado de seus amigos e discípulos, e apostolhes explicado os nomes das estrelas e as maravilhas do Criador, Interrompeu-se a vista daquele cometa, que denunciava a ira de Deus. E o famoso Teofrasto declarou que o cometa não so pressa – glava grande derramamento de sangue, mas muito especialmente a morte de homens cultos e ilustres. Aquêle fenómeno misterioso prolongou á sua visita assustadora até o dia 3 de setembro.

Quando o ruído destes presságios se espalhou, os homens já não se podiam conter. As suas imaginações estavam excitadas; amontoavam pavor sobre pavor cada lugar tinha os seus terrores. Duas bandeira a tremular nas nuvens haviam sido vistas sôbre a montanha de Brunig. Em Zug, um broquel aparecera no céu. Nas ribanceiras do Reuss, explosões reiteradas foram ouvidas durante a noite. No lago dos Quatro Cantões, navios com combatentes aéreos, corriam em tôdas as direções. Guerra! Guerra! Sangue! Sangue! Eram os gritos gerais.

No meio de tôda aquela agitação, so Zwinglio parecia tranqüilo. Não rejeitava nenhum dos pressentimentos, porém contemplava-os com calma. E disse:

— Um coração que teme a Deus não se importa com as ameaças dêste mundo. Promover os desígnios de Deus, suceda o que suceder: esta é a ,sua tarefa. Um transportador que tenha uma longa estrada a percorrer precisa resolver-se a desgastar a carroça e o arreio durante a viagem. Se leva a mercadoria ao lugar designado, isso é o bastante para êle. Somos a carroça e o arreio de Deus. Não há um só dos artigos que não fique gasto, torcido ou rompido. Todavia, nosso grande Condutor, não obstante isso, levará a cabo, por nosso meio, os Seus vastos desígnios. Não é àqueles que tombam no campo de batalha que pertence a coroa mais nobre? Assim, pois, criai coragem no meio de todos êsses perigos, pelos guiais deve passar a causa de Jesus Cristo. Coragem, embora nunca vejamos, aqui, na terra, com os nossos próprios olhos, os triunfos de tal causa. O Juiz dos combatentes nos vê e é Èle quem nos confere a coroa. Outros desfrutarão, na terra, os frutos dos nossos trabalhos, ao passo que nós, já no céu, gozaremos uma recompensa eterna (27) .

Assim falou Zwinglio, quando avançava calmamente para o ruído ameaçador da tempestade, que, pelos seus re-lâmpagos repetidos e trovoadas súbitas, prenunciava a morte.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Und dadurch unshuldiez Blüt erspart wurde. Bull., TI, pág: 383.

(2) Kranke, abe, shwangere wyber, kinder und sunst betrubte. Bull. II, pág. 384.

(3). Schrnerzlich und kummersachlich. Ibid., pág. 386.

(4) Das er wortt und faust mitt einander gan lasse. Bull., II, 388

(5) Foi Zwinglio quem assim caracterizou as duas cidades: Bern: klage Zurich wãre zu hitzig;

(6) Deshalb sy. bald grossen mangel erlittend an aliem ciem das der Ivirenft áelãben sou. Buil., II, 396..

(7) Aos.omanos. .

(8) Hartmann von Haliwyll a Alberto de Mulinen, 7 de ag8sto.

(9) Klagtend sicha allent halben wyt und brett. Bull., n, 397.

(10) Stelltent ab spielen, Tanzen. — Tschudi der Capeller krieg, 1531: Tal manuscrito é atribuído a Egídio Tschudi, que deve tê-lo redigido em 1533, a favor dos Cinco Cantões, e foi impresso no "Helvetia", vol. II, 155.

(11) Trowtend auch die Straassen uff zu thun mit gwalt. Bull-, II, 397.

(12) Ep Rugeri ad Bulling., 12 de novembro de 1560.

(13) Universa societas Helvetiorumn dilabetur, si, tumultus et bellum inter eam eruperit.: Zw. Epp., II, 604:

(14) Respondcrunt verbi Dei predicationein non ladiros, quomodo nos intelligamus. Ibid., 607.

(15) Warf sie in Gefüngniss. Bull., III, 30., .

(16) Aos Gálatas 5:19-20.

(17) E o reformador retirou-se, banhado, em ,lagrimas.

(18) Ein menschen in ein schneeweissen Kleid. Ibid.

(19) Ante et 1:14.?stpurus sanguisacriter durw:terra:,effluXit.

(20) ut .ex vens incisa. Zw. Eppi., II, 627.

(21) Sed etiam sanguis ex terra, lignis, et lapidus effluxit. Ibid., —

(22) Ut, Cadern -e. -ccurreret:Caedem:Clatriftansi Ibid. ,

(23) Ein gar eschrocklicher comet. Bull., II, 46. Era o cometa de Halley, que volta, mais ou menos, em cada 76 anos. Apareceu a última vez em 1835. (N. do A.)

(24) Wie ein fhuwr in einer ess. Ibid. Talvez Bullinger aluda, dêsse modo, ao fenômeno comentado por Apio, astrônomo de Carlos V, que observou êsse cometa em Ingolstadt e diz que a cauda desapareceu quando o núcleo se aproximava do horizonte. Em 1456, seu aparecimento já havia despertado grande terror. (N. do A.)

(25) Cometam jam tribus noctibus viderunt apud nos alii, ego una tantum, puto 15 Augusti. Zw.Epp., pág. 634.

(26) Ego caeculus non unam calamitatem expecto. Ibid., Pás- 626.

(27) Ibid

CAPITULO VI

Os Cinco Cantões Decidem-se A Favor Da Guerra — Calma Ilusória — Inatividade Fatal — Zurique Prevenida De Antemão —hasteada A Bandeira De Lucerna —Manifesto — Os Bailiados Pilhados — O Mosteiro De Cappel — Carta — Paixão Louca De Zurique — Novas Advertências —Começa A Guerra — O Toque De Rebate — Uma Noite Pavorosa — A Guerra — Bandeira E Exercito De Zurique — Partida De Zwinglio — O Cavalo De Zwinglio — Ana Zwinglio.

Os Cinco Cantões, reunidos em dieta, em Lucerna, mostraram-se plenamente resolutos, e a guerra ficou assentada. Disseram:

—Pediremos às cidades que respeitem as nossas alianças e, se se recusarem, entraremos à fôrça nos bailiados comuns, para obter provisões, e uniremos as nossas bandeiras em Zug, a fim de atacar o inimigo.

Os Waldstettes não se achavam sózinhos. O núncio, sendo solicitado pelos seus amigos de Lucerna, requerera que tropas auxiliares, pagas pelo papa, fôssera postas em movimento, em direção à Suíça, e participara a sua chegada próxima.

Essas resoluções trouxeram terror à Suíça. Os cantões mediadores reuniram-se de nôvo em Arau e traçaram um plano, que deveria deixar a questão religiosa exatamente como ela ficara resolvida pelo tratado de 1529. Os deputados le-varam, imediatamente, essas propostas aos diversos conse-lhos. Lucerna rejeitou-as com arrogância,

— Dizei aos que vos enviaram que não os reconhecemos como nossos mestres-escolas — foi a resposta. — Preferimos morrer a ceder a mínima coisa em detrimento de nossa fé.

Trêmulos e desanimados, os mediadores regressaram a Arau. A tentativa inútil aumentou a divergência entre os protestantes e proporcionou aos Waldstettes uma confiança maior ainda. Zurique, tão resolvida a favor da recepção do Evangelho, tornou-se, naquela época, dia a dia mais irresoluta! Os membros do conselho desconfiavam um do outro. O povo não sentia interesse por tal guerra. E Zwinglio, não obstante a sua fé inabalável na justiça de sua causa, não esperava absolutamente a luta, que estava prestes a ocorrer. Berna, de sua parte, não cessava de rogar a Zurique que evitasse a precipitação.

— Não nos exponhamos à acusação de pressa dema-siada. como sucedeu em 1529 — era a observação geral em Zurique. — Temos amigos de confiança entre os Waldstettes. Esperemos até que nos comuniquem, como prometeram, algum perigo real.

Logo se acreditou que semelhantes contemporizadores tinham razão. De fato, cessaram as notícias alarmantes. Aquêle rumor constante de guerra, que vinha, incessantemente, dos Waldstettes, não continuou. Não havia mais alarmas! Não havia mais receios! Sôbre as montanhas e vales da Suíça, pairava o silêncio lúgubre e misterioso, precursor da tempestade.

Enquanto o povo doimia em Zurique, preparavam-se os Waldstettes para a conquista de seus direitos pela fôrça das armas. Os chefes, Intimamente unidos entre si por interesses e perigos comuns, encontraram uma ajuda poderosa na indignação do povo. Numa dieta dos Cinco Cantões, realizada em Brunnen, nas margens do lago de Lucerna, opostas a Grutli, foram lidas as alianças da confederação. E os deputados, tendo sido convocados para dar o seu voto sôbre se julgavam a guerra justa e lícita, levantaram, todos, as mãos, com tremor. De pronto, os Waldstettes haviam preparado o seu ataque com o mais profundo dos mistérios. Tôdas as passagens haviam sido guardadas.

Tôdas as comunicações entre Zurique e os Cinco Cantões haviam-se tornado impossíveis. Os amigos com os quais tinham contado nas bordas do lago de Lucerna e em Zug os homens de Zurique, amigos êsses que lhes tinham prometido informações secretas, ficaram como que prisioneiros em suas montanhas. A avalancha terrível estava prestes a resvalar dos gélidos cumes das montanhas, a rolar para os vales, para até mesmo, as portas de Zurique, tudo subvertendo em sua passagem, sem a mínima advertência antecipada de sua queda. Os mediadores haviam voltado, desanimados, aos seus cantões.

Um espírito de imprudência e de êrro — triste precursor da queda de repúblicas, bem como de reis — espalhara-se por tôda e cidade de Zurique. A princípio, o conselho havia dado ordens para convocar a milícia. Em seguida, iludido pelo silêncio dos Waldstettes, revogara imprudentemente o decreto. E Lavater, o comandante do exército, retirou-se, descontente, para Rybourg e, com indignação, atirou para longe de si aquela espada que lhe haviam ordenado tirar da bainha. Assim, os ventos achavam-se em vias de desencadear das montanhas. As águas das grandes profundezas, provocadas por um abalo sísmico terrível, estavam prestes a expandir-se. Eno entanto, o barco do Estado, tristemente abandonado, velejava esportivamente, subindo e descendo, com indiferença, por sôbre um pélago medonho — as vêrgas arriadas, as velas desprendidas e imóveis, sem bússola nem tripulação, sem pilôto, vigia nem leme.

Fôssem quais fôssem os esforços dos Waldstettes, êles não puderam abafar inteiramente o rumor de guerra, que, de chalé em chalé, chamava todos os seus cidadãos às armas. Deus permitiu um grito de alarma — um só, é verdade — reboar aos ouvidos do povo de Zurique. No dia 4 de outubro, um rapazinho, que não sabia o que estava fazendo, conseguiu cruzar a fronteira de Zug e apresentou-se, trazendo

dois pães, à porta do mosteiro protestante de Cappel, situado nos limites mais afastados do cantão de Zurique. Foi levado ao abade, a quem entregou os pães, sem dizer palavra.

O superior — com quem sucedia estar, por acaso, naquela ocasião, um conselheiro de Zurique, Henrique Peyer, enviado pelo govêrno — empalideceu à vista disso.

—Se os Cinco Cantões pretenderem entrar, pela fôrça das armas, nos bailiados livres — haviam dito êsses dois homens de Zurique a um de seus amigos de Zug —, enviai-nos vosso filho com um pão. Dar-lhe-eis, porém, dois, caso os Cinco Cantões estejam marchando imediatamente para os bailiados e para Zurique.

O abade e o conselheiro escreveram, a tôda pressa, para Zurique: "Ponde-vos em guarda! Pegai em armas!" — dis-seram êles. Mas não deram crédito a tal informação. O conselho, naquela hora, estava pcupado com o tomar medidas para impedir que os suprimentos que haviam chegado da Alsácia entrassem nos cantões. O próprio Zwinglio, que nunca deixara de anunciar a guerra, não acreditou nisso.

—Êsses pensionistas são, de fato, sujeitos espertos —comentou o reformador. — Seus preparativos podem ser, afinal de contas, nada senão uma manobra francesa (1) .

Enganou-se: tais preparativos eram uma realidade. Quatro dias estavam para levar a cabo a. ruína de Zurique. Repassemos, em ordem, a história daqueles momentos desastrosos.

No dia 8 de outubro, domingo, um -mensageiro surgiu em Zurique e exigiu, em nome dos Cinco Cantões, cartas de aliança perpétua (2). A maioria nada viu, em semelhante medida, senão uma artimanha. Zwinglio, contudo, começou a discernir a ameaça tremenda dentro da nuvem negra, que se aproximava. Achava-se êle no púlpito. Era a última vez que estava destinado a aparecer nêle. E, como se tivesse visto o espectro formidando de Roma a altear-se espantosamente acima dos Alpes, a exigir dêle, Zwinglio, e de sua gente o abandono da fé, bradou:

—Não! Não! Jamais negarei eu ao meu Redentor! No mesmo instante, uni mensageiro chegou, apressado, vindo da parte de Múlinen, comandante dos Cavaleiros da Ordem de Malta de São João, de Hitzkylch, e disse aos conselhos, de Zurique:

— No dia 6 de outubro, sexta-feira, o povo de Lucerna fincou a sua bandeira na Grande Praça (3). Dois homens por mim enviados a Lucerna foram atirados à prisão. Amanhã cedo, dia 9 de outubro, segunda-feira, os Cinco Cantões entrarão nos bailados. Já o povo do campo, amedrontado e fugitivo, está correndo para nós, em multidões.

Todavia, tornaram a chamar o comandante-em-chefe, Lavater, que expediu um homem de confiança, sobrinho de Jaime Winckler, com ordens de dirigir-se para Cappel e, se possível, até Zug, a fim de fazer um reconhecimento dos pre-parativos dos cantões.

Os Waldstettes, na verdade, estavam-se reunindo ao redor da bandeira de Lucerna. O povo daquele cantão, os homens de Schwytz, Uri, Zug e Unterwalden, refugiados de Zurique e de Berna, juntamente com uns poucos italianos, formavam o grosso do exército, o qual havia sido organizado para invadir os bailiados livres. Publicaram-se dois manifestos: um, endereçado aos cantões; o outro, aos príncipes e nações do estrangeiro.

Os-Cinco Cantões mostraram enèrgicamente os ataques feitos contra os tratados, a discórdia semeada por tôda a confederação e, por fim, a recusa em vender-lhes provisões —. recusa cujo único propósito era (segundo êles) instigar o povo contra os magistrados, bem como estabelecer a Reforma à fôrça. E acrescentaram:

— Não é verdade que — como bradam constantemente

— Nos opomos à pregação da verdade e à leitura da Bíblia.

Como membros obedientes da Igreja, desejamos receber tudo o que a nossa santa mãe recebe. Rejeitamos, contudo, os livros e as inovações de Zwinglio e de seus companheiros (5) .

Nem bem haviam partido os mensageiros incumbidos deS-sas manifestações, já a primeira divisão do exército se pôs em marcha e chegou, à noite, aos bailiados livres. Tendo os soldados entrado nas igrejas desertas e visto as imagens concluíram os conselhos (6). Welt antwurt zu geben. Bull., dos santos retiradas e os altares demolidos, acendeu-lhes isso a ira. Espalharam-se, como avalancha, por todo o campo. Pilharam tudo o que encontraram e mostraram-se sobretudo enraivecidos contra as casas dos pastores, onde destruiram os móveis, soltando blasfêmias e pragas. Ao mesmo tempo, a divisão que devia formar o grosso do exército marchava na direção de Zug, para, dali, ir contra Zurique.

Cappel, a três léguas de distância de Zurique, e cêrca de uma légua de distância de Zug, era o primeiro lugar que pretendiam atingir dentro do território de Zurique. Perto de Albis, entre duas colinas de altura semelhante, o Granges ao norte e o Ifelsberg ao sul, no meio de pastagens encantadoras, situava-se o convento antigo e rico dos cistercienses, em cuja igreja se achavam as tumbas de muitas famílias antigas e nobres daqueles distritos. O abade Wolfgang Joner, homem justo e piedoso, amigo das artes e das letras, bem como pregador notável, havia reformado o seu convento em 1527. Cheio de compaixão, rico de boas obras, principalmente para com os pobres do cantão de Zug e dos bailiados livres, gozava de grande respeito por todo

o país (6). Predisse êle qual seria o fim da guerra e, no entanto, tão logo o perigo se aproximou, nãopoupou esfôrço para servir ao seu país.

Foi no domingo, à noite, que o abade recebeu informações positivas sôbre os preparativos que se davam em Zug. Andou pela cela acima e abaixo, com passos apressados. O sono fugiu-lhe dos olhos. Aproximou-se da luz e, dirigindo-se ao seu amigo íntimo, Pedro Simrnler, que o sucedeu e que, então, residia em Kylchberg, uma aldeia às margens do lago e a cêrca de uma légua de distância da cidade, escreveu-lhe, apressadamente, estas palavras: "A grande ansiedade e aflição que me agitam me impedem ocupar-me da administração da casa e me levam a escrever-lhe sôbre tudo o que se está preparando. Chegou a hora. surge o flagelo de Deus (7). Após muitas jornadas e indagações, soubemos que os Cinco Cantões marcharão hoje (domingo), a fim de capturar Hitzkylch, enquanto o grosso do exército reune os seus estandartes em Saar, entre Zug e Cappel. Os do vale do Adige e os italianos chegarão hoje ou amanhã". Essa carta, por alguma circunstância imprevista, não Chegou a Zurique senão ao anoitecer.

Enquanto isso, o mensageiro que Lavater enviara — o sobrinho de J. Winckler —, andando de rastos, deslizando, despercebido, pelas sentinelas e subindo nos arbustos, que pendiam sôbre os precipícios, lograra avançar por onde nenhum caminho havia sido aberto. Ao chegar perto de Zug, descobrira, alarmado, o estandarte e a milícia a surgir, apressadamente, de todos os lados, ao rufar do tambor. Em seguida, atravessando de nôvo aquelas passagens desconhecidas, retornara a Zurique, com a informação (8) .

Era em hora avançada que a venda deveria cair dos olhos dos homens de Zurique; a ilusão, contudo, deveria perdurar até o fim. O conselho, que foi convocado, reuniu-se em pequeno número. Disseram:

—Os Cinco Cantões estão fazendo um pouco de ba-rulho para assustar-nos, a fim de fazer-nos levantar o blo-queio (9).

O conselho, todavia, decidiu enviar o coronel Rodolfo Dumysem e Ulrico Funck a Cappel, a fim de verificar o que estava sucedendo. E cada qual, tranqüilizado por esta medida insignificante, se retirou para descansar.

Os homens do conselho não repousaram por muito tempo. Cada hora trazia novos mensageiros de alarma a Zurique. Disseram êles:

—Os estandartes de quatro cantões estão reunidos em Zug. Então só esperando por Uri. As gentes dos bailiados livres estão rumando, em multidão, e exigindo armas. Socorro! Socorro!

Antes do romper do dia, o conselho achava-se reunido novamente e ordenou a convocação dos Duzentos. Um velho, cujos cabelos haviam encanecido no campo de

batalha e no conselho do Estado — o senhor João Schweitzer alteando a cabeça enfraquecida pela idade e lançando, por assim dizer, o último raio de luz dos olhos, exclamou:

—Agora, neste mesmo instante, em nome de Deus, envia uma guarda avançada a Cappel e deixai o exército, reunindo-se de pronto ao redor da bandeira. ,ui-la sem demora!

Nada mais disse. O encanto, porém, não se havia ainda quebrado.

—Os camponeses dos bailiados livres — comentaram alguns —, sabemos, são apressados e fàcilmente se arreba-tam. Tornam o caso maior do que êle realmente o é. O pla-no mais prudente é aguardar o relatório dos membros do conselho.

Em Zurique, já não havia arma para defesa nem cabe-ça para conselhos.

Eram sete horas da manhã, e a assembléia achava-se ainda em reunião, quando Rodolfo Gwerb, pastor de Rifferschwyl, próxima de Cappel, chegou, apressado, e informou:

—O povo da senhoria de Knonau está-se aglomerando em volta do convento e exigindo, em voz alta, chefes e auxílio. O inimigo está-se aproximando. "Quererão os nossos senhores de Zurique abandonar-se e abandonar-nos. com êles", disseram. "Desejam êles entregar-nos à matança?"

O pastor, que presenciara aquelas cenas tristes, falou animadamente. Os membros do conselho, cuja cegueira iria prolongar-se até o fim, mostraram-se ofendidos com tal mensagem.

—Querem fazer-nos agir imprudentemente — replicararam, voltando-se às suas poltronas.

Mal haviam parado de falar, quando surgiu una nôvo mensageiro, trazendo, no semblante, os indícios do grande terror: era Schwytzer, senhorio da "Faia", situada no monte Albis. Disse:

—Meus senhores, Dumysen e Funck, enviaram-me a vós, a tôda pressa, para comunicar ao conselho que os Cinco Cantões tomaram Hitzkylch e que estão, agora, reunindo as tropas em Baar. Meus senhores permanecem nos bailiados, a fim de ajudar os habitantes amedrontados.

Dessa feita, os mais confiantes empalideceram. O terror, há tanto tempo contido, atravessou, feito um raio, todos os corações (10). Achava-se Hitzkylch em poder do inimigo e a guerra havia começado.

Resolveu expedir, às pressas, para Cappel, uma fôrça volante de seiscentos homens, com seis peças de artilharia. O comando, porém, foi confiado a Jorge Gõdli,

cujo irmão se achava no exército dos Cinco Cantões, e Gõdli impôs-se o manter-se na defensiva. Ele e as suas tropas tinham acabado de deixar a cidade, quando o comandante geral, Lavater, chamando à sala do Pequeno Conselho o velho senhor Schweitzer, Guilherme Toning, capitão da arcabuzaria, J. Dennikon, capitão da artilharia, Zwinglio e alguns outros, falou-lhes:

—Deliberemos imediatamente sôbre os meios de salvar o cantão e a cidade. Que o toque de rebate chame, incontinente, todos os cidadãos.

Temia o comandante geral que os conselhos ficassem com medo de semelhante procedimento e ele queria levantar as fôrças gerais com o simples conselho dos chefes do exército e de Zwinglio.

—Não podemos tomar a nós tal encargo — conclui-ram. — Os dois conselhos estão ainda em sessão. Apresen-temo-lhes essa proposta.

Dirigiram-se, apressadamente, para o local da reunião, mas — má sorte fatal! — havia apenas uns poucos membros do Pequeno Conselho nos assentos. Disseram:

—E necessário o consentimento dos Duzentos.

Outra vez, uma nova demora, e o inimigo estava em marcha. Duas horas depois do meio-dia, o Grande Conselho reuniu-se novamente, porém apenas para pronunciar discursos longos e inúteis (11). Por fim, tomou-se a resolução, e, às sete horas da manhã, o rebate pôs-se a soar em todos os distritos da região. A traição, aliada àquela demora, e as pessoas que se fingiam de enviadas de Zurique, deteram o recrutamento geral em muitos lugares, como sendo contrário à opinião do conselho. Grande número de cidadãos foi dormir novamente.

Foi uma noite medonha. A escuridão densa, a tempestade violema, o sino de alarma a soar de cada campanário, o povo a correr às armas, o ruído das espadas e das peças de artilharia e o som das trombetas e dos tambores combinaram-se com o rugir do tumulto, da suspeita, do descontentamento e, até mesmo, com a traição, o que espalhou aflição por tõdas as partes. Os soluços das mulheres e das crianças, os gritos que se seguiram a muitos adeuses con-frangedores, um abalo sísmico, que ocorreu cêrca das nove horas da noite, como se a própria natureza tremesse ante o sangue prestes a ser derramado, e que sacudiu violentamente as montanhas e os vales (12) — tudo aumentava os terrores daquela noite fatal, uma noite que iria ser seguida por um dia mais fatal ainda.

Enquanto sucediam êsses acontecimentos, os homens de Zurique acamparam-se nos altos de Cappel, em número de cêrca de mil, e cravaram os olhos em Zug e por sôbre o lago, observando, atentamente, todos os movimentos. De súbito, pouco antes da noite, perceberam algumas barcas repletas de soldados, vindas do lado de Arth e sulcando o lago em direção de Zug. O número delas aumenta; a uma barca segue-se

outra. Logo os homens de Zurique ouvem distintamente o Urro (a buzina) de Uri (13) e distinguem o estandarte. As barcas aproximam-se de Zug. São atracadas à praia, que está coalhada de uma multidão imensa. Os guerreiros de Uri e a arcabuzaria do Adige surgem e saltam sôbre a praia. onde são recebidos com aclamações e, em seguida, instalam o quartel para a noite. Avistam os inimigos reunidás! A tôda pressa, informa-se o conselho.

A agitação ocorrida em Zurique foi maior ainda do que em Cappel: a confusão aumentou-se por causa da incerteza. O inimigo atacava-os de diversos lados, ao mesmo tempo. Não sabiam para onde levar o auxílio. Duas horas após a meia-noite, quinhentos homens, transportando quatro peças de artilharia, deixaram a cidde com destino a Bremgarten, etrezentos ou quatrocentos outros, com destino a Wadens-chwyl. Volviam para a direita e para a esquerda, enquanto oinimigo se achava na frente.

Alarmado com a sua própria fraqueza, resolveu o con-selho recorrer, sem demora, às cidades da co-burguesia cristã, escrevendo-lhes: Como essa revolta não tem outra origem senão a Palavra de Deus, rogamo-vos uma, duas, três vêzes, tão alta, tão séria, tão firme e tão ardentemente quanto o permitem e nos ordenam fazê-lo as nossas alianças antigas e a nossa co-burguesia cristã. Parti, sem demora, com tidas as vossas fôrças. Depressa! Depressa! Agi tão prontamente quanto possível (14) : o perigo é tanto vosso quanto nosso. Assim se exprimiu Zurique. Mas já era tarde demais.

Ao raiar do dia, a bandeira foi hasteada diante do edifício do conselho. Em vez de tremular altivamente, ao vento, ela pendia pelo mastro abaixo — triste presságio, que enchia de mêdo muita gente.

Lavater assumiu o pôsto sob o seu estandarte, porém longo período decorreu antes que uns cem soldados pudes-sem ser reunidos (15). Na praça e na cidade inteira, predo-minavam a desordem e a confusão. As tropas, fatigadas por uma marcha acelerada, ou por uma longa espera, achavam-se fracas e desanimadas.

Às dez horas, apenas setecentos homens estavam em armas. Os egoístas, os indiferentes, os amigos de Roma e dos pensionistas estrangeiros tinham ficado em casa.

Alguns velhos, que possuíam. mais coragem do que fôrça, inúmeros membros dos dois conselhos, que eram dedicados à causa santa da Palavra de Deus, muitos ministros da Igreja, que desejavam viver e morrer com a Reforma, os mais corajosos dos citadinos e certo número de camponeses. especialmente os das imediações da cidade — tais eram os defensores que, esperando aquela fôrça moral tão necessária à vitória, incompletamente armados e sem farda, se aglomeravam, em desordem, em redor da bandeira de Zurique.

O exército devia ter contado com, pelo menos, quatro mil homens. Esperavam ainda. O juramento de praxe não havia ainda sido prestado. E, ainda assim, correio após correio chegava, sem fôlego e desordenadamente, anunciando o perigo terrível que ameaçava Zurique. Tôda aquela multidão desordenada achava-se violentamente agitada — os homens não mais esperavam pelas ordens de seus chefes, e muitos, sem prestar o juramento, transpuseram impetuosamente as portas. Cêrca de duzentos homens partiram, assim, em confusão. Todos os que ficaram prepararam-se para partir.

Zwinglio foi, então, visto a sair de uma casa, diante da qual um cavalo ajaezado escarvava impacientemente o solo. Era o cavalo dêle próprio. O olhar do reformador mostrava- se firme, porém turvado de tristeza. Separou-se da espôsa, dos filhos e dos numerosos amigos, sem enganar a si mesmo e com o coração magoado (16). Viu êle a calha fina que, impelida por um vento terrível, avançou, rodopiando, em sua direção. Ai! Me próprio havia invocado aquêle furacão, por abandonar a atmosfera do Evangelho da paz, atirando-se no meio de paixões políticas. Estava convencido de que seria a sua primeira vítima. Quinze dias antes do ataque dos Waldstettes, Zwinglio dissera, do púlpito:

— Conheço o significado de tudo isso: sou a pessoa especialmente marcada. Tudo vem a suceder a fim de que eu morra (17).

O conselho, segundo costume antigo, convocara-o para acompanhar o exército como o seu capelão. Zwinglio não hesitou. Preparou-se sem surprésa e sem cólera — com a calma de um cristão que se coloca confiadamente nas mãos de Deus. Se a causa da Reforma estava condenada a perecer, êle estava pronto para perecer » com ela. Rodeado pela espôsa e amigos em pranto, pelos filhos que se lhe prendiam à roupa, a fim de detê-lo, Zwinglio deixou aquela casa, onde sentira tanta felicidade. No instante em que sua mão se achava sôbre o cavalo, justamente quando estava prestes a montar, o animal deu, violentamente, vários passos para trás e quandá, por fim, se achou na sela, o mesmo animal recusou-se, por algum tempo, a mover-se, empinando-se e corcoveando para trás, como aquêle corcel. que o maior dos capitães dos tempos modernos havia montado, quando se achava em vias de cruzar o Niêmen. Muitos, em Zurique, naquela ocasião, pensaram como o soldado do Grande Exército, ao ver Napoleão no chão:

Ê mau agoi.:·o!. Um romano voltaria atrás (18) !

Tecido, por, fim, dominado o cavalo, Zwinglio deu-lhe as rédeas, áplicou-lhe a espora, arrancou para a frente e desapareceu.

As onze horas, a bandeira foi arriada, e todos os que permaneceram na praça — cêrca de quinhentos homens —iniciaram, com ela, a sua marcha. A maioria foi, a custo, arrancada aos braços dás famílias e caminhava, agora, triste e silenciosá,

como se estivesse indo para o cadafalso, em vez de para a batalha. Não havia ordem nem plano. Os homens achavam-se isolados e espalhados, uns indo adiante da bandeira, uns atrás dela, sua confusão extrema apresentando uma aparência temerosa (19). Da mesma fornia, os que ficaram atrás — as mulheres, as crianças e os velhos —, cheios de pressentimentos sombrios, batiam no peito, ao ver os homens passar. E, muitos anos depois, a lembrança daquele dia de tumulto e tristeza arrancou a Osvaldo. Micônio este gemjdo:

— Tôda vez que aquele dia me vem à mente, é como se uma espadà me trespassasse o coração.

Zwinglio, armado segundo o costume dos capelães da confederação, cavalgava, tristemente, atrás daquela multidão tresloucada. Micônio, ao vê-lo, quase desmaiou (20). Zwinglio desapareceu, e Osvaldo ficou atrás, a chorar.

Não verteu Micônio lágrimas sõzinho. Por todos os cantos, ouviam-se lamentações, e tôdas as casas transformaram-se em casa de oração (21). No meio daquela tristeza geral, permaneceu silenciosa uma mulher. Seu único cheiro foi um coração amargurado; sua única linguagem, o olhar suave e suplicante da fé. Essa mulher era Ana, espôsa de Zwinglio. Ela vira o marido partir; e seu filho, seu irmão, grande número de amigos íntimos e parentes chegados, cuja morte próxima pressagiava. Sua alma, contudo, forte como a de seu marido, ofereceu a Deus o sacrifício das mais santas das suas afeições.

Pouco a pouco, os defensores de Zurique aceleraram a marcha, e o tumulto morreu à distância.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Dise ire Rustung mochte woll eine französische prattiksein. Bull. III, 86.

(2) Die ewige Bünd abgefordet. J. J. Hottinger, III, 557. Segundo Builinger, isso não ocorreu senão na segunda-feira.

(3) Ire paner in den Brunnen gesteckt. — É um relato infundado —

(4) Ein gepõeh und prõgerey und unt darauff setzend. Ibid.

(5) Als wir vertruwen Gott und der III, 101.Bull., III, 86.

(6) That armen liiten vil guts,und by aller Erbarkeit ia grossern ansãhen. Ibid., 151.

(7) Die Zyt ist hie, das die rüt gottes sich wil erzeigen. Ibid., 87.

(8) Naben den Wachten, durch unnwUg und gestrupp. Buil. In. 87-

(9) Sy machtend aIein ein geprõg. Ibid., 103.

(10) Dieser Bottschaft erschrack menklich übel. Buil., III, 104.

(11) Ward so vil und lang darias geradschlagt. Ibid.

(12) Ein startrer Erdbidem. der das Land, auch Berg und ThaI gwaltiglich ershüt. Tschuldi, Helvetia, ti, 186.

(13) Vil schiffen uff Zug faren, und hort man luyen den Uri Stier Bull, llI, 109.

(14) Ylentz, ylentz, ylentz, uffs aller schncllist. Ibid., 110.

(15) Sammlet sich doch das volck gmachsan. Bull., III, 112.

(16) Anna Rheinhard par. G. Meyer, de.Knonau, e Bull., III, 33.

(17) Ut ego tollar fiunt <muda. De vita et obitu Zwinglii, Micônio.

(18) Ségur, Hist. de Napoléon et de la Grande Armée, I, 142.

(19) Nullus ordo, nulla consilia, nullae mentes, tanta anirnorum dis-sonantia, tam horrenda faciesante et post signa sparsim curren-tium hominum. De vita et ob. Zwinglü.

(20) Quem ut vidi repentino dolore cordis vix consistebam. Ibid.

(21) Manebamus non certe sine jugibus suspiriis, non sine. precibus ad Deum. Ibid.

CAPITULO VII

A Cena Da Guerra — O Inimigo Em Zug — De-claração De Guerra — Conferencia —surge O Exército Dos Cantões Da Floresta — Disparada A Primeira Peça De Arti-lharia — Seriedade E Tristeza De Zwinglio — O Exército De Zurique Sobe O Albis — Parada E Conferencia Na Faia — Aceleram A Sua Marcha — O Reconhecimento De Jauch — O Seu Apelo — Emboscada..

Aquela noite, que foi tão tormentosa em Zurique, não fôra mais calma entre os habitantes de Cappel. Haviam êles recebido, um do outro, os mais alarmantes dos informes. Foi necessário adotar uma atitude que permitisse, às tropas reunidas ao redor do convento, resistir ao ataque do inimigo, até a chegada dos reforços, que eram aguardados na cidade. Lançaram os olhos sôbre uma pequena colina, que fica ao norte, voltada para Zurique, e que, atravessada por uma estrada, apresentava uma superfície irregular, porém suficientemente extensa. Uma vala profunda, que a circundava em três lados, defendia as aproximações. Mas uma pequena ponte, que saía do lado de Zurique, tornava muito perigosa uma retirada precipitada. A sudoeste, havia um bosque de faias; ao sul, na direção de Zug, achavam-se a estrada e um vale soldados.

— Conduzi-vos ao - Granges! — bradaram todos os soldados.

Foram conduzidos para lá. A artilharia postou-se pró-xima a umas ruínas. A linha de batalha foi traçada ao lado do mosteiro e de Zug, e sentinelas foram colocadas ao pé da encosta.

Entrementes, deu-se o sinal em Zug e em Baar. Os tambores rufaram. Os soldados dos Cinco Cantões pegaram em suas armas. Animava-os um sentimento geral de alegria. Abri-ram-se as igrejas, tocaram-se os sinos, e as fileiras compac-tas dos cantões entraram na catedral de Santo Osvaldo, onde a missa foi celebrada e a hóstia, oferecida pelos pecados do povo. O exército todo iniciou a sua marcha às nove horas, com as bandeiras agitando-se no ar. O "avoyer" João Golder comandava o contingente de Lucerna; o "landamman" Jaime Troguer, o de Uri; o "landamman" Rychmuth, inimigo mot -tal da Reforma, o de Schwytz; o "landamman" Zellger, o de Unterwalden; e Osvaldo Dooss, o de Zug. Oito mil soldados marchavam em ordem de batalha. Todos os homens dos Cinco Cantões, que foram apanhados, achavam-se ali. Bem dispostos e lestos após uma noite tranqüila, e tendo apenas uma curta légua a cruzar, antes de atingir o inflija°, aquêles Waldstettes altivos avançavam, com passo firme e regular, sob o comando dos seus chefes.

Ao chegar ao prado geral de Zug, detiveram-se para prestar o juramento: tôdas as mãos ergueram-se para o céu, e todos juraram vingar-se. Estavam prestes a reencetai= a mar-cha, quando uns Velhos lhes fizeram sinais para parar.

— Camaradas — disseram êstes —, temos ofendido a Deus por muito empo. Nossas blasfêmias, nossos juramentos, nossas guerras, nossa vingança, nosso orgulho, nossa bebedeira, nosos adultérios, o ouro do estrangeiro, ao qual nossas mãos têm estado estendidas, e tôdas as desordens a que nos ternos entregado têm provocado tanto a Sua ira que, se Êle nos punisse hoje, receberíamos tão-sbmente o castigo devido pelos nossos crimes.

A emoção dos chefes passara-se para as fileiras. O exército inteiro dobrou o joelho, no meio da planície. Predominou um silêncio profundo, e cada soldado, de cabeça curvada, fêz o sinal da cruz reverentemente e repetiu, em voz baixa, cinco padre-nossos, outras tantas ave-marias, bem como o credo. Poder-se-ia dizer que os soldados ficaram, ,por algum tempo, no meio de um deserto vasto e silencioso. Súbita-mente, ouviu-se de nôvo o ruído de uma multidão imensa. O exército levantou-se.

—Soldados!ponderaram os capitães. — Conheceis a causa desta guerra. Tende constantemente diante dos olhos as vossas espôsas e os vossos filhos!

Em seguida, o escudeiro-mor, ("grand sautier") de Lu-cerna, trazendo as côres do cantão, aproximou-se dos -chefes do exército: puseram-lhe nas mãos a declaração de guerra, datada daquele mesmo dia e selada com as armas de Zug. Ële, depois, partiu a cavalo, precedido de um trombeteiro, a fim de levar aquêle papel ao comandante dos homens de Zurique.

Eram onze horas da manhã. Os homens de Zurique logo descobriram o exército do inimigo e lançaram uma vista de olhos à pequena fôrça com que podiam resistir a êle. A cada minuto, o perigo aumentava. Dobraram, todos, os joelhos, e os seus olhos ergueram-se para o céu. Cada homem de Zurique lançou um apêlo do fundo da alma, rogando á salvação de Deus. Acabada a oração, prepararam-se para a batalha. Havia, naquela ocasião, um mil e duzentos homens em armas.

Ao meio-dia, a trombeta dos Cinco Cantões soou, não longe dos postos avançados. Gõdli, tendo reunido os mem-bros dos dois conselhos, que, por acaso, estavam com o exército, bem como os oficiais de patente e subalternos, e, tendo-os disposto em um círculo, ordenou ao secretário Rheinhard que lesse a declaração, da qual o "Sautier" de Lucerna era o portador. Após a leitura, Gõdli deu início a uma conferência de guerra.

—Somos poucos em número, e as fôrças dos nossos adversários são grandes ,— aventou Landolt, bailio de Mar-pac —, porém, em nome de Deus, aguardarei aqui o inimigo.

-Esperai! — bradou o capitão dos alabardeiros, Ro-dolfo Zigler. — É impossível! Aproveitemo-nos, antes, davala que corta a estrada para efetuar a retirada e levantemós, por tôda parte, uma barragem "en masse".

Esse era, na verdade, o único meio de segurança. Rudi Gallmann, contudo, considerando cada passo para trás um ato de covardia, gritou, batendo, com fôrça, o pé no chão e lançando um olhar furioso à sua volta:

—Aqui, aqui será o meu túmulo (1) !

—Agora é tarde demais para recuar com honra —acharam os outros oficiais.

—Este dia está nas mãos de Deus. Soframos seja o que fôr que Ele nos imponha — concluíram.

O assunto foi, então, levado à votação.

Os membros da conferência mal haviam erguido a mão, em sinal de assentimento, quando um grande barulho se fêz ouvir ao seu redor.

—O capitão! O capitão! — bradava um soldado dos postos avançados, que chegava às pressas.

—Silêncio! Silêncio! — exigiram os escudeiros, impelindo o para trás. — Estão realizando uma conferência!

—Já não é mais tempo de realizar conferência — replicou-lhes o soldado. — Conduzi-me imediatamente ao capitão.

E bradou, com voz agitada, quando chegou diante de Goldli:

—Nossas sentinelas estão recuando! O inimigo lá está. Avança através da floresta, com tôdas as suas fôrças e com grande alarido.

Não cessara de falar, já as sentinelas, que se estavam, na verdade, retirando por todos os lados, corriam. E logo se viu o exército dos Cinco Cantões a galgar a encosta do Helsberg, defronte do Granges, e a apontar as suas armas de fogo. Os chefes dos Waldstettes estavam examinando a posição e procurando descobrir por que meios o seu exército poderia atingir a posição ocupada por Zurique. Os homens de Zurique faziam a si próprios a mesma pergunta. A natureza do terreno impedia os Waldstettes de passarem pelo convento abaixo, mas êles podiam chegar por outro lugar. Ulrico Brüder, sub-bailio de Husen, do cantão de Zurique, fixou o olhar apreensivo no bosque de faias:

—Ê dali que o inimigo cairá sôbre nós!

—Machados! Machados! — gritaram, incontinenti, várias vozes. — Derrubemos as árvores (2) !

Gõdli, o abade e vários outros opuseram-se a isso.

—Se acabarmos com o bosque, deitando abaixo as ár-vores, nós próprios ficaremos impossibilitados de fazer fogo com as nossas armas, naquela direção — disseram.

—Bem, ponhamos, pelo menos, uns arcabuzeiros naquele local!

—Já somos um número tão pequeno — aduziu o capitão — que será imprudente dividir as tropas.

Nem a sabedoria nem a coragem devia salvar Zurique. Uma vez mais, invocaram o auxilio de Deus e ficaram na expectativa.

A uma hora, os Cinco Cantões dispararam a primeira peça de artilharia. A bala, passando por sôbre o convento, caiu abaixo do Granges. Uma segunda, passou por sôbre a linha de batalha. Umá terceira, bateu numa sebe próxima às ruínas. Os homens de Zurique, vendo que a batalha estava iniciada, responderam com coragem. Mas a lentidão-e a falta de jeito com que era servida .a artilharia naqueles dias impediram que uma grande perda fôsse infligida a ambos os lados. Quando o inimigo percebeu aquilo,foi ordenado à sua guarda avançada que descesse do Ifelsberg e atingisse o Granges, através do prado. E, logo, todo o exército dos cantões avançava naquela direção, porém com dificuldade e por sôbre maus caminhos. Alguns arcabuzeiros de Zurique chegaram e deram notícia da desordem dos cantões. Rudi Gallmann bradou:

—Bravos de Zurique! Se os atacarmos agora, ficará tudo acabado com êles.

Ao ouvir tais palavras, alguns dos soldados prepararam-se para entrar no bosque, à esquerda, e cair sôbre os Waldstettes descoroçoados. Gõdli, porém, percebendo aquêle movimento, gritou:

—Aonde ides? Não sabeis que concordamos em não nos separar?

Em seguida, ordenou que se mandassem voltar os es-caramuçadores, a fim de que o bosque permanecesse inteiramente franqueado ao inimigo. Satisfizeram-se com o disparo de uns poucos tiros a êsmo, de vez em quando, para impedir que os cantões se estabelecessem ali. O fogo di artilharia prosseguiu até as três horas e anunciou, por toda parte, o mesmo até Bremgarten e Zurique, que a batalha havia co-meçado.

Enquanto isso, a grande bandeira de Zurique e todos os que a rodeavam, entre os quais se achava Zwinglio, foram avançando, desordenadamente, em direção do Albis. Desde um ano atrás, a jovialidade do reformador havia desaparecido inteiramente: êle mostrava-se sério, melancólico, fàcilmente comovível, tendo sôbre o coração um péso que parecia esmagá-lo. Muitas vêzes, costumava êle atirar-se, chorindo, aos pés do Mestre e procurar, na oração, a fórça de que se achava necessitado. Pessoa alguma jamais havia observado nêle qualquer irritação. Ao contrário, êle tinha

recebido com brandura os conselhos dados e permanecera delicadamente afeiçoado a homens cujas convicções não eram as mesmas que as suas próprias. Zwinglio avançava, agora, tristemente, pelo caminho que conduzia a Cappel. E João Maaler, de Winterhour, que cavalgava a uns poucos passos do reformador, ouvia-lhe os gemidos e os suspiros, entremeados de orações fervorosas. Se alguém se dirigia a Zwinglio, achava-o firme e forte, na paz que provém da fé. Zwinglio, contudo, não escondia a convicção de que jamais veria outra vez a sua família ou a sua igreja.

Assim avançavam as tropas de Zurique. Uma marcha lastimosa. que parecia, antes, uma procissão fúnebre do que um exército indo à batalha!

A medida que se aproximavam, viam mensageiro após mensageiro a galopar pelo caminho que vinha de Cappel, rogando aos homens de Zurique que se apressassem, para a defesa dos seus irmãos (3) .

Em Adliswyl, tendo transposto a ponte sob a qual correm as águas impetuosas do Sihl, bem como cruzado a aldeia por entre mulheres, crianças e velhos, que, parados diante de seus chalés, olhavam, com tristeza, a tropa desordenada, puseram-se a subir do Albis. Achavam-se a cêrca de meio caminho de Cappel, quando se ouviu o primeiro tiro de canhão.

Param, escutam: seguem-se um segundo, um terceiro. Já não há dúvida. A glória e a própria existência da república estão postas em perigo, e êles não se acham presentes para defendê-la. O sangue gela-lhes nas veias. De súbito, despertam, e cada qual:começa a correr em auxílio de seus irmãos. Mas o caminho pelo Albis era muito mais íngreme do que hoje em dia. A artilharia mal arreada não conseguia subi-lo. Os homens idosos e os cidadãos, pouco habituados a marchar e vestidos de armadura pesada, avançavam com dificuldade; e, contudo, formavam o grosso do exército. Eram vistos a deter-se, um após outro, ofegantes e exaustos, ao longo das beiradas da estrada próxima dos bosques e das ravinas do Albis, a encostar-se a uma faia, ou a um freixo, bem como a olhar, com expressão desanimada, na direção do cume da montanha coberta de pinheiros espessos.

Reencetaram, contudo, a sua marcha.

Os cavaleiros e os soldados mais intrépidos da infantaria dirigiram-se, às pressas, para a frente e, tendo alcançado a "Faia", que se erguia no tôpo da montanha, fizeram alto, a fim de se consultarem.

Que panorama se lhes estendia, então, diante dos olhos! Zurique, o lago e suas margens risonhas — aquêles campos férteis, aquêles pomares, aquelas colinas cobertas de videiras, quase tudo do cantão. Ai! Logo, talvez, tudo aquilo seria devastado pelos bandos das florestas!

Mal haviam os homens de espírito nobre começado a meditar no que se deveria fazer, quando novos mensageiros de Cappel surgiram à sua frente, exclamando:

—Segui depressa para diante!

Ao ouvir tais palavras, muitos dos habitantes de Zuri-que prepararam-se para galopar na direção do inimigo (4). Toning, capitão .dos arcabuzeiros, deteve-os.

—Meus bons amigos — bradou-lhes —, contra fôrças tão grandes, que poderemos fazer sozinhos? Vamos esperar aqui, até a nossa gente ficar reunida, e, depois, caiamos sôbre o adversário, juntamente com todo o exército.

—Estaria bem se tivéssemos um exército — respon-deu-lhe, amargamente, o capitão-comandante, que, no deses-pêro de salvar a república, só pensava em morrer eom glória.

—Mas temos apenas bandeira; não temos soldados.

—Como podemos ficar com calma nestas alturas —acrescentou Zwinglioquando ouvimos os tiros que são disparados contra os nossos concidadãos? Em nome de Deus, marcharei ao encontro de meus irmãos guerreiros, disposto a morrer para salvá-los (5) .

—E eu também — ajuntou o idoso senhor Schweitzer.

—Quanto a vós — prosseguiu, voltando-se, com um olhar desdenhoso, para Toning —, esperai até ficar um tanto refeito.

—Estou tão reanimado quanto vós — respondeu-lhe Toning, o rubor cobrindo-lhe a face —, e, logo, vereis se não posso lutar.

E todos aceleraram os passos em direção ao campo de batalha.

A descida foi rápida. Adentraram-se na mata, atravessaram a povoação de Husen e, por fim, aproximaram-se do Granges. Eram três horas, quando a bandeira cruzou a ponte estreita que levava ao outro lado, e havia tão poucos soldados ao redor que cada qual tremeu, ao ver aquêle estandarte venerado exposto, assim, aos ataques de um inimigo tão temível. O exército dos cantões estava, no momento, desdobrando-se ante a vista dos recém-chegados. Zwinglio contemplava o terrível espetáculo. Vêde, pois, semelhantes falanges de soldados! Uns minutos mais, e os trabalhos de sete anos serão destruídos, talvez para sempre!.

Um cidadão de Zurique, certo Leonardo Bourkhard, que se achava predisposto contra o reformador, disse-lhe, em tom áspero:

—Bem, Mestre Ulrico, que dizeis a respeito desta situação? Os rabanetes estão bastante salgados?. Quem os comerá agora (6) ?

Replicou-lhe Zwinglio:

—Eu e muitos bravos que estão aqui, nas mãos de Deus, porquanto Dêle somos na vida e na morte.

—E eu também . Eu também ajudarei a comê-los —reatou, imediatamente Bourkhard, envergonhado da própria brutalida&. — Arriscarei a vida por êles.

Bourkhard o fêz, e, com êle, muitos outros — acrescenta a crônica.

Eram quatro horas. O sol descambava ràpidamente. Os Waldstettes não avançavam, e os cidadãos de Zurique começavam a pensar que o ataque seria adiado para o dia seguinte. De fato, os chefes dos Cinco Cantões vendo chegar a grande bandeira de Zurique, a noite bem perto e a impossibilidade de cruzar, sob o fogo dos homens da cidade reformada, o pântano e o fôsso, que separavam os combatentes, procuravam um lugar onde suas tropas pudes;em pernoitar. "Se, no momento, tivessem aparecido mediadores, suas propostas teriam sido aceitas" — diz Bullinger.

Os soldados, notando a hesitação dos seus comandantes, puseram-se a resmungar em voz alta.

—Os grandes abandonam-nos — reclamou um dêles.

—Os capitães têm mêdo de cortar o rabo da rapôsa — disse outro.

—Não os atacar — bradaram todos — é deitar a perder a nossa causa.

Durante êsse tempo, um homem ousado preparava a manobra engenhosa, que iria decidir a sorte do dia. Um guerreiro de Uri, João Jauch, outrora bailio de Sargans, bom atirador e soldado experiente, tendo levado consigo alguns homens, deslocou-se rumo à direita do exército dos Cinco Cartões, rastejou por entre o grupo de faias — que, formando um semicírculo para leste, une a colina de Ifelsberg à do Granges (7) —, encontrou o bosque vazio, chegou a poucos passos dos cidadãos de Zurique e, ali, oculto atrás das árvores, observou, despercebido, a pequenez de seu número e a sua falta de cautela. Em seguida, retirando-se furtivamente, Jauch foi ter com os chefes, no mesmo instante em que o descontentamento estava a ponto de desencadear-se.

—Agora é a ocasião de atacar o inimigo — declarou êle.

—Caro amigo — respondeu-lhe Troguer, capitão-em-comando de Uri —, não pretendeis dizer que devemos começar ás manobras em hora tão avançada. Alèm, disso, os homens estão preparando seus alojamentos, e tôda gente sabe o que custou aos nossos antepassados, em Nápoles e Marignan, o ter iniciado a investida pouco antes da noite. Depois, hoje é o Dia dos Inocentes, e nossos ancestrais nunca deram combate em dia santo (8) .

—Não penseis nos Inocentes do calendário — redargüiu-lhe Jauch. — Lembremo-nos, antes, dos inocentes que deixamos em nossos chalés.

Gaspard Gõdli, de Zurique, irmão do comandante do Granges, juntou seus rogos aos do guerreiro de Uri, dizendo:

—Temos de ou derrotar os habitantes de Zurique esta noite ou ser derrotados por êles amanhã. Fazei a vossa escolha.

Tudo foi em vão. Os chefes mostraram-se inflexíveis.

Eo exército preparou-se para tratar dos seus alojamentos.

Em vista disso, o guerreiro de Uri, entendendo, como o seu compatriota Tell, que grandes males requerem grandes remédios, sacou da espada e bradou:

—Que me sigam todos os verdadeiros confederados (9) !

Ato contínuo, saltando apressadamente para a sela, es-. poreou o cavalo e penetrou na floresta (10).

Incontinenti, arcabuzeiros, soldados do Adige e muitos outros guerreiros dos Cinco Cantões, sobretudo de Unterwalden — ao todo, cêrca de trezentos homens —, entraram, às pressas. na floresta, atrás dêle. A vista disso, Jauch não mais duvidava da vitó-ria dos Waldstettes. Apeou-se do cavalo e pôsse de joelhos, Uri, não desejando pôr ninguém em perigo senão a si própois — diz Tschudi — era homem temente a Deus". Todos os seus seguidores fizeram o mesmo, e, juntos, invocaram o auxilio de Deus, de Sua Santa Mãe e de tôda a hoste celestial. Em seguida, avançaram. Todavia, logo o guerreiro de prio, deteve a tropa e deslizou, de árvore em árvore, até a borda do bosque. Vendo que o inimigo se achava tão incauto quanto antes, reuniu os arcabuzeiros, levou-os, às ocultas, para a frente e postou-os, em silêncio, atrás das árvores da floresta, ordenando-lhes que fizessem pontaria de modo que não errasse o seu alvo. No decurso dêsse tempo, os chefes dos Cinco Cantões, prevendo que aquêle indivíduo precipitado estava prestes a provocar o combate, tomaram, a contragosto, uma decisão e concentraram os soldados ao redor das bandeiras.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Da, da mus min Kirchhof sin. Bull., III, 118.

(2) Ibid

(3) Ibid

(4) Uff rossen bãftig ylltend zum augriff. Ibid.

(5) Ich will rãcht, in den namen Gotts, zu den biderben luten und willig mitt und under inen sterben. Bull., III, 123.

(6) Sind die Rtiben gesaltzen? wer will sie ausessen. J. J. Hott., III, 383.

(7) Tal bosque já não liga as duas colinas. O pastor atual de Cappel disse-me que, quando estêve pela primeira vez naquele distrito. o bosque era muito mais extenso do que atualmente.

(8) Au einem solchen Tag Blut ze vergiessen. Tschudi, Hely., II, 189.

(9) Welche redlicher Eidgnossen wãrt sind, die louffind uns nach. Bull., III, 125.

(10) Sass ylends wiederum uff sin Ross. Tschudi, Helv., II, 191.

CAPITULO VIII

Mudança Imprevista — O Exercito Inteiro Avança — Desordem Geral — A Morte Do Barão — A Bandeira Em Perigo — A Bandeira Salva — Matança Terrivel —matança Dos Pastores — As Últimas Palavras De Zwinglio — Barbaridade Dos Vencedores — A Fornalha Da Provação Os Derradeiros Momentos De Zwinglio —o Dia Posterior À Batalha — Homena-gem E Ultraje.

Os homens de Zurique, receando que o inimigo se apoderasse do caminho que conduzia à capital, achavam-se, então, dirigindo parte de suas tropas e de seus canhões para uma colina pouco elevada, que dominava a dita artéria. No mesmo instante em que os arcabuzeiros invisíveis, postados entre as faias, faziam pontaria, o destacamento passava por perto do bosquezinho. O mais profundo dos silêncioS imperava naquele èrmo. Cada soldado armado de arcabuz, que ali se encontrava, escolhia o homem que desejava abater. E Jauch exclamou:

—Em nome da Santíssima Trindade — de Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo —, da Santa Mãe de Deus e de tôda a hoste celestial fogo!

ordem, as balas mortíferas partiram do bosque, e, à descarga terrível, seguiu-se uma carnificina bárbara entre as fileiras de Zurique. A batalha, que fazia quatro horas que começara, e que jamais parecera ser uma agressão séria, so-fria, agora, uma mudança imprevista. Enquanto não tivesse sido banhada em torrentes. de sangue, a espada não deveria voltar-se de nôvo à bainha. Os homens de Zurique que não haviam tombado ao ser dada a primeira descarga se estiraram no chão, para que as balas passassem por cima de suas cabeças. Logo, porém, levantaram-se, com um salto, dizendo:

—Deixaremos que nos trucidem? Não! Ao contrário, ataquemos o inimigo!

Lavater agarrou uma lança e, entrando precipitadamente na primeira fileira, bradou:

—Soldados! Defendei a glória de Deus e de nossos senhores! Portai-vos como bravos!

Zwinglio, calado e tranqüilo, como a natureza antes do desencadeamento da tempestade, achava-se também ali, de alabarda na mão.

—Mestre Ulrico — disse Bernardo Sprungli —, falai para encorajar os homens.

E Zwinglio falou:

—Guerreiros! Nada temais. Se hoje tivermos de ser derrotados, ainda assim a nossa causa não deixará de ser boa. Encomendai-vos a Deus!

Os combatentes de Zurique voltaram, ràpidamente, a artilharia que arrastavam para outro chegar e apontaram na contra o bosque. Suas balas, contudo, em vez de ferir o ini-migo, só atingiam o tôpo das árvores e arrancavam alguns ramos, que caíam sôbre os escaramuçadores (1) .

Rychmuth, "landamman" de Schwytz, surgiu, então, a galope, a fim de mandar voltar os voluntários. Vendo, porém, a batalha iniciada, ordenou-ao exército inteiro que avanças-se. Sem demora, as cinco bandeiras moveram-se para a frente.

Mas já os escaramuçadores de Jauch, saindo precipita-damente do meio das árvores, haviam caído, com ímpeto, sôbre os homens de Zurique, fazendo o ataque com as suas alabardas compridas e pontudas.

—Hereges! Sacrílegos! — bradaram. — Pegamo-vos, afinal!

—Vendedores de homens, idólatras, papistas ímpios! — retrucaram-lhes os soldados de Zurique. — Sois realmente vós?

A princípio, uma saraivada de pedras brotou de ambas as facções, e vários combatentes ficaram feridos. Em seguida, os dois inimigos entraram em contato. A resistência dos defensores de Zurique foi tremenda (2). Cada qual lutava com a espada ou com a alabarda. Por fim, os guerreiros dos Cinco Cantões foram rechaçados em desordem. Os homens de Zurique avançaram, então, mas, ao fazê-lo, perderam a vantagem da sua posição e ficaram embaraçados no pântano. Alguns historiadores católicos-romanos alegam que essa fuga de suas tropas foi um estratagema para apanhar os soldados de Zurique no laço (3) .

Entrementes, o exército dos Cinco Cantões marchava, às pressas, através do bosque. Ardendo de coragem e de cólera, seus homens aceleravam impacientemente o passo. Dá meio das faias, ressoava um barulho confuso e selvagem, um murmúrio medonho. O chão tremia. E a gente teria imaginado que a floresta soltava um rugido horrível ou, então, que as bruxas estavam realizando pândegas noturnas em seus esconderijos escuros (4). Em vão os mais bravos dos guerreiros de Zurique ofereceram uma resistência denodada: os Waldstettes tinham a vantagem em tôdas as partes.

— Estão-nos cercando! — gritavam uns.

—Nossos homens estão fugindo — diziam outros. Certo indivíduo de Zug, misturando-se com os soldados de Zurique e fingindo ser do seu partido, exclamou:

—Fugi! Fugi, bravos de Zurique! Fôstes traídos! Assim, tudo estava contra Zurique. Até a mão Daquele que dispõe das batalhas se voltou contra tal povo. Da mesma forma agiu ela também nos tempos de outrora, em que Deus castigou, com freqüência, o Seu próprio povo de Israel, por intermédio da espada assíria. Um

terror pânico apossou-se dos mais valentes e corajosos, e a desordem estendeu-se, por tôda parte, com rapidez medonha.

Entrementes, o velho Schweitzer erguera a grande bandeira, corri mão firme, e todos os homens escolhidos de Zurique haviam-se detido ao redor dela. Logo, porém, as suas fileiras ficaram reduzidas. João Kammli, incumbido da defesa do estandarte, tendo observado o pequeno número de combatentes que restou sôbre o campo de batalha, disse ao barão:

—Abaixemos a bandeira, meu senhor, e salvêmo-la, pois a nossa gente está fugindo de maneira vergonhosa.

—Guerreiros! Permanecei firmes! — foi a resposta do barão, a quem perigo algum jamais abalara.

A desordem aumentou. O número dos fugitivos crescia a cada instante. O homem idoso permanecia inflexível, espantado e imóvel, tal qual um velho carvalho batido por tremendo furacão. E o barão recebia, inabalável, os golpes que Ihe eram desfechados, resistindo, sàzinho, ao ataque tremendo. Kammli pegou-o pelo braço:

—Meu senhor — disse-lhe outra vez —, abaixai a bandeira. Já não há glória que se repita aqui!

O barão, que já se achava ferido de morte, exclamou:

—Ai!preciso que a cidade de Zurique seja assim punida!

Depois, arrastado por Kammli, que o segurava ainda pelo braço, retirou-se até o fôsso. O pêso dos anos e os ferimentos de que estava coberto não permitiram ao barão cruzar êsse último. E éle caiu no fundo do lamaçal, tendo ainda nas mãos a bandeira gloriosa, cujas dobras foram dar na outra borda.

O inimigo surgiu, correndo, dando gritos estridentes, atraído pelas côres da bandeira de Zurique, assim como o touro é atraído pelo galhardete do gladiador. Kammli, vendo isso, saltou, sem hesitar, para o fundo do fôsso e agarrou as mãos moribundas e rígidas do chefe, a fim de proteger a insígnia preciosa, que tais mãos seguravam com firmeza. Tudo, porém, foi inútil: as mãos do velho Schweitzer não haveriam, de soltar a bandeira.

— Barão, meu senhor — disse-lhe o servo fiel —, não está mais em vossas fôrças o defendê-la!

As mãos do barão, já endurecidas de morte, teimavam ainda. Ã vista disso, Kammli arrancou violentamente a bandeira sagrada, saltou para cima da outra borda e correu, precipitado, com o seu tesouro, para longe dos passos do inimigo. Os últimos homens de Zurique chegavam, nesse momento, ao fôsso. Caíram, um após outro, sôbre o barão, que expirava, e, assim, apressaram-lhe a morte.

Kammli, contudo, tendo recebido um ferimento por tiro de arma de fogo, teve o avanço retardado, e logo os Waldstettes o cercaram com as suas espadas. O soldado de Zurique, segurando a bandeira em uma das mãos e a espada na outra, defendeu-se com bravura. Um dos Waldstettes agarrou o mastro; outro, pegou a bandeira prôpriamente dita erasgou-a. Karnmli, com um golpe de espada, abateu o primeiro e, lutando contra os homens que o cercavam, bradou:

—Acudi, bravos de Zurique! Salvai a honra e a ban-deira de nossos senhores!

O número dos assaltantes crescia, e o guerreiro estava prestes a cair, quando Adão Naeff, de Wollenwyd, surgiu as pressas, de espada na mão; e a cabeça do Waldstette que rasgara a bandeira rolou pela planície, bem como o seu sangue jorrou sôbre o pendão de Zurique. Dumysen, membro do Conselho Menor, ajudou Naeff com a sua alabarda, e ambos deram golpes tão vigorosos que lograram livrar o porta-bandeira. Esse último, conquanto perigosamente ferido, saltou para diante, tendo, em uma das mãos, as dobras da bandeira, manchadas de sangue, as quais êle levava embora as pressas, arrastando atrás de si o mastro. Com expressão feroz e olhar belicoso êle passou, então, de espada empunhada, entre amigos e inimigos. Cruzou planícies, bosques e pântanos, deixando, por tôda parte, vestígios de seu sangue, que escorria de numerosos ferimentos. Dois de seus inimigos — um, de Schwytz; o outro, de Zug — mostraram-se sobremaneira pertinazes em sua perseguição.

—Herege! Vilão! — gritavam êles. — Rendei-vos e entregai-nos a bandeira.

—Tereis de matar-me primeiro — respondeu-lhes o soldado de Zurique.

Em seguida, os dois guerreiros hostis, que se viam atrapalhados por suas couraças, pararam um momento para tirá-las. Kammli aproveitou-se disso e ganhou a dianteira. Correu. Huber, Dumysen. e Dantzler, de Naenikon, achavam-se a seu lado. Todos os quatro chegaram, assim, perto de Husen, a meio caminho da subida do Albis. E êles tinham ainda de subir a parte mais íngreme da montanha. Huber tombou, coberto de ferimentos. Dumysen, coronel-general, que lutara como soldado raso, quase chegou a igreja de Husen e, ali, caiu ao chão, sem vida; e dois de seus filhos, na flor da mocidade, logo foram prostrados no campo de batalha que bebêra o sangue do pai. Kammli deu mais alguns passos, porém em breve se deteve, exausto e arquejante, próximo a uma sebe viva, que êle deveria saltar, e viu, repentinamente, seus dois inimigos e outros Waldstettes a correr, vindos de todos os lados, quais aves de rapina, em direção ao estandarte de Zurique; que tremulava. As fôrças de Kammli esvaiam-se ràpidamente. Sua vista ficou turva. Cercava-o densa escuridão. Mãos de ferro prendiam-no ao solo. Reunindo, então, tôdas as fôrças que lhe desfaleciam, o guerreiro atirou a bandeira pára o outro lado da sebe e bradou:

—Há algum bravo de Zurique por perto? Que defenda então, a bandeira e a honra de nossos senhores! Quanto a mim, nada mais posso fazer!

Em seguida, lançando um último olhar para o céu, acrescentou:

—Que Deus me ajude!

E tombou, esgotado por êsse esfôrço derradeiro. Dantzler, que foi quem surgiu, deitou fora e espada, pulou a sebe, agarrou a bandeira e gritou:

—Com o auxílio de Deus, eu a levarei comigo.

Galgou, depois, ràpidamente, o Albis e colocou o an-tigo pendão de Zurique em segurança. Deus, em quem tais guerreiros puseram tôdas as suas esperanças, ouvira-lhes as preces, porém o mais nobre dos sangues da república havia sido derramado.

O inimigo saiu completamente vitorioso. Os soldados dos Cinco Cantões,. e, sobretudo, os de Unterwalden, por muito tempo calejados nas guerras dos milaneses, mostra-ram-se mais impiedosos para com os seus confederados do que já o haviam sido para com os estrangeiros. No início da batalha, Gôdli pusera-se em fuga e, k go depois, deixava Zurique para sempre. Laval?, capitão et comando, após haver lutado com valentia, caíra dentro do fôsso. Foi arrastado para fora. por um soldado, .e escapou.

Os homens mais distintos de Zurique caíram, um após outro, sob os golpes dos Waldstettes (5). Rudi Gallman encontrou a sepultura gloriosa que desejara, e os seus dois irmãos, que lhe jaziam ao lado, deixaram desolada a casa do pai. Toning, capitão dos arcabuzeiros, morreu pela sua pátria, como predissera. Todos os que encheram de orgulho a população de Zurique— sete membros do Conselho Menor, dezenove membros dos Duzentos, sessenta e cinco cidadãos da cidade, quatrocentos e dezessete dos distritos rurais — os pais no meio dos filhos, os filhos rodeados de seus irmãos ficaram mortos no campo.

Gerold Meyer, de Knonau, filho de Ana Zwinglio, na época com vinte e dois anos de idade e sendo já membro do conselho dos Duzentos, espôso e pai, correra para as fileiras mais avançadas, com todo o ímpeto da mocidade.

—Entregai-vos e a vossa vida será poupada — aconselharam-no, gritando, alguns dos guerreiros dos Cinco Cantões, que desejavam salvá-lo.

—Para mim, é melhor morrer com honra do que me render vergonhosamente — respondeu-lhes o filho de Ana Zwínglio.

E, logo, atingido por um golpe mortal, caiu e expirou, não muito longe do castelo de seus ancestrais.

Foram os ministros os que pagaram, proporcionalmente, o maior tributo, naquele dia sangrento. A espada que se achava em ação nas alturas de Cappel tinha sêde de seu sangue: vinte e cinco dêles tombaram sob o seu golpe. Os Waldstettes tremiam de raiva tôda vez que descobriam um dêsses pregadores hereges e sacrificavath-no, com entusiasmo, como vítima preferida para a Virgem e os santos. Jamais houve, talvez, uma batalha em que tantos homens da Palavra de Deus tenham mordido o pó. Quase em tHa parte) s pastôres haviam marchado à frente dos seus rebanhos. Poder-se-ia dizer que Cappel foi uma congregação de igre- jas cristãs, de preferência a uma legião de companhias suíças.

O abade Joner, recebendo um ferimento fatal quando se encontrava perto do fôsso, morreu ao ver o próprio mosteiro. Os homens de Zug, na perseguição ao inimigo, soltaram um grito de angústia ao passar pelo corpo do abade, relembrando todo o bem que êste lhes havia feito (6). Schmidt, de Kussnacht, colocado, no campo de batalha. entre os seus paroquianos, sucumbiu, rodeado de quarenta de seus corpos (7). Geroldsek, João Haller e muitos outros pastôres, à testa de seus rebanhos, a quem haviam pregado.

A morte de um indivíduo, porém, ultrapassou em muito as demais. Zwinglio encontrava-se no pôsto de perigo, de elmo na cabeça, espada a pender de lado, acha na mão (8). Mal o combate tivera início, quando, parando para confortar um moribundo — diz J. J. Hottinger —, o reformador foi atingido, na cabeça, por uma pedra, arremessada pela mão vigorosa de um Waldstette, que o silenciou. Ainda assim, Zwinglio ergueu-se, quando, então, dois outros golpes, que lhe foram acertados, sucessivamente, na perna (9), o derrubaram de nôvo. Duas vêzes mais êle se põe em pé. Na quarta vez, contudo, recebe a estocada de uma lança, cambaleia e, desfalecendo sob o pêso de tantos ferimentos, cai de joelhos. A escuridão que se Lspalha à sua volta não anuncia uma escuridão ainda mais densa, que está prestes a envolver a Igreja? Zwinglio repele pensamentos tristes como êsse. Mais uma vez, ergue aquela cabeça que Mira tão corajosa e, fitando calmamente o sangue que escorre, exclama:

— Que importa esta desgraça? Podem matar o corpo, mas não podem matar a alma (10) !

Tais foram as suas últimas palavras.

Nem bem havia Zwinglio proferido a dita exclamação, caiu para trás. E, ali, debaixo de uma árvore (a Pereira de Micônio. Vit. Zwinglio), num prado, ficou êle, deitado de costas, de mãos juntas, dedoí entrelaçados e os olhos virados para o céu (11) .

Enquanto os homens mais valentes e corajosos perseguiam os soldados dispersos de Zurique, os extraviados dos Cinco Cantões precipitavam-se, à semelhança de

corvos, sôbre o campo de batalha. De tocha na mão, aquêles miseráveis vagueavam por entre os mortos, lançando olhares irritados à sua volta e iluminando as feições de suas vítimas moribundas com a luz frouxa e bruxoleante das tochas fúnebres. Curvavam-se sôbre os corpos dos feridos e dos mortos; torturavam-nos e saqueavam-nos (12). Se çncontravam alguns que se achavam ainda conscientes, vociferavam:

— Invocai os santos e confessai-vos com os nossos padres!

Se os soldados de Zurique, fiéis ao seu credo, rejeitavam o convite cruel, tais homens, que eram tão covardes quanto fanáticos, trespassavam-nos com as lanças, ou, então, faziam saltar-lhes os miolos com as coronhas dos arcabuzes. O historiador católico-romano, Salat, de Lucerna, faz alarde disso: "Foram deixados à morte como cães infiéis, ou, então, foram abatidos com a espada ou a lança, para que pudessem ir bem mais depressa para o diabo, com o auxilio de quem haviam lutado tão desesperadamente (13) ". Se alguns dos guerreiros dos Cinco Cantões reconheciam um homem de Zurique contra o qual tinham tido qualquer rancor, cora o olhar frio, bôca desdenhosa e feições alteradas pela cólera, aproximavam-se da infeliz criatura, que se estorcia nas vascas da morte, e motejavam:

— Ora! A vossa fé herege. vos salvou? Ah Ah Viu-se bem claro, hoje, quem tinha a verdadeira fé. Hoje, arrastamos o vosso Evangelho na lama e arrastamo-vos também, mesmo que estejais cobertos de vosso próprio sangue. Deus, a Virgem e os santos puniram-vos.

Nem bem proferiam semelhantes palavras e já cravavam as espadas no peito do seu inimigo. "A missa ou a morte" — era a sua divisa.

Assim triunfaram os Waldstettes. Os homens piedosos de Zurique, porém, que morreram no campo de batalha, lem-braram que tinham por Deus Aquêle que disse: Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija?" "Ainda que Ele me mate, Nêle esperarei". É na fornalha da provação que o Deus do Evangelho oculta o ouro puro de Suas bênçãos mais preciosas. Tal punição foi necessária para desviar a igreja de Zurique dos "caminhos largos" do mundo e levá-la de volta aos "caminhos estreitos do Espírito e da vida. Numa história política, uma derrota, como essa de Cappel, seria chamada grande desgraça; porém, numa história da Igreja de Jesus Cristo, semelhante revés, infligido pela mão do próprio Pai, deve, antes, chamar-se grande bênção.

Entrementes, Zwinglio encontrava-se estendido debaixo da árvore, perto do caminho por onde passava a maior parte das pessoas. Os brados dos vitoriosos, os gemidos dos agonizantes, as tochas tremeluzentes, levadas de corpo em corpo, Zurique humilhada, a causa da Reforma perdida — tudo lhe dizia, bem alto, que Deus pune os Seus servos, quando recorrem ao braço do homem. Se o reformador

alemão tivesse podido aproximar-se de Zwinglio, nesse momento solene, e pronunciar as palavras freqüentemente repetidas de "os cristãos não lutam com a espada e arcabuz, mas com sofrimentos e a cruz (14) ", o reformador suíço teria estendido a mão e dito:

—Amém!

Dois dos soldados que estavam rondando pelo campo de batalha, tendo-se acercado de Zwinglio, sem o reconhecer, perguntaram-lhe:

—Desejais um padre para confessar-vos?

Zwinglio, sem falar (pois não tinha fôrças), fêz sinais negativos.

—Se não podeis falar — aduziram os soldados pensai, pelo menos, em vosso coração, na Mãe de Deus e invocai os santós!

Zwinglio, mais uma vez, abanou a cabeça, negativamente, e manteve os olhos fixos no céu (15) ,

Diante disso, os soldados, irritados, puseram-se a amaldiçoá-lo.

—Sem dúvida — disseram-lhe —, sois um dos hereges da cidade!

Um dêles, curioso de saber quem era aquêle homem, abaixou-se e virou o rosto de Zwinglio na direção de uma fogueira que fôra acesa ali perto (16) .

O soldado logo deixou a cabeça cair ao chão.

—Creio .— disse êle, surprêso e boquiaberto — creio que é Zwinglio!

Naquele instante, aproximava-se o capitão Fockinger, de Unterwalden, veterano e pensionista. Êle ouvira as últimas palavras do soldado.

—Zwinglio! — exclamou. — Aquêle Zwinglio vil e herege! Aquêle patife! Aquêle traidor!

Em seguida, erguendo a espada, a qual fôra, por largo tempo, vendida ao estrangeiro, desferiu um golpe sôbre a garganta do cristão moribundo e bradou, tomado de fúria violenta:

—Morrei, herege obstinado!

Cedendo sob a fôrça dêsse último golpe, o reformador rendeu o espírito. "Preciosa é à vista do Senhor a morte dos Seus santos".

E os soldados correram em busca de outras vítimas.

Nem todos mostraram a mesma barbaridade. A noite estava fria. Uma geada espêssa cobria os campos e os corpos dos agonizantes. O historiador protestante,

Bullinger, informa-nos que alguns Waldstettes ergueram delicadamente os feridos em seus braços, enfaixaram-lhes os ferimentos e levaram-nos para perto das fogueiras acesas no campo de batalha. E lamentaram-se:

—Ah! Por que se massacraram assim os suíços?

O grosso de exército permanecera, no campo de batalha, próximo dos estandartes. Os soldados conversaram, depois, ao redor das fogueiras, sendo interrompidos, de-vez em quando, pelos gritos dos moribundos. Enquanto isso, os chefes, reunidos no convento, enviaram mensageiros para levar, aos cantões confederados e às tropas católicas-romanas da Alemanha, a notícia de sua vitória extraordinária.

Por fim, o dia raiou. Os Waldstettes espalharam-se pelo campo de batalha, correndo de um lugar para nitro, parando, meditando, tomados de surprêsa à vista do mais formidável dos seus inimigos estendido, sem vida, sôbre a planície; mas, às vêzes, derramando também lágrimas, ao contemplar cadáveres que lhes lembravam laços antigos e sagrados de amizade. Finalmente, chegaram a pereira sob a qual Zwinglio jazia morto, e uma multidão imensa ajuntou-se ao redor dela. A fisionomia do reformador irradiava ainda expressão e vida.

—Ele parece — sentenciou Bartolomeu Stocker, de Zug, que gostara muito de Zwinglioêle parece, antes. Vivo do que morto (17). Assim era êle, quando inflamava o povo com a sua eloqüência.

Todos os olhares estavam fixados no cadáver. João Schõnbrunner, outrora cônego de Zurique, que se havia retirado para Zug naépoca da Reforma, não pôde conter as lágrimas:

—Qualquer que tenha sido o vosso credo — disse — sei Zwinglio, que fôstes um confederado leal. Oxalá a vossa alma descanse com Deus!

Os pensionistas do estrangeiro, contudo, aos quais Zwinglio jamais deixara de fazer guerra, exigiram que o corpo do herege fôsse desmembrado e que uma parte fôsse envia-da a cada um dos Cinco Cantões.

—A paz esteja com os mortos, e só Deus seja o seu juiz! — exclamaram o "avoyer" Golder e o "landamman" Thoss, de Zug.

Brados furiosos responderam-lhes ao apêlo e forçaram-nos g retirar-se dali. Imediatamente, os tambores deram o toque de reunir. O defunto foi julgado. e decretou-se que .êle deveria ser esquartejado, por traição contra a confederação, e, a seguir, queimado; por heresia. O carrasco de Lucerna executou a sentença. As chamas consumiram os membros desconjuntados de Zwinglio. As cinzas dos porcos foram misturadas com as suas. E uma multidão desenfreada, investindo sôbre os seus restos mortais, atirou-os aos quatro ventos do céu (18) .

Zwinglio estava morto. Uma grande luz fôra apagada na Igreja de Deus. Poderoso pela Palavra, como o foram os demais reformadores, Zwinglio, em ação, fôra mais poderoso do que êles. asse mesmo poder, porém, fôra a sua fraqueza, êle havia caído sob o pêso de suas próprias fôrças. Zwinglio, quando morreu, não tinha quarenta e oito anos de idade. Se o poder de Deus acompanhasse sempre o poder do homem, que não teria êle feito pela Reforma, na Suíça e, mesmo, no império! Zwinglio, contudo. empunhara uma arma que Deus proibira. O elmo cobrira-lhe a cabeça, e êle pegara da alabarda. Os seus amigos mais dedicados ficaram, êles próprios, atônitos e exclamaram:

— Não sabemos o que dizer. Um bispo em armas (19) !

O raio sulcara a nuvem, o golpe atingira o reformador e o seu corpo já não passava de um punhado de pó na palma da mão de um soldado!

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Denn das die Aest auf sie fielent. Tschudi, pág. 182.

(2) Der angriff war hart und wãhrt der Wiederstand eia gute Wyl. Ibid., 192.

(3) Catholici autein, positis insidiis, retrocessert. nt, fugam sirnulantes. Cochloeus, Acta Luth., pág. 214.

(4) Der Boden erzittert; und nit anders war, denn ais ob der WaId lut bruelete. Tschudi, pág. 123.

(5) Optimi et docti viri, quos necesitas traxerat in comrnune periculum patriae et ecclesiae veritatisque defensandae, quarn et suo sanguine redemerunt. PeIL, VN. MS. pág. 6.

(6) Es klagtend inn insonders die Züger. Bull., III, 151.

(7) Uff der Walstett ward er funden, under und by sinen Kussnachern. Ibid., 147.

(8) Os capelães das tropas suíças portavam ainda uma espada. Zwinglio não féz uso de suas armas.

(9) Hatt auch in den Schenklen zween Stiche. Tschudi, Helv., II, 194.

(10) In genua prolapsum dixisse: Ecquid hoc infortunii? Age! cor-pus quidem occidere possunt, animam non possunt. Osv.

(11) Was er nach lebend, lag an dem Ruggen und hat seine beide hãnd zamen gethan, wie die betenden, sach mit synem angen obsich in hymel.

(12) Ein gross plünderem, ein ersuchen und usgiessen der todten und der wunden. Buli., III, 135.

(13) Damit sie desto eher zum Teufel, damit sie mit allen vieren fechtend, gefünhrt würdend. Salat.

(14) Christen sind nicht die für sich selbst mit dem Schwerdt oder Büchsen streiten, sondem mit dem Kreuz und Leyden. Luth. Ovo.

(15) Und sach uber sich in Hymel. Bull., III, 136.

(16) Beym Fuwr besach. Tschudi, Helv., II, 194.

(17) Ibid

(18) Tschudi, Helv., II, 195. Cadaver secatur, in ignem conjicitur, in Vit. Zw.

(19) Ego nihil certe apud me possum in armis. Zuickius Ecolampadio, rique MS.Zwinglii. iu quatuor partes cinerem resolvitur. Mic., de statuere, maxime de Episcopo 8 de novembro de 1531, Zu-

CAPITULO IX

Consternação Em Zurique — Violência Da Populaça — Pesar E Aflição — Zwinglio está Morto! — Oração Fúnebre — Exército De Zurique — Outro Revés No Goubel — Inatividade Dos Berneses — Esperanças E Plano De Carlos V — Fim Da Guerra — Tratado De Paz.

Trevas medonhas pairaram sôbre Zurique na noite que se seguiu ao dia aflitivo de Cappel. Eram sete horas da noite, quando chegaram as primeiras notícias da calamidade. Informes vagos, porém alarmantes, espalharam-se, a princípio, com a rapidez de relâmpago. Soube-se que um terrível revés fôra infligido, mas não se sabia de que espécie. Logo, contudo, alguns feridos, que chegaram do campo de batalha, esclareceram o horrendo mistério. Disse Bullinger, a quem deixaremos falar: "Então, ergueu-se, ali, sabitamente, um grito agudo e horrível de lamento, bem como surgiram lágrimas, choros e gemidos". A consternação foi bem maior, porque ninguém havia esperado tal catástrofe.

— Não chegam nem até a primeira refeição do dia — haviam dito alguns homens mundanos, orgulhosos.

—Com um só golpe, seremos senhores dos Cinco Chalés — haviam dito outros.

E um soldado acrescentara, com um sorriso escarninho:

—Cedo poremos em fuga aquelas cinco esterqueiras.

A parte cristã, convencida de que Zurique lutava por uma boa causa, não tinha dúvidas de que a vitória estaria do lado da verdade. Assim, à estupefação inicial de Zurique, seguiu-se uma violenta explosão de cólera. Com fúria cega, a turba pôs a culpa em todos os seus chefes e cumulou de insultos até mesmo os que haviam defendido o país ao preço de seu sangue. Uma multidão imensa, agitada, pálida edesnorteada encheu tôdas as ruas da cidade.

As pessoas encontravam-se, faziam perguntas entre si erespondiam uma à outra. Tornavam a fazer perguntas entre si e não conseguiam fazer-se ouvir, pois os berros do povo interrompiam ou abafavam a voz dos interlocutores. Os conselheiros que haviam permanecido em Zurique dirigiram-se, às pressas, para a casa do conselho. O povo, que já se tinha reunido ali, em grupos, lançava olhares ameaçadores. Acusações de traição irrompiam de tôda bôca, e a indignação geral achava-se voltada para os patrícios. O povo precisava de vítimas.

—Antes de ir lutar contra o inimigo nas fronteiras —disse a turba —, devemos defender-nos contra os que estão dentro de nossas muralhas.

Pesar e temor alvoroçavam a mente de todos. O ins-tinto selvagem da populaça. que, nas grandes calamidades, a leva, qual bêsta-fera, a ter sêde de sangue, achava-

se despertado com violência. Certo dedo, saído do meio do povo, aponta para a casa do conselho, e uma voz áspera eaguda brada:

—Decepemos a cabeça de alguns dos homens que têm assento naquelas salas! Que o seu sangue suba ao céu, a fim de implorar misericórdia, em defesa daqueles a quem mataram.

Tal fúria, porém, nada foi, comparada com a que se manifestou, de repente, contra os ministros, contra Zwinglio econtra todos aquêles cristãos que foram a causa (diziam) da ruína do país. Por felicidade, a espada dos Waldstettes afastara-os da cólera dos seus concidadãos. Todavia, restavam ainda alguns que podiam pagar pelos demais. Leo Ilida, a quem a morte de Zwinglio estava prestes a guindar à testa dos assuntos religiosos, mal se havia restabelecido de uma doença grave. Pois foi contra êle que o povo arremeteu. O populacho ameaçou-o, perseguiu-o. Alguns cidadãos virtuosos levaram-no dali e esconderam-no em suas casas. A ira dos loucos não se aplacou: continuaram êles a gritar que se devia fazer expiar a matança ocorrida em Cappel, por uma matança ainda mais medonha dentro das muralhas da cidade. Deus, contudo, pôs um freio na bôca das bêstas sanguinárias, enfurecidas e subjugou-as.

De súbito, a dor sucedeu à cóleta, e soluços sufocaram as manifestações orais dos mais furiosos. Todos aquêles cujos parentes haviam marchado para Cappel supunham que êstes estivessem entre o número das vítimas. Velhos, mulheres e crianças saíram de casa para a escuridão, à luz frouxa de archotes, com. os olhos macilentos e passos apressados. E, assim que chegava algum ferido, indagavam-lhe, com voz trêmula, acêrca das pessoas a quem procuravam. Alguns respondiam:

—Vio tombar bem ao meu lado.

—Éle estava cercado de tantos inimigos — diziam outros — que não teve possibilidade de escapar (1) .

Ao ouvir tais palavras, a família, enlouquecida, deixava cair os seus archotes e enchia o céu de gritos estridentes e gemidos.

Ana Zwinglio ouvira. de sua casa, as descargas repetidas da artilharia. Como espôsa e mãe, passara muitas longas horas de angústia, oferecendo a Deus orações fervorosas. Por fim, os mais terríveis dos relatos, um após outro, foram-lhe apresentados inopinadamente.

Entre as pessoas cujos gritos de desespêro repercutiam ao longo da estrada que dava para Cappel,. achava-se Osvaldo Micônio, que indagava com ansiedade, o que havia sido feito do seu amigo. Em breve êle ouviu um dos pobres coitados que tinham escapado do massacre a contar, aos que estavam ao seu redor, que Zwinglio tombara (2) !.

— Zwinglio já não existe! Zwinglio está morto! O grito repetiu-se. Correu por Zurique com a rapidez de relâmpago e, por fim, chegou até a viúva infeliz. Ana caiu de joelhos. A perda, porém, do marido não lhe bastou. Deus havia-lhe. infligido outros golpes. Mensageiros, que sucederam um ao outro, entre curtos intervalos, comunicaram-lhe a morte do filho, Gerold, de Knonau, do irmão, o bailio de Reinhard, do genro, Antônio Wirz, de João Lutschi, espôso de sua querida irmã, bem como dos seus amigos mais íntimos. Aquela mulher ficou sõzinha. Sózinha com as suas crianças, que, vendo-lhe as lágrimas, choraram também e atiraram-se aos braços da mãe.

De repente, soou o sino de alarma. O conselho, pôsto fora de si pelas opiniões mais contraditórias, resolvera, finalmente, convocar todos os cidadãos para o Albis. Mas o toque de rebate a repercutir atravéL da escuridão, os relatos lamentáveis dos feridos e os gemidos angustiosos das famílias enlutadas aumentaram mais ainda o tumulto. Uma tropa numerosa e desordenada de cidadãos ajuntou-se, às pressas, ao longo da estrada que conduzia a Cappel. No meio dela, achava-se Tomé Plater, do Valais. Ali, êle encontrou um homem que tinha apenas uma mão (3) ; acolá,. outros que sustentavam a cabeça ferida e sangrenta com ambas as mãos; mais além ainda, achava-se um soldado cujas entranhas pendiam para fóra do corpo. Plater quis voltar, mas não pôde, pois as sentinelas, colocadas na ponte que ficava sôbre o Sihl, deixavam que as pessoas saíssem de Zurique, porém a ninguéin permitiam reentrar na cidade.

No dia seguinte, a noticia do ignominioso tratamento dado ao cadáver de Zwinglio despertõu tôda a ira de Zurique. E os amigos do reformador, erguendo os olhos turvos de lágrimas, exclamaram:

Aquêles homens caem-lhe sôbre o corpo. Podem acender as suas piras e estigmatizar-lhe a vida inocente, mas. éle vive! Aquêle herói invencível vive na eternidade e deixa, atrás de si, um monumento imortal de glória, que chama alguma poderá destruir (4) ! Deus, para cuja glória êle trabalhou, mesmo ao preço do seu sangue, tornará eterna a sua memória!

— E eu — acrescenta Leo Juda —, eu, a quem êle cumulou de tantas bênçãos, esforçar-me-ei, como tantos outros, por defender-lhe o renome e exalçar-lhe as virtudes.

Assim, Zurique dedicou a Zwinglio uma oração fúnebre de lágrimas e suspiros, de gratidão e de angústia. Jamais houve oração fúnebre mais eloqüente!

Zurique reagrupava as suas tropas. João Steiner havia reunido, no Albis, algumas porções esparsas do exército, para a defesa da passagem. Essas porções achavam-se acampadas ao ar livre, ao redor das suas fogueiras, no tôpo da montanha, e tôdas estavam em desordem. Plater, entorpecido de frio (é êle próprio

quem nos faz a narrativa), tirara as botas, a fim de aquecer os pés à fogueira de guarda. De súbito, deu-se um alarma. A tropa entrou. às pressas, em formação e, enquanto Plater se preparava, um trombeteiro, que escapara da batalha, agarrou a sua alabarda. Plater tomoua de volta e postou-se nas fileiras. Diante dêle, encontrava-se o trombeteiro. sem chapéu nem sapatos, armado de uma vara comprida. Tal era. agora, o exército de Zurique.

Lavater, o capitão-em-chefe, voltou para junto do exército ao romper do dia. Aos poucos, surgiram os aliados. Um mil e quinhentos soldados dos Grisões, sob as ordens do capitão-general Frei, de Zurique, um mil e quinhentos guerreiros da Turgóvia, seiscentos de Tockenburgo e, além dêles, outras tropas auxiliares formaram, dentro em breve, um exército de doze mil homens. Todos, até mesmo meninos, correram às armas. E o conselho expediu ordens no sentido de que a meninada (5) fôsse enviada de volta, a fim de tomar parte nos deveres domésticos, juntamente com as mulheres.

Outro revés em breve aumentou a desolação do partido reformado. Enquanto as tropas de Berna, Zurique, Basiléia e Biena, que se elevavam a vinte e quatro mil homens, se reuniam em Bremgarten, os Cinco Cantões entrincheiravam-se em Baar, perto de Zug. Zwinglio, porém, fazia falta ao exército evangélico, pois êle teria sido o único homem capaz de incutir-lhe coragem. Tendo uma rajada de vento derrubado alguns abetos nas florestas onde se achavam os sol- dados de Zurique, êstes não deixaram de ver nisso o sinal de novas derrotas.

Não obstante, Frei exigiu a batalha, em voz alta. Mas o comandante Bernês, Diesbach, opôs-se a ela. Â vista disso o capitão de Zurique partiu na noite de 23 de outubro, à frente de quatro mil homens de Zurique,. Schauffhausen, Basiléia e São Gall. E, enquanto os berneses dormiam sossegados, o capitão repeliu os Waldstettes, afugentou-lhes as sentinelas avançadas para além do Sihl e postou-se nas elevações que dominavam o Goubel. Todavia, seus soldados, imprudentes, tendo a vitória por certa, agitaram, com orgulho, as bandeiras e, depois, deixaram-se cair num sono pesado. Os Waldstettes haviam observado todos êles. No dia 24 de outubro, às duas da madrugada, com um luar claro, os Waldstettes, em silêncio profundo, saíram do seu arraial, deixando as fogueiras acesas e trajando uma camisa branca por cima da roupa, a fim de que pudessem reconhecer um ao outro na obscuridade. Sua senha era: "Maria, mãe de Deus". Deslizaram furtivamente para dentro da floresta de pinheiros, perto da qual se achavam acampadas as tropas reformadas. Os que se encontravam na vanguarda dos homens de Zurique, tendo percebido o inimigo, correram às fogueiras, a fim de despertar os amigos. Mal, porém, haviam chegado à terceira fogueira, já os Waldstettes surgiram, dando um grito medonho (6) ,

— Eh! Eh! Eh! Eh! . Onde estão os hereges ímpios? Eh! Eh! Eh! Eh!

O exército das cidades ofereceu-lhes, a princípio, enérgica resistência, sendo que muitos dos camisas brancas tombaram, cobertos de sangue. Tal resistência, contudo, não durou muito tempo. Tendo os mais bravos. com o valente Frei à sua frente, mordido o pó, a debandada tornou-se geral. E oitocentos soldados ficaram no campo de batalha.

Em meio a semelhantes aflições, os berneses permaneceram obstinados e imóveis. Francisco Kolb, que, apesar da sua idade avançada, havia acompanhado o contingente bernês corno capelão, censurou, num sermão, a negligência e aco-vardia do seu destacamento.

— Vossos ancestrais — disse êle — teriam atravessado o Reno, a nado, e vós . fôstes detidos por essa corren-tezinha! Eles seguiam para a batalha a uma ordem, e vós. nem mesmo o Evangelho pôde mover. Para nós, só resta confiar a causa a Deus.

Muitas vozes levantaram-se contra o velho imprudente, porém outras tomaram-lhe a defesa. E o capitão Jaime May, tão indignado quanto o capelão por ver as demoras dos seus concidadãos, puxou da espada e, introduzindo-a por entre .as dobras da bandeira de Berna, espetou o urso que nela se achava representado, bradando, na presença de todo o exército:

— Seu velhaco! Não vai mostrar as garras (7) ?

Tôda a Reforma estava comprometida. Mal havia Fer-nando recebido a informação acêrca da morte do arqui-herege Zwinglio e da derrota infligida em Cappel, enviou, com uma exclamação de alegria, as boas notícias ao irmão, o imperador Çarlos V, dizendo que "aquela era a primeira das vitórias destinadas a restaurar a fé". Após o revés infligido no Goubel, Fernando tornou a escrever ao imperador, declarando que, se êste não estivesse tão próximo, êle próprio não hesitaria, por mais fraco que fôsse, em surgir depressa à frente, em pessoa, de espada na mão, a fim de levar a cabo aquela emprêsa tão virtuosa. E aconselhou ao imperador: "Lembrai-vos de que sois o primeiro príncipe da Cristandade e de que jamais tereis melhor ensejo de cobrir-vos de glória. Ajudai os cantões com as vossas tropas. As seitas alemãs serão extintas, quando -não forem mais amparadas pela Suíça herege (8) ". Respondeu-lhe Carlos: "Quanto mais reflito, mais me deleito com o vosso conselho. A dignidade imperial de que estou investido, a proteção que devo à Cristandadee à ordem pública — em suma, a segurança da casa da Áustria —, tudo me pede o auxílio!"

Já então cêrca de dois mil soldados italianos, enviados pelo papa e comandados pelo genovês De lIsóla, haviam desdobrado os seus sete estandartes, bem como se reunido, perto de Zug, ao exército dos Cinco Cantões. Tropas au-xiliares, negociações diplomáticas e, até mesmo, missionários para a conversão dos hereges não foram Poupados.- O bispo de Veroli chegou à Suíça, a fim de trazer os luteranos

de volta à fé romana, por intermédio dos seus amigos e do seu dinheiro (9). Os políticos de Roma aclamaram a vitória de Cappel como o sinal da restauração da autoridade do papa não só na Suíça, mas também em tôda a Cristandade (10). Finalmente; aquela Reforma presunçosa estava prestes a ser reprimida. Em vez da grande libertação com que Zwinglio sonhara, a águia imperial, sôlta pelo papado, achava-se em vias de precipitar-se sôbre tôda a Europa e de sufocá-la com as suas garras. A causa da liberdade extinguira-se no Albis.

Todavia, as esperanças dos papistas foram vãs. A causa do Evangelho, se bem que humilhada naquela ocasião, estava destinada, no fim de contas, a obter uma vitória gloriosa. Uma nuvem pode ocultar o sol por algum tempo, porém a nuvem passa e o sol reaparece. Jesus Cristo é sempre o mesmo, e as portas do inferno podem triunfar no campo de batalha, mas não podem prevalecer contra a Sua Igreja.

Não obstante, tudo parecia caminhar para uma grande catástrofe. Os homens de Tockenburgo fizeram as pazes e retiraram-se. Os da Turgóvia seguiram-lhes o exemplo, e, logo depois, o pessoal de Gaster. O exército evangélico viu-se,. assim, gradativamente disperso. O rigor da estação do ano juntou-se às dissidências. As tempestades constantes, de vento e de chuva, impeliram os soldados aos seus lares.

Depois disso, os Cinco Cantões, juntamente. com as tropas indisciplinadas do general italiano Isola, precipitaram-se para .a margem esquerda do lago de Zurique. Tangeu-se o sino de alarma em tôda parte. Os camponeses retiraram-se, aos bandos, para a cidade, acompanhados de suas espôsas em pranto, seus filhos amedrontados e seu gado, que enchia o céu de mugidos tristes. Correu também o boato de que o inimigo pretendia sitiar Zurique. Os homens do campo, alarmados, declararam que, se a cidade se recusasse a render-se, êles entabulariam negociações por sua própria conta e risco.

O partido da paz teve êxito junto ao conselho. Esco-lheram-se delegados para realizar negociações.

—Acima de tudo, preservai o Evangelho e, depois, a nossa honra, tanto quanto fôr possível.

Tais foram as suas instruções.

No dia 16 de novembro, os delegados de Zurique chegaram a um prado situado próximo à fronteira, nas margens do Sihl, onde os aguardavam os representantes dos Cinco Cantões. Passaram às deliberações. E o tratado teve por início: Em nome da mui louvável, santíssima e divina Trindade: Em primeiro lugar, nós, cidadãos de Zurique, comprometemo-nos e concordamos com o deixar os nossos leais ebenquistos confederados dos Cinco Cantões, os seus ben-quistos co-burgueses do Vaiais, bem como os seus adeptos, leigos e eclesiásticos. em sua verdadeira e indubitável fé cristã (11), renunciando a tôdas as más intenções, astúcias e estratagemas. E, por

outro lado, nós, os dos Cinco Cantões, concordamos com o deixar os nossos confederados de Zurique e os seus aliados de posse de sua fé (12) ". Ao mesmo tempo, Rapperchwyl, Gaster, Wesen, Bremgarten, Mellingen e os bailiados comuns foram cedidos aos Cinco Cantões.

Zurique preservara a sua fé, e isso era tudo. Após a leitura e a aprovação do tratado, os plenipotenciários apearam-se dos cavalos, puseram-se de joelhos e invocaram o nome de Deus (13). Em seguida, o nôvo capitão-general do exército de Zurique, Escher, velho açodado e eloqüente, erguendo-se, disse, enquanto se voltáva para os Waldstettes:

—Louvado seja Deus, porquanto posso, novamente, chamar-vos de meus benquistos confederados!

E, aproximando-se dêles, apertou a mão, sucessivamente, de Golder, Hug, Troguer, Rychmuth, Marquart, Zellger eThoss, os formidáveis vencedores de Cappel. Todos os olhos encheram-se de lágrimas (14). Com mão trêmula, cada qual pegou a garrafa suspensa ao seu lado e ofereceu um gole a um dos chefes do partido oposto.

Pouco depois, um tratado semelhante foi firmado com Berna.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Dermassenumbgãben mit Fygenden, dass kein Hoffnung der rettung uberig. Bull., III, 163.

(2) Ut igitur mane videram exeuntem, ita sub noctem audio nuntium, pugnatum quidem acriter, tamen infelicitar, et Zwinglium nobis periisse.Mic., Vit. Zw.

(3) Ettlich. kamen, hatten nur eine hand. Lebensbeschreibüng Plateri, p. 297

(4) Vivit adhunc, et aeternum vivit fortissimus heros. Leoni; Judae exhort. ad Chr. Sect. Enchiridio Psalm. Zwinglii praeriliss

(5) Jungen fascis, young brood. Bull. Chr., III, 176.

(6) Mit einem grossen grusamen geschrey. Bull., III, 201.

(7) Bêtz, Bëtz, willt dan nicht kretzen! Ibid., 215.

(8) Que se perdo deslar i camino para remediar las quiebras de nuestra fé y ser Va. Md. Senor de Allemana. Fernando a Carlos V, 11 de. novembro de 1531.

(9) Con proposita di rimover Lutherani dalla luro mala opinione, con mezzo di alcuni suoi amici e coa denari.

(10) Relatório de Basadonna, Arcebispo de Veneza. 10) Rauke, Deutsche Geschichte, III, 867.

(11) By ihren wahren ungezwyfflten christenlichen glauben. Tschudi, pág. 247.

(12) By ihren Glauben. Ibid.

(13) Knuwet mencklich wider und büttet. Bull., III, 253.

(14) Ibid

CAPITULO X

Restauração do Papismo em Bremgarten e Rapperschwyl —Ppadres e monges por tôda parte — pesar de Oecolampadius — Uma cena tranqüila — A morte serena de Oecolampadius — Henrique Bullinger em Zurique —Contrição e exultação — a grande lição — Conclusão.

A restauração do papismo teve início imediato na Suíça, e Roma mostrou-se, por tôda parte, arrogante, exigente e ambiciosa.

Após a batalha de Cappel, a minoria papista de Glaris reassumira a superioridade. Essa minoria marchou, com Schwytz, contra Wesen e o distrito do Gaster. Na véspera da invasão, à meia-noite, doze delegados chegaram e atiraram-se aos pés dos chefes dos cidadãos de Schwytz, que se contentaram em confiscar as bandeiras nacionais das duas regiões, juntamente com a supressão de seus tribunais, a anulaçã,) de suas liberdades antigas, bem como a condenação de alguns ao exílio e de outros ao pagamento de pesada multa Logo depois, a missa, as i:.?!:ens e os altares foram estabelecidás de nôvo, em tôda parte, e subsistem até o dia de hoje (1). Tal foi o perdão de Schwytz!

Foi sobretudo contra Bremgarten, Mellingen e os bailiados livres que os cantões se propuseram a fazer sofrer uma vingança terrível. Tendo Berna convocado de nôvo o seu exército, Mutschli, "avoyer" de Bremgarten, seguiu Diesbach até Arau: Em vão o primeiro lembrou aos berneses de que foi tão-sõmente segundo as ordens de Berna e de Zurique que Bremgarten bloqueara os Cinco Cantões.

—Curvai-vos às circunstâncias — replicou-lhe o general.

À vista disso, o infeliz Mutschli, apartando-se dos berneses impiedosos, exclamou:

—Bem que o profeta Jeremias disse: "Maldito o homem que confia no homem"!

As tropas suíças e italianas entraram impetuosamente nessas regiões prósperas, brandindo as suas armas, impondo pesadas multas a todos os seus habitantes, obrigando os ministros do Evangelho a fugir e restaurando, por tôda parte, à ponta da espada, a missa, os ídolos e os altares.

Do outro, lado do lago, a desgraça foi maior ainda. No dia 18 de novembro, enquanto os reformados de Rapperschwyl dormiam tranqüilamente, confiadoi nos tratados, um exército, vindo de Schwytz, transpôs, em silêncio, á ponte de madeira, de quase seiscentos e dez metros de comprimento, que cruza o lago, e foi recebido na cidade pela facção papista.

Desúbito, os reformados despertaram com o repique barulhento dos sinos e com as vozes tumultuosas dos católicos. A maior parte dos habitantes abandonou precipitadamente a cidade. Um dêles, porém, de nome Miguel Wohlgemuth,

levantou barricadas em sua casa, colocou arcabuzes em tôdas as janelas e resistiu ao ataque. O inimigo. exasperado, trouxe umas peças de artilharia, cercou a cidadela improvisada, de maneira normal, e Wohlgemuth logo foi aprisionado e executado em meio a torturas horríveis.

Em parte alguma a luta fôra mais violenta do que em Loleure. Os dois partidos dispuseram-se em ordem de batalha em cada lado do Aar, e os papistas já tinham disparado uma bala contra a margem oposta, bem como outra estava prestes a seguir, quando o "avoyer" Wenge, atirando-se sôbre a bôca do canhão, bradou resolutamente:

— Concidadãos, que não haja derramamentó de sangue! Do contrário, seja eu a vossa primeira vítima!

A multidão, atônita, deixou cair as armas. Setenta famílias evangélicas, contudo, viram-se obrigadas. a emigrar. E Soleure voltou para debaixo do jugo papal.

As celas desertas de São Gall, Muri, Einsidlen, Wettingen, Rheinau, Santa Catarina, Hermetschwyl e Guadenthall presenciaram o retôrno triunfante dos beneditinos, francisca-nos, dominicanos e de tôda a milícia católica. Padres e monges, embriagados com a sua vitória, infestaram as cidades e. os campos, bem como se prepararam para novas con-. quis tas.

O vento da adversidade soprava com fúria. As igrejas evangélicas caíam uma após outra, como os pinheiros florestais, cuja queda, antes da batalha do Goubel, suscitara pressentimentos tão sombrios. Os Cinco Cantões, cheios de gratidão para com a Virgem, fizeram uma peregrinação solene ao templo desta, situado em Einsidlen. Os capelães celebraram novamente os seus mistérios naquele santuário desolado; O abade, que não contava com monges, enviou certo número de jovens à Suábia, a fim de serem instruídos nas regras da ordem. E a famosa capela, que a voz de Zwinglio convertera num santuário destinado à Palavra de Deus, tornou-se, para a Suíça. no que ela tem pérmanecido até o dia de hoje: no centro do poder e das intrigas do: papado.

Isso, porém, não bastava. Na mesma ocasião em que tais igrejas florescentes .iam ao chão, a Reforma presenciava a extinção de suas luzes mais brilhantes. O arremêsso de lima pedra matara o ativo Zwinglio no campo de, batalha, e a repercussão disto atingiu, em Basiléia, o pacifico Oecolampadius, no meio de uma existência inteiramente evangélica. A morte do seu amigo, .os julgamentos severos com que lhe perseguiam a memória, o terror que, de repente, tomara o lugar das esperanças que êle havia nutrido quanto ao futuro — todos êstes pesares dilaceraram o coração de Oecolampadius. E logo a sua mente.e a sua vida inclinaram-se, com tristeza. para a sepultura.

—Ai de mim! — bradou êle.Zwinglio, a quem, durante tanto tempo, considerei corno o meu braço direito, tombou sob os golpes de inimigos cruéis (2) !

Oecolampadius recobrou, contudo, fôrças suficientes para defender a memória do seu irmão. Disse:

—Não foi sôbre a cabeça dos mais culpados que caíram a ira de Pilatos e a tôrre de Siloé. O julgamento teve início na Casa de Deus. A nossa presunção foi punida. Que a nossa confiança seja, agora, posta só no Senhor, e isto será um ganho inestimável.

Oecolampadius recusou o convite que Zurique lhe fêz para ocupar o pôsto de Zwinglio.

—Meu lugar é aqui — sentenciou êle. Contemplando, enquanto isso, Basiléia.

O reformador não estava fadado a ficar ali por muito tempo. Além de tantas aflições. atacou-o a doença. A peste achava-se na cidade. Acometeu-o unia inflamação violenta(3). E, em breve, uma cena tranqüila sucedeu ao tumulto de Cappel. Uma morte serena acalmou o coração dos fiéis, bem como substituiu o terror e o sofrimento, de que os havia enchido a desgraça horrenda, por emoções suaves e piedosas.

Ao ouvir falar do perigo de Oecolampadius, a cidade in-teira viu-se mergulhada em pranto. Uma multidão de homens de tôdas as idades e de tôdas as camadas sociais afluiu à sua casa.

—Regozijai-vos — disse-lhes, com um olhar manso, o reformador. — Vou pára um lugar de gôzo eterno.

E êle, depois, comemorou a morte de Nosso Senhor, juntamente com a espôsa, os parentes e os criados, que ver-teram torrentes de lágrimas. Falou o moribundo:

-= Esta Santa Ceia é o sinal de minha fé verdadeira em Jesus Cristo. meu Redentor.

No dia seguinte, Oecolampadius mandou chamar os colegas.

Meus irmãos — declarou-lhes —, o Senhor está ali e chama-me para lá. Oh! Meus irmãos, que nuvem negra aparece no horizonte! Que tempestade se aproxima! Sêde firmes: o Senhor preservará os Seus.

Em seguida, êle estendeu a mão, e todos aquêles mi-nistros fiéis apertaram-na com reverência.

No dia 23 de novembro, Oecolampadius chamou os filhos à sua volta, o mais velho dos quais mal tinha acabado de completar três anos.

—Eusébio, Irene e Aletéia — disse-lhes, enquanto lhes segurava as mãozinhas —, amai a Deus, que é o vosso Pai.

Tendo a mãe feito a promessa pelas crianças, estas retiraram-se com a bênção do servo agonizante de Deus.

A noite que se seguiu a tal cena foi a última do re-formador. Todos os pastôres achavam-se ao redor do seu leito.

—Que há de nôvo? — perguntou Oecolampadius a um amigo que chegara.

—Nada.

—Bem — aduziu o discípulo fiel de Jesus —, vou contar-vos algo de nôvo

Os amigos esperaram, pasmados.

—Dentro em pouco, estarei com o Senhor Jesus!

Perguntando-lhe, então, um dos amigos se a luz o in-comodava, o reformador respondeu, pondo a mão no co-ração:

—Há bastante luz aqui!

O dia começava a raiar. Oecolampadius repetiu, com voz fraca, o Salmo 51:

—"Tem misericórdia de mim, 6 Deus, segundo a tua benignidade"!

Em seguida, permanecendo quieto, como se desejasse recobrar as fôrças, implorou:

—Senhor Jesus, ajuda-me!

Os dez pastôres caíram de joelhos em tôrno do leito de Oecolampadius, com as mãos erguidas. Nesse instante, o sol nasceu e dardejou os seus primeiros raios sôbre aquela cena de tristeza tão grande e tão aflitiva, que atingia novamente a Igreja de Deus (4) .

A morte de tal servo do Senhor foi como a sua vida: cheia de Iuz e de paz. Oecolampadius foi, de modo especial, o espiritualista cristão e o teólogo bíblico. A importância que êle dava ao estudo dos livros do Velho Testamento deixou, na teologia reformada, a marca de um dos seus característicos mais essenciais (5). Considerado como homem de ação, seu comedimento e sua brandura colocaram-no em segunda plana. Tivesse êle podido exercer maior influência dêsse espírito pacífico em Zwinglio, grandes desgraças poderiam, talvez, ser evitadas. Mas, da mesma fortim que todos os homens com disposição para a mansuetude, sua índole pacífica cedeu demais à vontade enérgica do ministro de Zurique. Oecolampadius

renunciou, pelo menos em parte, à verdadeira influência que êle poderia ter exercido sôbre o reformador da Suíça e da Igreja.

Zwinglio e Oecolampadius tinham tombado. Havia Uma grande lacuna e uma grande dor na Igreja de Cristo. As dissenções desapareceram ante os dois túmulos, e nada se podia ver senão lágrimas. O próprio Lutero ficou comovido. Ao receber a notícia das duas mortes, êle recordou-se dos dias que passara com Zwinglio e Oecolampadius, em Mar-burgo. E tal foi o golpe que lhe infligiu o falecimento súbito de ambos que, muitos anos depois, Lutero confessou a Bullinger:

—A morte dêles encheu-me de tristeza tão profunda que eu próprio quase morri (6) .

O jovem Henrique Bullinger, ameaçado de cadafalso, fôra compelido a fugir de Bremgarten, sua cidade natal, juntamente com o pai idoso, os colegas e sessenta dos principais habitantes, que abandonaram suas casas à pilhagem dos Waldstetes (7). Três dias depois disso, Bullinger pregava na catedral de Zurique.

—Não! Zwinglio não morreu! — exclamou Micônio. — Isto é, como a fênix. êle renasceu das próprias cinzas.

Bullinger foi escolhido unanimemente para suceder ao grande reformador. Éle adotou os filhos órfãos de. Zwinglio — Guilherme, Régula e Vinco — e esforçou-se por suprir-lhes o .lugar do pai. Esse môço, que nem bem havia chegado à casa dos vinte e oito e que dirigiu, durante quarenta anos, com sabedoria e bênção, aquela igreja, foi, por tôda parte, aclamado como sendo o apóstolo da Suíça (8) .

Contudo, assim como o mar brame por muito tempo depois de amainada a tempestade violenta, também a população de Zurique, se achava ainda agitada. Muitas pessoas mostraram-se inquietas por causa do céu. Caíram em si. Reconheceram o seu êrro. As armas da sua campanha haviam sido carnais. Encontravam-se, agora, de espírito humilde e contrito. Ergueram-se, dirigiram-se ao Pai e confessaram-Lhe o seu pecado. Houve, pois, naqueles dias, grande lamentação em Zurique.

Algumas criaturas, no entanto, levantaram-se com digni-dade, protestaram, pela bôca de seus ministros, contra o tra-balho dos diplomatas e censuraram corajosamente o pacto vergonhoso.

— Se os guardadores de ovelhas dormem, os cães devem latir! — bradou Leo Juda, pregando na catedral de Zurique. — Constitui meu dever advertir do mal que tais homens estão prestes a fazer à Casa do meu Mestre (9) !

Nada podia igualar-se à mágoa de Zurique, excesso a exultação dos Waldstettes. O barulho dos tambores e dos pífaros, do disparo dos canhões e do tanger dos sinos

re-percutira, por muito tempo, nas margens dos seus lagos, bem como até nos seus vales mais eleyados. Já agora havia menos barulho, porém o efeito era maior.

Os Cinco Cantões. de aliança íntima com Friburgo e Soleure, formaram uma liga perpétua, para a defesa da antiga fé cristã, com obispo de Sião e as divisões rurais dos Valais. E daquela ocasião em diante, levaram a cabo as suas medidas, nos negócios federais, com coragem. Profunda convicção produziu-se, porém, em tal época, no coração dos reformados suíços.

— A fé vem de Deus — disseram. — O triunfo da fé não depende, pois, da vida nem da morte de um homem, Deixemos os nossos adversários vangloriar-se da nossa ruína, nós nos gloriaremos ~ente na Cruz (10) !

Escreveu Berna a Zurique: "Deus reina e não permitirá que o barco se aftinde". Semelhante convicção foi de maior proveito do que a vitória de Cappel.

Assim, a Reforma, que se desviara do caminho certo, voltou, pela própria violência do ataque, ao seu rumo pri-mitivo, não tendo outra fôrça senão a Palavra de Deus. Uma paixão inconcebível apossara-se dos amigos da Bíblia. Tinham-se êles esquecido de que a nossa guerra não é carnal, bem como haviam recorrido às armas e à batalha. Mas Deus reina. Éie pune as igrejas e os homens que se afastam dos Seus caminhos. Pegamos algumas pedras e empilhamo-las como um monumento no campo de batalha de Cappel, a fim de lembrar à Igreja a grande lição ensinada pela terrível catástrofe. Como nos despedimos dêsse cenário triste, inscrevemos em tais pedras, de uni lado, estas palavras do Livro de Deus: "Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nos faremos merwtdo do nome do Senhor nosso Deus.

Uns encurvam-se e caem, mas nós nos levantamos e estamos de pé". E. do outro, esta declaração do Chefe da Igreja: "O meu reino não é dêste mundo". Se eu pudesse ouvir uma voz das cinzas dos mártires de Cappel, ela seria nessas mesmas palavras da Bíblia, as quais os nobres confessores dirigiriam, então, aos cristãos dos nossos dias. Porque a Igreja não tem outro rei senão Jesus Cristo. Porque a Igreja não deve ingerir-se na política do mundo, tirar desta a sua própria inspiração nem apelar para as suas espadas, suas prisões, seus tesouros. Porque a Igreja vencerá pelas fôrças espirituais, que Deus depositou em seu seio, e, acima de tudo, pelo reinado de seu Chefe adorável. Porque a Igreja não deve contar com tronos terrenos nem triunfos efêmeros, mas que a sua marcha se assemelhe à do Rei: da manjedoura para a cruz; da cruz para a coroa! Tal é a lição a ser tirada

Escreveu Berna a Zurique: "Deus reina e não permitirá que o barco se afunde". Semelhante convicção foi de maior proveito do que a vitória de Cappel.

Assim, a Reforma, que se desviara do caminho certo, voltou, pela própria violência do ataque, ao seu rumo primitivo, não tendo outra fôrça senão a Palavra de Deus. Uma paixão inconcebível apossara-se dos amigos da Bíblia. Tinham-se êles

esquecido de que a nossa guerra não é carnal, bem como haviam recorrido às armas e à batalha. Mas Deus reina. Éle pune as igrejas e os homens que se afastam dos Seus caminhos: Pegamos algumas pedras e empilhamo-las como um monumento no campo de batalha de Cappel, a fim de lembrar à Igreja a grande lição ensinada pela terrível catástrofe.

Como nos despedimos dêsse cenário triste, inscrevemos em tais pedras, de um lado, estas palavras do Livro de Deus: "Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas ndis faremos merino do nome do Senhor nosso Deus. Uns encurvam-se e caem, mas nós nos levantamos e estamos de pé". E. do outro, esta declaração do Chefe da Igreja: "O meu reino não é dêste mundo". Se .eu pudesse ouvir uma voz das cinzas dos mártires de Cappel, ela seria nessas mesmas palavras da Bíblia, as quais os nobres confessores dirigiriam, então, aos cristãos dos nossos dias. Porque a Igreja não tem outro rei senão Jesus Cristo. Porque a Igreja não deve ingerir-se na política do mundo, tirar desta a sua pró. pria inspiração nem apelar para as suas espadas, suas pri sões, seus tesouros. Porque a Igreja vencerá pelas fôrças espirituais, que Deus depositou em seu seio, e, acima de tudo, pelo reinado de seu Chefe adorável.

Porque a Igreja não deve contar com tronos terrenos nem triunfos efêmeros, mas que a sua marcha se assemelhe à do Rei: da manjedoura para a cruz; da cruz para a coroa! Tal é a lição a ser tirada da página tinta de sangue, que entrou em nossa narrativa simples e evangélica (11).

Se Deus. porém, ensina ao seu povo grandes lições, da-lhe também grandes libertações. O raio caíra do céu. A Reforma parecia ser pouco mais do que um corpo exânime, que atravancava o chão, cujos membros seccionados estavam prestes a reduzir-se a cinzas. Deus, contudo, ressuscitou os mortos. Destinos novos e mais gloriosos aguardavam o Evangelho de Jesus Cristo no sopé dos Alpes. Na extremidade sudoeste da Suíça, num grgnde vale, que o gigante branco das montanhas deixa ver de longe; nas margens do lago Lemano, no local onde o Ródano, límpido azul como o firmamento que o cobre, faz rolar as suas águas majestosas; numa pequena colina, onde os pés de César outrora pisaram e onde os passos de outro conquistador, de um gaulês, de um picardo (12), estavam destinados a. em breve, deixar as suas marcas indeléveis e gloriosas, situava-se uma cidade antiga, até então coberta pelas densas sombras do papismo, mas que Deus estava em vias de elevar a fanal da Igreja e a baluarte da Cristandade.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Ibid

(2) Zwinglium nostrum, quem pro manu altera nuns muito tomPore habui. Zurique MS.

(3) Ater carbunculus quovis carbunculo donio Dei splendidioram perdidit. J. I. Hottinger, m, 634.

(4) ibid

(5) Vejam-se os seus Comentários sôbre Isaías, Capítulo 19 (1525) ; sôbre Ezequiel (1527) ; Ageu, Zacarias, Malaquias (1527) ; Daniel (1530) ; bem como os comentários publicados após a sua morte. com interpretações acêrca de Jeremias, Ezequiel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas e Capítulos 19 e 29 de Miquéias.

(6) De cujus morte dolorem concepi. ita ut eorum casus me pene exanimaverit. L. Epp., V. 112.

(7) Ne a quinque pagis aut obtruncarer aut comburerer. Bull. ad Myc., novembro de 1531.

(8) Ergueram-se, dirigiram-se ao Pai e confessaram-Lhe o seu pecado. Houve, pois, naqueles dias, grande lamentação em Zurique. ,

(9) Profunda convicção produziu-se, porém, em tal época, no coração dos reformados suíços.

(10) Escreveu Berna a Zurique: "Deus reina e não permitirá que o barco se aftinde". Semelhante convicção foi de maior proveito do que a vitória de Cappel.

(11) Tendo morrido a Pereira de Zwinglio, colocou-se uma rocha no lugar ofide faleceu o ilustre reformador. Nessa rocha, acham-se gravadas inscrições apropriadas, porém diferentes das do texto.

(12) João Calvino, de Noyon. 232

FIM DO VOLUME VI